

Diário de Lisboa

FUNDADO EM 1921 ANO 70 Nº 23225

DIRECTOR MÁRIO MESQUITA DIRECTORA ADJUNTA DIANA ANDRINGA

SEXTA-FEIRA 20 ABRIL 90 60\$00

EDITORIAL

Combates pela memória

A democracia portuguesa começou em 1974, com a Revolução do 25 de Abril, ou em 1982, com a primeira revisão constitucional? A polémica aflorou no colóquio «O 25 de Abril revisitado pelos media», em intervenções de Francisco Pinto Balsemão e José Medeiros Ferreira. Pinto Balsemão disse que a democracia plena se inaugurou com a modificação da lei fundamental que veio extinguir o Conselho da Revolução. Medeiros Ferreira contrapôs que certos sectores políticos procuram outras referências fundadoras para a democracia em Portugal, visto que o 25 de Abril simboliza a ruptura com o antigo regime. Não houve tempo, infelizmente, para uma eventual réplica de Balsemão, nem para aprofundar o debate...

A 16 anos de distância, o 25 de Abril continua suficientemente ambíguo e plural para ser a única referência democrática verdadeiramente nacional, até porque nenhuma outra simboliza, em simultâneo, a ruptura com o salazarismo e a instauração da democracia. Compreende-se, por isso, que certas estratégias políticas, culturais e mediáticas passem pela sua desvalorização (por exemplo, no ano passado, metendo-o no «mesmo embrulho» com o centenário de Salazar).

Nesse aspecto, o colóquio promovido pelo «D. L.», constituiu um acto de intervenção, destinado a ilustrar que, para os jornalistas, não há neutralidade possível quando estão em causa a democracia, a liberdade de expressão e a própria liberdade de imprensa. Por isso continuaremos a comemorar o 25 de Abril, evitando transformá-lo em instrumento para fins imediatistas (por exemplo: atacar o Governo da ocasião). A luta política também passa pelos valores simbólicos e dela fazem parte integrante os combates pela memória.

Mário Mesquita

Mário Soares sobre os acontecimentos de 1975 em Portugal

Envolvimento da URSS ainda é uma incógnita

O Presidente da República reconheceu ontem que o grau de envolvimento da URSS nos acontecimentos de 1975, em Portugal, ainda é um ponto de interrogação. Mário Soares falava no encerramento do Colóquio «O 25 de Abril revisitado pelos media internacionais», uma iniciativa do «Diário de Lisboa». «Em 1974, alertei Gromiko para o perigo que representava Portugal vir a transformar-se numa Cuba europeia e não fiquei nada convencido de que isso o impressionasse muito», recordou. O que não lhe levanta dúvidas é que a Revolução portuguesa deu origem a um expansionismo soviético em África, que coincidiu com a descolonização.

A Revolução de Abril no panorama europeu, as percepções soviéticas de Portugal 1974-1975, antes e depois da *glasnost*, e o 25 de Abril na imprensa portuguesa, norte-americana e francófona foram alguns dos temas dos debates. Para o efeito e durante três dias, o «DL» reuniu diversas personalidades, entre as quais jornalistas estrangeiros, que foram testemunhas directas do evoluir da «revolução dos cravos» e difundiram os acontecimentos à escala internacional.

Págs. 2, 3, 4, 5 e 6

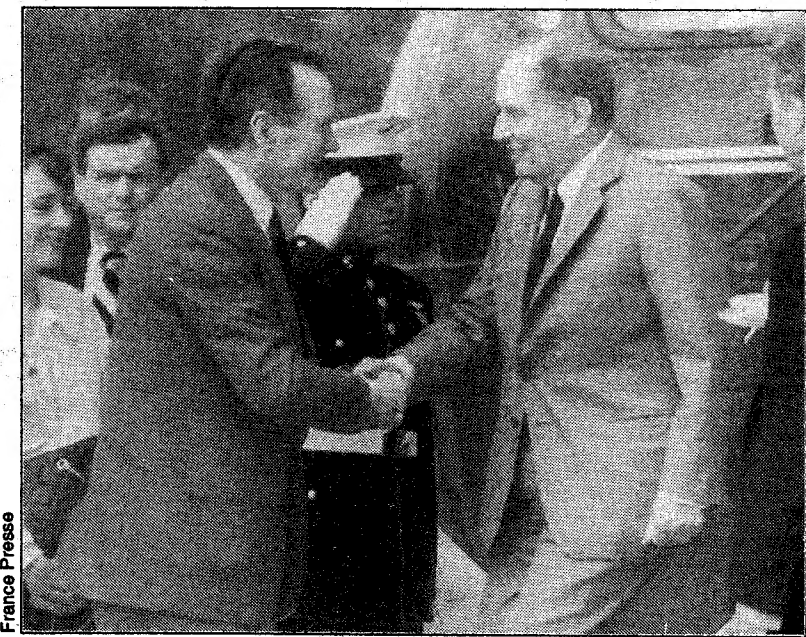
Comunicação de André Fontaine na pág. 2



A autocritica do jornalista soviético

Em ambiente informal, Mário Soares felicitou o jornalista soviético Vadim Poliakovsky pela postura de autocritica que demonstrou em relação aos seus artigos elaborados durante os acontecimentos da Revolução portuguesa. De manhã, Poliakovsky tinha pedido desculpas ao Presidente da República pelas críticas «sectárias» que lhe dirigiu no pós-25 de Abril de 74. Marcel Niedergang (ao centro), redactor do «Le Monde», que segue os acontecimentos portugueses desde os anos 60, foi testemunha da «reconciliação».

Bush e Mitterrand preparam cimeira das superpotências



Dos nossos correspondentes em Washington e Paris
Filipe Vieira e Pedro de Sousa

A redefinição de uma Europa transformada pela democratização a Leste dominou o encontro, ontem, em Key Largo, Florida, entre George Bush e François Mitterrand. Neste contexto, os dois Presidentes concordaram na realização, ainda este ano, de uma cimeira da OTAN, para a reformulação dos objectivos da Aliança. Mitterrand, em sintonia com Helmut Kohl, propôs uma aceleração da unificação política europeia que venha a abranger os aspectos políticos da segurança. Bush, por seu turno, considera que o peso político da OTAN é insubstituível. Estas questões estarão presentes na Cimeira das superpotências, prevista para o final de Maio. Na foto, Bush e Mitterrand cumprimentam-se antes do encontro. Pág. 12 e 13



Ecologistas acusam Governo de mentir à CEE
Pág. 21

Médicos portugueses ajudam Cabo Verde
Págs. 18 e 19

«Eu e Eles» por Beatriz Costa
Pág. 25

Lotaria Nacional
1.º - 35 738
2.º - 49 240
3.º - 69 427
Pág. 21

A Mosca em suplemento

O 25 de Abril revisitado pelos *media* internacionais

Em Portugal os mencheviques venceram os bolcheviques

-disse Mário Soares, parafraseando Malraux

GRANDE ANGULAR

«Este colóquio representou o início de um processo de reflexão sobre o 25 de Abril que me parece extremamente importante. Uma iniciativa a ser retomada», afirmou ontem o Presidente da República, na sessão de encerramento do colóquio «O 25 de Abril revisitado pelos *media* internacionais». Considerando que se tratou de uma ideia excelente, Mário Soares lamentou, porém, a ausência de alguns jornalistas estrangeiros que considerou terem sido muito importantes na época.

«Fui um dos actores do processo que se abriu com o 25 de Abril, e também um

comentador permanente. Sou, portanto, parte interessada, logo, sou um pouco suspeito para dizer o que penso sobre alguns tópicos da revolução», reconheceu, afirmando que se ia debater sobre o 25 de Abril, não tanto como o viu na altura mas como o vê hoje.

Dezassels anos mas sem defensores

Para Mário Soares, já existe hoje uma distância considerável que permite ser objectivo. «É importante assinalar essa distância porque 16 anos foi precisamente o tempo que durou a I República», sublinhou, passando em seguida a concretizar: «A I República foi cortada por duas ditaduras e marcada por um conjunto permanente de conspirações, golpes de Estado, quedas de Governo, assassinios, terminado de uma maneira triste pois foi fundada em 1910 com grande entusiasmo e acabou sem defensores».

«Ora» - prosseguiu - «verificamos que 16 anos depois do 25 de Abril não tivemos nem golpes de Estado nem ditaduras. Tivemos um processo complexo, mas que se prolonga no tempo e que tem defensores e tem apai-



Mário Soares com Vasco Lourenço

xonados. Veja-se o interesse que este colóquio despertou».

A primeira grande reflexão do Presidente da República face à sua revisão do 25 de Abril foi a de que os portugueses não têm razões para serem modestos, terem complexos ou apoucarem a sua revolução. «Pelo contrário».

Ficou claro que o 25 de Abril foi um grande acontecimento de alcance mundial, um acontecimento precursor, pois tratou-se da primeira revolução que derubou, na Europa do pós-guerra, uma ditadura».

Como exemplos desta repercussão, Mário Soares citou o caso da libertação grega, ocorrida dois meses depois, e mais importante ainda, a transição espanhola para a democracia, grandemente influenciada pelo caso português. «Depois disso, com uma grande influência portuguesa e espanhola, iniciou-se todo o processo de democratização da América Latina e Central, que está agora no seu momento quase terminal», referindo ainda processos como o das Filipinas, do Paquistão ou dos países de Leste.

continua na pág. 4

O balanço de «uma bela história»

Para Colette Braeckman, jornalista de «Le Soir», «a revolução portuguesa foi a hipótese de contar uma boa história e uma bela história, mas também a oportunidade de acompanhar um povo na sua aprendizagem da liberdade».

«Um dos mais importantes acontecimentos do mundo, naquela época», eis como Marcel Niedergang, jornalista de «Le Monde», descreveu o 25 de Abril. Considerando que ainda é um pouco cedo para fazer história, Niedergang afirmou que, apesar de tudo, se pode concluir que os três D (democratizar, desenvolver e descolonizar) foram largamente atingidos.

Apanhado de surpresa, o jornalista soviético do «Za Rubejom», Vadim Poliakovsky, começou por dizer, ironicamente, que apesar de não ter instruções do Kremlin ia falar. Em seu entender, o colóquio contribuiu muito para aumentar a confiança e a amizade entre os presentes.

Joelle Kuntz, da «Radio-Télévision Suisse Romande», salientou que, para si, a importância do 25 de Abril residia particularmente no facto de ter começado a descobrir que não existem sistemas feitos e que há a possibilidade de os construir.

O representante do «Baltimore Sun», Steve Broening, reconheceu que, embora na altura se considerasse apenas uma testemunha, hoje apercebe-se de que também foi participante. Segundo disse, a sua maior alegria, ao rever Portugal agora, foi que embora ainda haja muita coisa a mudar, isso é feito por homens livres.



Por André Fontaine

Cada vez mais vemos materializar-se sob os nossos olhos, aquilo que, em 1917, o presidente Wilson apresentou como justificação da intervenção dos Estados Unidos na Primeira Guerra Mundial: «Tornemos o Mundo seguro para a democracia».

Depois da Europa de

«A revolução de Abril contribuiu largamente para o retomar da ideia de que é possível passar da ditadura para a democracia sem mortes. Hoje, perante o que se passa em Berlim ou em Vilnius, isso parece evidente. Mas em 1974 não o era...» Foi desta forma que terminou, ontem à tarde, no Forum Picoas, a comunicação enviada por André Fontaine, que, a seguir, transcrevemos na íntegra

Leste, da América Latina, de diversos países da Ásia, a democracia estende-se hoje até ao Nepal à Mongólia e ao Haiti.

É indiscutível que a Revolução de Abril desempenhou neste processo um papel muito importante. Com efeito, a ditadura portuguesa foi a primeira a ser destruída na Europa do pós-guerra. A revolução portuguesa encorajou certamente aquelas forças que permitiram, nos meses seguintes, o regresso da Grécia e da Espanha à democracia.

Foi a primeira revolução quase pacífica, numa altura em que a palavra revolução

era ainda sinónimo de sangue.

Foi a única desencadeada pelo Exército e, ainda por cima, por um Exército claramente orientado à esquerda.

O contexto internacional e a revolução portuguesa influenciaram-se reciprocamente. Portugal constituiu, para além do Sudoeste Africano e das posições espanholas em Marrocos, o último país europeu com um império colonial, cuja manutenção implicava custos elevadíssimos: quatro anos de serviço militar e 40% do Orçamento. É evidente que, em todas as possessões portuguesas de África, os movimentos de

guerrilha foram fortemente ajudados do exterior, a tal ponto que se tornava possível distingui-los em função das suas relações com Moscovo, Pequim ou Washington, para já não falar de Joanesburgo.

A guerra contribuiu largamente para manter o País numa situação de grande atraso, relativamente à Europa. Encorajara milhares de jovens, dos quais muitos fugiam ao serviço militar e outros muito simplesmente à miséria, a emigrar para França ou para outros Estados da Comunidade. Nessas condições, os jovens podiam aperceber-se da enorme dis-

tância a que, no que toca às condições de vida, Portugal se encontrava. Tal constatação levá-los-ia a uma consciência cada vez maior da necessidade de ser operada uma mudança em Portugal.

O primeiro choque petrolífero, que acaba de acontecer, agravava ainda mais as dificuldades económicas do País. Com o afastamento de Salazar, a necessidade de se encontrar uma saída para a guerra colonial começava, para muitos dirigentes, a tomar forma. Uma negociação secreta, com o PAIGC posteriormente posta em questão pelo assassinato de

continua na pág. 6

Diário de Lisboa

COLÓQUIO

O 25 de Abril revisitado
pelos media internacionais

Patrocínio da lisgráfica



O Presidente da República presidiu à sessão de encerramento do colóquio

A democracia começou em 1974, com o 25 de Abril, ou em 1982, com a primeira revisão constitucional? Esta questão foi colocada no debate de encerramento do colóquio

Fundação da democracia: 1974 ou 1982?

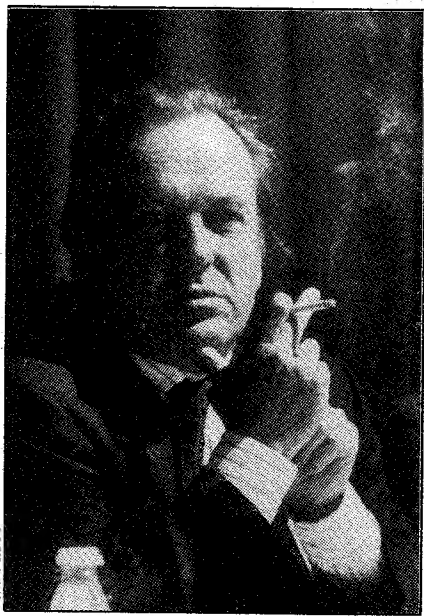
Francisco Pinto Balsemão, presidente do Conselho de Administração do «Expresso», José Medeiros Ferreira, docente da Universidade Nova de Lisboa e Mário Mesquita, director do «Diário de Lisboa», foram os comentadores da comunicação de André Fontaine.

Pinto Balsemão começou por lamentar que, 16 anos volvidos sobre o 25 de Abril, a Imprensa internacional se ocupe cada vez menos de Portugal.

No que se refere especificamente ao comentário, o antigo primeiro-ministro apoiou intervenções já anteriormente feitas no sentido de que a revolução não se esgotou no chamado período pós-revolucionário. «Só sete anos mais tarde, com a revisão constitucional de 1982, é que Portugal chegou plenamente à democracia», considerou.

Em sua opinião, «a Europa, e sobretudo a República Federal Alemã, compreendeu muito bem o que se estava a passar em Portugal», enquanto os Estados Unidos só mais tarde se teriam apercebido cabalmente do verdadeiro desenrolar dos acontecimentos. «A Europa não queria nem aceitava a chamada doutrina da vacina, ou seja, que Portugal, com a instalação de um regime comunista, servisse de vacina aos restantes países do Velho Continente», disse, acentuando ainda a ideia de que a URSS estava mais interessada na descolonização do que na ascensão do PCP ao poder.

«A revolução do 25 de Abril é a última das transformações iniciadas com a derrota militar das ditaduras europeias, ou inicia um novo ciclo de revoluções?», interrogou-se José Medeiros Ferreira. Tentando responder, o antigo ministro dos Negócios Estrangeiros começou por referir que o golpe portu-



Pinto Balsemão

guês veio pôr em xeque a Conferência de Helsínquia que tinha privilegiado a discussão do problema das fronteiras saídas da Segunda Guerra Mundial, em detrimento da dos regimes políticos europeus.

Na sua óptica, o 25 de Abril veio demonstrar que as zonas de influência não eram tão rígidas quanto os observadores pensavam. «Portugal foi prova disso, uma vez que o que esteve em jogo em 1974 e 1975 não foi tanto a África mas o continente europeu», rematou.

Aludindo à intervenção de Pinto Balsemão, Medeiros Ferreira disse que certa «classe política portuguesa» procurava deslocar a referência ao 25 de Abril - momento de ruptura com o salazarismo - enquanto marco fundador da democracia, para datas pos-

teriores.

O comentário de Mário Mesquita iniciou-se com uma breve revisão do colóquio. «Uma das ideias que foram acentuadas foi a de que não há neutralidade jornalística possível quando está em causa o regime democrático, a liberdade de expressão e a liberdade de Imprensa», afirmou. «Mas este colóquio também não é um colóquio neutral, é uma iniciativa que significa empenhamento político em relação à democracia portuguesa e ao 25 de Abril», sublinhou.

Referindo-se à contradição entre jornalista, cidadão e político, o director do DL falou, a propósito, dos tempos em que se encontrava nesta situação e da possibilidade actual de uma análise mais distanciada. «Foi nesta qualidade que vivi o caso 'República' e, embora continue a assumir o comportamento que tive na época, hoje formulo os problemas de outra forma e ponho hipóteses, quando, na altura, erradamente, tinha muitas certezas».

Mário Mesquita terminou, enumerando os diferentes registos em que se processou todo o debate: o registo dos actores políticos da época, que quiseram repôr a verdade histórica, refazer os acontecimentos e dos media, que na altura utilizaram muitos paralelos históricos que consideravam possíveis mas que eram inconsistentes, referindo como exemplo o paralelo com o golpe de Praga em 1945, que André Fontaine «desmontou» na sua intervenção.

«Este colóquio constituiu um diálogo intercultural. Aquilo que há dezasseis anos foi uma batalha ideológica, transformou-se hoje em debate intercultural acerca das diferentes formas de fazer jornalismo», concluiu.

D. S.

COMENTÁRIO

Da paixão nos jornais

A regra da objectividade é a regra de ouro do jornalismo. Isto se repete como lugar comum entre jornalistas e na opinião pública, sempre que um texto subverte o princípio, no entender do protestante. Mas que vem a ser objectividade? O colóquio/DL contribuiu também para a diluição deste conceito e dos limites da sua prática; pode mesmo dizer-se que, subjacente a todas as intervenções, se encontra a permanente auto-interrogação do profissional de Imprensa, chamado a testemunhar eventos históricos num País onde «nada» sucedia havia décadas, acerca da incompatibilidade do empenhamento cívico com o exigido olhar neutral do repórter. Porque, em Portugal, em 1974, o que se passava era «tão-só» uma ressurreição. Não era o episódio final de uma luta intestina; era o primeiro acto vitorioso de um povo sobre um regime que dele se apoderara como um tumor.

«Não há neutralidade jornalística possível quando está em causa o regime democrático, a liberdade de expressão e a liberdade de Imprensa». Mário Mesquita resumiu nesta frase uma conclusão essencial dos debates, eles próprios organizados numa perspectiva interventora, não neutral, conforme acrescentou. Quer dizer: perante acontecimentos que envolvem não apenas nem sobretudo opções de carácter ideológico, mas a recuperação da cidadania, o jornalista é (deve ser) espectador e actor.

Não se lhe recuse o direito à paixão, não se lhe ampute a dimensão cívica.

Os repórteres do 25 de Abril dilaceraram-se, mais ou menos, neste fio da História. Acorreram os estrangeiros, nos tempos radicais, a Portugal, subitamente transformado no palco da revolução impossível em marcha, e ignorantes do País. Os europeus mais empenhados, os anglo-saxónicos mais assépticos, no quadro dos respectivos padrões culturais; todos, porém, adjectivando — isto é, tomando partido. Afinal, interpretando factos — por outras palavras, as de Onésimo Teotónio de Almeida, dando-lhes existência da única forma possível: a interpretação, desejavelmente guiada pela objectividade utópica.

Os breves dezasseis anos transcorridos sobre o derrube do fascismo português permitem a revisão de algumas interpretações, a serenidade de alguns julgamentos. O colóquio provou-o — mas os actores/espectadores/comunicadores desse corte não reviram a paixão; pelo contrário, revisitaram-na. Haverá quem tema deletério efeito desta sinceridade nos muitos jovens assistentes aos debates, estudantes de Comunicação Social: ela ter-lhes-á subscrito o pendor natural para a reacção emocionada, em prejuízo da fria atitude relatora, presumivelmente ao alcance perfeito de quem informa. É às avessas: ensinou-lhes, pela experiência de grandes profissionais, que a trincheira de combate da Liberdade deve preceder, para o jornalista, a da objectividade; pois de que servirá lutar por esta sem lutar pelas condições de a perseguir?

O colóquio/DL foi, assim, não apenas um contributo para um mais rigoroso enquadramento do 25 de Abril na história nacional e internacional, mas também uma homenagem à liberdade de Imprensa e à dimensão cívica dos jornalistas. Esforçados, mas imperfeitos conquistadores da verdade dos factos? Eis a inelutável condição que os enobrece e proscreve todas as barreiras no caminho do inacessível.

O 25 de Abril constituiu um desses momentos raros em que a paixão foi o preço da profissão ressurrecta.



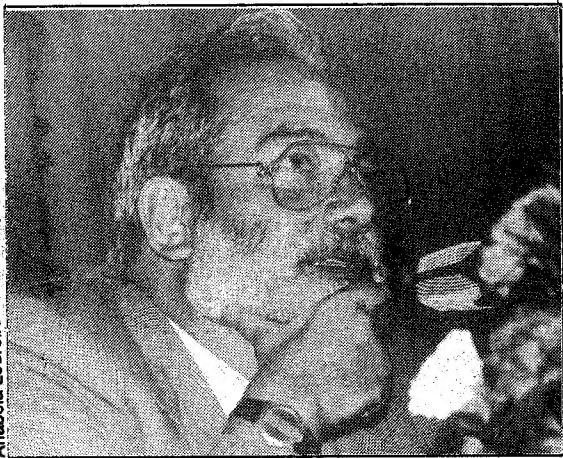
João Paulo de Oliveira

Mário Soares no colóquio promovido pelo DL

«Não se pense que chegámos ao fim das utopias»

GRANDE ANGULAR

À MARGEM



«Ah, vocês não são todos comunistas?»

Se alguém tinha dúvidas quanto ao interesse que Portugal desperta nos Estados Unidos, ontem perdeu-as depois de Joaquim Letria relatar uma infeliz experiência neste sentido. Em 1986, estava o jornalista no aeroporto de Denver, Colorado, quando é abordado por um daqueles americanos que tudo querem saber: se é casado, quantos filhos tem, o que faz, etc, etc. Letria, a meio de tanta pergunta, lá conseguiu responder «sou português».

Para o americano ele estava a falar «chinês». «Isso fica em que Estado?», questionou-o. Joaquim Letria utilizou a velha explicação da proximidade com a Espanha. O americano, começou a olhá-lo com apreensão: «Ah, vocês não são todos comunistas?»

Lavagens ao cérebro

A plateia deitou mão aos aparelhos de tradução assim que o soviético Vadim Poliakovsky começou a discursar. Os que não se tinham prevenido expressaram um ar desolado. Ninguém da assistência percebia russo. O alívio foi tão grande quanto a surpresa inicial ao ouvir de imediato o jornalista falar em português. Vadim riu-se e explicou a partida:

«No Outono de 74, li no jornal italiano «Il Messaggero», um artigo que referia ter o ministro português de Estado, Álvaro Cunhal, decretado o ensino do russo dos 5 aos 80 anos, para realizar «uma melhor lavagem ao cérebro dos portugueses». Quinze anos depois, não percebendo vós o que eu comecei por dizer em russo, tudo me leva a crer que aquela notícia não deveria ser correcta...»



Deus não sabe tudo

A propósito das nuances na interpretação dos acontecimentos históricos, Onésimo Teotónio de Almeida contou uma anedota deliciosa aos participantes no colóquio:

Um físico dizia a um amigo que tinha escrito um diário, mas que não queria que ninguém o lesse mesmo após a sua morte. O amigo, espantado, perguntou: «Então para que raio queres o diário?» O físico respondeu-lhe que o pretendia mostrar a Deus. «Salta» de novo o amigo: «Deus já conhece todos os factos da tua vida!». Ripostou o físico: «É verdade, mas ainda não conhece a minha versão».

cont. da pág 2

Em seu entender, o 25 de Abril provou que uma ditadura pode transitar para uma democracia sem pôr em causa os grandes equilíbrios mundiais num mundo que, na altura, estava dividido em dois blocos rivais. «As revoluções democráticas anteriores tinham posto em causa esse equilíbrio e, ou foram travadas, ou deram origem a processos graves de regressão totalitária, como foi o caso do Chile», sublinhou.

Contrariando aqueles que dizem que o 25 de Abril foi uma revolução fracassada, o Presidente da República considerou que ela teve pleno êxito. «No plano nacional foi o acontecimento mais importante da história contemporânea portuguesa, se tivermos em conta que encerrou o ciclo imperial e permitiu a nossa entrada na Comunidade Europeia». Segundo Soares, uma das mais importantes ilações que se pode tirar do 25 de Abril é a de que o sistema democrático não é um luxo para países ricos, tem uma validade universal e serve para todas as nações.

«Em virtude da institucionalização da democracia e da descolonização fomos conduzidos a conceber e organizar uma nação e um Estado modernos, desbaratados de tudo aquilo que era o nosso modelo de vida, ou seja, a dominação colonial. Acabou também o mito da revolução assimilada aos amanhãs que cantam. Fez com que Portugal não caísse na falsa pista daqueles que queriam fazer a economia de uma revolução e passar de uma revolução democrática para outra socialista de tipo totalitário»,

disse.

Estabelecendo um paralelo, o chefe de Estado foi de opinião que Lisboa se recusou a ser São Petersburgo. Paralelo que não considerou abusivo, pois «nas imagens que guardamos da nossa revolução, há alguns flashes que nos recordam São Petersburgo, o que não aconteceu por acaso, aconteceu porque havia essa intenção».

Nem Praga nem Santiago

E continuando nos paralelos, Mário Soares afirmou ainda, comentando a intervenção de André Fontaine: «Não aceitámos ser nem Praga nem Santiago do Chile. Quando se diz que não há paralelo entre Lisboa e Praga, discordo. Claro que os exércitos soviéticos que existiam em Praga não vieram a Lisboa, mas também não tinham estado em Cuba».

Na sua óptica, foi esse tipo de revolução que o povo português recusou de uma maneira consciente. «Fomos, portanto, na nossa revolução, a revolução de Lisboa. Uma Lisboa em que o povo foi intransigente na defesa da liberdade e que deu origem a uma revolução da liberdade, pacífica, da tolerância, da convivência cívica e que, apesar de ter sido feita por militares, conduziu a um processo inteiramente civilista».

No plano internacional, Soares é de opinião que Portugal esteve na origem daquilo a que Jacques Julliard chama a subversão democrática. «Portugal não aceitou ser, como queria Kissinger, a vacina da Europa contra o comunismo e os socialistas portugueses conseguiram provar que os

mencheviques também eram capazes de vencer os bolcheviques, como disse André Malraux».

Referindo-se à questão de saber até que ponto a URSS esteve envolvida nos acontecimentos de 1974-1975 e os seguiu, apoiando-os com algum atraso, ou estimulando-os, o Presidente reconheceu que isso para ele continua a ser ponto de interrogação. «Em 1974, alertei Gromiko para o perigo que representava Portugal vir a transformar-se numa Cuba europeia e não fiquei nada convencido de que isso o impressionasse muito», recordou.

O que não lhe levanta dúvidas é que o 25 de Abril deu origem a um expansionismo soviético em África, que coincide com a descolonização. «No entanto, esse expansionismo chegou agora ao fim e salda-se por um grande desastre internacional, reconhecido pelos próprios soviéticos», frisou.

O carácter percussor da Revolução dos Cravos e a sua vivacidade actual foram exemplificados, por Mário Soares, através da verificação de que os debates e combates travados nessa altura têm profundamente a ver com o que de mais importante se discute hoje no mundo.

Os cravos não murcharam

«Os cravos não murcharam porque aquilo que é verdadeiramente vivo numa revolução é a liberdade e nós temos a liberdade», afirmou - «Criámos uma sociedade que, naturalmente, não é perfeita, mas é livre, aberta, não está bloqueada como estava no passado».

Apesar de reconhecer que na sociedade portuguesa existem conflitos, o Presidente da República assinalou que essa conflitualidade não deve excluir alguns consensos quanto ao essencial, e que existem efectivamente. O primeiro refere-se à própria institucionalização da democracia, com a qual todos concordam.

Consensual é também a ideia de que as descolonizações se fizeram de forma mais ou menos traumática, devido ao atraso de 20 anos na sua realização. «Uma página completamente ultrapassada no livro da nossa história, pois o que interessa hoje é ter relações fraternas com todos os países africanos que falam a nossa língua», disse. O terceiro consenso refere-se à adesão de Portugal à CEE e à ideia de que Portugal deve tirar o máximo de benefícios da Comunidade e participar nela activamente.

O Presidente da República terminou o seu discurso com um apelo aos jovens: «O dilema que para alguns foi o fundamental a seguir à revolução era o do socialismo versus capitalismo. Penso que o dilema sempre foi o da democracia versus totalitarismo» - afirmou, concluindo que «hoje estamos longe do totalitarismo e os conceitos de socialismo e capitalismo evoluíram; mas não se pense que chegámos ao fim das utopias. Já não achamos que há modelos pré-fabricados de sociedades perfeitas, mas não vamos renunciar à capacidade de transformar para melhor a realidade que nos cerca com a ideia de que vale a pena».

Dina Soares

Onésimo Teotónio de Almeida (Universidade de Brown)

«Antropólogos com pressa»

«Para a mentalidade americana, na revolução portuguesa abundavam as palavras e, em geral, faltavam os acontecimentos, exactamente o objecto fundamental do interesse do leitor americano». Esta crítica partiu do açoriano Onésimo Teotónio de Almeida, professor da Universidade de Brown, que apresentou um estudo sobre a cobertura da Revolução portuguesa feita pelos principais títulos dos Estados Unidos. A superficialidade no tratamento dos dados levou-o a apelidar os profissionais da informação de «antropólogos com pressa».

Na sua opinião, os jornalistas não conseguiram encontrar material de interesse na retórica dos políticos, da imprensa e da rua, para cativarem a atenção dos seus leitores nos EUA. Isto explica, em parte, o desaparecimento de Portugal das páginas da imprensa a partir de certa altura.

Afinal, disse aquele docente, «o grande acontecimento político em Portugal que interessou à imprensa americana foi a ameaça comunista, que se intensificou e perdurou até 1975».

Acrescentou: «A imprensa americana acabou por contar como «democratas» todos os «anti-comunistas»».

A falta de objectividade desta imprensa não foi intencional, afirmou, derivou antes de uma complexa simbiose de factos, valores e ideologias que têm lugar em qualquer publicação e em qualquer país. Onésimo Teotónio de Almeida notou o desfazamento semântico entre as linguagens políticas portuguesa e americana. «Na prática, muito do que em Portugal é considerado «esquerda», nos Estados Unidos é denominado «liberal e, às vezes mesmo, pode ser defendido por grupos conservadores».

Deixou aos participantes no colóquio a sua experiência, um exemplo vivo da personalização inevitável dos acontecimentos: «Ficou-me como imagem emblemática, ao chegar a Lisboa, uma «discussão» entre o marechal Costa Gomes e o tenente-coronel Vasco Lourenço. Discordavam de factos fundamentais do 25 de Abril, episódios de que ambos foram actores».

P.S.

COLÓQUIO/DL

PATROCÍNIO DE

lisgráfica

Apoios

BBC, Embaixada dos Estados Unidos da América, Fundação Luso Americana para o Desenvolvimento, Novosti e Air France, Hotel Meridien de Lisboa, Caves D. Teodósio, C.M.L./Departamento de Turismo, Instituto de Promoção Turística e Embaixada da RFA



Steve Broening, do «Baltimore Sun»



Henry Giniger, do «The New York Times»

Portugal em 74: «Peão numa guerra de tabuleiro de xadrez»

O título desta peça, inspirado nas palavras do jornalista Joaquim Letria, durante o debate sobre «Os acontecimentos de 1974/75 na imprensa norte-americana e portuguesa», sintetizou o principal interesse que moveu os *media* dos Estados Unidos na sua exaustiva cobertura do 25 de Abril. Henry Giniger, do «The New York Times», lembrou ontem: «Apenas com 9 milhões de habitantes, existia tal interesse neste País que era como se o destino do mundo aqui estivesse em causa».

Neste contexto, o jornalista norte-americano, que assegurou para o seu jornal, em 1974/75, na qualidade de correspondente em Madrid, a reportagem dos acontecimentos portugueses, sublinhou que a presença de comunistas no novo Governo provocou grande apreensão em Washington, visto Portugal ser membro da NATO. «Na altura em que Vasco Gonçalves assumiu o poder, temia-se a instalação de uma democracia popular semelhante às da Europa de Leste», acrescentou.

A política externa dos Estados Unidos balançava e a sua área de influência estava em xeque. Só desta forma se explica, segundo as suas palavras, que as notícias vindas de Portugal conseguissem concorrer com o «caso Watergate» nas páginas dos jornais.

Voltou à «revolução dos cravos», encontrando eco nos seus artigos, escritos há 16 anos: «O que me surpreendeu foi a calma e a alegria que reinavam no País. Havia harmonia perante o inimigo comum, mas uma grande desorientação quanto aos objectivos da própria revolução».

Henry Giniger frisou que uma série de personalidades, entre elas Mário Soares, Pinto Balsemão e Sá Carneiro, impediram o País de caminhar de um extremo para o outro. «E se hoje a inflação ronda os 13 por cento, Paris continua a ser a segunda cidade portuguesa e os baixos números do desemprego (revelados pelo Governo) são questionáveis, o facto é que Portugal en-

frenta os problemas e vive num enquadramento estável, não vulnerável a jogos de bastidores», concluiu.

Estamos de novo afastados das *front-page* dos jornais norte-americanos, tal como o estivemos antes do 25 de Abril. «Foi preciso um fogo do Chiado para se voltar a falar deste País, mas isso apenas demonstra que vive ele numa democracia perfeitamente normal», comentou o reputado jornalista, do «The New York Times».

O seu colega do «Baltimore Sun», Steve Broening, - outro dos conferencistas desta sessão, moderada pelo presidente do Sindicato dos Jornalistas, João Mesquita - reforçou a ideia de que a guerra-fria teve um peso importante na cobertura daqueles acontecimentos.

Dois anos antes da queda do regime ditatorial, Nixon (EUA) e Brejnev (URSS) assinaram uma declaração de princípio, que previa o desanuviamento das relações internacionais e reconhecia a área de influência das duas superpotências. «A Revolução portuguesa foi o primeiro teste sério às intenções da União Soviética face ao acordo», afirmou. Para Steve Broening, na altura chefe de redacção da agência Associated Press (AP), «Portugal, e atendendo à postura do PCP, assumiu um papel fulcral numa rivalidade onde mais de 30 mil ogivas nucleares eram a metáfora».

Ainda assim, disse, «este foi um período maravilhoso, cheio de questões e de desfechos possíveis. A Revolução portuguesa foi a mais longa história de política externa relatada na imprensa norte-americana a seguir à do Vietname».

Bernardino Gomes, da Fundação Luso-Americana para o Desenvolvimento, convidado a comentar as duas intervenções, exaltou o valor da imprensa anglo-saxónica, «por natureza mais factual do que a francófona». Para este orador, a imprensa estrangeira foi, em certos momentos, um contraponto positivo à portuguesa, ainda que não tenha sido to-

talmente imparcial.

«O 25 de Abril representou o sonho de uma certa esquerda e fez de Portugal o centro de uma festa revolucionária. Isto teve alguma influência na forma como os jornalistas, sobretudo os europeus, cobriram os acontecimentos. Muitos eram militantes de partidos e como tal também eles informaram com paixão», sublinhou.

A grande narrativa do jornalismo norte-americano teve como pano de fundo a guerra-fria e a «ameaça comunista», disse outro dos comentaristas, Nelson Traquina, da Universidade Nova de Lisboa. Considerou ainda que «a cobertura dos episódios revolucionários não fugiu aos símbolos Bem (Mário Soares) e Mal (Vasco Gonçalves) tão caros aos Estados Unidos».

Joaquim Letria, da «Sábado», foi o contador de histórias da sessão. Naquela habitual pose comunicativa, deu-se ao luxo de ser o mais crítico e irónico dos presentes no auditório da Gulbenkian. Profundo conhecedor dos *media* nos EUA, onde trabalhou oito anos, Letria lembrou que Portugal sempre foi tido como «uma má notícia». Apelou ao slogan publicitário «Portugal, o melhor segredo na Europa», para demonstrar o profundo desconhecimento do País pelos órgãos de comunicação social internacionais no momento de eclosão do 25 de Abril de 74.

«A ditadura salazarista sempre foi vista pela imprensa internacional, como branda, europeia, de partido único», comentou o jornalista. Lembrou igualmente um episódio significativo desta falta de objectividade, aquando da sua permanência na BBC, antes do 25 de Abril: «Amílcar Cabral, presidente do PAIGC, diversas vezes foi entrevistado pela BBC, sem que à secção portuguesa naquela rádio fosse permitido fazer o mesmo. Isto dá uma ideia de como há gente inteligente neste jogo de ver os outros países...»

Paula Sá

Soviéticos redimem-se em tempo de glasnost

Demissão de Vasco Gonçalves não foi noticiada na URSS

Bem humorado, o jornalista soviético Vadim Poliakovsky, do «Za Rubejom» (No Estrangeiro) veio até ao colóquio promovido pelo «DL» para se redimir em tempo de glasnost e perestroika. As principais «desculpas» foram remetidas a Mário Soares, que enquanto dirigente do PS, sofreu os maiores ataques dos jornalistas da URSS. Vadim admitiu que os seus relatos do 25 de Abril e de vida portuguesa foram sectários, regidos por princípios totalitários.

Sem grande polémica e com uma boa dose de ironia, este jornalista soviético, o primeiro a entrar em Portugal após a Revolução, mostrou-se espantado «por ouvir os colegas norte-americanos relatarem da mesma forma os acontecimentos de há 16 anos atrás...»

«Percepções soviéticas de Portugal 1974/1975, antes e depois da glasnost» era o mote do segundo painel do encontro. Vadim Poliakovsky citou, a propósito, os «bombardeamentos» da imprensa ocidental contra tudo aquilo que representasse o «perigo comunista». Acontecimentos como o 11 de Março e o 25 de Novembro e figuras como Vasco Gonçalves eram os visados. «As análises dos jornalistas soviéticos eram diametralmente opostas», acrescentou.

De Portugal pouco ou nada se conhecia na URSS. Segundo o jornalista do «Za Rubejom», apenas três temas chegavam aos soviéticos: a guerra de libertação em África, Eusébio e o Benfica. «Nessa época, na do Brejnev, o PCP e o PS eram forças antagónicas e do PSD nem é bom falar», refere Vadim para justificar os ataques ao actual Presidente da República português. «Reconheço agora que fui sectário», acrescentou. Também se referia a matérias outrora acerrimamente criticadas. A adesão de Portugal à CEE foi um dos exemplos. «Parece que a vida mostrou o erro de estar isolado das instituições económicas internacionais. Isso não é bom para qualquer país, nem para a URSS».

Terminaria frisando que, entre outras lições, a Revolução de Abril, mostrou aos jornalistas estrangeiros a necessidade de procurar a objectividade.

Alexandre Zditovsky, da «Novosti», elogiou a capacidade de «autocrítica» dos jornalistas, ressaltando que «por força de várias circunstâncias, o profissional da comunicação social não é um observador neutral: desde o leite materno bebe os valores culturais do seu país e interpreta os factos com base neles». A imprensa soviética via com muito bons olhos o curso da Revolução para o socialismo, afirmou, por seu turno, o comentarista Carlos Gaspar, da revista «Política Internacional». Referiu, nomeadamente, que os jornais da URSS - «presos a determinados valores», - nunca deram a notícia da demissão de Vasco Gonçalves em 1975. Tal facto foi considerado por Álvaro de Vasconcelos, do Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais, fruto da política externa da União Soviética, «que se baseava numa relação não de Estado a Estado antes de Estado a Partido (PCP)». Assim, os pontos de vista expressos em Moscovo eram os dos comunistas portugueses. «Com a perestroika passou-se a revalorizar a primeira vertente das relações.»

Aproveitando esta deixa e o reparo feito por Álvaro de Vasconcelos de que as autoridades portuguesas já visitaram a URSS sem ter acontecido o contrário, Vadim Poliakovsky referiu que o Governo português nunca enviou tal convite ao homólogo soviético.

P.S.



Mário Soares recebido por Ruella Ramos à entrada do Forum Picoas

COLÓQUIO/DL
PATROCÍNIO DE

lisgráfica

Apoios

BBC, Embaixada dos Estados Unidos da América, Fundação Luso Americana para o Desenvolvimento, Novosti e Air France, Hotel Meridien de Lisboa, Caves D. Teodósio, C.M.L./Departamento de Turismo, Instituto de Promoção Turística e Embaixada da RFA

A comunicação de André Fontaine

Moscovo tentou tirar partido da revolução portuguesa

continuação da pág. 2

Amílcar Cabral, tinha ocorrido. Para tanto, Senghor servia de intermediário. E, mais tarde, Spínola publicava o livro que acabaria por o conduzir a primeiro Presidente da República pós-revolução.

Numerosos dirigentes políticos da oposição estavam exilados em países com os quais sentiam afinidades ideológicas - Soares em Paris, Cunha em Praga - e onde dispunham de apoios.

Os E.U. não esqueciam que Portugal tinha sido o único país-membro da NATO a permitir-lhes, durante a guerra do Kipoor, utilizar uma base aérea - nos

Açores - estritamente necessária para a ponte-aérea então constituída com destino a Israel. Mas também os soviéticos não esqueciam esse facto. Tal constatação contribui para explicar que, no momento em que a revolução portuguesa parecia a alguns cair sob a influência de Moscovo, tenha surgido nos Açores um movimento separatista aparentemente apoiado por Washington.

A conjuntura internacional era caracterizada, em 1974, por Watergate. A queda de Allende, a guerra do Kipoor, o recomeço dos combates no Vietname, o choque petrolífero tinham posto termo ao sonho de um condomínio soviético-

americano alimentado durante algum tempo por Nixon e Brejnev. A revolução de Abril, com o seu prolongamento no Ultramar, vai desenrolar-se tendo como pano de fundo o recrudescimento da guerra fria. Tanto mais que a direcção soviética considerava ter chegado o momento da sua «revanche» das derrotas que tinha sofrido anteriormente no Terceiro Mundo aproveitando o «síndrome vietnamita» que afectava os E.U.A.

Digo bem Terceiro Mundo. Nem na Itália, nem na França, nem durante a guerra civil de Espanha, a URSS encorajara os PCs locais a tomar o poder. Em primeiro lugar, porque Estaline re-

ceava que, na ausência do Exército Soviético, um poder comunista se distanciaria do Kremlin, o que sucedeu efectivamente nos casos da Jugoslávia e da China. Os seus sucessores, na época do «eurocomunismo», sentiam, por certo, os mesmos receios.

Em segundo lugar, eles não acreditavam que, após o que se passara no Chile, os americanos deixassem instalar-se num país considerado ocidental um poder de direcção comunista. A esse respeito, tanto Gerard Ford como Kissinger tinham emitido avisos.

A referência frequentemente utilizada durante a revolução portuguesa a um

«golpe de Praga» em Lisboa não tem, portanto, necessariamente, um grande fundamento. Até porque faltava nesse golpe um elemento importante: a presença do Exército Soviético junto das fronteiras. Isto não quer dizer que o estalinista Cunha não tenha acreditado na repetição, em Lisboa, do cenário da revolução de 1917.

Parece-me, no entanto, incontestável que Moscovo tentou tirar o máximo partido da revolução portuguesa, no sentido de reforçar os movimentos de libertação que apoiava em África. É preciso não esquecer que, para metais raros como a platina, o vanádio, o manganésio ou o cromo, as reservas acumuladas da URSS e da República Sul Africana atingem respectivamente 98, 95, e 69% das reservas mundiais, que existe na Namíbia a maior exploração de urânio do planeta; que o Zaire possui reservas enormes de cobre e de cobalto. Donde, a tentação muito forte do Kremlin para assegurar o máximo possível de influência na região.

A descolonização da África portuguesa deu, assim,

origem a uma das batalhas da guerra fria. A dada altura, pensou-se que essa batalha seria ganha pela URSS, com a ajuda activa de Cuba. Mas, quem tudo quer, tudo perde: o apoio a regiões cada vez mais distantes e os investimentos maciços sem o menor rendimento que se viu obrigada a realizar em países particularmente pobres, conduziram a um enfraquecimento cujo preço a URSS está actualmente a pagar. Em cada dia que passa.

Enfim, o desenrolar da revolução portuguesa, o «caso República», o apoio claro dado por Mitterrand a Mário Soares, contribuíram sem dúvida para a ruptura, em 1977, da união da esquerda em França.

Resta dizer que a principal consequência da Revolução de Abril é aquela que assinala no início: ela contribuiu largamente para que se difundisse a ideia de que era possível passar da ditadura à democracia, sem mortes. Hoje, tendo em conta o que se passa de Berlim a Vilnius, isso parece evidente. Mas não o era de maneira nenhuma em 1974...

Críticas

«Verifiquei que alguns jornalistas importantes foram aqui uma falha, porventura grave», comentou o Presidente da República, no início da sua intervenção. E, salientando não pretender com isso criticar a organização do colóquio, considerou ter estado pouco representada a imprensa anglosaxónica e também a dos países de Leste: «Teria gostado de encontrar, nomeadamente, um jornalista como o Juca Julius, que seguiu muito profundamente a revolução portuguesa», afirmou. Sandro Viola, italiano, foi outra das ausências lamentadas por Mário Soares. E também a de jornalistas brasileiros, porque «a imprensa brasileira acompanhou atentamente todo o processo».

Em tempo de crítica e autocritica, assumiu António Ruella Ramos a resposta dos organizadores, recordando não ter tido o «Diário de Lisboa» «nem a ambição nem os meios» para fazer o mapa-mundi do 25 de Abril, como o Presidente da República desejaria, mas havendo por certo a possibilidade de outras realizações semelhantes poderem porventura aprofundar esta iniciativa do «DL».

Palavras de fecho

«Penso que cada um fará o seu próprio balanço desta revisitação do 25 de Abril», disse, a encerrar o colóquio organizado pelo «Diário de Lisboa», o Presidente do Conselho de Administração, António Ruella Ramos. E adiantou o seu: «Foi apaixonante sentir a honestidade e a inteligência nas palavras, e uma grande clareza e frontalidade nas diversas posições e interpretações.»

Nos agradecimentos que endereçou aos diversos participantes, e a todos os que, com o seu apoio, permitiram que esta iniciativa do jornal se pudesse concretizar, Ruella Ramos destacou as presenças do Ministro Couto dos Santos e do Presidente da República, que, por esta ordem, presidiram às sessões de abertura e encerramento do colóquio. A Mário Soares, Ruella Ramos agradeceu também «a notável contribuição» que foi a sua intervenção.

Não esqueceu também Ruella Ramos o jornalista José Rebelo, correspondente do «Le Monde» em Lisboa, que coadjuvava o director do «DL» na organização do colóquio. Nem «um agradecimento público a gente da casa», com natural destaque para Mário Mesquita, «a quem cabe o mérito desta iniciativa e para quem reverter, muito justamente, os louros deste êxito».

Prà semana
vamos
ao Porto.

Venha connosco.

o jornal
ILUSTRADO

Quase tudo sobre
a Cidade Invicta.

POLÍTICA

O documento ontem apresentado pelo sindicalista preconiza uma profunda renovação do PCP, em função das mutações políticas no Leste europeu

Judas defende abandono do centralismo democrático

O PCP deve preservar a sua natureza de partido classista, mas «não confinar a sua acção política à classe operária». Marx e Lenine devem permanecer como referências ideológicas, mas tal não significa que o comunismo seja um projecto susceptível de se impor à sociedade. O partido deve admitir plataformas políticas na fase do debate, sem prejuízo da unidade na acção. Enfim, deve assumir integralmente a sua história, mas abandonar certas regras de funcionamento interno, como o centralismo democrático.

Estas algumas das propostas de reformulação do PCP preconizadas por José Luís Judas num extenso documento crítico das teses oficiais ao congresso extraordinário de Maio. O sindicalista apresentou-o publicamente depois de o dar a conhecer à direcção do partido, mas nem por isso foi poupado.

Numa nota do Gabinete de Imprensa ontem distribuída, é criticado pelo facto de não ter apresentado as suas ideias no organismo a que pertence, de acordo com a tradição do PCP. A nota considera que a iniciativa pública ontem promovida «oferecerá certamente mais pretextos para novas operações de especulação e intriga dirigidas contra o PCP».

Judas assumiu por inteiro a responsabilidade do documento - «reflecte



José Luís Judas

posições de críticos e não críticos, mas só eu me revejo totalmente nele». A sessão de apresentação foi marcada pela presença de diversos militantes críticos - Miguel Portas, Barros Moura, António Teodoro, Raimundo Narciso, Jorge Lemos, Rogério Moreira - e de membros não comunistas do INES, como o seu presidente, Correia Pinto, e Fernando Loureiro. Mas também por ausências, sobretudo do «grupo dos seis».

Aliás, se é certo que o documento se dirige em especial à direcção do PCP, nem por isso José Luís Judas se cospice de criticar os que estão dispostos a enterrar de vez não apenas Estaline, mas Lenine e Marx. Vislumbra-se o destinatário: Zita Seabra. Mas também, porventura, Vital Moreira.

Grande parte do documento de Judas é dedicada à análise dos acontecimentos no Leste europeu, que na sua óptica não devem ser interpretados apenas como «erros e desvios», como preconizam as teses oficiais, já que estão em causa fundamentos ideológicos. «A Perestroika resultou da exaustão do modelo», defende o sindicalista, para quem «a crítica do legado estalinista deve ser levada às últimas consequências». Perante tão radicais transformações, «interrogar é, no mínimo, essencial».

José Luís Judas que deixa perpassar receios de que o insucesso da Perestroika abra caminho a «revanchismos», afirma que a internacionalização conduziu à interpenetração dos sistemas capitalista e socialista. Hoje é, pois, necessário «vencer nostalgias, de direita ou de esquerda». Neste contexto, a reformulação é a principal exigência do PCP. Já, porque «o tempo do partido começa a afastar-se perigosamente do ritmo da vida».

P.M.

Jorge Sampaio e maioria cumprem promessa

Três meses após ter tomado posse, a nova Câmara lisboeta tem o Orçamento e Plano de Actividades aprovados na Assembleia Municipal. Dispõe agora dos instrumentos essenciais para a prossecução dos objectivos e compromissos assumidos a 17 de Dezembro. «Trata-se de um momento importante porque cumprimos a promessa de elaborar os documentos em Março e conseguimos vê-los aprovados em Abril. Agora vamos ver o futuro», disse ao «Diário de Lisboa» o presidente da edilidade, Jorge Sampaio, no final da longa sessão extraordinária da Assembleia Municipal que durou nove horas e decorreu, pela primeira vez, sob a presidência de João Amaral.

Embora se soubesse, praticamente de antemão, qual seria o resultado prático da votação aguardava-se, com alguma expectativa, a postura dos deputados municipais do PSD durante o debate, tendo em conta a atitude assumida pelos vereadores social-democratas quando da votação dos mesmos documentos em câmara.

Ninguém ficou desiludido pois os eleitos do PSD não se furtaram à discussão. Intervieram constantemente, questionaram a maioria e deram que fazer ao novo presidente da Assembleia que, no entanto, se serviu da sua experiência parlamentar para pôr «ordem na casa».

As críticas à maioria centraram-se sobretudo na dotação provisional de 2,4 milhões de contos, contida no Orçamento, classificada por Filipe Beirão, do PSD, como «almofada de protecção para um eventual erro de previsão» e, também na alegada discriminação política na transferência de competências e verbas nas freguesias. Estes dois pontos constituíram, aliás, o leit motiv, repetido de forma incessante durante a longa sessão, conhecendo pontualmente, algumas variantes, conforme as qualidades retóricas de cada orador. A maioria ouviu os reparos e no final pronunciou-se. Sampaio foi o último. Refutou as acusações da oposição e, principalmente, a da parcialidade relativamente às freguesias. «Apontem junto dos serviços onde é que fomos parciais», disse. Depois foi a votação. PS, PCP, CDS, PPM, MDP, Verdes e UDP votaram favoravelmente os dois documentos. Isolado, o PSD votou contra, e o PRD absteve-se.

L.A.B.

Quarto Asterix cores, azul, encarnado

Prateleira pequena 2 900\$00

Prateleira grande 4 000\$00

Secretária 18 800\$00

Cadeira 6 500\$00

Mesa de cabeceira 8 300\$00

Candeeiro de mesa de cabeceira 6 700\$00

Colchão de molas 183 x 98 15 300\$00

Cama 29 500\$00

Quadros 2 200\$00

Candeeiro de tecto 5 900\$00

Roupeiro com gavetas 26 600\$00

Estante com 5 prateleiras 19 300\$00

Estante com 3 prateleiras 12 650\$00

Aceitamos encomendas pelo correio

Morada: Rua Alfredo Ruas, 50
2675 ODIVELAS

10% desconto de pronto pagamento ou 6 meses sem juros

LISBOA — Avenida Almirante Reis, n.º 125 — telefone: 530076

LISBOA — Rua Luciano Cordeiro, n.º 18-A — telefone: 3522662

LISBOA — Estrada de Benfica, n.º 176 — telefone: 780599

LISBOA — Ipermercado Ibérico — telefone: 7595959

ALMADA — Avenida 25 de Abril, n.º 45 — telefone: 2769001

AMORA — Centro Comercial da Amora

SETÚBAL — Avenida D. Manuel I, lote 80 — telefone: 74699

MONTIJO — Rua José Joaquim Marques, n.º 40 — telefone: 2301197

BARREIRO — Rua Dr. Manuel Pacheco, n.º 92-A — telefone: 2077237

CARCAVELOS — Rua Paulo Jorge, n.º 3 — telefone: 2475289

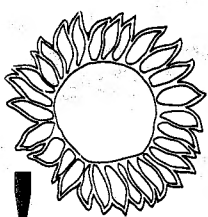
MEM MARTINS — Rua da Azenha, n.º 3 — telefone: 9217570

QUELUZ — Rua José Elias Garcia, n.º 74 — telefone: 4363679

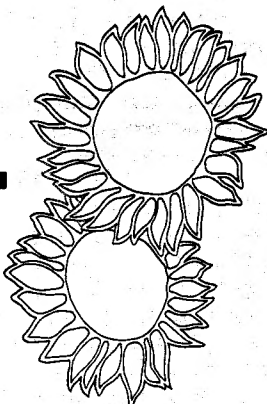
AMADORA — Avenida D. Nuno Álvares Pereira, n.º 5-B — telefone: 4945691

ODIVELAS — Ponte da Bica — telefone: 9323938

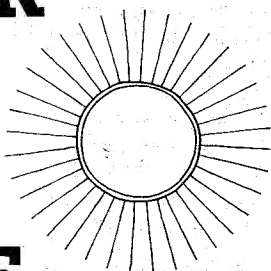
CHEGOU A PRIMAVERA!



ABRA O SEU TEJADILHO.



APROVEITE 350 LITROS DE GASOLINA, PARA PASSEAR AO SOL.



A FORD OFERECE-LHE NA COMPRA DO SEU

fashion

ESCORT OU ORION O TEJADILHO DE ABRIR



350 LITROS DE GASOLINA.

VIVA A PRIMAVERA!



QUALIDADE E INOVAÇÃO

ENCARGOS ANUAIS : Combustível : De 106.587\$00 a 131.294\$00 - Seguro Obrigatório : 21.983\$00
Impostos : 4.630\$00 (Base 15.000 Km/Mar.90)

POLÍTICA

Análises e miragens da política externa

Sobre «Os Conflitos Regionais e a Cooperação Internacional», o Instituto de Estudos Estratégicos e Internacionais (IEEI) promoveu ontem um debate em que os diplomatas falaram a título pessoal, como estudiosos, e o auditório escasso, mas entusiasta conseguiu refrear os ímpetus menos cordatos quando se abordava a qualidade da política externa da Pátria em capítulos como o Médio Oriente e a África Austral.

Álvaro Vasconcelos moderou um painel em que o embaixador francês em Portugal, Pierre Hunt, colocou a sua experiência de diplomata em países árabes para dar uma perspectiva nova do papel da Europa dos Doze na resolução da crise quase eterna do Médio Oriente.

França, Itália, Espanha e Reino Unido estão mais envolvidos, apesar da polémica entre britânicos e latinos, aqueles mais ligados a Israel, estes mais aptos a entenderem as jogadas maquiavélicas que se entrecruzam num mundo árabe bastante complexo. A posição da Itália, a meio do Mediterrâneo, dita a liderança de processos complexos, a França tem laços históricos, a Espanha mantém afinidades mouroas e o Reino Unido (como sucede com os franceses) assume a herança do regime de mandatos da extinta Sociedade das Nações.

Durante o debate ficou bem claro «o interesse mitigado de Portugal» pelo diálogo euro-árabe.

Por pudor, quem sabe? - não foi explicitamente referida esta abstenção da nossa política externa quanto a um conjunto de Estados que merecem a atenção dos nossos parceiros comunitários e que, no Palácio das Necessi-



O embaixador Pierre Hunt e Álvaro Vasconcelos

dades, se resumem a Marrocos, por razões explicáveis por Alcácer-Quibir. Quem sabe?

África Austral na berlinda

Fernando Jorge Cardoso, da Universidade Eduardo Mondlane, em Maputo, e João Salgueiro, do Ministério dos Negócios Estrangeiros, deram as suas visões pessoais do que se passa agora na África Austral. O primeiro falou na «maré positiva» quanto à resolução de conflitos na zona, sendo corroborado pela intervenção do diplomata português que apontou igualmente a «desinternacionalização do conflito» como factor de paz, explicando: «Quanto mais sós estiverem, mais à-vontade falarão», disse

das facções em disputa em Angola, Moçambique e África do Sul. O fim do condomínio hostil de duas superpotências poderá gerar estes «namoros» que, nos termos de Fernando Jorge Cardoso, terão que ser, para além de políticos, raciais e étnicos.

Por causa das fronteiras traçadas noutros tempos, sem respeito pelas nações pré-existent, a fundação de Estados-nação em África é a primeira tarefa.

Teve subtilidade, no entanto, a sugestão de «aprofundamento da cumplicidade» portuguesa em todo o processo na África Austral, porque a diferenciação de Angola e Moçambique num espaço anglófono é um factor de peso.

J.I.

Conselho de Ministros decidiu

Novas isenções fiscais

O Conselho de Ministros aprovou ontem um diploma que isenta de imposto os juros dos depósitos em moeda estrangeira que sejam efectuados em bancos portugueses. Também a cobrança do Imposto sobre o Rendimento de Pessoas Colectivas, IRC, deixará de ser exigida sempre que o seu valor seja inferior a cinco contos. Outra isenção atinge ainda a fusão ou cisão de empresas a privatizar que passam a gozar de isenção de imposto de selo, de sisa e de todos os encargos fiscais.

O Estatuto do Desportista de Alta Competição foi também aprovado pelo Governo. O diploma prevê regalias especiais para os desportistas que sejam estudantes, empregados por conta de outrem ou que prestem serviço militar, cria um novo sistema de prémios e «bolsas de alta competição». A preservação dos abutres ocupou ainda as preocupações do Executivo ao decidir tomar medidas que contribuam para a preservação de animais selvagens.

«O Independente» avança novos dados

Juíza nega ao Parlamento relatório sobre Camarate

A suposta detecção de um componente químico utilizado no fabrico de explosivos na roupa das vítimas do acidente de Camarate, em 1980, acaba de fazer regressar à ordem do dia a controvérsia em torno da morte de Sá Carneiro e Amaro da Costa.

O novo dado é avançado na edição de hoje d'«O Independente», que revela que um relatório sobre esta questão, elaborado por nove peritos, se encontra na posse da juíza Fátima Mata Mouros, do Tribunal Criminal de Loures, mantido no mais rigoroso secretismo.

A magistrada, ainda de acordo com o semanário, terá tido dois comportamentos distintos, perante as solicitações da comissão de inquérito. Primeiro, negou-se a fornecer o documento, alegando um «segredo de justiça» a que, em boa verdade, também as comissões da AR estão obrigadas. Mais tarde, considerou «inoportuna» a iniciativa. Na passada quarta-feira, a quarta comissão de inquérito aprovou, com os votos contrários do PCP, um documento expondo a situação de impasse decorrente da atitude da juíza Mata Mouros e solicitando o rápido agendamento da questão. O «DL» tentou esta manhã contactar a juíza, mas, do Tribunal de Loures, foi-nos comunicado que «não atende ninguém».

POLÍTICA

Europa quer emancipar-se também a nível militar

Do nosso correspondente em Bruxelas

A Europa parece caminhar no sentido de dispor dos seus próprios meios de defesa e vigilância espacial e a NATO perderá, simultaneamente, a sua preponderância. Um passo na redução da importância do pilar americano poderá ser dado já na segunda-feira, em Bruxelas, onde se reúnem os ministros da Defesa e dos Negócios Estrangeiros da União da Europa Ocidental.

A UEO, como é vulgarmente designada, é uma organização fora do contexto da NATO, com quem mantém estreita colaboração. Durante alguns anos viveu em letargia, até que começou a defender, recentemente, a posse de meios próprios de vigilância, nomeadamente através do satélite «Helios», momento a partir do qual conheceu uma certa dinâmica.

A ideia embrionária da emancipação europeia não é

compartilhada pelos britânicos, portugueses e americanos, por exemplo, manifestamente receosos do aparecimento de uma organização concorrente da NATO. O posicionamento francês na matéria é por seu turno uma incógnita, ideia reforçada agora pela intenção expressa por François Mitterrand no encontro com Georges Bush: um envolvimento mais activo da França no seio dos Dezasseis.

Alguns países europeus, todavia, não deixam de se inspirar em Jean Monnet e outros fundadores da Comunidade Económica Europeia, que sonhavam com a união da Europa também em termos de defesa. Numa fase crucial de metamorfoses políticas, não se vislumbra muito bem o alcance da ousadia de alguns países em pretenderem diminuído o peso estratégico americano na Europa. A redução dos contingentes americanos nada tem a ver, neste contexto, com

a minimização da sua importância política e estratégica.

Rutina?

A reunião de segunda-feira poderia, noutra perspectiva também admitida, limitar-se a um encontro de rotina, em que se trocariam impressões particularmente sobre a situação alemã.

É conhecida a posição rentante da União Soviética perante uma Alemanha unificada no seio da NATO, como igualmente está definida a opinião americana e dos seus aliados europeus: sim a reunificação mas integração na RDA nas estruturas dos Dezasseis. Assim, resta esperar por segunda-feira para se saber se a UEO vai surgir como organização pujante e personalizada ou se, eventualmente, a montanha vai parir um rato, com as delegações preocupadas em preencher o tempo entre o pequeno-almoço, o almoço e o jantar, entremeado com pausas para o café, como reza

o programa.

Os princípios subjacentes à UEO fazem dela um fórum mais adequado ao debate político, para o qual nem sempre se vislumbra oportunidade nos plenários da Aliança.

Portugal e Espanha foram convidados a integrar a organização depois da reunião de Haia, em Abril de 1988. O tratado de adesão de ambos foi assinado em 14 de Novembro do mesmo ano. Um novo alargamento está previsto, depois do interesse manifestado por mais dois países: Grécia e Turquia.

Se alguns observadores vêem na UEO um reforço da segurança do mundo ocidental e a unidade dos pilares europeu e americano da NATO, outros estão convictos de que a Europa caminha para a sua emancipação militar. Segunda-feira haverá indícios para previsões ou estas serão talvez prematuras?

José Rui Cunha

Comissão de esquerda procura alternativa a Mário Soares

Uma comissão de cidadãos que se constituíram em Comissão Promotora de uma candidatura à Presidência da República, vai apresentar amanhã à tarde, em conferência de imprensa, o seu projecto.

Em nome desta comissão, o major-médico Carlos Cruz Oliveira, disse ontem do «DL» não existir ainda qualquer nome em vista e tratar-se,

Para já, apenas de «uma comissão de pessoas preocupadas com as próximas eleições presidenciais, que decidiu reunir esforços no sentido de levar por diante uma candidatura de esquerda, que faz falta no panorama político actual».

Cruz Oliveira referiu que, até à data, as únicas hipóteses que há são «a certeza assumida pelo dr. Lucas Pires, mas que não é uma candidatura de esquerda, e a presunção da recandidatura do dr. Mário Soares».

O mesmo porta-voz adiantou que o grupo a que pertence pensa haver necessidade de uma candidatura que não seja nenhuma destas «e que dê voz aos anseios da esquerda do nosso País, que é muito numerosa e vasta».

A possibilidade de apoio a uma eventual recandidatura de Mário Soares está totalmente excluída. «Não cabe nas nossas ideias», explica Cruz Oliveira, acrescentando que «não procuram uma personalidade já feita. Até se pode fazer. Não é preciso perguntar antecipadamente quem são os presidenciáveis».

Os engenheiros Arsénio Nunes e Pereira Pinto, o jornalista Mário Lindolfo e o actor Mário Viegas, são alguns dos elementos da Comissão.

A.V.

B R E V E S

Cavaco visita unidade militar de Santarém

O primeiro-ministro presidiu esta manhã à sessão comemorativa do primeiro centenário da Escola Prática de Cavalaria, em Santarém. Cavaco Silva ouviu, com o ministro da Defesa Nacional, Fernando Nogueira, e o chefe do Estado-Maior do Exército, Firmino Miguel, uma conferência do historiador Joaquim Veríssimo Serrão, presidente da Academia de História. Uma visita ao Centro de Instrução e ao Museu de Cavalaria e a condecoração do estandarte da Escola, com a medalha de ouro de serviços distintos, assinalaram a visita de Cavaco.

Alcochete de «mãos dadas» contra campo de tiro

A população de grande parte da zona envolvente de Alcochete concentrar-se-á, domingo, naquele vila ribatejana, em protesto contra a tentativa de alargamento do Campo de Tiro. «De mãos dadas» é o nome da «operação» convocada por aquele Município e os de Benavente, Montijo e Palmela, com o apoio de todas as organizações ecológica e movimentos ambientalistas. Hoje, convidados da organização contra o alargamento viajaram de barco entre Alcochete e o estuário do Tejo.

PRD: Hermínio quer candidato próprio

O ex-presidente do PRD, Hermínio Martinho, defendeu que os renovadores devem apoiar um candidato próprio às próximas eleições presidenciais. Entrevistado pela RDP/Centro, Martinho sustentou que essa opção se justifica face ao apoio do PS e do PSD à recandidatura de Mário Soares. «Pessoalmente, acho que o PRD deveria suscitar o debate em torno de uma candidatura própria». Salientou, contudo, que Eanes não deve candidatar-se contra Mário Soares.

Morreu candidato da CDU à Câmara do Fundão

Vitimado por um ataque cardíaco, em pleno tribunal onde participava como advogado num julgamento, faleceu ontem no Fundão António Gascão, ex-candidato da CDU à presidência da Câmara local. Gascão tinha 49 anos de idade e um passado de activa militância política em defesa da liberdade e das causas sociais, nomeadamente quando estudante em Coimbra, de cuja Faculdade de Direito foi expulso na crise académica de 1962. Nas últimas autárquicas ele foi o único membro da Intervenção Democrática a apresentar-se como cabeça de lista da CDU em eleições municipais. António Gascão deixa viúva e dois filhos, um dos quais estudante de Direito. O funeral realiza-se esta tarde para o cemitério do Fundão.

Deputados «descobrem» em Setúbal

O socialismo ainda existe

Os deputados do Partido Socialista dedicam-se, desde ontem em Setúbal, ao complicado exercício de remar contra a corrente niveladora das ideologias, na tentativa de reafirmarem a sua própria identidade socialista e vincarem perante o eleitorado as diferenças políticas e ideológicas que os separam do partido no poder.

Particularmente no painel sobre «liberdade e igualdade», que dominou o primeiro dia das jornadas parlamentares, os deputados socialistas terão descoberto, na expressão de um activo interveniente no debate, que «o socialismo ainda existe» e que lhes cumpre resistir à corrente dominante do liberalismo sem regras e sem princípios de justiça social.

O debate desta manhã, sobre desenvolvimento económico e desequilíbrios sociais, já preparou o terreno teórico

para as iniciativas do grupo parlamentar socialista, nos meses que precedem as eleições e em que a componente de justiça social deverá ser privilegiada.

«Na nossa perspectiva de organização da sociedade», disse o vice-presidente Jorge Lacão aos jornalistas, num primeiro comentário aos debates, «a iniciativa empresarial deve ser incentivada e apoiada, mas sempre combinada com a participação dos trabalhadores na vida das empresas». António Guterres, presidente do grupo, já tinha defendido, na parte da manhã, maior afectação de recursos à segurança social, à saúde e à habitação.

As próximas iniciativas legislativas do PS, decorrentes desta reflexão em Setúbal, só hoje serão anunciadas, provavelmente pelo próprio secretário-geral do partido. Ontem, Jorge Sampaio ficou retido em Lisboa, pela longa sessão

da Assembleia Municipal que aprovou o orçamento: hoje integrou-se no conclave para fazer aos seus parlamentares a pré-dica final sobre a estratégia de intervenção em S. Bento. Dará também, com o líder parlamentar António Guterres, a conferência de Imprensa final destas jornadas e em que, segundo informação confiada ao DL, o secretário-geral do PS vai abrir fogo sobre o Governo.

Aliás, tal como fora sublinhado há dias, no Parlamento, estas jornadas parlamentares assinalam o ponto de viragem na estratégia socialista: a partir de agora, é a luta directa pelo poder, em alternativa ao Governo de Cavaco Silva e assumindo como pontos de honra a regionalização, o desenvolvimento económico e o combate à burocracia estatal.

Daniel Reis

Congresso do PS tem três moções



Jorge Sampaio

Apenas três moções de estratégia a apresentar ao Congresso do PS eram conhecidas até hoje, último dia do prazo de entrega: uma de Jorge Sampaio, outra de João Soares e uma terceira de Rui Oliveira e Costa.

A moção de Jorge Sampaio, que apenas deverá ser divulgado após contactos que o líder socialista terá hoje com diversas personalidades do seu partido, teve a colaboração de Martins Goulart e Emanuel Jardim Fernandes, na parte respeitante às regiões autónomas.

Apesar de subscrever a moção de Sampaio, o líder do PS da Madeira vai apresentar também uma moção sectorial sobre a temática autonómica, com vista a suscitar um maior envolvimento dos militantes das regiões.

A valorização do debate político nas eleições presidenciais e a recusa de alianças para as legislativas de 1991 com o PCP, partido que considera «obsoleto», são os principais pontos da moção de Oliveira e Costa, onde Sampaio é considerado «o melhor candidato à liderança da Governo».

Jorge Sampaio, que ontem prestou homenagem aos fundadores do partido, durante um jantar comemorativo realizado em Lisboa, desloca-se este fim de semana ao Porto, Vila Real e Bragança, para encontros de trabalho com as estruturas locais.

Diário de Lisboa

Fundado em 1921
Editado por Renascença Gráfica, S.A.

Presidente do Conselho
de Administração: **António Ruella
Ramos.**
Administradores: **Maria
do Carmo Ruella Ramos, João
Manuel Ruella Ramos, António Brás
Monteiro e António Gomes
da Costa.**
Secretário-geral: **Jorge Galamba.**

Director **Mário Mesquita**
Directora-adjunta **Diana Andringa**

Exerceram anteriormente
a Direcção:
Joaquim Manso (1921/1956)
Norberto Lopes (1956/1967)
**António Ruella
Ramos** (1967/1989)

Chefe de Redacção
Acácio Barradas
Chefes de redacção-adjuntos:
**José Leite Pereira, Paulo David,
Rodrigues da Silva e Rui Camacho**

Redactor-principal
João Paulo de Oliveira

Coordenadores de Secção:
**António José Teixeira, Eurico
Vasconcelos, João Galamba
de Oliveira, José Luís Feronha,
Maria Guiomar Lima, Neves
de Sousa e Vítor Leitão**

Repórter-coordenador:
Adelino Cardoso

Redactor-paginador
António Ribeiro Ferreira

Redacção e reportagem fotográfica:
**Almeida Henriques, Alves
Henriques, Ana Mafalda Inácio,
Ana Paula Sá, Augusto Vilela,
Carlos Campones, Céu Neves,
Daniel Reis, Dina Soares, Duarte
Calvão, Elsa Andrade, Emília
Trindade, Ernesto Sampaio,
Fernando Brederode Santos,
F. Dias Brito, Gisela Oliveira,
João Isidro, Jorge Ferreira,
José Rui Cunha (Bruxelas),
Júlio Rodrigues, Luísa Alexandra
Botinas, Lurdes Féria, Maria
Antónia Martinho, Maria João
Martins, Maria João Rocha, Maria
José Belo Marques, Marina Tadeu,
Marina Tavares Dias, Paulo Martins,
Pedro Alvim, Pereira de Almeida,
Rodrigues Borges, Rui Eduardo
Paes, Rui Ferreira e Sousa,
Rui Nunes e Rui Pacheco**

Colaboradores permanentes
da Redacção: **Alessandra Balsamo,
Daniel Oliveira, Francisco Paraiso,
Isabel Joyce, Jorge Fallorca
e Roby Amorim.**

Cartoonistas: **António Alfredo
e José Bandeira**

Grafistas:
Ribeiro da Silva (coordenador),
**Ermelinda Silva, Filipe Veríssimo
e Luís Tenreiro**

Paginadores:
**Antonieta Teixeira, José António
Carvalho, Jorge Santos,
Pedro Pessoa, Oscar Figueiredo
e Ricardo Magalhães**

Secretária de Direcção
Maria Eduarda Soutelo

Secretaria de Redacção:
José Agostinho (coordenador),
**António Lima e Maria
Helena Matos**

Chefe de Publicidade
Luísa Valadas

Gestor de Informática
Luís Canteiro

Redacção, Administração, Publicidade
e Serviços Técnicos: Rua Luz Soriano,
44 - 1200 Lisboa. Telef. 3474870/9 -
Telegramas DIBOA - Telex 12363
DIAROP
- Telefex 3467134. Impresso
na Renascença Gráfica, SA
- Rua Luz Soriano, 44 - 1200 Lisboa.
Distribuído por Interpress - Rua do
Norte, 115-1º - 1200 Lisboa
- Telef. 322100/322204/320784.
Depósito legal nº 1426/82. Preço do
jornal: no Continente, 60\$00; na
Madeira, 75\$00; nos Açores, 85\$00.



PORTE
PAGO

FORUM

POLÍTICA DE A a Z

PARÁGRAFOS CONTRA A CORRENTE

Sobre o nosso «25 de Abril» podem dizer-se, com simpatia verídica, belas e generosas palavras; emitam-se juízos valorativos; ou com a frieza que o distanciamento permite, propor avaliações de um negativismo severo. Terá sido - dizem-nos - a última função revolucionária de estilo leninista que foi representada no palco da História da Europa. Ensinam-nos que o nosso «25 de Abril» anuncia o fim das utopias de esquerda; que de Lisboa partiu o sinal de uma viragem histórica. Inverteu-se o curso histórico. Esmoreceu a agitação revolucionária. Cessou a festa. A democracia consolidou-se. Vividos os avanços e recuos dos anos tumultuosos, pensam muitos que é chegada a hora da direita.

Na Europa, registam-se sucessos eleitorais, avanços de forças liberais e conservadoras, ressurgem nacionalismos exaltados, irrompem racismos, ocorrem demonstrações neo-nazis. No ocaso trágico da RDA descem às ruas corvos nazis.

E Portugal não está imune às ressurreições totalitárias e aos impulsos racistas.

Poderemos falar no avanço da direita?

2

O Presidente da República diz que não. A este jornal afirmou: «Nada estou nada a ver a sociedade portuguesa a andar para a direita». Mas reconhece: «Evidentemente, há manifestações retrógradas, o poder do dinheiro é impositivo e, às vezes, chocante. Contudo, para o dr. Mário Soares: «Nada do que é tipicamente reaccionário tem a ver com os estratos mais criativos da sociedade portuguesa, porque esses são gente com uma visão moderna e generosa da sociedade. Ora a generosidade é própria da esquerda».

Claro que o problema não é puramente de ética social: uma direita conservadora em oposição a uma esquerda progressista, uma direita reaccionária em conflito com uma esquerda generosa. O Presidente da República vê o problema não só em termos políticos, mas, também, em termos de comportamento social. Oíçamo-lo: «A direita, por essência - e é isso que divide a esquerda da direita - é conser-

vadora, no sentido em que acha que se devem manter certos privilégios, considerando as desigualdades sociais como inevitáveis e não pondo o acento tónico na solidariedade nem na justiça, como é apanágio da esquerda.»

Nas suas limitações teóricas, e na essência do argumento, esta definição de esquerda - uma esquerda que tem por apanágio a solidariedade e a justiça - é suficiente para demarcar da direita uma corrente social, sociopolítica, à qual respondem no plano político as atitudes antiliberais e anticonservadoras. Nesta escolha entre esquerda e direita, entre conservadorismo e reformismo, se crucifica o Partido Social Democrata. Contra o Presidente da República, eleito pela esquerda unida, o PSD, no caso de ele se recandidatar, não apresentará um candidato.

Esta «desistência» não é inocente. Não é uma generosidade, é uma precaução táctica que se inscreve numa estratégia preferencial relativamente às eleições legislativas. O líder Cavaco Silva com o apoio a Mário Soares pretende retirar impacto à vitória nas eleições presidenciais de um candidato consensual (chamemos-lhe assim) que é um candidato originário da esquerda. Essa vitória daria impulso, força e entusiasmo ao combate eleitoral do Partido Socialista, e da esquerda globalmente considerada, nas eleições legislativas.

3

A direita não pode conformar-se com a decisão de Cavaco Silva, líder do Partido Social Democrata. Cavaco Silva determinou-se, nesta questão das eleições presidenciais, pelos interesses imediatos do seu partido. Obcecado pela continuidade do exercício governativo, persegue o objectivo de repetir a conquista de uma maioria parlamentar absoluta. A vontade de governar, de hegemonizar o Governo, é a directriz fundamental para os sociais-democratas. Esse é o alvo a atingir para dar contentamento ao líder e satisfazer as clientelas. O Partido Social Democrata é um partido de poder. É um partido que não pode viver sem poder, que não pode dispensar a presença no Governo, nas estruturas burocrático-administrativas e no mundo empresarial tutelado directamente ou de algum modo

dependente.

Não apresentar candidato à eleição para a Presidência da República é uma posição duplamente negativa: é a confissão de que se não considera possível bater Mário Soares no caso dele ser novamente candidato, e o reconhecimento de que Cavaco Silva, através de uma candidatura à Presidência da República, não deseja promover um militante do partido, levá-lo a conquistar uma posição no PSD, dar-lhe prestígio e popularidade, convertê-lo, eventualmente, em seu possível sucessor na liderança partidária.

O PSD não terá um candidato às eleições presidenciais. Pergunta-se: será viável uma candidatura representativa das áreas do centro e da direita sem o empenho do PSD?

4

A disponibilidade do dr. Francisco Lucas Pires, devidamente anunciada, e agora já condicionada a uma certa previsão de percentagem de votos (mais de 20 por cento) e a um certo apoio do PSD, vem responder, não só a uma estratégia de promoção pessoal, e não só, também, a um objectivo de predominio no interior do CDS, como à movimentação de direita que se verifica no interior dos partidos e se alarga a zonas exteriores às estruturas partidárias. Com Francisco Lucas Pires, como no caso de Daniel Piroen de Carvalho (de quem se falou), a direita propõe-se, a pretexto da campanha da eleição presidencial, recontrar-se, reagrupar-se, definir um programa, estabelecer uma organização.

Os interessados nesse projecto de organização, dispersos, actualmente, por dois partidos, ou mesmo três (CDS, PSD, PRD), encontrariam numa candidatura presidencial uma oportunidade de aproximação e de integração. Dos meios empresariais teriam apoios e até aderentes. À primeira vista, o nome de Francisco Lucas Pires, com um relativo prestígio intelectual e universitário (Doutor por Coimbra, ex-ministro da Cultura), apoiado pelo PPE (Partido Popular Europeu), parece reunir condições para ser o candidato que a direita, descontente com a solução de Cavaco Silva, entende ser ne-

cessária.

Claro que para fazer uma campanha eleitoral com positivas repercussões políticas é condição necessária ter um candidato, mas não é condição suficiente.

5

Uma geração pretende o poder: os Rebelo de Sousa, os Proença de Carvalho, os Pinto Leite, os Ferraz da Costa, os Lucas Pires. Fizeram percursos diferentes em territórios do centro e da direita. E já estão a ser pressionados por camadas mais jovens como ficou patente nos últimos congressos partidários. É-lhes comum a bandeira do liberalismo. Nem socialismo, nem social-democracia, nem democracia-cristã. São liberais e modernos. Chamam modernidade a uma mistura confusa de valores europeus e de propósitos conservadores.

De Mário Soares desconfiam. Apenas o suportam. Não toleram, apesar do talento do navegador em mares revoltos, a capacidade de adaptação do velho militante antifascista e anticolonialista, que se não resigna à liquidação do sonho utópico e o deixa transparecer. Na entrevista ao «Diário de Lisboa» disse: «Acreditaria ainda que a crise hoje vivida pelo movimento comunista não significa o desaparecimento da necessidade de utopia em política. Entenda-me: não no sentido da construção de uma sociedade perfeita, ideal, pré-fabricada; utopia, no sentido de se reconhecer aos homens capacidade para modificar a realidade que os cerca, para melhor.»

Modificar para melhor. Foi esse o programa do «25 de Abril». E só os cegos, na legitimidade de atitudes críticas que se compreendem, não reconhecerão que Portugal se modifica para melhor. Há muito trabalho para fazer. Enquanto a direita sonha uma candidatura presidencial que seja mais do que uma questão de promoção pessoal, é tempo de marcar, no relógio da História, a hora de trabalhar para melhor. Sem esquecer o que nos lembrou Mário Soares: «... a necessidade de utopia em política.»



Fernando
Piteira Santos

UM SERVIÇO DE VALOR ACRESCENTADO

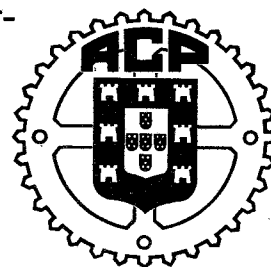


O Serviço Fiat é, todos o sabem, um serviço de valor real. Primeiro, através dos seus produtos — inovadores, modernos, cuja qualidade se expressa desde o design avançado, passando pelo conforto, pela segurança e pelos mínimos detalhes qualitativos de construção, continuados pela nova garantia anti-corrosão válida por seis anos.



Depois, pela assistência técnica, apoiada por uma vasta rede de concessionários que cobre todo o país.

Mas o Serviço Fiat tem agora um **valor acrescentado**: o do ACP, o maior e mais prestigiado clube automóvel nacional. Através do acordo que a Fiat e o ACP celebraram, o cliente passa a ser sócio deste clube e a dispor deste valor acrescentado durante 1 ano a partir da data de compra de qualquer modelo Fiat. Este serviço proporciona-lhe gratuitamente desmanagem, pronto-socorro até ao concessionário mais próximo mesmo em caso de acidente, assistência sem-fronteiras durante 24 horas por dia, 365 dias por ano, e, ainda, acesso às instalações e lojas do ACP.



FIAT e ACP. Uma dupla protecção.

Fiat Auto Portuguesa, S.A.

FIAT ACP FIAT ACP FIAT ACP FIAT ACP FIAT ACP FIAT ACP FIAT ACP

INTERNACIONAL

Cimeira franco-americana sob o signo das relações Leste-Oeste

Bush impaciente com o conflito lituano

Do nosso correspondente em Washington

O presidente George Bush manifestou a sua profunda apreensão com as acções soviéticas em relação à Lituânia e chegou a admitir o esgotamento dos «limites» da sua paciência, embora não tivesse anunciado qualquer medida concreta para a problemática. Estas considerações do presidente norte-americano surgiram na conferência de Imprensa realizada após as conversações travadas com o seu homólogo francês, François Mitterrand, na estância turística de Key Largo, na Flórida, pouco após se ter tornado público que o grupo Jihad Islâmico para a libertação da Palestina adira indefinidamente a anunciada libertação de um refém norte-americano.

A agenda desta breve cimeira franco-americana foi, aliás, relativamente alterada pelos acontecimentos internacionais do dia. Antes de seguir de Washington ao encontro do chefe de Estado francês, Bush trocou impressões ao telefone com o chanceler alemão-federal, Helmut Kohl, precisamente sobre um dos temas que viria a debater com Mitterrand: a evolução dos acontecimentos na Lituânia, na sequência da decisão soviética de de-

sencadear um boicote energético, que poderá ser alargado a outros sectores vitais para a subsistência daquela república báltica. Já a bordo do «Air Force One», o porta-voz da Casa Branca, Marlin Fitzwater, adiantou aos jornalistas que George Bush iria debater com o seu homólogo francês um leque de possíveis respostas quanto aos mais recentes acontecimentos na Lituânia.

Fitzwater fez, porém, questão em sublinhar que estas trocas de impressões com as nações aliadas não devem ser entendidas como um esforço dos Estados Unidos para coordenar uma resposta da NATO relativamente ao boicote soviético. Na sua opinião, estas iniciativas devem ser vistas como consultas para avaliar o que cada país pode fazer individualmente.

Durante a conferência de Imprensa que assinalou o encerramento das conversações, tanto Bush como Mitterrand preconizaram que a crise lituana deve ser resolvida pela via do diálogo. O dirigente francês propôs que esses contactos deveriam ser efectuados de «cabeça fria». O presidente anfitrião, apesar de admitir que os soviéticos estão conscientes dos limites para a sua acção, manifestou relutância em tomar decisões que preju-

diquem as relações Washington-Moscovo, sabendo de antemão que, do clima desse relacionamento, dependem muitas outras nações. Na oportunidade, Bush revelou ainda que o secretário de Estado, James Baker, havia debatido, anteontem, a situação na Lituânia com o seu homólogo soviético, Eduard Shevardnadze. Também na passada quarta-feira, Baker foi ao Capitólio fazer um ponto da situação perante os congressistas, tendo admitido então que a crise lituana pode afectar os contactos comerciais entre os EUA e a URSS.

Desapontamento de Bush e embaraço dos sírios

A cimeira de Key West decorreu sob o signo das relações Leste-Oeste, enquanto a todo o momento se esperavam notícias da anunciada libertação de um refém norte-americano. A base aérea de Wiesbaden, na Alemanha Federal, que tem sido um posto de acolhimento para outros reféns libertados no passado, estava ontem a postos, quando o Jihad Islâmico deu a conhecer a sua decisão de adiar indefinidamente a libertação do refém. Razão apontada: falta de cooperação por parte de Washington, a quem os sequestradores haviam pedido para fazer seguir para



Enquanto Bush recebia o seu homólogo francês, o grupo Jihad Islâmico anunciava que, afinal, adira a libertação de um refém norte-americano para data indeterminada

Damasco o seu Secretário de Estado adjunto para o Médio Oriente, John Kelly.

Kelly não foi à capital síria porque os EUA entenderam o pedido dos sequestradores como uma exigência, o que levou Bush a reafirmar ainda ontem que tal cedência daria a ideia de que Washington estaria a negociar a libertação de reféns, o que contraria a política que vem sendo seguida.

Em lugar de Kelly, seguiu de Bona, onde se encontrava,

o embaixador na Síria, que esteve durante todo o dia de ontem em contacto com o Governo de Damasco. George Bush comentou este novo percalço, admitindo que os EUA já haviam ficado desapontados no passado perante perspectivas idênticas. Desapontamento ainda maior, julga-se saber em Washington, foi sentido pelas autoridades sírias, elas próprias profundamente empenhadas no processo de libertação dos reféns tal como,

pelo menos até agora, os aparentes guardiões das forças muçulmanas do Líbano.

Daí que, na sua edição de hoje, o «The New York Times» publique declarações do ministro sírio dos Negócios Estrangeiros, Farouk Al-Shara, que expressa a sua confiança em como os grupos iranianos pro-sírios irão, no próximo sábado ou domingo, libertar, afinal, um refém norte-americano.

Fillipe Vieira

«Europa soberana» preocupa os Estados Unidos

Do nosso correspondente em Paris

George Bush e François Mitterrand estiveram ontem reunidos em Key Largo, na Flórida, durante cerca de quatro horas. O presidente americano, depois de ter recebido Margaret Thatcher no fim-de-semana da Páscoa, prepara, assim, o encontro de 30 de Maio com Mikhail Gorbachev.

A pauta das discussões entre os dois chefes de Estado é simultaneamente curta e vastíssima. Os dois homens conhecem-se bem, e apreciam-se. Desde 1983 os americanos têm, aliás, algumas razões para estar gratos a François Mitterrand, pela sua acção decisiva no que respeita à instalação dos Pershing II na Alemanha Ocidental, isso precisamente quando Reagan, ao advogar a «guerra das estrelas», parecia afastar-se do palco europeu.

Diante do «passadismo» do governo britânico e das incertezas alemãs - agravadas pela eventualidade de uma vitória social-democrata nas eleições para o Bundestag em Dezembro deste ano - a estabilidade política francesa, e o atlantismo de François Mitterrand e do «establishment» francês constituem peças fundamentais na

defesa europeia. Em destaque estão a situação na Lituânia, a reunificação alemã, e a posição francesa na NATO. Na realidade essas questões confundem-se com o delinear de um futuro para a defesa da Europa, e os aliados franceses são fiéis, mas como os bons amigos, difíceis. O próprio presidente Bush declarou recentemente: «Sei que não temos divergências profundas, mas se houver diferenças, vamos discutilas. O essencial é que a França e os Estados Unidos estejam em sincronia total a propósito dos problemas da Aliança».

O ano de 1989 ficará na História como o ano das mudanças a Leste. Aos olhos dos historiadores futuros, 1990 será um ano de indícios, de pronúncias. Com a derrocada das democracias populares, o Pacto de Varsóvia desmoronou, a ameaça russa reduziu-se, e as fronteiras da NATO, que definiam a sua estratégia, esvaíram-se. Tudo tem de ser repensado para sustentar a paz na Europa.

Reforço do pólo europeu da NATO

Para os americanos, para o governo inglês, e para a maioria dos governos da Europa ocidental, a NATO, incluindo as duas Alemanhas, deve

permanecer o eixo fundamental da defesa europeia. Para tal deveria aumentar a sua competência política, constituindo um pólo europeu reforçado, mas associando intimamente os EUA a cada etapa da construção da nova Europa de que continuaria a garantir a segurança. Mas essa configuração só seria possível se a França voltasse a integrar o comando das forças da NATO, de que De Gaulle a alijara em 1966. Para os franceses está fora de questão alienar a independência da defesa francesa precisamente no momento em que a ameaça soviética se reduz. A Organização do Tratado do Atlântico Norte e o Pacto de Varsóvia seriam realidades do passado, consentâneas à guerra fria. Não faria sentido a França entregar-se agora ao que recusara no passado, o mesmo se admite que o elo com os EUA seja essencial.

Segundo o que as raras declarações de Mitterrand sobre essa questão deixam transparecer, a França privilegiaria uma organização de defesa essencialmente europeia, reactivando o eixo Paris-Bonn (ou Berlim), de cuja dinâmica dependeria simultaneamente o aprofundamento político da Comunidade europeia. Essa nova organização de defesa europeia articular-se-ia por um lado

com os Estados Unidos, aliados privilegiados, e por outro aos acordos pan-europeus a estruturar no âmbito da CSCE (Conferência sobre a Segurança e Cooperação na Europa, compreendendo a totalidade dos 35 países europeus - à excepção da Albânia - URSS inclusa, Estados Unidos e Canadá).

Uma questão de peso e medida

Mais do que uma questão de alianças trata-se, portanto, de uma questão de pesos e medidas. À reivindicação de hegemonia política dos EUA responde a França - cuja interdependência económica com a Alemanha é cada vez maior - que é vital que a construção da Europa política avance, e portanto que o elo com os EUA, mesmo se essencial, se confine à defesa. Só nessa perspectiva de uma Europa soberana seria politicamente possível ao governo francês aceitar um comando militar unificado, implicando a revisão de largos segmentos da sua estratégia militar, senão da totalidade. Para que isso aconteça a NATO deve desaparecer, para renascer sob outra forma? Uma nova organização deve ser criada? O acordo entre a França e os EUA, que desenhará em boa parte a futura configuração da

defesa europeia, poderá assumir diversas formas, desde que Washington consinta a Paris as compensações a que a França entende fazer jus, incluindo talvez a eventual concessão do comando militar unificado.

A preferência francesa pela mesa da CSCE, onde o peso dos EUA se dissolve diante da multiplicidade e apetite dos 35 convivas, pode ser assim um meio para a França obter dos EUA compensações adequadas, e o apoio, ou pelo menos o beneplácito americano, para a consolidação do processo europeu, liderado pela França e Alemanha.

Diante da complexidade das questões em discussão é provável que, como o ex-presidente Giscard d'Estaing afirma em recente entrevista ao «Le Monde», não se chegue a uma nova textura das relações internacionais na Europa antes de 91. O ano de 90 ficará, aos olhos dos historiadores futuros, como um ano de indícios de prenúncios. Para os dirigentes de hoje fica a experiência de que, afastadas as ameaças militares mais óbvias, a gestão dos novos riscos exige o mesmo empenho defensivo no interior de um jogo de poder que requer uma dose acrescida de obstinação e de criatividade.

Pedro Souza

INTERNACIONAL

Gorbachev, que ontem se encontrou com representantes da Letônia e da Estônia, propôs para as repúblicas bálticas uma «confederação» ao estilo da «Commonwealth» britânica. Entretanto, o Governo soviético mantém hoje conversações informais com a Lituânia. Não é a independência que está em causa, mas apenas a respectiva calendarização

Lituânia poderá recuar face a Moscovo

A Lituânia poderá vir a suspender a sua declaração de independência durante os contactos informais que hoje decorrem com o Governo soviético, anunciou a BBC.

A estação britânica citou fontes lituanas como tendo afirmado que a proposta será apresentada em troca de um calendário definido para a independência no espaço de dois anos.

A estação difundiu ainda uma entrevista com um elemento do Comité Central do Partido Comunista da URSS, Alex Lebedev, em que se afirmava a disposição de Moscovo de prescindir da sua inicial exigência de cinco anos como prazo mínimo de transição para a independência.

Aviso à Letônia e Estônia

Entretanto, o Presidente Gorbachev, que apertou o bloqueio económico iniciado na noite de quarta-feira, deu a uma outra república do Báltico, a Estônia, um prazo de 48 horas para revogar a suspensão da Constituição soviética, e avisou a Letônia para não seguir os exemplos

dos seus vizinhos.

Em encontros separados com dirigentes da Estônia e Letônia, Gorbachev ofereceu àquelas repúblicas um «estatuto especial» numa União Soviética «confederada», se desistissem de seguir a Lituânia, com quem se tem recusado a negociar até que suspenda até que revogue a independência proclamada a 11 de Março.

A palavra «confederação» na acepção soviética é uma organização ténue, como a «Commonwealth» britânica, e Gorbachev tinha falado até agora apenas numa nova «federação», em que os poderes centrais permanecem fortes.

O Presidente da Lituânia, Vitautas Landsbergis, em afirmações recentes, afastava a possibilidade de a república voltar atrás de uma declaração da independência, que é o ponto principal das exigências do Kremlin.

Entretanto, e em consequência do bloqueio acionado por Moscovo, a Lituânia está a receber apenas um sexto das suas necessi-

dades diárias em petróleo e gás. Landsbergis disse que não vai retaliar bloqueando as suas exportações para a URSS.

De referir que a visita que a primeira-ministra lituana, Kazimiera Prunskiene, está a efectuar à Noruega parece estar a registar, em parte, os resultados em princípio esperados. Com efeito, Oslo fez saber que a Lituânia é livre de adquirir o seu petróleo. No entanto o Governo norueguês não vai subsidiar as exportações para aquela república báltica.

Prunskiene considerou que o corte de petróleo e de gás natural decretado por Moscovo, e que afectou em mais de 80 por cento as necessidades da república, era uma medida esperada.

Bush consulta aliados

Um porta-voz da Casa Branca disse que o Presidente George Bush estava a consultar os aliados sobre como responder ao corte de petróleo e gás à Lituânia.

Marlin Fitzwater Branca disse aos jornalistas a bordo

do avião presidencial, quando Bush se dirigia para a Florida, para se encontrar com o Presidente François Mitterrand, que o Presidente norte-americano «tinha começado uma série de consultas com os aliados sobre as respostas apropriadas».

O Presidente «telefonou ao chanceler alemão federal Helmut Kohl sobre esta questão. Discuti-la-á com o Presidente Mitterrand e manter-se-á em contacto com todos os aliados, quer directamente, quer pelos canais diplomáticos».

Jeanne Kirkpatrick, antigo membro conservador da administração Reagan, disse que os Estados Unidos pouco podiam fazer para evitar o bloqueio soviético à luta dos lituanos pela independência.

Kirkpatrick admitiu que a Lituânia será obrigada a recuar, mesmo que não renuncie formalmente à independência. Disse ainda acreditar que Gorbachev acabará por traçar uma política que permitirá às repúblicas obter a sua independência.

Redacção «DL»/Lusa/AFP

Cimeira da NATO até ao final do ano

Numa declaração durante a conferência Imprensa em Key Largo, o Presidente francês François Mitterrand revelou que tinha proposto ao seu homólogo a realização, ainda este ano, de uma cimeira da NATO para analisar a actual situação política na Europa assim como o futuro papel daquela organização. François Mitterrand adiantou ainda que George Bush concordou com a ideia. Ambos chefes de Estado deverão agora propor esta iniciativa aos restantes parceiros da Aliança.

Durante uma longa conferência de Imprensa ao ar livre e de costas para o mar, Bush e Mitterrand aplaudiram as divergências que os separavam, sem no entanto deixar claro se estavam ou não sintonizados sobre o futuro papel da NATO.

Perante as mudanças rápidas na Europa, ambos os presidentes sublinharam a importância da NATO assim como a manutenção da presença de tropas americanas em território europeu.

Uma visão vaga

No entanto, o presidente norte-americano, interrogado pelos jornalistas, desenvolveu uma visão vaga sobre o futuro papel da NATO. Ficando-se por meias palavras, George Bush afirmou que «o presidente Mitterrand e eu temos opiniões muito próximas sobre as necessidades de segurança na Europa para o presente e para o futuro». Confrontado com a vontade política da França e da Alemanha Federal de incluir na futura união política europeia as questões de segurança do velho continente, mensagem esta divulgada ontem num documento franco-alemão, o Presidente norte-americano limitou-se a declarar que não detectava «nenhum perigo» numa tal evolução.

Por outro lado, François Mitterrand ofereceu uma exposição detalhada sobre a sua visão da futura arquitetura europeia.

Essencialmente defendeu que a Nato se restringisse «aos domínios definidos pelo tratado (de Washington)», ou seja essencialmente os aspectos militares, que deverão ser completados por uma dimensão política a definir no seio da Comunidade Europeia (CEE) e da Conferência sobre a Segurança e a Cooperação na Europa (CSCE). Segundo Mitterrand, deverão ser estes os aspectos a tratar na cimeira da NATO a realizar até ao final do ano.

O presidente norte-americano, que é favorável a uma maior cooperação no seio da NATO, nomeadamente política, ira certamente conferenciar com os seus parceiros mais fiéis dentro da Aliança para tentar minimizar o impacto desta nova ofensiva franco-alemã, protagonizada pelo Presidente francês.

Redacção «DL» / AFP

Segundo Lothar de Mazière

Divisão alemã pode ser superada através da partilha

Da nossa correspondente em Bona

A Declaração Governamental lida ontem pelo primeiro-ministro Lothar de Mazière no Parlamento da República Democrática Alemã nada trouxe de novo em relação àquilo que já ficara dito no contrato governamental da coligação, publicado na semana passada. É certo que foram mencionados temas que quase já podem ser considerados «da praxe» neste contexto, nomeadamente o reconhecimento da fronteira polaca, o respeito dos interesses de todos os países europeus e em especial da União Soviética, a reunificação alemã em harmonia com a integração europeia, etc.

Mas, no fundo, a declaração dirigiu-se, sobretudo, aos alemães. Aqueles do Leste, Lothar de Mazière quis assegurar que o governo se compreende como representante dos 16 milhões de cidadãos da RDA. É por isso que não abdicará de reivindicações como a troca das moedas na relação de 1:1 - sobretudo no quadro de pensões e salários - ou do reconhecimento das relações de propriedade resultantes da Reforma Agrária, levada a cabo após a Segunda Guerra Mundial. E, se bem que esteja planeada a introdução da economia de mercado, ele deverá ser, sobretudo, social e ecológica. Serão igualmente tomadas medidas adequadas para a protecção dos mais indefesos. Em suma, algumas partes do programa governamental pouco ou nada têm a ver com a ideologia prevalente na União Cristã Democrata Ocidental, assemelhando-se,



O novo primeiro-ministro alemão oriental, Lothar de Mazières, apresenta o seu programa governamental ao Parlamento

antes, a certas passagens de programas social-democratas.

Lothar de Mazière é, aliás, da opinião, de que 40 anos de opressão por parte de um sistema que se afirmava comunista, não devem empurrar os cidadãos do seu país para o outro ex-

tremo, o do anti-socialismo desenfreado. Afirmarões deste género não são de molde a garantir-lhe o apoio incondicional do governo da RFA. Também não é isso que Mazière pretende. A reunificação sim, evidentemente, mas não às custas da RDA, é a mensagem dirigida aos alemães ocidentais.

Foi para eles, igualmente, que o primeiro-ministro lançou um apelo pela solidariedade: «A divisão só pode ser superada através da partilha» - afirmou textualmente. E aos mais recalcitrantes na Alemanha Ocidental, àqueles que já entraram em pânico perante a perspectiva de terem que fazer alguns sacrifícios pelos irmãos do Leste, de Mazière lembrou que foi a RDA que, no fundo, pagou pelos crimes cometidos por todos os alemães durante a era NAZI. Para a Alemanha do Leste não houve, nos pós-guerra, assistência na forma de dólares, como aquela concedida à RFA através do Plano Marshall dos Estados Unidos da América. Pelo contrário, foi a parte do país ocupada pelas tropas soviéticas que mais reparações teve que pagar a Moscovo. O desmantelamento completo das instalações industriais e a falta de investimentos oriundos do exterior, impediram eficazmente o arranque da economia na RDA.

Foi quase num aparte que o chefe do Governo de Berlim Leste anunciou a demolição completa do muro de Berlim já nas próximas semanas. Apenas uma pequena parte deverá ser conservada como «Monumento Histórico».

Cristina Krippahl

Luanda denuncia golpe de Estado

Um coronel israelita de nome Mayhor Maair, que vive nos Camarões, onde dirige o corpo de segurança pessoal do presidente, seria o «cérebro» da «Operação Cometa», uma conspiração montada conjuntamente pelos serviços secretos norte-americanos, sul-africanos, zairenses, israelitas e agentes da UNITA que está a cortar os abastecimentos a Luanda e a provocar o descontentamento da população, criando as condições propícias a um golpe de Estado em que um Governo «independente» assumiria o Poder. São estas as denúncias do embaixador de Angola na URSS, Bernardo de Sousa, em declarações ontem prestadas à Rádio Moscovo. Esta manhã foram confirmadas ao «DL» pelo adido de Imprensa da embaixada angolana em Lisboa, Francisco Simons.

«Não se pode ir para a mesa de negociações quando se é alvo de tamanhas atrocidades e ingerências externas», afirmou Simons, embora não adiante quais as repercussões

que a denúncia pode ter no andamento das negociações previstas para as próximas semanas. Aliás o próprio ministro angolano dos Negócios Estrangeiros, Pedro de Castro Van-Dunem «Loy», está neste momento nos EUA, um dos países que estariam envolvidos no golpe de Estado.

Para Simons está a haver «uma sabotagem e um roubo organizado do exterior» que justifica o corte de abastecimento de água, luz e produtos alimentares básicos a Luanda.

«Depois, aproveitando a inexperience das nossas forças de segurança que, eventualmente, reprimiriam com violência as manifestações de descontentamento popular, fariam um golpe de Estado, contando com a colaboração de personalidades independentes e até de alguns membros da actual hierarquia». Mesmo assim, o adido da embaixada assegurou que ninguém foi detido.

D.C.

INTERNACIONAL

Não é só a nível rural que as mulheres sul-africanas sofrem no quotidiano os efeitos de uma mentalidade baseada na supremacia masculina. Tanto nos centros urbanos como nos «ghettos» a pressão social obriga-as a desempenhar um papel secundário relativamente ao homem.

Discriminação sexual desconhece cor na África do Sul

«Não discuto com mulheres bonitas. Faço coisas melhores com elas». Esta resposta do ministro sul-africano dos Negócios Estrangeiros, Pik Botha, a uma jornalista inoportuna, é característica da idiossincrasia de um país onde não há racismo na discriminação sexual. As mulheres brancas e negras têm igual tratamento masculino na África do Sul.

Sheena Durican, membro de várias associações anti-apartheid, incluindo o Black Sash, um grupo de direitos civis fundado por mulheres brancas, pensa que a segregação sexual é um dado endémico em África e que, no seu país, as mulheres nem dão conta de que tal coisa exista. «Estamos condicionadas a viver assim», comenta.

Uma frase do grande actor negro, John Kani, ao comentar o facto de ser dirigido, em «Otel», pela actriz Janet Suzman, é paradigmática: «Sou um homem africano e como tal custa-me receber ordens de uma mulher. A Janet, porém, é muito educada e dedicada. Faz-nos sentir úteis e amados».

Grupos contra o apartheid como o Congresso Nacional Africano e o Congresso dos Sindicatos Sul-africanos têm cláusulas anti-discriminação sexual nas suas constituições. Apesar da participação feminina em manifestações e confrontos e de muitas mulheres terem sido assassinadas ou presas, a prática, no entanto, permanece inabalável.

Sindicalistas negros não são melhores

Na última convenção de julho da maioria negra do

Congresso dos Sindicatos da África do Sul (COSATU) foi recusada uma resolução para condenar o prolongamento da discriminação sexual nos sindicatos. Os opositores à moção argumentaram que foram as próprias mulheres a contribuir para a posição que hoje têm e que nada de significativo fizeram até hoje pelo movimento trabalhador.

Emma Mahinini, de 60 anos, fundadora da Commercial Catering and Allied Union, uma das maiores organizações negras, sente-se desapontada por nenhuma

mulher ter sido eleita para o comité executivo do congresso. Das dezenas de oficiais e activistas brancos e negros que se dirigiram à prisão Victor Verster para discutir o futuro da África do Sul com o dirigente do ANC, Nelson Mandela, apenas uma parca fracção era constituída por mulheres, incluindo familiares suas e velhas amigas. «É muito prestigioso dizer hoje em dia que se foi visitar Mandela», diz Mashinini.

Quando se queixou ao COSATU por não haver nenhuma mulher na delegação



Barbara Osborn, a primeira mulher árbitro de cricket da África do Sul, só foi aceite pela associação respectiva após uma luta que se prolongou por vários anos



Uma mãe do Soweto racha lenha para o fogareiro que utiliza para a confecção das refeições da família. Esta é uma das inúmeras tarefas exclusivamente destinadas às mulheres sul-africanas

número de questões políticas deste país e as mulheres estão a permiti-lo», diz Jo-Anne Collinge, uma jornalista que, durante muitos anos, trabalhou no «The Star», o maior diário nacional que, como muitos outros, publica frequentemente uma bonita rainha ou outras jovens em fato de banho.

Mulheres empresárias ou com ocupações liberais são tratadas frivolamente pela Comunicação Social do país que dá ênfase a requisitos acessórios, como a maneira de vestir ou particularidades físicas que despertem o interesse masculino.

«The Star», escreveu em Junho do ano passado uma manchete sobre a tenente Lettie Hugo, a primeira mulher comandante de uma esquadra de polícia: «Mãe de família é o melhor homem para o lugar».

Nokwanda Sithole, de 25 anos, jornalista que colaborou na revista oriental negra «Tribute», diz: «cabe-nos dizer que a libertação das mulheres deveria ser parte integral

da luta de libertação nacional. Não podemos permitir que os homens adiem o reconhecimento do nosso contributo para mais tarde. A opressão de que somos vítimas é extensiva aos negros, mas não podemos confiar-lhes a nossa libertação».

Há alguns anos, mulheres activistas negras discutiam a segregação sexual no âmbito da luta de libertação nacional. Porém, parte delas estão ainda convencidas de que o feminismo é uma filosofia estrangeira. Uma mulher estrangeira. Como Helen Suzman, que durante 36 anos lutou no Parlamento contra o apartheid, quando era apenas a única voz dissonante, hoje, afirma simplesmente: «não sou feminista». Suzman, que colaborou na elaboração de diversas leis, afirma ainda: «Não faço dos direitos das mulheres uma prioridade da minha carreira política. Isto porque

o verdadeiro problema deste país, o que merece todas as prioridades, é a discriminação racial». E acrescenta: «Até 1984, as mulheres eram humilhadas por não poderem desempenhar certas tarefas sem o consentimento dos maridos».

O quadro tradicional

As negras estão ainda subordinadas às tradições tribais e todas as mulheres enfrentam problemas no que se refere à direcção de qualquer negócio, pelo que são obrigadas a assinar um contrato.

Desde que, em 1930, as mulheres conquistaram o direito de voto, menos de 20 ocuparam assentos no Parlamento. No ano passado, o presidente De Klerk nomeou para o seu Governo, pela primeira vez na África do Sul, uma mulher, a ministra da Saúde, Rina Venter.

Actualmente, existem sete mulheres num total de 300 deputados e apenas uma juiz em 130 tribunais. Não existem negros juizes ou membros do Parlamento.

Lydia Kompe, uma camponesa do Black Sash, diz que as mulheres das comunidades isoladas criam os filhos, fazem as colheitas,

cuidam do gado, mas comportam-se como escravas quando os maridos regressam a casa, após um mês de trabalho na cidade.

Existe um estigma que marca as mulheres negras divorciadas, mesmo que os maridos abusassem delas ou não contribuíssem para a manutenção da casa.

Uma figura muito comum na África do Sul, bem como nos restantes países do continente, é a da mulher negra com um fardo à cabeça, uma pesada mala na mão e um bebé às costas, com o marido caminhando atrás, de mãos nos bolsos ou segurando uma azagaia.

«Elas próprias aceitam este estatuto. Têm de obedecer ao homem, independentemente da cor. O seu papel é unicamente o de servir», diz Kompe, de 54 anos, filha de camponeses.

Um homem forçado a abandonar a família para trabalhar na cidade, pode arranjar uma namorada ou constituir nova família, mas a mulher tudo fará para que ele não a abandone.

«O homem, às vezes, chega a casa com uma namorada e espera que a mulher cuide dela», diz igualmente Kompe. «Se disser basta!, então o pai terá que reembolsar o dote. Se não o puder fazer, os seus filhos ser-lhe-ão retirados».

A maioria das mulheres rurais não encontra qualquer solução. Mas até Sithole, uma profissional urbana, que se interessa pelo feminismo, expressa o medo comum das mulheres de que, se forem elas próprias a defender-se, os homens não lhes perdoarão. «Na realidade, ninguém quer estar sozinho. Por isso, nas nossas próprias casas, somos muito renitentes em ser feministas».

Laurinda Keys
Serviço APT/«DL»

Stand MONTE CARLO CARAVANAS

TODAS AS MARCAS E MODELOS NACIONAIS E ESTRANGEIRAS

MONTE CARLO

PYC

VIMARA

ADRIA

FLY

NOVAS E USADAS DESDE 390 000\$00

FACILITA TROCA E PAGAMENTO VIAJE NO MUNDO MONTE CARLO

LINHÓ - ESTRADA SINTRA - ESTORIL - CRUZAMENTO DE LINHÓ

Tel. 923 57 36 Fax 257 34 94

do sindicato, responderam-lhe que tal se devia a Mandela já ter definido com quem queria falar.

Mulheres permitem sexo

«O assunto da segregação sexual está completamente subordinado a um largo

MUDANÇAS

TRANSPORTES DE PIANOS - COFRES

SERVIÇOS DIÁRIOS DE CARGA GERAL

LISBOA - SINES

PESSOAL ESPECIALIZADO

A TRANSPORTADORA IDEAL DE ST. ISABEL

LARGO DO MITELO, 18 (ao Campo Santana)

53 26 37 - 57 74 79

FORD FIESTA RECORDISTA EUROPEU NO 1º ANO DE VENDAS



Nunca antes na Europa um carro rodou tão rapidamente até ao recorde absoluto de vendas no seu primeiro ano. Em Portugal, mais de 15 500 pessoas compraram um FORD FIESTA desde o seu lançamento em 13 de Abril de 1989. Em toda a Europa foram vendidos mais de 500 mil.

Porquê este sucesso?

Porque o FORD FIESTA foi construído a pensar em si.

É espaçoso, bem equipado, giro, de condução ultra agradável. E muito mais.

Sinta você mesmo o sucesso do FORD FIESTA. O outro amor da sua vida.

FORD FIESTA,
um amor à primeira vista!



QUALIDADE E INOVAÇÃO

Encargos Anuais: Combustível: De 107.250\$00 a 149.487\$00 • Seguro Obrigatório: 21.983\$00 • Impostos: De 1.410\$00 a 4.630\$00 (Base 15.000 km / Abril de 90).

ECONOMIA

B R E V E S

Pedip reforça ajuda ao sector laneiro

Foi integrado no âmbito do PEDIP o programa de reestruturação do subsector industrial dos lanifícios, lançado pelo Governo em Junho de 1988, com uma verba de quatro milhões de contos.

Entretanto, são já 50 as empresas de lanifícios que, desde Outubro de 88, se candidataram ao programa de reestruturação. Foram analisadas 34 candidaturas e aprovadas 26, a que correspondem incentivos na ordem dos três milhões de contos, que permitiram a manutenção de 11895 postos de trabalho.

Neste momento encontram-se em análise mais 16 projectos de reestruturação, dos quais apenas quatro parecem não ter condições de acesso ao sistema. Os incentivos a conceder aos 12 em fase de aprovação deverão ascender a um milhão de contos.

O prazo para apresentação de candidaturas deverá ocorrer até Setembro próximo e os pagamentos dos incentivos serão encerrados no final de Abril de 1991.

Este programa visa a criação de condições de recuperação e desenvolvimento das empresas, numa perspectiva regional. Pretende-se «garantir a competitividade futura do subsector», que a próxima criação do Mercado Único «não deixará de pôr à prova».

Igualmente pretende-se prevenir os impactos negativos que «pudessem fazer-se sentir no tecido social das regiões onde se encontram as indústrias laneiras, decorrentes da actualização tecnológica e da reconversão técnica».

Bolsa de Lisboa suspende BIC

A comissão directiva da Bolsa de Valores de Lisboa (BVL) suspendeu as acções do Banco Internacional de Crédito (BIC), por falta de cumprimento de uma publicação obrigatória no boletim de cotações.

Segundo foi dito por uma fonte da BVL citada pela «Lusa», o banco começou a pagar os dividendos relativos ao exercício do ano passado sem antes ter publicado o aviso de que o iria fazer, o que viola as normas que obrigam à publicação antecipada do aviso no boletim de cotações.

A suspensão decorrerá «até que o mercado se aperceba que as acções já não têm direito ao dividendo», disse a mesma fonte.

Bancos centrais vão criar barreira para evitar eventuais colapsos da moeda europeia, até agora suportada apenas por bancos privados

Estudado novo sistema para apoiar o ECU

Os bancos centrais da Comunidade Europeia vão reforçar o suporte do sistema de compensação interbancário para o ECU, com vista a evitar um eventual colapso do actual sistema. A decisão foi tomada em Basileia (Suíça) no decorrer de uma reunião dos governadores dos bancos centrais da CEE.

Presentemente o sistema de compensação apoia-se em 45 bancos privados, podendo o colapso ocorrer se um ou mais bancos forem incapazes de consolidar as suas contas.

«Foi dada luz verde pelos governadores para se estabelecer um novo sistema de dois níveis», disse uma das fontes monetárias europeias. Embora o sistema de compensação nunca tenha estado à beira do colapso, existe «um risco sistemático» devido ao crescimento do mercado e ao diferente nível dos bancos compensadores.

Ao abrigo das propostas

resultantes da reunião, o BIS (Bank for International Settlements) seria o responsável por uma primeira linha de defesa, apoiada pelos bancos centrais de cada país, liderada pelo Banco de Inglaterra e pelo Banco de França.

Moeda corrente

Este plano constituiria um passo no sentido do reconhecimento do mercado privado crescente para o ECU (Unidade de Conta Europeia).

Note-se que a Comissão Europeia quer que o ECU se torne na divisa corrente na Comunidade, tendo, contudo, a oposição da Alemanha Federal, que considera esta unidade rival do marco.

Embora os detalhes do plano para proteger o ECU não estejam ainda completamente elaborados, sabe-se que o sistema de compensação deverá operar de modo a possibilitar a tomada de posições de crédito e débito

dos 45 bancos comerciais que actualmente o suportam, sendo esta igual a zero no fim de cada negociação. Para isto, os bancos com uma posição devedora em ECU deverão pedir emprestado aos que tenham posições credoras. Mas cada banco terá um limite face às restantes instituições, para além do qual não será possível o empréstimo.

Perigo e solução

Fontes financeiras receiam que se um banco que detenha ECU se recusar a emprestar a um outro que seja devedor, a compensação fique bloqueada com repercussões em todo o sistema bancário.

O risco aumentou devido ao crescimento do sistema de compensação, que passou de sete bancos, em 1986, com uma posição média diária de 350 milhões de ECU, para 45 com cerca de dois mil milhões de ECU. Desse modo, se um banco se recusasse a

emprestar o seu excesso de ECU a um banco devedor, o BIS redistribuiria o excedente entre os outros bancos até atingir o referido limite, sendo estes últimos responsáveis pelos empréstimos de ECU ao devedor.

A um segundo nível, se este esquema não resultasse, os bancos centrais de Inglaterra e de França actuariam como intermediários, responsabilizando-se pelo empréstimo de ECU ao banco devedor, por um dia, para equilibrar o seu sistema de compensação.

Segundo se sabe, o Banco de Inglaterra estabelece que o banco devedor apresente Bilhetes do Tesouro em ECU como contrapartida. É convencimento dos observadores que, uma vez que os esquemas de apoio britânico e francês entrem em funcionamento, surjam propostas no mesmo sentido dos bancos centrais da Bélgica e da Itália.

Lusa

Bolsa de Valores do Porto ganha mais mercado

A Bolsa de Valores do Porto aumentou significativamente o seu peso no mercado em relação à sua congénere de Lisboa.

Na verdade, no primeiro trimestre deste ano a sua quota foi de 37,1 por cento (incluindo sessões especiais), quando, no mesmo período do ano passado, tinha sido apenas de 19,4 por cento.

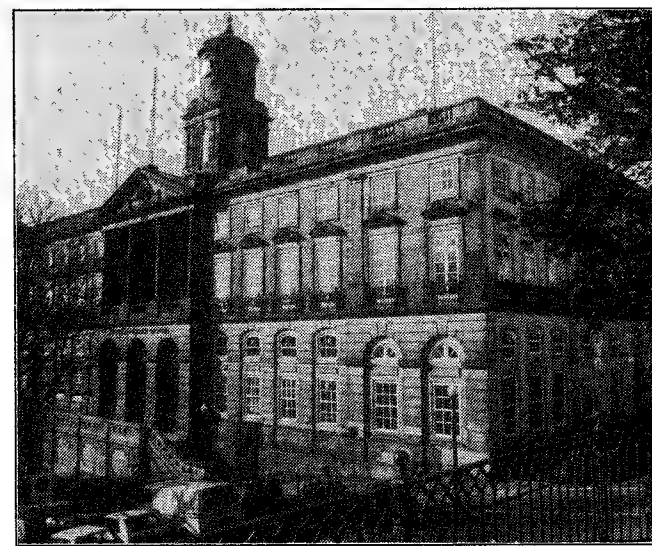
Fonte contactada pela Lusa atribuiu esta maior participação da Bolsa nortenha no mercado de capitais a um conjunto de factores, entre os quais se destaca o aumento de operadores.

De facto, no primeiro trimestre de 88 havia apenas três corretores individuais e presentemente dispõe de nove operadores.

Deste número, quatro são corretores individuais, três são sociedades corretoras e uma é sociedade financeira de corretagem.

Um décimo operador deverá tomar posse dentro em breve.

A mesma fonte acrescenta que, para além do facto de alguns novos operadores portugueses se encontrarem muito bem colocados no que se refere ao relacionamento com investidores estrangeiros,



Bolsa do Porto ganha terreno à de Lisboa

alguns deles estão também ligados a importantes instituições financeiras do Norte, que, deste modo, passaram a canalizar boa parte dos seus negócios para a Bolsa do Porto.

Quanto à actual fase do mercado de capitais, caracterizada por uma ligeira baixa nas cotações e no volume de negócios, a mesma fonte considera que a crise bolsista nos principais mercados mundiais reflecte-se no mercado nacional, ao desviar a

atenção dos investidores estrangeiros para outras praças onde podem encontrar possibilidades de efectuarem mais-valias.

«A qualquer momento pode mudar a situação, uma vez que os preços de boa parte dos principais papéis cotados nas Bolsas portuguesas estão muito baixos, muito tentadores e, em consequência, a inflexão poderá dar-se a qualquer momento», afirma outro observador do mercado de capitais.

Exponor amplia as instalações

As obras de construção da Exponor 2 vão iniciar-se no final de 1991, estando a sua conclusão prevista para 1984.

A Exponor 2 vai ficar situada fora do Porto, embora ainda não tenha sido decidido o local. As hipóteses são: Vila Nova de Gaia, Vila da Feira, Maia, Vila do Conde, Póvoa do Varzim, Ovar e Aveiro.

Enquanto que esta iniciativa «vai ser um grande centro de negócios», a terceira fase da Exponor, já em conclusão, inclui um centro de congressos de nível europeu, que vai ser utilizado pela primeira vez em meados de Maio, no decorrer do Salão Internacional do Automóvel.

«Trata-se do maior centro de congressos do país, que vem preencher uma lacuna há muito sentida», afirma Ludgero Marques, presidente da Associação Industrial Portuguesa.

A terceira fase da Exponor está avaliada em cerca de dois milhões de contos, estando equipada com o que Ludgero Marques classifica de «infraestruturas de alta qualidade».

Para além do pavilhão dos congressos, inclui 70 mil metros quadrados de salas de aula, destinadas a acções de formação.

COTAÇÕES

Companhia Geral de CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	46\$50	52\$50
ALEMANHA FED. (marco)	87\$55	88\$75
ÁUSTRIA (xelim)	12\$45	12\$65
BÉLGICA (franco)	4\$039	4\$289
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	126\$35	128\$85
(notas de 5 a 1000)	126\$85	129\$35
DINAMARCA (coroa)	23\$00	23\$40
ESPAÑA (peseta)	1\$348	1\$468
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	146\$90	150\$40
(notas de 5 a 1000)	147\$40	150\$90
FINLÂNDIA (marka)	37\$00	37\$60
FRANÇA (franco)	26\$05	26\$75
HOLANDA (florim)	77\$80	78\$90
IRLÂNDIA (libra)	235\$75	239\$75
ITÁLIA (lira)	\$108	\$123
JAPÃO (iene)	\$893	\$948
NORUEGA (coroa)	22\$50	23\$00
REINO UNIDO (libra)	242\$35	246\$85
SUÉCIA (coroa)	24\$10	24\$60
SUIÇA (franco)	99\$05	100\$55
VENEZUELA (bolívar)	2\$627	3\$427

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

QUOTIDIANO

As obras a levar a cabo em diferentes regiões do País visam contribuir para a «gradual mudança da imagem da Justiça em Portugal»

Laborinho Lúcio anuncia construção de novos tribunais

O ministro da Justiça anunciou ontem a elaboração de vinte e dois projectos técnicos para a instalação de tribunais e a criação de equipas móveis de manutenção e formação em cada distrito judicial, para evitar a degradação das instalações e serviços.

Álvaro Laborinho Lúcio falava durante uma visita ao tribunal do Cartaxo, local que sofreu uma profunda modificação e que constitui o modelo para a formação de quatro equipas móveis.

Essas equipas, explicou o ministro, estarão «no terreno» a partir de Maio e serão integradas por técnicos do Ministério da Justiça e da Direcção Geral dos Serviços Judiciários. Na sua actuação, privilegiam o contacto com magistrados, advogados, solicitadores e oficiais de justiça, abrindo-se à colaboração prestada pelas estruturas comunitárias

loais. Essas equipas serão coordenadas pelo Secretário-Geral do Ministério da Justiça, com a colaboração directa da Direcção-Geral dos Serviços Judiciários, da Direcção-Geral dos Registos e Notariado e do Centro de Estudos Judiciários.

Laborinho Lúcio recordou várias acções em curso e anunciou o arranque de obras e projectos previstos para 1990, nomeadamente a conclusão, para este ano, dos edifícios dos tribunais em Almeida, Vouzela, Peniche, Praia da Vitória, Montemor-o-Velho, Vila Nova de Foz Coa, e de outros tribunais, administrativos e de menores, do Porto, Lisboa e Setúbal, entre outros.

Afirmou ainda que serão organizadas bibliotecas e preservados espólios documentais, culturais e históricos dos tribunais, facilitando o acesso à con-

sulta quando necessário.

O ministro recordou «o esforço que tem vindo a ser desenvolvido no sentido de dotar o sistema judiciário de instalações e de técnicos adequados», mas reconheceu que «existe ainda um panorama em vários aspectos pouco ou nada condizente com a imagem que, marcando o estilo se projecta no cidadão, como sinal de segurança, de eficácia e de respeito».

Laborinho Lúcio observou o esforço desenvolvido pela comarca do Cartaxo, que serviu para a formação das quatro equipas móveis. O ministro alertou para o trabalho a desenvolver por essas equipas, de forma a que ele seja «mais exigente».

Salientou que dele «depende a gradual mudança da imagem da Justiça em Portugal».

B R E V E S

Portugal tem poucos funcionários públicos

Portugal tem o menor número de funcionários públicos da Comunidade, tanto por mil habitantes, como em percentagem da população activa, segundo dados divulgados hoje pelo Sindicato dos Quadros Técnicos do Estado (STE). A revelação foi feita no âmbito do seminário internacional «Para uma Função Pública Europeia», promovido pelo STE. Na CEE (excepto Grécia) existem 66,9 funcionários públicos por mil habitantes, variando entre um mínimo de 42,7 por mil em Portugal e um máximo de 149 na Dinamarca. A Grã-Bretanha tem 93 funcionários por mil habitantes, a Bélgica 72,1, a França 66,8 e a Alemanha Federal 65,5.

Área da toxicodependência necessita de terapêutica

O Ministério da Saúde, do qual dependem os centros oficiais de recuperação de toxicodependentes, deverá «acabar com as irresponsabilidades» existentes nessa área e criar comunidades terapêuticas, afirmou, ontem, em Lisboa, um técnico do sector. O director regional do sul do Centro de estudos e Profilaxia da Droga (CEPD), Domingos Neto, falava no decorrer da cerimónia de apresentação do livro «Deixar a Droga», de que é autor e a que assistiu a mulher do Presidente da República, Maria Barroso.

Desemprego a curto prazo ameaça Setúbal

O distrito de Setúbal poderá vir a ter novo surto de desemprego a curto prazo, caso não seja diversificado o ensino técnico na região, alertou ontem o presidente do Núcleo Empresarial da Região (NERSET), Fidélio Guerreiro.

Vultosos investimentos nos hospitais dos Açores

O secretário dos Açores da Saúde e Segurança Social disse ontem que os «estrangulamentos e deficiências» existentes nos Açores ao nível de instalações e equipamentos hospitalares «irão ser atacados com vultosos investimentos». António Meneses, que falava na tomada de posse do conselho de administração do Hospital de Angra do Heroísmo, referiu que estes investimentos estão previstos no plano de Governo e são objecto de apoio comunitário através do Programa Específico Comunitário para o Desenvolvimento dos Açores (PEDRA).

Modelos em estreia nacional no Salão Automóvel do Norte

O Salão Internacional do Automóvel Portugal 90, que se realiza em Maio na Exponor, Matosinhos, vai apresentar várias novidades para o mercado português. Audi, Ford, Fiat, Lamborghini, Mitsubishi, Nissan, Toyota e Opel trazem a Portugal, de 18 a 27 de Maio, modelos em apresentação nacional que serão depois comercializados no mercado português.

As principais novidades no Portugal 90 são os modelos

Fiesta Turbo, e 1.45 Trophy, da Ford e o novo Tempra da Fiat. A surpresa desta edição está reservada para a reprodução de um autódromo que a Publisalão vai «meter» na Exponor, com vários modelos de Fórmula Um.

«Automóvel, meu amigo» é o tema do certame que irá abranger 130 stands e 117 expositores, numa área aproximada de 21 mil metros quadrados. Estarão expostos mais de 250 unidades

em representação de 41 marcas e construtores, o que representa um acréscimo superior a 25 por cento relativamente ao número de veículos mostrados na anterior edição do certame.

Segundo a organização, os modelos Cabriolet e 90 Imsa da Audi, o Guia Via, último concept car da Ford, e a presença, em grande número, de automóveis de elevados preços, como é o caso dos Ferrari, Rolls Royce, Lambor-

ghini, são também focos de interesse da iniciativa.

A Ferrari vai expor seis modelos, destacando-se o F40, Testarossa, 348 TS desca-potável e o Mondial T Cabriolet. Outra das novidades no Salão Internacional português é ainda a apresentação dos modelos Show Car HSK, Pajero Diesel Interccoler e Lancer 1500 CLX Hatchback (Mitsubishi), 300 ZX (Nissan) e Calibra e Opel Lotus (Opel).



Maria Elisa no «Rosto da notícia»

A jornalista Maria Elisa inicia hoje um novo programa na televisão, como coordenadora e apresentadora de «O rosto da notícia». Questionada pelo «Diário de Lisboa» sobre a sua definição de «rosto da notícia», a jornalista afirmou que «são todas as pessoas que a notícia tem por trás, os protagonistas da actualidade». Maria Elisa quis manter segredo sobre os temas que esta noite são discutidos na televisão, mas adiantou tratar-se de um programa que vive basicamente de «entrevistas em directo com um ou mais protagonistas de dois assuntos de actualidade, embora esta filosofia, tal como a actualidade, não seja estanque».

TRIBUNAL CRIMINAL DA COMARCA DE LISBOA 1.º JUÍZO CORRECCIONAL ANÚNCIO

O DOUTOR JOÃO LUIS DE MORAES ROCHA, JUIZ DE DIREITO DA 2.ª SECÇÃO DO 1.º JUÍZO CORRECCIONAL DE LISBOA:

Faz saber, em obediência ao disposto no n.º 4, do artigo 24.º do Dec.-Lei n.º 28/84, de 20 de Janeiro, que, por Sentença, transitada em julgado, proferida em 19-3-90, nos autos de Processo Correccional, n.º 34/88, que o Ministério Público moveu contra os réus «UNPAC — União Panificadora do Chile, Lda.», com sede na Rua Sebastião Saraiva Lima, n.º 5-A, em Lisboa e DIAMANTINO DO ESPÍRITO SANTO, casado, nascido a 17-6-922, funcionário da «Unpac», filho de António do Espírito Santo e de Florinda da Conceição, natural de Lisboa e residente na Rua Marques da Silva, n.º 79 — Vivenda Branca — cave — em Lisboa:

foi a 1.ª ré condenada na contra-venção p. e p. no art.º 58.º, n.º 1, alíneas c) e d), por força do art.º 3, n.º 1, do Dec.-Lei, n.º 28/84, de 20-1, na coima de 80 000\$00, ponderado o disposto nos artigos 17.º e 18.º do Dec.-Lei n.º 433/82, de 27-10; e, o 2.º réu Diamantino do Espírito Santo, foi condenado pela prática de um crime contra a genuidade de géneros alimentícios p. e p. no art.º 24, n.º 1, alínea c) do Dec.-Lei n.º 28/84, de 20-1, na pena de três meses de prisão, substituída por igual tempo de dias de multa à taxa de 300\$00 e, em 60 dias de multa à taxa de 300\$00.

Como alternativa daquela foi-lhe fixado dois meses de prisão, e desta, 40 dias de prisão e, ainda, na contra-ordenação p. e p. no art.º 58.º, n.º 1, alíneas c) e d) do Dec.-Lei n.º 28/84, de 20-1, na coima de 20 000\$00.

Lisboa, 2 de Abril de 1990
O JUIZ DE DIREITO,
(João Luís de Moraes Rocha)
O ESCRIVÃO DE DIREITO,
(José Ribeiro Correia Neves)

«DL» 20/4/90



SINDICATO DOS MÉDICOS DA ZONA SUL

RUA PASCOAL DE MELO, 1, 4.º ESQ. — TELES. 826546 - 823715 — TELEX 83542 SMZS P — 1100 LISBOA

CONVOCATÓRIA

De acordo com os Artigos 10.º, ponto 1, 19.º A, 20.º, 25.º, 40.º, 41.º e 44.º dos Estatutos do Sindicato dos Médicos da Zona Sul, convoco uma Assembleia Geral Eleitoral para o dia 6 de Junho de 1990, para eleições em escrutínio secreto e directo dos Corpos Gerentes do referido Sindicato, para o biénio de 1990/1992.

Lisboa, 18 de Abril de 1990

O PRESIDENTE DA MESA DA ASSEMBLEIA GERAL
Aguinaldo Alexandre dos Santos Cabral

Embora objecto de desenvolvimento sensível desde a independência, o sistema de Saúde cabo-verdiano padece de insuficiências que levaram as autoridades a solicitarem a cooperação estrangeira. Atenta ao problema, a AMI predispos-se a ajudar, mais uma vez, os que dela necessitam

Cabo Verde não dispensa assistência médica internacional

A saúde é um bem a que nem todos têm direito. Há povos que lutam constantemente pela sua sobrevivência: ou porque são vítimas da guerra, ou porque são filhos de um país deserdado pela

natureza. A Assistência Médica Internacional (AMI) surgiu para minimizar os problemas dessas pessoas que morrem à fome, que são mal nutridas, que estão sujeitas aos mais variados

tipos de doenças.

Fundada em 5 de Dezembro de 1984, pelo urologista Fernando Nobre, ex-membro dos Médicos Sem Fronteiras, a AMI tem desenvolvido desde então acções em S. Tomé e Príncipe, Guiné-Bissau, Cabo Verde e Índia. A próxima meta será Angola, Moçambique e Zaire.

Ao fim de seis anos, Fernando Nobre faz um balanço positivo. «Até hoje passaram 150 profissionais de saúde portugueses pelas missões da AMI. Infelizmente, o nosso problema reside mais no relacionamento entre as pessoas destacadas para os diversos locais do que, propriamente, com medicamentos ou outros materiais necessários à nossa intervenção. Com mais ou menos burocracia, com algumas dificuldades, nós vamos superando os obstáculos que nos vão surgindo. Mas, os problemas no relacionamento humano são difíceis de solucionar».

«Independentemente de tudo isso, as nossas acções parecem estar no bom caminho. No próximo dia 22 partem para a ilha de Santo Antão, em Cabo Verde, mais duas enfermeiras. Em relação a Angola, o pedido feito pela Secretaria de Estado da Saúde está agora dependente das conversações entre os governos de Luanda e Portugal. Os médicos cubanos que permaneciam em Angola foram retirados em massa e este país viu-se obrigado a pedir auxílio a outros, entre eles, ao nosso, e à AMI. Em Moçambique será instalada uma missão na província de Nampula. As negociações estão a decorrer e espero que tudo se resolva pelo melhor», acrescentou Fernando Nobre.

Falta estatuto de cooperação

As autoridades caboverdianas consideram insuficiente o tempo de permanência dos profissionais de saúde que se deslocam ao seu país. «Eu aceito essa crítica, até porque já a ouvi, pes-

soalmente, várias vezes. É um facto que seis meses é um tempo muito curto para qualquer médico ou enfermeira se adaptar à realidade de um país. Mas é uma situação que não depende da AMI. Até agora, o Ministério da Saúde tem respeitado os compromissos que tem conosco. Só que, há muito que lutamos junto do secretário de Estado da Cooperação e do próprio ministro da Saúde (já cheguei, inclusivamente, a escrever uma carta ao primeiro-ministro) no sentido de ser criado um estatuto de cooperação, que permita que os profissionais de saúde possam permanecer mais tempo nas suas missões. A CEE dá dois anos para este tipo de missões e em Portugal é preciso lutar para conseguir mais algum tempo», diz Fernando Nobre.

Integrada nas Associações Não Governamentais (ONG) portuguesas, a AMI é das poucas instituições humanitárias existentes em Portugal com capacidade de acorrer a diversas solicitações provenientes dos países mais necessitados. O seu principal objectivo é «dar o melhor apoio médico à pessoa humana, sem distinção de raça, credo religioso, ou ideologia política». Conta neste momento com 750 filiados e recebe os apoios da CEE, Ministério da Saúde, Ministério dos Negócios Estrangeiros, Estado-Maior do Exército, Estado-Maior da Força Aérea, Fundação Calouste Gulbenkian, TAP, firmas comerciais, entre outros.

Há dois anos, a AMI instalou a sua missão na capital caboverdiana. A precariedade do sistema de Saúde da jovem república africana levou os seus responsáveis a

No fim da consulta, os cabo-



Enquanto o paludismo foi erradicado

Sida está sob controlo

O ministro da Saúde, Trabalho e Assuntos Sociais, Irineu Gomes, descreveu ao «Diário de Lisboa» a actual situação da Saúde em Cabo Verde e falou do papel que a AMI tem desempenhado neste país.

Em relação a esta última questão, Irineu Gomes considerou que «a participação da AMI tem sido bastante positiva», acentuando, no entanto, «um pequeno pormenor» que, segundo disse, gostaria de ver melhorado. «Refiro-me ao tempo de permanência dos profissionais. No início vinham por um período de dois meses, agora já vêm por seis». É preciso, no entanto, mais tempo. De facto, «quando começam a conhecer a realidade sócio-cultural do país, vão-se embora. Estamos em negociações com a AMI para solucionar esta questão e esperamos vir a ter sucesso. Inclusivamente, algum do pessoal cá destacado já manifestou o seu interesse numa permanência maior», sublinhou o governante.

Acrescentou: «A AMI tem sido bastante ágil a responder às nossas solicitações. Embora sem muita expressão, temos recebido dela algum material. Os próximos anos irão ser bastante importantes para nós e continuaremos a contar com o apoio da AMI».

Com respeito à primeira questão, o ministro Irineu Gomes afirmou que «de uma maneira geral, pode-se considerar a situação sanitária de Cabo Verde satisfatória tendo em conta o estágio de desenvolvimento socioeconómico do país, bem como o curto espaço de tempo que temos como país independente».

«Sabemos que à data da independência, com a saída dos portugueses que trabalhavam aqui, sobretudo médicos militares, ficámos desfalcados quer em quantidade quer em qualidade».

«Fizemos recentemente a análise do relatório das actividades de 1989 e, para nossa satisfação, constatámos que a taxa de mortalidade infantil está em 45,5».

«Um outro aspecto importante como indicador de saúde são os 75,1 por cento de crianças com menos de um ano de

idade que foram vacinadas através de um programa alargado, o que conduziu à quase desapareição de doenças como a poliomielite, a tosse convulsa, e a difteria. Não se registou também nenhum surto de sarampo», sublinhou.

Este membro do governo caboverdiano chamou a atenção para «a redução progressiva, durante 1989, dos casos de paludismo. Estes ficaram limitados a um único concelho do país».

Educação sobre Sida

Quanto ao problema da sida, Irineu Gomes disse que a doença mereceu muita atenção das autoridades, «através não só de despistes a toda a população bem como da conjugação do nosso programa de educação sexual familiar integrado na saúde pública. Não só fazemos a prevenção do HIV-2, o vírus que existe em Cabo Verde, como também educamos os jovens, sobre uma paternidade que lhes pertence».

«Neste momento podemos dizer que ainda temos muitos estrangulamentos, porque a quase totalidade da assistência médico-sanitária é feita através do Orçamento Geral do Estado. Na última sessão da Assembleia Nacional Popular foi aprovada a lei de bases da Saúde, que está a ser regulamentada, e através da qual foram dadas possibilidades ao sector cooperativo e privado».

Estamos optimistas que estes dois sectores venham a ser grandes concorrentes complementares do sistema público de Saúde. Contudo, há que ver se um país com uma renda *per capita* como o nosso vai beneficiar com essa complementaridade», disse.

Grande parte do Orçamento Geral do Estado vai para a Saúde, sector que representa um dos maiores problemas de Cabo Verde.

O ministro sublinha o facto de «ser necessário ter em conta que a Saúde é cara no nosso país por várias razões, entre as quais a de expressão geográfica das ilhas, o que nos leva a multiplicar as

infra-estruturas sanitárias, o número de técnicos de todos os níveis. Esta dificuldade é acrescida pela orografia bastante difícil das ilhas. Em determinadas regiões, muito montanhosas, temos de construir estruturas sanitárias a menos de um quilómetro de distância umas das outras. Criar estruturas centrais em todas as ilhas é impensável. Por isso temos um hospital principal na Cidade da Praia e outro no Mindelo, em S. Vicente. Conseguimos criar 12 centros de saúde com laboratórios de análises clínicas, em alguns deles com serviços de radiologia, com internamento, urgência, pediatria e maternidade. Temos ainda 26 postos sanitários sob a responsabilidade de enfermeiros, supervisionados pelos delegados de saúde dos centros de saúde, 55 unidades sanitárias de base, que têm uma acção meramente preventiva».

O passado e o presente

Comparando o passado com o presente, Irineu Gomes referiu que «no dia da independência, a 5 de Julho de 1975, Cabo Verde tinha dez médicos e o único especialista era eu. Hoje devo dizer que já temos 73 médicos nacionais e muitos deles especializados e contamos com a colaboração de 39 médicos estrangeiros, sendo todos especialistas, de uma maneira geral. Temos de depender da cooperação para deixarmos de depender da cooperação. Em termos de pessoal paramédico, dispomos neste momento de 205 enfermeiros, o que é muito pouco para cobrir as ilhas todas. Por isso, criámos duas escolas de enfermagem, uma em S. Vicente outra na Praia, para que possamos estar precavidos».

Como vai ser o futuro? «Há desafios nos próximos anos. Apesar de estarmos no fim do mandato, estamos a elaborar o terceiro plano nacional de desenvolvimento, para que o próximo governo encontre facilidades para continuar a desenvolver o país. É esse o nosso conceito de poder», conclui.

G.O.



Auto Monumental do Azeite
S.A.



CONCESSIONÁRIOS

AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6/7/8 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA



Os cabo-verdianos dirigem-se à farmácia do Centro de Saúde, onde lhes são fornecidos os medicamentos gratuitamente

solicitar a ajuda desta instituição. Hoje, a presença da AMI é considerada indispensável pelos próprios médicos caboverdianos.

No hospital Agostinho Neto, encontra-se, neste momento, a enfermeira Nazaré Santos, cumprindo mais uma missão de seis meses. Esta profissional tivera já uma experiência deste tipo, na Guiné-Bissau.

«Quando cheguei à Praia notei uma grande diferença. As maiores dificuldades não estavam nas infra-estruturas, mas sim no orgulho deste povo.

No hospital Agostinho Neto, a minha função é formar pessoal de enfermagem. Mas é preciso saber fazê-lo, é necessária alguma subtilidade para que as pessoas não se sintam ofendidas. A

acumular a esta minha função estou na escola de enfermagem, onde lecciono», salientou Nazaré Santos.

Tarrafal, hoje

Em tempos foi o local mais indesejável. Era o campo da «morte lenta». Chamavam-lhe a Colónia Penal do Tarrafal. Hoje restam as paredes e as celas degradadas daquele malfadado presidio. Quem lá vai agora, trás as recordações de uma vila igual a tantas outras, com os mesmos problemas, os mesmos obstáculos por ultrapassar.

Também aqui a saúde é um problema. O posto sanitário local foi ampliado, remodelado e é agora um Centro de Saúde com 29 camas e com os serviços de medicina geral, maternidade e pediatria.

Mais uma vez a presença

da AMI foi solicitada. Conceição Gomes, médica dos Hospitais Cívicos de Lisboa, encontra-se lá, igualmente por seis meses.

«Não encontrei grandes diferenças relativamente ao meu trabalho em Portugal. A missão tem estado a ser positiva. Não sabia o que vinha encontrar aqui. Sentia-me predisposta para enfrentar qualquer situação. Em relação aos problemas de saúde, não se têm registado casos graves de patologias tropicais. Há sim tuberculose e hipertensão», disse-nos a médica.

Com o empenho dos profissionais de saúde que aderiram a estas missões, a Assistência Médica Internacional continuará a ajudar os povos que lutam por uma vida digna.

Gisela Oliveira

Em Pedra Badejo

Doenças diarreicas são o principal problema

Pedra Badejo é uma pequena vila no interior da ilha de Santiago, a cerca de 32 quilómetros da cidade da Praia. Foi para lá que o dr. Fernando Nobre destacou mais uma missão da AMI.

Com cerca de 30 mil habitantes, esta vila sobrevive do esforço daqueles que se dedicam à pesca e à agricultura. Também aí a seca constitui um grande obstáculo a vencer para garantir condições dignas de vida. Todos os momentos são importantes no dia-a-dia de cada ser humano. A falta de formação e higiene são as grandes causas das principais doenças. Naquela manhã, o Centro de Saúde estava repleto de doentes que aguardavam pacientemente pela sua vez. Depois da consulta eram-lhes fornecidos os medicamentos, juntamente com a recomendação de que tinham de ser tomados.

O delegado deste centro, dr. Júlio Andrade, cidadão caboverdiano formado pela Faculdade de Medicina de Lisboa, regressou a Cabo Verde para servir os mais necessitados, na pequena vila de Santiago. Em sua opinião, «a presença da AMI em Pedra Badejo tem sido positiva, se bem que as enfermeiras que temos tido estão habituadas a trabalhar em hospitais centrais e quando chegam aqui têm dificuldades de adaptação. Tal como acontece na província, em Portugal, também no interior de Cabo Verde as enfermeiras têm de ser polivalentes: muitas vezes são consultadas pelos doentes e vêm-se forçadas a medicá-los e nem todas estão aptas a fazê-lo. A enfermeira que está cá neste momento, Sarah Hamilton Santos, não tinha experiência de partos, por exemplo, o que era necessário. Suponho que o ideal seria termos enfermeiras que

tivessem tido experiência em hospitais de província, em Portugal».

Tentámos falar com Sarah Hamilton, mas não se mostrou «disponível» a prestar qualquer informação.

Gripe e diarreia

Quanto às doenças mais frequentes em Pedra Badejo, o médico Júlio Andrade salienta a gripe e as doenças diarreicas, que atingiram os 12,3 por cento. «Estes números referem-se aos últimos seis meses e as causas são a falta de higiene e a má nutrição, embora esta última não seja muito significativa», explicou.

A falta de recursos humanos representa uma grande dificuldade da região. «Neste Centro de Saúde somos dois médicos, três enfermeiras nacionais e a enfermeira da AMI. Não estou a prever que enviem brevemente mais um médico, e quanto a enfermeiros nacionais, só daqui a dois anos é que se verão os resultados, quando terminarem os cursos das escolas de enfermagem».

«Esta é uma questão que gostaríamos de ver resolvida. Seis meses é pouco tempo para qualquer pessoa se adaptar à realidade do país e ao sistema de Saúde. Penso que o ideal seria um ano», disse o médico. Uma reclamação que é vulgar por parte dos responsáveis pela Saúde de Cabo Verde.

O centro de Saúde de Pedra Badejo tem neste momento capacidade para dez camas e dois berços mas, segundo Júlio Andrade, «vão construir outro edifício junto a este com capacidade para mais dez camas».

G.O.

Hospital Agostinho Neto tem falta de espaço

O Hospital Agostinho Neto é uma das duas unidades de saúde centrais de Cabo Verde, debatendo-se com dificuldades resultantes do reduzido espaço de que dispõe. Neste momento o governo holandês está a cooperar com Cabo Verde para a ampliação e reestruturação do hospital.

A AMI presta, também aqui, um auxílio considerado importante. O dr. António Moniz, director do estabelecimento, esclareceu-nos que «a AMI só tem ajudado na parte de enfermagem. Nunca tivemos, nem precisamos, de médicos de clínica geral cedidos por aquela instituição humanitária. Se tivessem especialistas, tudo seria diferente. Mas, tanto quanto sei, não têm».

«No plano da enfermagem, o apoio que nos tem dado tem sido a nível da formação. Neste momento, se a AMI faltasse, nós não notaríamos diferença no trabalho do dia-a-dia, mas sim a nível da formação», sublinhou este responsável.

O orgulho aludido pela enfermeira Nazaré Santos que detecta nas pessoas e que constitui uma barreira à aprendizagem é explicado pelo dr. António Moniz: «Bom, temos de andar um pouco para trás. Por altura do 25 de Abril, tal como em Portugal, houve as passagens administrativas. Em Cabo Verde decidiu-se acabar com os auxiliares de enfermagem, pessoas que tinham só a 4ª classe ou o ciclo. Elas passaram, administrativamente, a enfermeiros, fazendo antes uma reciclagem de seis meses. Hoje reconhecemos que esse foi um grande erro. Entretanto, essas pessoas, agora, não têm a humildade de dizer que não sabem fazer as coisas e então recusam-se a aprender. A solução é passá-las à reforma, dizendo-lhes que já foram muito úteis, mas que agora estão ultrapassadas. Portanto, não é bem como a enfermeira Nazaré diz. Elas não insistem em não querer aprender. Não têm é a humildade para dizerem que não sabem».

Em Cabo Verde, os cidadãos não gastam dinheiro nenhum com a Saúde, até porque o seu poder de compra é muito baixo. Contudo, segundo o director do hospital, «tencionamos aplicar uma taxa que as pessoas terão de pagar para o ano, porque o país, realmente, não aguenta se continuar com o sistema que tem tido até agora».

Mais nacionais

Actualmente, o número de médicos caboverdianos que exercem funções no hospital é superior ao de estrangeiros. «Temos cerca de 40 médicos, dos quais 23 nacionais», esclarece. E acrescenta: «Na altura da independência, só tinha três médicos e com as mesmas estruturas. Era de facto extremamente difícil funcionar assim. As coisas agora melhoraram significativamente, numa primeira fase com o apoio da cooperação estrangeira e actualmente com alguns quadros nacionais».

Há três anos que Cabo

Verde dispõe de um plano de Saúde, que contempla designadamente as consultas suplementares. Segundo o director do Hospital Agostinho Neto, «a experiência tem estado a ser bem sucedida». Aquele tipo de consultas implica «a utilização do hospital como estabelecimento de medicina semiprivada». Explica: «Um médico trabalha até as 18 horas, por exemplo, e a partir dessa hora utiliza o hospital como se fosse o seu consultório, com todas as estruturas. O paciente paga como se estivesse num consultório privado. Uma percentagem vai para o médico, outra para o pessoal auxiliar e outra ainda para o hospital».

Muita coisa mudou desde a independência, mas ainda há muito por fazer. «Antes do 25 de Abril, o hospital era para as pessoas virem morrer e esse espírito ainda subsiste hoje, se bem que com a formação das pessoas isso não se verifique tanto. Em 1989 tivemos mais de seis mil pessoas internadas, o que é significativo, e atendemos 52

mil no banco de urgência. Isto dá uma noção do número de pessoas que já estão mais sensibilizadas para procurarem os médicos. Mas ainda não chegámos à fase pessoas virem só para fazer o controlo e saberem se está tudo bem», explicou.

Estrutura bem montada

A sida é um problema real e preocupante. «A estrutura que temos de combate a esta doença está bem montada, porque tivemos a felicidade de termos o apoio de uma das médicas que esteve na base da descoberta do HIV-2 no mundo inteiro. Ela vem periodicamente a Cabo Verde, montou-nos o laboratório e em 1987 éramos autónomos, relativamente à execução das análises. Estamos a estudar, neste momento, a transmissão mãe-filho. Actualmente não temos nenhum doente internado com sida. O último que tivemos foi em Novembro. O balanço a nível nacional atinge os 25 doentes com sida, dos quais 16 já morre-

ram», afirma o director do hospital.

Em relação à despenalização do aborto, Cabo Verde possui uma legislação avançada. nesse sentido. Segundo António Moniz, «o aborto é voluntário. Basta vir ao hospital e dizer que se quer interromper a gravidez e não há qualquer impedimento. A burocracia é praticamente inexistente. Resume-se a um exame médico, do qual sai um relatório indicando o tempo de gestação (nós só interrompemos até à 12ª semana), fazem-se alguns exames e passa-se à interrupção. No ano passado fizemos cerca de 400 abortos, a maioria a raparigas numa faixa etária dos 20 a 25 anos».

O responsável conclui que com isto não quer dizer que as autoridades caboverdianas defendem o aborto, «embora não sejam contra. Tudo passa pelo planeamento familiar. Só que as situações acontecem e nós temos que solucioná-las».

G. O.

Dirigente da CAP condena efeitos químicos nocivos

O presidente da Confederação dos Agricultores de Portugal (CAP) disse ontem, em Lisboa, que «a incorporação sistemática de adubos, pesticidas e hormonas», nas culturas agrícolas, «não promove a qualidade» dos produtos.

Rosado Fernandes falava no decorrer das primeiras Jornadas Nacionais para a Qualidade Alimentar, organizadas pela Associação Portuguesa para a Qualidade (APQ), que se iniciaram ontem e terminam hoje.

O dirigente da CAP sublinhou, por outro lado, que a intensificação das culturas agrícolas pode «diminuir a qualidade da produção».

«A agricultura biológica é uma jovem técnica de produção que além de assegurar a qualidade dos produtos, introduz ainda a qualidade do ambiente», sublinhou o presidente da confederação.

Contudo, no seu entender, não permite defender «o rendimento da generalidade dos agricultores», que ao serem obrigados a vender a preços mais altos, «não conseguem penetrar nos grupos de consumidores com menores disponibilidades financeiras».

Para os organizadores, esta iniciativa pretende promover «uma intensa troca de impressões e experiências de extrema oportunidade» face à integração plena de Portugal no Mercado Único Europeu, prevista para 1993.

O ministro Fernando Real revelou que a questão do Campo de Tiro de Alcochete pode ter uma solução em breve. Domingo, Dia da Terra, realiza-se aí uma grande concentração contra o alargamento da área militar

Ambiente e Defesa tentam conciliação

O ministro do Ambiente e Recursos Naturais disse ontem que o Plano Nacional para Protecção do Ambiente está a ser implementado em bom ritmo. Fernando Real, que falava numa conferência de Imprensa, anunciou que após um prolongado diálogo com o Ministério da Defesa Nacional se acordou que todas as resoluções a tomar sobre o Campo de Tiro de Alcochete terão de ser coordenadas com os interesses da defesa do ambiente.

O ministro referiu ainda que uma comissão paritária de cinco responsáveis do Ambiente e da Defesa Nacional se deverão deslocar em breve à Inglaterra para visitarem cinco parques nacionais onde as forças armadas daquele país têm áreas de paisagem protegida.

O encontro com os jornalistas teve como pretexto o «Dia da Terra» se vai celebrar no domingo e o «Dia Mundial do Ambiente» que se comemora a 5 de Junho. Refira-se, a propósito, que se realiza no domingo uma série de manifestações junto ao campo de Tiro de Alcochete, contra o seu alargamento. As iniciativas partem de diferentes organizações ecológicas.

«O Ministério do Ambiente, considerando que os temas em foco são por demais importantes, entendeu realizar entre estas duas datas, que estão interligadas, um maior número de actividades e descentralização das mes-

mas, apelando à participação das populações», referia o comunicado distribuído na altura.

O ministro do Ambiente disse que «a década agora iniciada enfrenta grandes problemas ambientais».

Há uma grande preocupação em tomar medidas legislativas e económicas, de forma a podermos enfrentar as questões do ambiente».

A destruição da camada de ozono, o efeito de estufa, a desertificação dos solos, a florestação e as espécies em vias de extinção são alguns dos atentados à Natureza que preocupam o ser humano.

Segundo o ministro, «a Noruega, Dinamarca, Holanda, Irlanda e Estados Unidos da América são alguns dos países que já possuem programas definidos sobre as medidas a tomar em relação ao grave estado do ambiente».

«Portugal não tem a gravidade dos problemas ambientais, tal como outros países. Nós não temos problemas de poluição, como têm a Holanda ou a Bélgica, por exemplo. Temos é que tomar medidas preventivas», garantiu Fernando Real.

Por força desta orientação, o Instituto Nacional do Ambiente apresenta um programa que se iniciou com a campanha «O tráfego, a poluição atmosférica e o ruído», a decorrer na zona de Évora. Para além disso,

está patente no Centro de Exposições do MPAT, até ao dia 24 do corrente mês a exposição «O rio Minho» e no próximo dia 21 realiza-se uma mesa redonda sobre o «Movimento de defesa do ambiente em Portugal - ontem e hoje», no Palácio Foz.

Para o dia 11 de Maio está agendada uma palestra sobre «Pedagogia da educação ambiental» e de 17 a 19 desse mesmo mês realizar-se-á um seminário internacional sobre «O direito dos cidadãos à informação sobre ambiente», a decorrer na sala do Senado da Assembleia da República.

Em Junho salientam-se os dias 2 e 3 e a realização de uma conferência acerca de «O desenvolvimento integrado do Estuário do Tejo», no auditório da FIL.

O dia 5 daquele mês contará com a entrega de alguns prémios referentes a actividades realizadas ao longo deste período e com o encerramento oficial das comemorações.

A concluir, o ministro Fernando Real referiu que «este programa vai contribuir para uma melhor informação dos valores ambientais que é necessário preservar para que, não só as gerações presentes possam ter uma qualidade de vida digna, em harmonia com a Terra, como as gerações futuras possam igualmente usufruir de condições que lhes permitam um ambiente saudável».

CARTA ABERTA

AOS ORGÃOS DE SOBERANIA, À OPINIÃO PÚBLICA

A signatária, ao tomar conhecimento do processo em curso tendente ao alargamento do actual Campo de Tiro de Alcochete, considera ser seu dever, em nome do que se entende serem os mais profundos anseios e direitos do povo português, manifestar publicamente nos termos abaixo discriminados a seguinte posição sobre tal projecto.

1. a Reserva Natural do estuário do Tejo — integrada na rede internacional de migrações de aves — constitui um dos mais importantes ecossistemas existentes em território nacional e está, nessa medida, protegida, além da legislação nacional, por convenções internacionais subscritas pelo nosso país e que obrigam o Estado Português a defendê-la e a promover o seu desenvolvimento. Uma instalação com as dimensões previstas para o alargamento do Campo de Tiro, nas imediações deste delicado ecossistema (cerca de 2 Km), destruí-lo-ia irremediavelmente e exporia o Estado Português à crítica generalizada da opinião pública internacional;

2. o alargamento do Campo de Tiro de Alcochete, numa primeira fase para mais de 8 mil hectares — admitindo-se implicitamente a possibilidade de expansão, numa segunda fase, até aos 20 mil hectares — condiciona negativamente o desenvolvimento de uma vasta região de forte vocação turística e com excelentes condições pecuárias e agrícolas. A riqueza dos lençóis aquíferos nesta área é reconhecida internacionalmente. Com o alargamento seriam retirados à produção agrícola mais de 6 mil hectares, numa primeira fase, e 18 mil hectares na segunda, e irremediavelmente prejudicados largo número de agricultores. A intenção já afirmada de desenvolver a florestação da área do Campo e envolventes, atigura-se contraditória com a actividade do

Campo de Tiro pelos perigos evidentes de incêndios em larga escala. O Campo de Tiro de Alcochete alargado para 8 mil hectares distará em linha recta de Lisboa escassos 20 Km, pondo em causa a segurança de populações estimadas em mais de 3 milhões de pessoas;

3. no momento em que se procede ao arranque da elaboração do Plano Regional de Ordenamento do Território e está em curso a Operação Integrada para o Desenvolvimento da Península de Setúbal, com forte participação financeira da Comunidade Económica Europeia; existindo, por força do trabalho associado das autarquias locais do distrito de Setúbal, um instrumento fundamental de planeamento da região como o Plano Integrado de Desenvolvimento do Distrito de Setúbal; estando em preparação o projecto de instalação das redes de canalização de gás natural de Braga a Setúbal, redes que, de acordo com os estudos existentes, atravessam pelo meio o actual Campo de Tiro, é no mínimo incompreensível que se persista num projecto que inviabilizará todos aqueles estudos e empreendimentos;

4. do ponto de vista estrito da defesa nacional é dificilmente justificável a pretensão de instalar em Portugal, um pequeno país europeu e numa área económica e ecologicamente tão sensível, um dos maiores campos de tiro da Europa, tanto mais que países como a RFA têm estado a eliminar do seu território instalações análogas devido aos graves inconvenientes ambientais; a intenção, já por diversas vezes manifestada, de rentabilizar o investimento a fazer no alargamento das instalações do Campo de Tiro através da sua utilização, em não pequena escala, por forças armadas de outros países, revela-se a este propósito, e no contexto em apreço, profundamente contrária aos interesses nacionais; acresce que o actual estado

das relações internacionais marcado por importantes progressos nos vários domínios das negociações de desarmamento propicia a distensão e desanuviamento e não o contrário;

5. Entende-se, por fim, que um projecto com toda esta complexidade e tão graves implicações deveria ser objecto de um alargado debate público nacional realizado a partir de um sério e amplo estudo de impacte ambiental elaborado à luz das directivas da Comunidade Económica Europeia e tendo como um dos principais interlocutores as autarquias mais directamente abrangidas, designadamente os Municípios de Alcochete, Benavente, Montijo e Palmela. Tal foi, aliás, realçado no documento de conclusões do VI Congresso da Associação Nacional de Municípios Portugueses (ANMP), realizado recentemente em Cascais, quando aí se diz que «se tenha em conta que determinados equipamentos e instalações, designadamente Campos de Tiro e Centros Militares, a evitar construir tanto quanto possível, podem causar graves transtornos ao bem estar e segurança das populações devendo ser tidos em consideração os pareceres das respectivas autarquias locais».

Esta conclusão adquire particular acuidade em face da posição até ao momento assumida pelo governo e, muito em particular, por Sua Excelência o Primeiro Ministro que se tem recusado a receber representantes eleitos das populações de quatro municípios.

Tendo presente as considerações atrás feitas, a signatária manifesta-se contra o alargamento do Campo de Tiro de Alcochete e promove a acção de dia 22 de Abril — DE MÃOS DADAS DO MONTIJO A ALCOCHETE.

Coordenadora
«Contra o Alargamento do Campo de Tiro de Alcochete e pela Defesa da Paz e da Reserva Natural do Estuário do Tejo».

Transportes para o MONTIJO 22 de Abril

do distrito de LISBOA

De colaboração com a Câmara Municipal de Lisboa, o Conselho Português para a Paz e Cooperação organiza um barco/cacilheiro especial com a partida às 9.15 horas do Cais do Terreiro do Paço (barco do Montijo) e regresso às 18.15 horas.

Os interessados devem contactar o CPPC — Conselho Português para a Paz e Cooperação, Rua Rodrigo da Fonseca, 56 - 2º, 1200 LISBOA, Telef. 563375; USL — União dos Sindicatos de Lisboa, Rua S. Pedro de Alcântara, 63, 2º, 1200 LISBOA, Telef. 3474964.

do distrito de SETÚBAL

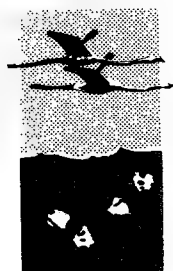
Em Almada, Barreiro, Grândola, Moita, Palmela, Seixal e Sines, contactar Câmaras Municipais (Gabinetes de apoio à Presidência); Setúbal, contactar com MDM (065) 39902.

do distrito de SANTARÉM

Em Benavente e Santarém, contactar Câmaras Municipais. As Câmaras Municipais de Almeirim, Barquinha e Constança também apoiam esta acção.

ORGANIZAÇÃO
Coordenadora «Contra o Alargamento do Campo de Tiro de Alcochete e pela Defesa da Paz e da Reserva Natural do Estuário do Tejo».
APOIO
Câmara Municipal de Vila Franca de Xira

CONTRA
O ALARGAMENTO
DO CAMPO
DE TIRO
DE ALCOCHETE



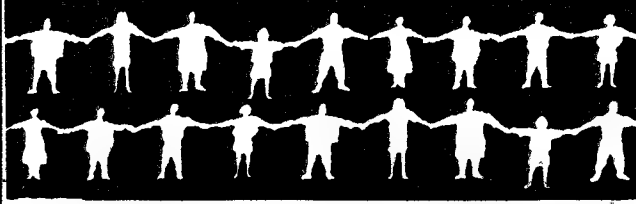
PELA
DEFESA DA PAZ
E DA RESERVA
NATURAL
DO ESTUÁRIO DO TEJO

*De mãos dadas
do Montijo a Alcochete*

MARCHA A PÉ FORMANDO CORDÃO HUMANO

22
ABRIL
DOMINGO

CONCENTRAÇÃO 10.00 H. PRAÇA DA REPÚBLICA (MONTIJO)



QUOTIDIANO

O novo ministro das Obras Públicas, Ferreira do Amaral, começa a receber a polémica herança do seu antecessor, Oliveira Martins, nomeadamente a relativa à construção de estradas. O Algarve reabre o processo da Via do Infante e associações ecológicas acusam o Governo de ter mentido à CEE sobre o lanço de estrada do Norte, Torres Novas-Fátima. Ambos os casos poderão subir ao Tribunal de Justiça da CEE

Ecologistas acusam Governo de ter mentido à CEE

As principais associações ecologistas acusam o Governo de «prestar declarações falsas» à Comissão das Comunidades, ao afirmar que «tinham sido tomadas as medidas necessárias para respeitar as normas comunitárias», no que diz respeito ao troço Torres Novas-Fátima, da auto-estrada do Norte.

Estas informações do Governo respondiam ao inquérito da CEE, suscitado por uma queixa apresentada por aquelas associações (Liga para a Protecção da Natureza, o GEOTA e a Associação Nacional de Conservação da Natureza) contra o Estado Português, por incumprimento de normas comunitárias e de compromissos assumidos no âmbito do Programa Corine, em relação àquele lanço. Esse incumprimento diz respeito à falta de um estudo de impacto ambiental sobre o Parque Natural das Serras de Aire e Candeeiros.

Dadas aquelas falsidades, as associações «solicitam mais uma vez à Comissão que suspenda imediatamente os financiamentos comunitários ao sub-lanço Torres Novas-Fátima» e alerta a CEE «para que encare com a máxima suspeita qualquer comunicação do Governo português sobre esta matéria, dada a



A construção de auto-estradas e de vias rápidas está tornar-se muito polémica

má-fé até hoje demonstrada», comportamento que atribui «ao empenho de receber fundos comunitários a qualquer preço».

Ao contrário das informações prestadas pelo Governo a Bruxelas, as associações afirmam que os impactos ambientais não foram estudados antes da construção da auto-estrada; que esse estudo de impacto não foi realizado; que não foram tomadas as necessárias medidas de protecção do ambiente; que não foi previsto o total tratamento das escorrências da auto-estrada para evitar a

poluição hídrica; que os estudos de migração da fauna do Parque Natural só começaram a ser feitos, depois da estrada quase concluída.

Grandes máquinas de aterro e explosões de dinamite estão a destruir parte do Parque Natural. Este Parque alberga o maior conjunto de grutas calcárias, de que as mais conhecidas são as de Mira de Aire e de Alvados. As associações dizem que algumas delas estão a ser atulhadas.

Segundo nos esclarece Joanaz de Melo, dirigente da Liga para a Protecção da

Natureza, o que está em causa é não só as grutas, que constituem uma riqueza arqueológica única, mas a qualidade das águas que as percorrem e que alimentam alguns cursos, nomeadamente o Alviela, onde se faz captação para consumo doméstico em Lisboa. Explica-nos que, ao contrário de outras formações, as calcárias não filtram as águas espúrias que escorrem da superfície.

Em relação às grutas, Joanaz de Melo diz-nos que se destrói uma formação geológica, que levou milhões de anos a formar-se e não seremos capazes de reconstruir. Ele critica o facto da auto-estrada, ao atravessar o Parque Natural, criar aquilo que se chama um «efeito de fronteira», uma parede intransponível para mamíferos, répteis e anfíbios. Da fauna do Parque destacam-se espécies raras como a gralha de bico vermelho, os ginetes e raposas.

O que é que leva o Governo a insistir em traçados que, por toda a parte, estão a levantar protestos, nuns casos porque destroem riquezas e não contribuem para o desenvolvimento mais equilibrado das regiões, noutros porque são causa de graves atentados ecológicos?

Adelino Cardoso

Funcionários agitam quinze cidades

O sindicato dos trabalhadores da administração local (STAL) iniciou, ontem, uma «jornada de luta descentralizada», com iniciativas em 15 cidades, noticiou a Lusa. A jornada incluiu vigílias, concentrações, reuniões e acções de sensibilização da opinião pública, assim como uma greve de duas horas em Évora. O STAL promoveu manifestações em Lisboa, Aveiro, Beja, Braga, Castelo Branco, Coimbra, Évora, Faro, Leiria, Porto, Setúbal e Viana do Castelo.

Descobrimientos no Brasil

As comemorações dos 500 anos do descobrimento do Brasil começam, ontem, em Porto Seguro com a celebração do «Dia do Índio». No próximo dia 21, o embaixador de Portugal, Leonardo Mathias, receberá, no Paço Municipal o título de «cidadão português», conferido pela câmara de vereadores, sob proposta do prefeito José Ubaldino Alves Pinto, que deste modo quis simbolizar, no representante português, a colaboração dos nossos compatriotas nas comemorações da descoberta do Brasil.

Greve nos CTT

Os trabalhadores dos CTT iniciaram, dia 30, uma «semana de luta» que culmina com a greve de dois dias, a 3 e 4 de Maio, anunciou ontem o Sindicato das Telecomunicações dos CTT.

Direcção Operacional de Distribuição Tejo



AVISO AOS CONSUMIDORES

No próximo domingo será interrompida, durante as horas abaixo indicadas, a corrente eléctrica nos seguintes Sectores e Zonas, onde é indispensável efectuar trabalhos de ampliação e conservação das nossas redes.

Para todos os efeitos, as instalações devem ser consideradas em carga.

CENTRO DISTRIBUIÇÃO LISBOA

— Concelho de Lisboa
Sector 1
Largo da Boa-Hora, Calç. da Boa-Hora, R. Guarda Jóis, Trav. Moinho Vento, Escadas do Mirador, R. Machado, R. do Mirador, R. Nova do Calhariz, R. D. Vasco, R. dos Quarteis, R. do Cruzeiro, Trav. dos Fornos, R. José Magro, R. D. João de Castro, R. Eng. António Maria Avelar e imediações. (das 8 às 12 horas)

CENTRO DISTRIBUIÇÃO OESTE

— Concelho da Amadora — Zona 1 — Amadora: Av. Elias Garcia, R. Gil Vicente, Av. da República, R. da Ponte, Pc. de Angola, R. de Angola, Praceta de Diu, Praceta de Damão, Av. D. Nuno Álvares Pereira, Praceta de Goa e imediações. (das 8 às 14 horas)
— Concelho de Cascais — Zona 2 — Alcáideche: EN 9 (parte), Av. Bombeiros Voluntários, R. Guilherme Gomes Fernandes e imediações. Cascais: (Bairro Assunção) R. Eng. D. António Castelo Branco, praceta projectada à Rua Eng. D. António Castelo Branco e imediações. (das 8 às 14 horas)
— Concelho de Sintra — Zona 3 — Anços. Cacém: R. Elias Garcia (parte), R. 5 de Outubro, R. D. Maria II, R. Marquês de Pombal, R. Ribeiro de Carvalho, R. do Olival, R. Domingo Jardo, R. Vale Mourão, Estrada de Paço d'Arcos, R. de Angola e imediações. Idanha: Av. Infante D. Henrique, Beco João da Nora, Beco Forno da Cal e imediações. Montelavar: R. 25 de Abril, EN 9 (parte), R. do Rio Narciso e imediações. Pedra Furada. Pêro Pinheiro: EN 9, R. da Picaria e imediações. (das 8 às 14 horas)

CENTRO DISTRIBUIÇÃO VALE DO TEJO

— Concelho de Loures — Zona 4 — Fanqueiro, Sacramento, Barro, Qt.ª do Galo, St.ª Iria de Azóia, R. de Goa e imediações. (das 7 às 14 horas)
— Concelho de Vila Franca de Xira — Zona 5 — Povos (parte), Castanheira do Ribatejo (Bairro dos Desalojados, Caminho do Carril), Casal das Areias e Casal do Carrapito. (das 8 às 14 horas)

CENTRO DISTRIBUIÇÃO TORRES VEDRAS

Concelho de Torres Vedras — Zona 6 — Casal das Paradas, Casal Monte Bom, Casal das Vargas, Porto Novo, Santa Rita, Casal da Serra, Casal do Canto, Bombardeira, Póvoa de Penafirme e Santa Cruz (Urbanizações, Louribetão e Pliflor). (das 7,00 às 14,00 horas)

— Concelho de Cadaval — Zona 7 — Casais do Entrudo, Dargorda, Peral, Casal do Peral, Vale Canada, Casal Pinheira, Lameiras, Vermelha, Alto do Bacalhau, Cadaval e Vale Francas, Quinta de S. Francisco. (das 7,00 às 14,00 horas)

Recuperação do Parque Nacional da Gerês

Trezentos e cinquenta mil contos é a quantia prevista para a recuperação da área ardida no parque nacional da Peneda/Gerês, em Setembro do ano passado, revela um telex da Direcção Geral de Comunicação Social. Os trabalhos de reflorestação dos 2 mil hectares iniciar-se-ão ainda este ano. O estudo de recuperação da zona afectada pelo incêndio abrange a florestação das zonas ardidas, dando especial atenção aos aspectos geológicos e aos pontos mais significativos (Miradouros).

Congresso da LIFUCO

A Liga dos Futuros Concelhos (LIFUCO) vai realizar, amanhã, no Porto, o seu primeiro congresso, em que participarão cerca de 100 representantes de quase 20 freguesias que pretendem o estatuto de município. Poder local e municipalismo, a criação, extinção e modificações de municípios, o actual aparelho municipal e as razões e fins da LIFUCO são as teses a apresentar no congresso. A organização visa a revogação da lei quadro de municípios e consequentemente uma nova divisão administrativa do território português.

Lotaria Nacional

NUMEROS PREMIADOS

35 738 - 70 000 contos
49 240 - 12 000 contos
69 427 - 3 000 contos

APROXIMAÇÕES AO 1º PRÉMIO

35 737 - 750 000\$00
35 739 - 750 000\$00

APROXIMAÇÕES AO 2º PRÉMIO

49 239 - 350 000\$00
49 241 - 350 000\$00

APROXIMAÇÕES AO 3º PRÉMIO

69 426 - 157 250\$00
69 428 - 157 250\$00

PREMIOS DE 1 000 CONTOS

2 236; 25 327; 26 636; 29 229; 33 174; 35 183; 59 354; 60 413; 67 425 e 67 434.

PREMIOS AOS ALGARISMOS FINAIS

1 000 000\$00 - 1 362 Fracção nº 7
300 000\$00 - 738
60 000\$00 - 240
30 000\$00 - 427
15 000\$00 - 001; 207; 399; 402 e 610
7 000\$00 - 3 e 8

PREMIOS DE CENTENAS

20 000\$00 - 35 701 a 35 800
12 000\$00 - 49 201 a 49 300
10 000\$00 - 69 401 a 69 500

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN • SERVIÇO DE MÚSICA

14.º ENCONTROS GULBENKIAN DE MÚSICA CONTEMPORÂNEA

27 ABRIL A 12 MAIO

LISBOA

STOCKHAUSEN EM LISBOA

Uma ampla panorâmica da sua produção de compositor, mediante a apresentação de 32 obras criadas entre 1953 e 1986

ESPECTÁCULOS

Todos os espectáculos terão direcção de som e luz de KARLHEINZ STOCKHAUSEN

- Domingo, 29 / Segunda, 30 e Terça, 1, às 21.30 h, no CLAUSTRO DO CONVENTO DO BEATO (Rua do Beato, 44)

Sirius (música electrónica, trompete, soprano, clarinete-baixo e baixo)

Intérpretes: MARKUS STOCKHAUSEN / ANNETTE MERIWEATHER / SUZANNE STEPHENS / NICHOLAS ISHERWOOD

- Quinta, 3, às 18.30 h, no GRANDE AUDITÓRIO

Klavierstück V-VII-VIII (piano), **Schmetterlinge und der Vier Sterne** (flauta), **Klavierstück XIV** (piano), **In Freundschaft** (trombone) **Mondeva** (tenor e cor-de-basset), **Examen** (tenor, trompete, dança, cor-de-basset e piano)
Intérpretes: ELLEN CORVER / KATHINKA PASVEER / MICHAEL SVOBODA / SUZANNE STEPHENS / JULIAN PIKE / MARKUS STOCKHAUSEN / MICHÈLE NOIRET

- Sexta, 4, às 18.30 h, no GRANDE AUDITÓRIO

Eigang und Formel (trompete), **Klaviersstück III** (piano), **Der Kleine Harlekin** (clarinete), **Klavierstück IX** (piano), **Nasenflügelanz** (percussão e sintetizador), **Wochenkreis** (cor-de-basset e sintetizador), **Gesang der Jungelinge** (música electrónica), **Aries** (trompete e música electrónica)
Intérpretes: MARKUS STOCKHAUSEN / ELLEN CORVER / SUZANNE STEPHENS / SIMON STOCKHAUSEN / ANDREAS BOETTGER

- Sábado, 5, às 18.30 h, no GRANDE AUDITÓRIO

Zugenspitzenanz (flautim, dança, sintetizador, eufónio e percussão)

Oberlippentanz (trompete-piccolo), **Ave** (cor-de-basset e flauta-alto)

Tierkreis (clarinete, flauta e flautim, trompete e piano)
Intérpretes: KATHINKA PASVEER / JEAN-CHRISTIAN CHALON / SIMON STOCKHAUSEN / MICHAEL SVOBODA / ANDREAS BOETTGER / MARKUS STOCKHAUSEN / SUZANNE STEPHENS

- Domingo, 6, às 18.30 h, no GRANDE AUDITÓRIO

Xi (flauta), **Drachenkampf und Argument** (trompete, trombone, tenor, baixo, sintetizador, dança e percussão), **Vision** (tenor, trompete, dança, sintetizador e fita magnética), **Donnerstags-Abschied** (cinco trompetes ao vivo e em fita magnética)

Intérpretes: KATHINKA PASVEER / MARKUS STOCKHAUSEN / MICHAEL SVOBODA / NICHOLAS ISHERWOOD / JULIAN PIKE / SIMON STOCKHAUSEN / MICHÈLE NOIRET / JEAN-CHRISTIAN CHALON / ANDREAS BOETTGER

- Segunda, 7, às 18.30 h, no GRANDE AUDITÓRIO

Harlekin (clarinete) — esta obra terá uma introdução pelo compositor ao piano
Intérprete: SUZANNE STEPHENS

- Terça, 8, às 18.30 h, no GRANDE AUDITÓRIO

Traum-Formel (cor-de-basset), **Luzifers Traum** (baixo e piano), **Kathinkas gesang als Luzifers Requiem** (flauta e música electrónica)

Intérpretes: SUZANNE STEPHENS / ELLEN CORVER / NICHOLAS ISHERWOOD / KATHINKA PASVEER

- Quinta, 10, às 18.30 h, no GRANDE AUDITÓRIO

Inori (ritos de adoração, para três solistas de dança e música, e fita magnética)

Intérpretes: ELIZABETH CLARKE / KATHINKA PASVEER / ALAIN LOUAFI

- Sábado, 12, às 21.30 h, no GRANDE AUDITÓRIO

Telemusik (música electrónica), **Michaels Reise um die Erde** (versão solística para trompete e nove outros intérpretes)

Intérpretes: MARKUS STOCKHAUSEN / SUZANNE STEPHENS / LESLEY SCHATZBERGER / IAN STUART / MICHAEL SVOBODA / KATHINKA PASVEER / SIMON STOCKHAUSEN / MICHAEL OBST / ANDREAS BOETTGER / ISAO NAKAMURA

CONFERÊNCIAS

(em inglês) por KARLHEINZ STOCKHAUSEN

- Sexta, 27, às 21.30 h, no CLAUSTRO DO CONVENTO DO BEATO (Rua do Beato, 44)

«METAMORFOSE MUSICAL»

ilustrada com música ao vivo pelo trompetista Markus Stockhausen

- Quarta, 9, às 18.30 h, no AUDITÓRIO DOIS

«A ARTE PARA OUVIR»

ilustrada com música ao vivo pela clarinetista Suzanne Stephens

- Sexta, 11, às 18.30 h, no AUDITÓRIO DOIS

«COMPOSIÇÃO FORMAL EM MICHAELS REISE»

ilustrada com música ao vivo pelos dez intérpretes do concerto do dia 12, às 21.30 h

os espectáculos no Claustro do Convento do Beato têm o apoio da **Nacional** STOCKHAUSEN EM LISBOA tem o apoio da **Lufthansa**

OUTROS ESPECTÁCULOS

CONCERTOS

- Sexta, 11, às 21.30 h, no TIVOLI

ORQUESTRA GULBENKIAN

MICHEL TABACHNIK, maestro

SHARON COOPER, meio-soprano

CÂNDIDO LIMA: **Homena** / **ANTÓNIO CHAGAS ROSA**: **Três Gacelas** / **STOCKHAUSEN**: **Drei Lieder**

- Sábado, 12, às 17 h, na ESTUFA FRIA (Parque Eduardo VII)

QUARTETO CAPELA

JORGE VAZ DE CARVALHO, canto

JOLY BRAGA SANTOS: **Quarteto de Cordas n.º 2** /

MARIA DE LOURDES MARTINS: **Quarteto de Cordas n.º 2** / **ALEXANDRE DELGADO**: **Turbilhão**

CORO GULBENKIAN

JORGE MATTIA, maestro

STOCKHAUSEN: **Choral, Chöre für Doris, Atmen gibt das Leben**

PARQUE CALOUSTE GULBENKIAN

INSTALAÇÕES AUDIOVISUAIS

apresentadas por SIMON DESORGHER e LAWRENCE CASSERLEY (flautas, percussão e música electrónica)
Espectáculos com o seguinte horário:

- Sábado, 5 / Segunda, 7 / Terça, 8 / Quarta, 9 / e Quinta, 10

MÚSICA EM PAISAGEM DE COR

Das 16 h às 16.50 h

STOCKHAUSEN: **Spiral** / **DESORGHER**: **Chakras**

Das 17 h às 17.50 h

CASSERLEY: **Labyrinth** (obra inspirada na lenda de Teu-seu, Ariana e o Minotauro, interpretada com a colaboração da bailarina LOUISE TONKIN e de um grupo de crianças, alunos da Escola de Dança de Lisboa)

- Domingo, 6, e Sexta, 11, das 16.30 h às 18 h

ESCULTURA TUBULAR E A ESFERA GIGANTE

DESORGHER: **Serra da Arrábida, Music of the Spheres** / **CASSERLEY**: **Los Hijos del Sol** / **CASSERLEY-DESORGHER**: **Pandemonium**

com o apoio do BRITISH COUNCIL

PREÇÁRIO

Espectáculos no Grande Auditório Gulbenkian, Claustro do Convento do Beato, Tivoli e Estufa Fria:

Avulso — 500\$00

Assinatura (onze espectáculos) — 2700\$00

Espectáculos no Parque Calouste Gulbenkian:

— Instalação «Música em Paisagem de Cor»: 250\$00

— Instalações «Estrutura Tubular» e «A Grande Esfera»: entrada gratuita mediante senhas (em número limitado) em distribuição na bilheteira da Fundação Calouste Gulbenkian

Desconto de 50% em todos os espectáculos para jovens até aos 18 anos ou portadores de «Cartão Jovem», estudantes universitários até aos 25 anos, sócios da Juventude Musical Portuguesa e da Associação Portuguesa de Educação Musical

CALENDÁRIO DA BILHETEIRA

19 Abril — início da venda de assinaturas e bilhetes avulso para todos os espectáculos (as assinaturas estarão à venda até ao dia 26, inclusive)

apoio na divulgação

Rádio Comercial

COMPTON
Rádio da Manhã

CULTURA

Fernando Pereira no Estoril com novo espectáculo

O casino a seus pés

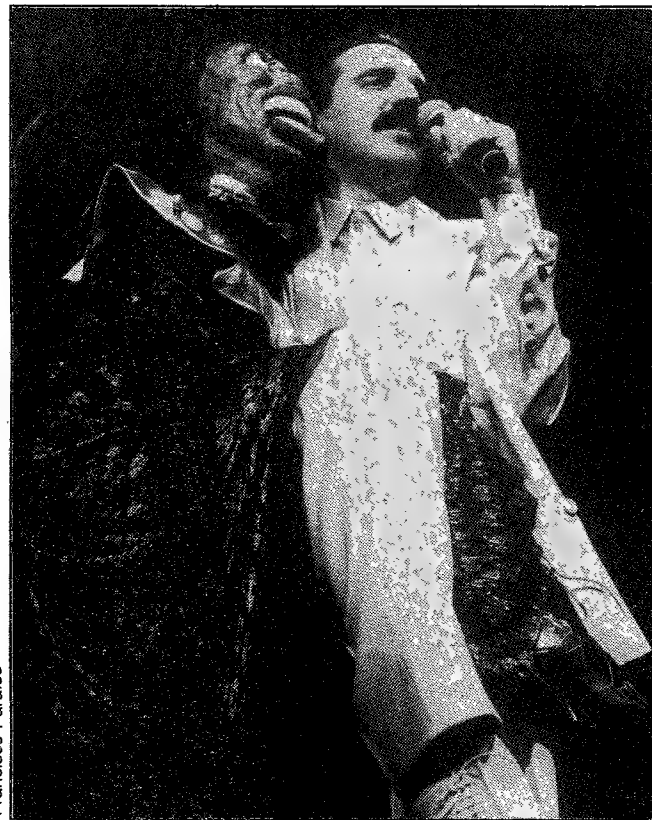
No princípio era a voz. Com aquele seu jeito tão especial para imitar as vozes mais díspares, Fernando Pereira suscitou - pelo menos - a partir da sua primeira aparição num programa da RTP, salvo erro o «Um, dois, três», a curiosidade do público.

Passaram alguns anos. Fernando Pereira opta por uma carreira profissional, inicia o percurso habitual dos espectáculos pelo País, instala-se por uns tempos num recinto do Parque Mayer, aparece de quando em vez na televisão, experimenta sucessivas formas de comunicação, ultrapassa eventuais falhas, enfim, evolui sempre.

Na noite de ontem, no Casino Estoril, Fernando Pereira jogava uma cartada muito difícil. Em nossa opinião, ganhou tudo o que havia para ganhar. Até porque lhe saíram os trunfos todos.

Para começar, este «Com Humor e Carinho» representa um notável salto (qualitativo) na vida do artista.

Trata-se dum espectáculo concebido em moldes inovadores, no qual Fernando Pereira revela ao público algumas particularidades até à data menos conhecidas e porventura inexploradas. Resumindo: mais sobriedade, textos mais elaborados, um cuidado muito especial na luz, no som, nos arranjos e execução musicais, nas



Diana Ross e Júlio Iglésias: uma recreação muito aplaudida

composições originais, no próprio guarda-roupa.

De Roberto Carlos a Louis Armstrong

Ao longo das duas horas de espectáculo ininterrupto, um Casino Estoril repleto e surpreendentemente participativo apaudiu, através das impecáveis imitações de

Fernando Pereira, artistas tão diversificados como Roberto Carlos, Chico Buarque, Maria Betânia, Carlos Gardel, Madonna, Diana Ross, Phill Collins, Willie Nelson, Nat King Cole, Tina Turner, David Bowie, Louis Armstrong, Peter Gabriel, Prince, Michael Jackson, Júlio Iglésias, Fernando Tordo, Paulo de

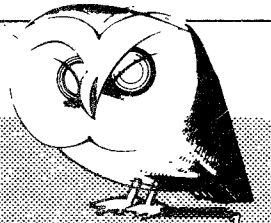
Carvalho, Carlos Mendes, Simon & Garfunkel... Com imensa graça, também, as paródias que dedicou a Roberto Leal e Marco Paulo (imitações "tout court" em que não foram esquecidos os mais ínfimos trejeitos). Sempre acompanhado pelos excelentes músicos que são Chico Fernandes, Christian Schünberger, José Jorge, Paulo Nascimento e Quim Nascimento.

Fernando Pereira estreou ainda algumas figuras típicas: o Zé Pedra (o Springsteen da Buraca), o estilista e perfumista Ivo São Lourenço (rival assumido de Paco Rabão), o ti Manel (alentejano dos quatro costados), o Quim Besana (o Boquinhas da Madragoa) e ainda o Paco Gitano e sus Banderas (o grande cantador de flamenco).

Quanto ao humor, achámo-lo desta vez mais refinado. Com textos do próprio Fernando Pereira e ainda da autoria de Luís Tomás e Mário Lindolfo e a colaboração de Óscar Branco e de Joaquim Pessoa, o artista satirizou conhecidas figuras políticas da nossa praça, provocando a hilariedade na assistência.

Uma novidade, ou seja uma faceta que Fernando Pereira atirara um dia para o fundo da gaveta: a própria voz do artista. E cantou, como só Fernando Pereira seria capaz...

Rodrigues Borges



olhar de mocho

Gorbi

O filme introdutório do alemão Gerd Ruge era perfeitamente dispensável, se o programa «Sinais do Tempo» pretendia, afinal, discutir o mito e realidade Gorbachev. A hagiografia não tem nada a dizer quando se trata de analisar e discutir problemas que nos tocam e nas mudanças históricas. Talvez seja justificável que a Televisão alemã se sentisse obrigada a apresentar uma vida do São Gorbachev, pois eles - alemães - têm problemas difíceis (pelo menos *tinham* problemas difíceis).

A ideia de convidar Francisco Martins para falar do fenómeno soviético é mais original, foi extraordinariamente útil. De facto, tem faltado uma voz radical em toda a informação crítica relativa à União Soviética e às subsequentes revoluções do Leste.

Vamos direitos à questão: haverá messianismo que ainda tenha qualquer vislumbre de credibilidade? A questão da utopia já foi levantada, e não raro, os utópicos de há anos são agora anti-utópicos esclarecidos e liberais. Sempre que a utopia é verdadeiramente messiânica, não raro ela derrapa em fundamentalismo de consequências sobrejamente conhecidas. Crimes do marxismo-leninismo, crimes de várias confissões religiosas, antigas e recentes, são sempre justificados e legitimados pela bondade da ideia messiânica. A primeira questão a pôr é se a utopia e o messianismo deverão ou não ser proscritos do vocabulário do homem civilizado. O problema põe-se hoje em relação ao Leste como se colocou quando João XXIII liberalizou e «luteranizou» a velha Inquisição de tendência pró-nazi do Pio XII. Ensina a história que duas décadas passadas sobre a morte do Papa João XXIII, logo o fundamentalismo renasceu, apresentando-se, hoje, com evidentes sinais de força crescente. João XXIII está para o actual Ratzinger como Gorbachev para Brejnev ou mesmo para o ideário estalinista puro. A história lê-se facilmente, mas tirar ilações proféticas já é outro capítulo a que alguns se aventuram e muitas vezes sem grande sucesso.

O radical Francisco Martins defendeu com toda a coragem posições fundamentalistas em relação ao marxismo-leninismo. A tentação fácil consistirá em o ridicularizar, argumentando que a história não se repete. Não é bem esse o problema. Evidentemente que *a priori* ninguém ousará estabelecer regras científicas do futurismo ou apresentar-se como profeta encartado e infalível. Mas que no marxismo-leninismo também poderão existir as ressurreições é uma possibilidade que não se poderá excluir. Em resumo: o que virá a seguir ao gorbachevismo? Um neo-marxismo-leninismo? O Francisco Martins disse que sim e foi tão peremptório como radical. O argumento da classe operária não convence, mas ainda ninguém demonstrou que o messianismo do judeu Marx tenha, de facto, morrido sem direito a ressurreição.



José Sousa Monteiro

Os filmes da RTP para o fim-de-semana

John Wayne e James Stewart num «western» de luxo

A RTP que, verdade seja dita, já nos habituou a excelentes fins-de-semana cinematográficos, promete oferecer-nos amanhã um «western» de luxo. Trata-se de «O Homem que Matou Liberty Valance», realizado por John Ford, em 1962, com duas estrelas de primeiro esplendor nos principais papéis: John Wayne e James Stewart.

A gravar
«O Homem Que Matou Liberty Valance»
de John Ford
Amanhã, 13.05, RTP 2
Fotografia: Preto e branco
Duração: 122 minutos

No cinema, como em todas as expressões da criatividade humana, há um escasso punhado de artistas capazes de fazerem milagres e de lhe darem uma aparência normal. Este foi o caso de John Ford, «o camponês que fazia filmes de camponês» e que, por isso mesmo, ficou para a História envolto numa aureola de genialidade.

Um desses milagres foi realizar «O Homem Que Matou Liberty Valance» numa

época em que o western, enquanto género, há muito parecia esgotado. Este filme de 1962 que a RTP transmitirá amanhã é um clássico de primeira grandeza que, quantos a nós, convém guardar religiosamente.

A ver
«A Última Reportagem»
de Philip Borsos
Hoje, 00.35
Fotografia: Cor
Duração: 103 minutos

Não nos parece que Mariel Hemingway, incluída no elenco deste filme, valha suficientemente a pena para que o vejamos com particular atenção. No fundo, é apenas mais uma história tétrica sobre jornalistas metidos em sarilhos e os psicopatas que, regra geral, os alíciam a meterem-se nos ditos sarilhos.

«Boeing, Boeing»
de John Rich
Amanhã, 15.25
Fotografia: Cor
Duração: 102 minutos

Jerry Lewis, protagonista de «Boeing, Boeing» tem, sem

qualquer hipótese de dúvida, lugar cativo na história dos cómicos norte-americanos e, sobretudo, daqueles que fizeram do «non sense» o seu maior trunfo.

«Boeing, Boeing», em que Lewis contracena com Tony Curtis, conta-nos a história (se é que história existe no meio de tal barafunda) de um homem que vive com três hospedeiras, sem que nenhuma delas saiba da existência das outras.

«Nas Telas da Mafía»
de Jim McBride
Amanhã, 00.15
Fotografia: Cor
Duração: 108 minutos

Já não há policiais como os de antigamente e, dizê-lo não é apenas saudosismo, é uma constatação. «Nas Telas da Mafía» de Jim McBride, tem um argumento razoavelmente construído, é tecnicamente correcto, mas peca pela vulgaridade. A história de um polícia de sangue quente que persegue elementos da Mafía e se envolve sexualmente com uma mulher misteriosa, vê-

se, claro, mas com uma curiosa sensação de «já vu»

«As Quatro Penas Brancas»
de Zoltan Korda
Domingo, 21.45, RTP 2
Fotografia: Cor
Duração: 130 minutos

Irmão de Alexander Korda, Zoltan é o cineasta eleito pela RTP para dar continuidade ao pequeno ciclo dedicado pelo Cineclubes ao cinema «made in United Kingdom» durante os anos trinta.

«As Quatro Penas Brancas», com interpretações de Ralph Richardson e Juan Duprez, integra-se com relativa facilidade no conjunto da obra de Zoltan Korda. Na realidade, este e outros filmes como «O Livro da Selva» (1942) ou «Sahara» (1943), indiciam uma nostalgia pelos anos dourados do Império Britânico, cujo ocaso se começava a delinear nos últimos anos de paz antes de 39. A acção decorre, desta feita, no Sudão, com a pompa, circunstância e sentido de espectáculo que caracteriza a obra deste cineasta.

Maria João Martins

CULTURA E ESPECTÁCULOS

Grande Prémio de Romance da APE

A cerimónia do não

António Fiadeiro estreia esta noite, na Gulbenkian, uma coreografia onde residem o medo, a ilusão e também a ansiedade. As 21 e 30. Ao «DL» o artista disse como tudo aconteceu

O que nunca começa e vai começando

Ainda o ano nem vai a meio já no Ballet Gulbenkian se anuncia o epílogo de mais uma temporada que, lá mais para o Verão, culminará com a presença no Grande Auditório do expectável Ballet de Frankfurt. Enquanto pensamos nisso, a estreia, esta noite, de um quarto programa não parece quebrar em nada o plano de trabalho delineado pela direcção da companhia, e que se tem saldado na exibição de pelo menos uma obra em estreia absoluta por programa, rodeada por outras em reposição ou algumas vezes em estreia nacional.

A estratégia de fazer circular pela Fundação Calouste Gulbenkian estetas e coreógrafos vivos e actuais (alguns de renome mundial) é tanto mais acertada quanto muitos deles são portugueses - facto que não tem paralelo nos outros conjuntos de dança profissionais do País - e quase todos bastante jovens.

Acompanhando neste programa uma bela obra de Olga Roriz e um bailado desse notável mago do humor e da velocidade que é o coreógrafo norte-americano Paul Taylor, surgirá uma estreia de um antigo bailarino do grupo, João Fiadeiro.

«Tudo começou com um trabalho inicial para o Estúdio Coreográfico do Ballet Gulbenkian em Julho passado e, na sequência desse, Jorge Salavisa convidou-me para coreografar uma peça para a Oficina Coreográfica da Escola de Dança de Lisboa. Ambas as experiências foram bem recebidas, e ele acreditou mais uma vez numa pessoa nova», disse Fiadeiro ao «DL».

E continuou: «É talvez por isso que eu não me sinto um coreógrafo que pega em memórias... Elaboro os meus trabalhos à volta de mim mesmo, fruto de uma procura muito definida e pessoal.» João Fiadeiro teve uma formação artística particularmente enfeudada a modelos «nova-iorquinos», mas afirma ter nascido para a coreografia há apenas cerca de dois anos, depois de passar pela escola outrora dirigida por Ted Shawn em Jacob's Pillow (Massachusetts). Aí diz ter descoberto «uma razão para coreografar, ao sentir que a fronteira entre o executante e o criador deixou de fazer sentido».

As influências de Trisha Brown e Deborah Jowitz abriram-lhe não só novos caminhos mas apontaram-lhe sobretudo uma dicotomia de valores que lhe permite encarar a relação da dança com a vida de um modo diferente, assim como a sua ligação com ambas.

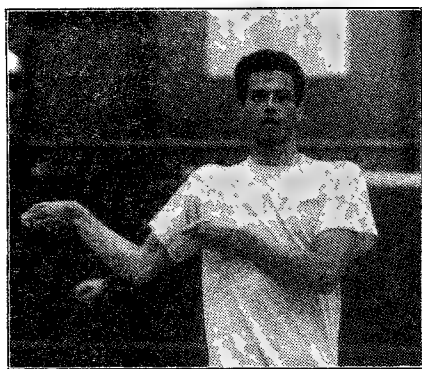
Desde 1983 que visita regularmente os Estados Unidos e, além do Ballet Gulbenkian, pertenceu anteriormente ao elenco da Companhia de Dança de Lisboa. «Do Medo, da Ilusão e da Queda», a sua aposta para a abertura deste novo programa, seguiu um processo especialmente maduro. O coreógrafo afirma que não só passou bastante tempo em estúdio antes da criação propriamente dita, como diz ainda que trabalhou em colaboração estreita com o antropólogo André Lapcki, numa pesquisa de movimento de carácter quase científico.

A escolha dos temas musicais que ilustram o bailado - excertos da variada e expressiva discografia da norte-americana, também ela coreógrafa, Meredith Monk - surgiram de uma vontade pluralizada, de uma interajuda entre todos os intervenientes.

«O trabalho de conjunto é a meu ver fundamental neste tipo de propostas. Esta obra não é minha, mas de todos.» Dos bailarinos, que se revelaram extremamente participantes; de Carlota Lagido, que assinou os figurinos; de Margarida Parente, que imaginou o envolvimento espacial e, por fim, de Rui Fernandes, que iluminou o espaço cénico.

Além de «Do Medo, da Ilusão e da Queda» (esta, a queda, obsessivamente explorada por João Fiadeiro ao longo de toda a obra), o coreógrafo também parece falar da ansiedade, da expectativa, da repetição, de muitas outras premissas nem sempre rigorosamente identificáveis. É um bailado que, nas suas palavras, «nunca começa, vai começando». A carreira deste jovem artista já teve, pelo contrário e no actual panorama da dança portuguesa, o seu início.

António Laginha



Cada prémio dado a alguém corresponde a centenas de tabefes na cara de quem o não recebeu ou na de quem queria que fosse atribuído a outro. Há pessoas que demoram anos a receber o que merecem — prémios e tabefes, claro — de modo que, quando chega a sua vez (e chega sempre, ainda que o candidato já esteja enterrado há décadas), essas pessoas, tardiamente galardoadas, enchem-se de brios, acenam impetuosamente que não com a cabeleira — à maneira da porquinha dos Marretas — e mandam nem que seja o Nobel dar uma curva.

Situação chata, primeiro porque o dinheiro faz falta, e dizer-lhe assim que não, tão briosamente, abre um buraco no estômago.

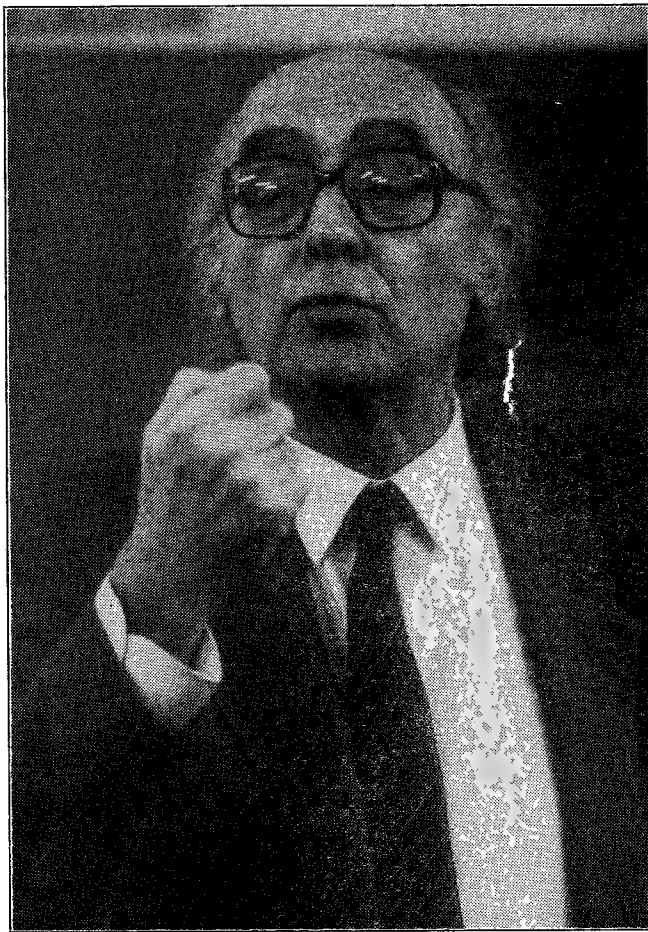
Depois, porque o verdadeiro brio, para ser verdadeiramente brioso, deve manter-se numa recusa perpétua.

Com a inflação, o valor dos prémios sobe vertiginosamente de mil para três mil contos em dois ou três anos, o que significa que cada vez mais custa a pronunciar o «não», e a úlcera no estômago ganha dimensões de buraco negro.

A situação é chata ainda para os organizadores, membros do júri, fornecedores dos portos de honra, dos almoços, empresas de camionagem, floristas, que esperam tudo menos aquele gesto impetuoso da porquinha dos Marretas. E surge um problema ingrato, de impossível diplomacia, capaz de pôr as almas generosas à beira de um cataclismo nervoso: «Que hão-de dizer os patrocinadores, os jornais, então e nós que até convidámos o José Eduardo Moniz, da RTP? Como é que se pode fazer a festa de atribuição do prémio sem o premiado? Isto é uma vergonha!» Grave, diria mesmo mais: situação gravíssima!

Mas imagine-se ainda o pior: um país pequeno, dadíssimo a prémios, que todos querem instituir e manter, desde grupos recreativos, instituições com I grande, outras com i pequeno, senhoras beneméritas que vestem vestido de cauda e usam diadema nas sessões de declamação de versos às cinco da tarde, juntas de freguesia, clubes desportivos, empresas, associações de trabalhadores do comércio, bancos (de dinheiro, não conheço nenhum banco de sangue nem de urgências hospitalares que promova prémios, mas também não quero dar a ideia de estar a par de tudo), câmaras municipais, até agremiações de bordadeiras de tapetes de Arraiolos, etc.

Enfim, qualquer pessoa ou entidade pode promover prémios, de preferência com o seu nome, para evitar o



Saramago: o eterno vencido?

anonimato (mais próprio do júri e dos concorrentes por secretas e vantajosas razões de Estado), basta para isso ter dinheiro.

Agora imagine-se, com tantos prémios, concursos e jogos florais, o pobre tardiamente indigitado para receber a coroa de loureiro ter de acenar que não a tão profusas fontes de glória! Vai ficar com o pescocinho mais encaracolado que um fio de telefone, de tanto imitar a porquinha dos Marretas.

Mas também podemos vir a dar com um que não imite e cujo «não» seja de homem, um «não» sonoro, sem desculpas, franco, claro, sincero, sem alegações de mártir nem messias, um indigitado que diga, de caras: «Vocês já me deviam ter dado o prémio há anos, quando o merecia mais do que agora, quando o prémio podia ter sido um estímulo, uma porta aberta para a minha carreira, e uma ajuda financeira, pois bem precisava dela! Agora valho mais que vocês, cheguei onde cheguei sem ajuda de ninguém, até parecia mal aceitar um prémio de mãos às quais não reconheço autoridade para me julgar! Esse prémio não me serve para nada, já estou mais que consagrado, vão ver se chove e usem-no como resguardo!» Situação grave, pior: gravíssima! Como é que se vai fazer a festa, sobretudo tendo-se para ela convidado o director dos telejornais, José Eduardo Moniz, se o premiado diz que não tem necessidade do prémio, que o melhor é darem-no de esmola a algum pobrezinho?

Terei sido capaz de traçar

Papa! Para com .eguir que ele mandasse uma equipa de reportagem a certa cerimónia, foi sugerido que se falasse com o Fernando, que é muito amigo do António, que está de óptimas relações com o Joaquim, que, por sua vez, tem acesso à direcção de programas da RTP, onde conhece muito bem o Manuel, que se dá menos mal com o José Eduardo Moniz, sendo, portanto, a pessoa indicada para lhe pedir o encarecido favor de mandar a equipa de reportagem à tal cerimónia (Resultado? — pergunta o leitor. Claro que sim.) Como é que se concebe um prémio a que o premiado diz que não com ares de porquinha dos Marretas, depois ou antes (importa é a intenção) de se convidar para a sessão solene de entrega uma pessoa tão parabólica como José Eduardo Moniz? É assim um flagelo que nem pela cabeça de S. João passou ao relatar o Apocalipse.

Quando José Saramago mandar bugiar o Grande Prémio de Romance da APE, que já devia ter recebido há anos, e ainda não virá neste (oxalá a minha bola de cristal não me esteja a fornecer informações falsificadas) espero que me convidem para a cerimónia do NÃO.

Há nãoos que merecem mais festejos do que os sins. E nesse dia, contra o costume, José Eduardo Moniz, o Desejado, não só vai mandar a equipa de reportagem, como irromperá do nevoeiro de microfone na mão, a comandar pessoalmente as hostes dos seus valentes guerreiros.

Maria Estela Guedes

PAULO AUTRAN
HUMOR · TEATRO PROSA · POESIA

DE 12 A 22 DE ABRIL

ITINÉRIA PORTUGAL
Sociedade de Investimento, S.A.

QUADRANTE

UM PATROCÍNIO:

EXCEPCÃO

FORMAÇÃO & MARKETING LDA

APÓIO CULTURAL:

CORREIO da Manhã

CORREIO da Manhã

O Boticário produtos naturais

RENALTO

FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN

UNITRAM projectos e empreendimentos lda

REALIZAÇÃO: CARMEN MELO, CINTIA BRAMBILLA E EQUIPE COMUNICAÇÕES

TEATRO MUNICIPAL DE SÃO LUÍZ

R. ANTONIO MARIA CARDOSO
TEL: 32.7172 - LISBOA

CARTÃO JOVEM — 25% DE DESCONTO

CULTURA E ESPECTÁCULOS



Art Resnick

Trio de Art Resnick actua até hoje no Hot Clube

Uma arte pouco hot

Termina hoje a série de três concertos do trio de Art Resnick, no Hot Clube. É uma ida à velha cave da Praça da Alegria justifica-se. Não se vai assistir a uma sessão jazzística de vanguarda, experimental ou inovadora, mas a um concerto em que, a par da competência por vezes criativa, se encontram a elegância e a irreverência. Três músicos, três personalidades, três formas diferentes de estar na música que se completam. O resultado da sua união é agradável. Só isso. O resto pertence, individualmente, a cada um dos músicos.

Do rock ao jazz

O pianista norte-americano Art Resnick já actuou em Portugal, e é conhecido dos frequentadores do Hot Clube. Tendo começado como autodidacta numa outra área musical - o rock -, quando optou pelo jazz sentiu necessidade de obter formação académica, o que veio a permitir-lhe ser considerado o aluno do ano pela universidade de música onde obteve o seu bacharelato. Ao longo da sua carreira acompanhou nomes importantes do jazz, como Freddy Hubbard (aliás, autor do tema de abertura

com que iniciou esta série de concertos), Chuck Findley e Bobby Shew. Seguro, detentor de um razoável nível técnico, Resnick, durante dois sets em que interpretou alguns clássicos e temas da sua autoria, não conseguiu, quarta-feira passada, atravessar a fronteira entre o agradável de ouvir e o hot inesquecível, sempre desejável e esperado num concerto de jazz. Criativo, sem dúvida, falta-lhe, contudo, o rasgo luminoso que diferencia a técnica e o feeling do talento que faz os grandes músicos.

Os outros dois elementos do trio, com que agora se apresenta ao público lisboeta, são, no contrabaixo Carlos Barreto, e na bateria o francês Philippe Soirat.

O sal da noite

E é precisamente a actuação de Philippe Soirat que transforma uma noite musicalmente morna num acontecimento. Não foi uma surpresa, mas uma confirmação. No Festival de Jazz da Amadora, em Novembro de 89, tivemos oportunidade de o ouvir acompanhando o saxofonista Carlos Martins, e, já nessa altura, Soirat maravilhou os presentes com a

sua interpretação de um tema de Sony Rollins. Agora, integrando o trio de Art Resnick, o baterista continua a deslumbrar com a sua irreverência.

Se à partida se sente uma grande segurança da sua parte, é a forma como conhece e disfruta de todos os elementos que compõem a bateria, que lhe permite ir além e ser mais do que apenas um bom músico. Os seus solos foram todos brilhantes, envolventes e criativos. Mas um deles, num tema da autoria de Resnick, ainda agora está na memória claro e vivo. Não é todos os dias que se ouve um baterista passar das vassouras para as baquetas não da previsível forma suave, mas com energia e força inesperadas. De realçar, ainda, a maneira como utiliza o bombo, tornando-o autónomo e interventivo.

Um pouco mais de azul...

Carlos Barreto não é propriamente um estreante, já anda nisto há uns anos, e ninguém lhe nega qualidade. Barreto, actualmente a residir em Paris, sabe usar inteligentemente o contrabaixo. Sente-se neste músico uma permanente evolução e tendência para o perfeccionismo. Contudo, o seu fraseado é de grande delicadeza e elegância. Só que, tal como ao leader deste trio, falta-lhe o tal brilho que transcende o explicável. No entanto, Carlos Barreto cria, em todas as suas actuações, momentos de uma beleza tranquila aliada à sua reconhecida segurança rítmica. Quando se vê o seu nome integrar qualquer formação tem-se, de imediato, a garantia da boa execução de uma das peças fundamentais num grupo - o contrabaixo, parte da secção rítmica, suporte de todos os outros elementos. Momento feliz: a sua introdução ao tema de Dizzy Gillespie.

Estes os motivos que permitem aconselhar a assistir à última actuação do trio de Art Resnick, hoje, às 23 horas, no Hot Clube.

Maria José Belo Marques

Beatriz Costa, a fogosa actriz da comédia à portuguesa, soma e segue. Acaba de editar o seu quinto «êxito literário», *Eles e Eu*, a continuação dos dizeres, relatos e anedotas dos outros quatro. Uma edição que, antes de ser posta à venda, já está esgotada, como confirmou ao «DL»

As histórias da tia Beatriz

«Actualíssima» é a obsessão com que Beatriz Costa se justifica perante o seu novo livro. *Eles e Eu*, mais uma resenha de «memórias e comentários aos acontecimentos actuais», são 259 páginas de histórias e brejeirices. Anedotário de quem «não tem papas na língua», fenómeno de vendas, é um relato, muitas vezes, jocoso e repetitivo das «actualidades» de que tanto se preza.

Livro malicioso, também. De popularuchos provérbios, onde se encontram, não raro, as curiosidades e as pessoas de outros tempos. Porque o país (a política, a comunicação social) se está «a tornar muito chato», sem graça, *afinfa-nos*, «a rir», pondo o acento tónico na sua vida, ainda longa, com mais uma *bomba literária*. A edição, com uma tiragem de 25 mil exemplares, da responsabilidade da Europa América, encontra-se já esgotada. Na opinião de Beatriz Costa, tal facto deve-se à «leitura digestiva» que o livro, «sensacional», proporciona.

Mas não se pense que *Eles e Eu* é o que sugestivamente o título e a capa (a celebrada franja encabeçada por um leque de distintos cavalheiros em laço e chapéu) nos dizem. A actriz desengana, logo na primeira página, os mais *lambareiros* de facécias e historietas lúbricas de inícios (e fins...) de século. «Eu penso que o meu amado leitor, perante o título *Eles e Eu* veio aqui à *babagem* da confissão de grandes bacanais! Engana-se... bateu com o nariz na página! Nunca fui mulher de grandes desperdícios. Nunca perdi tempo. Sempre o ganhei!...»

Não obstante, as histórias entre ela e os homens despontam, aqui e ali, no livro, como galanteios à senhora: é a Lisboa corriqueira dos apalpos, das beijoquices, dos namoros e paixões, de costureirinhas e das tertúlias (masculinas) de café. Confessa mesmo o seu quase *affaire* com Duarte Pacheco. «Era meu namorado e prometido a *pa-qui-é* quando Deus o levou. Almoçava com ele uma vez por semana e estava combinado que quando eu regressasse da *tournee* ao Brasil os nossos *trapinhos* se *juntavam*.» Mas salvaguarda o respeito antigo: «Ele era solteiro e eu solteiríssima. Nessa época, eu era a mulher mais caluniada deste país de colchão às costas...». Muitos se apaixonaram por ela. Nos cafés (as suas universidades) foi apadrinhada por muitas figuras intelectuais da época. Alguns diziam: «Esta salaíta vai longe». E foi! Do DL diz-se quase família, e contou-nos de viva voz o que escreve também

no livro: «Tive a sorte de cair em graça dos três grandes do Diário de Lisboa, os Srs. Joaquim Manso, Pedro Bordalo Pinheiro e Vieira Pinto. Passei a ser afilhada desse querido jornal, que até hoje trago pendurado ao peito».

Beatriz Costa é a imagem da negação dos diplomas. Diploma mesmo, só o da 4ª classe e mesmo assim, tirado há sete anos, em Campolide. Em «A embaixatriz dos saloios», entrevista concedida ao DL, em Dezembro de 1975, confidenciou a Assis Pacheco: «Foi um reboliço naquela escola. A maioria das mulheres que estavam a fazer exame era para limpeza da rua, porteiras... Foi um delírio, foi... foi um espectáculo, foi um show! Quarta classe com distinção!»

A primeira «universidade» que frequentou foi a Brasileira do Chiado, onde foi tida, pela frequência masculina, como uma das «atrevidas», juntamente com a pintora Sarah Afonso. Lá, a única pessoa com quem não simpaticizava, nessas tardes de 1934, chamava-se Fernando Pessoa. «Um dia, quando eu ia a entrar, tentou dar-me um encontrão... Chamei-lhe chato. Não me lembro de qual foi a sua reacção, só sei que o mandei à merda... Calculem se isto fosse hoje... Eu era linhada! Pessoa não era nada simpático». À convivência com os intelectuais, somaram-se as viagens (já deu dez vezes a volta ao mundo), e as visitas aos museus, o curso de História de Arte e Decoração na Sorbonne. Maria Beatriz da Conceição, antes de Beatriz Costa, a «embaixatriz dos saloios», não enjeita a Charneca do Milharado, onde nasceu, nem a vida de lavadeira, a costura, ou mesmo a «porrada».

Hoje, vive há quarenta anos no Tivoli, primeiro na Residencial, depois, como primeira inquilina do hotel. Escreve as memórias, porque não se sente bem a gastar o veludo dos sofás. Edita o primeiro livro em 1975, *Sem Papas na Língua*. Escreve como forma de continuar a respirar com o público o fenómeno de palco que a actriz foi. Apenas oculta a idade. Vestida de branco, esconde, bem, os mais de 80 anos de vida. Nasceu no dia 14 de Dezembro de 1907.

Das muitas histórias, que repete de cor, salienta ao DL, a que se refere à proposta que lhe foi feita para candidata simbólica à Presidência da República, em 1985, «pela juventude», em nome de um espírito sempre novo. «Assim, o país perdeu a oportunidade de ter uma presidente que iria pôr este povo a rir de Norte a Sul! Mas não perdem pela demora... lá irei!»

Manuela Baptista

Morreu Frédéric Rossif autor de «Mourir à Madrid»

Com 68 anos, faleceu de terça para quarta-feira, em Paris, o cineasta Frédéric Rossif, autor de «Mourir à Madrid», prémio Jean Vigo de 1962.

Para além deste filme, sobre a Guerra de Espanha, Rossif é autor de «Le Temps de Ghetto» (1961) sobre o gueto de Varsóvia, «Les Animaux» (1963), «Révolution d'Octobre» (1967), «Un Mur à Jérusalem» (1968), «Aussi loin que l'amour» (1970), «Pourquoi l'Amérique» (1970), «La Fête Sauvage» (1975), «Opéra Sauvage» (1977), «Picasso» (1982), «Brel» (mesmo ano), «Sauvage et Beau» (1984), «Le coeur musicien» (1987) e «De Nuremberg à Nuremberg» (1987) sobre a história do nazismo.

Rossif trabalhou também para a televisão, logo desde

1952, ano em que colaborou na emissão «Cinq colonnes à la une».

Natural de Montenegro (Jugoslávia), onde nasceu em 1922, Rossif, matemático de profissão, entrou para a Legião Estrangeira em 1941, tendo-se naturalizado francês em 1947. O seu primeiro contacto com o cinema deu-se como empregado da Cinemateca Francesa.

Especialista de filmes de montagem, Rossif viu os seus métodos postos em causa, mais como documentarista do que propriamente como cineasta. Não sendo nenhuma montagem inocente, os seus filmes - dizia-se - pecariam por falta de objectividade.

Tais críticas, porém, ignoram as afirmações de Rossif («Libération», Maio de 1987), pelas quais ele se revelaria

alguém pouco preocupado com essa mítica objectividade, que de resto não existe senão como...mito.

O homem que fazia cinema para, entre outras coisas, poder captar o *ralenti* de uma ave no seu voo, ou o súbito aparecimento da cor sobre o branco de uma pedra, obviamente, era tudo menos objectivo, mesmo quando, em vez da natureza, filmava o Homem e a sua História.

Um poeta, ou um cineasta muito mais obcecado com a imagem do que com a palavra - eis como deverá ser recordado Rossif, para quem a montagem lhe permitia captar o irracional, para quem o cinema era uma das poucas artes acessíveis e capazes de ser amadas mesmo pelos analfabetos.

R. da S.

CENTRO MÉDICO E DENTÁRIO

**COSMÉTICA
E ESTÉTICA
DENTÁRIA**

**DENTES FIXOS
E MÓVEIS
(Prótese fixa
adesiva)**



• ORTODONÇIA • RX • ULTRA-SONS
• OBTURAÇÕES A ULTRA-VIOLETAS
• DOMÍLIOS A PESSOAS INCAPACITADAS
CLÍNICA GERAL
HORÁRIO: 9 às 13 e 15 às 20h.
(Atende sem marcações casos urgentes)

Av. Guerra Junqueiro 5 - r/c

Tel.: 84 88 158

(Metro Alameda)

CULTURA E ESPECTÁCULOS

O espírito mutualista, defendido pelo Montepio Geral, deu um singular trambolhão no Palácio Foz. Trinta e quatro artistas confiaram que tinham emprestado obras para uma boa causa e, afinal, deparou-se-lhes um festival de incompetência

Os artistas censurados

A polémica exposição que se mostra no Palácio Foz é apenas uma das manifestações culturais com que o Montepio Geral pretende assinalar o seu 150º aniversário. Ao pretender a adesão de artistas novos, a instituição revelou um total desconhecimento dos que são representativos da arte portuguesa contemporânea, tendo que recorrer a uma encomenda exterior. Até aqui, tudo bem. Indicados os nomes - que a ninguém suscitam dúvidas quanto à representatividade e qualidade das propostas - o Montepio Geral permitiu-se tratá-los mal.

Tratou-os mal na montagem da exposição (amontou-os em painéis cruzados); foi sectária na selecção e reprodução dos trabalhos (restringindo a informação apenas à autoria dos que inclui, porque outros foram excluídos); aliciou os artistas com a eventual aquisição (era a sua obrigação, já que nem pela participação os soube prestigiar) e só cumpriu em parte; e como se tudo isto ainda fosse pouco, permitiu-se ressuscitar o fantasma censor do Palácio Foz e retirar - escassas horas antes da inauguração - um trabalho do pintor João Queiróz que não agradou a um dos administradores.

A acusação é feita pelos (até à data de edição do «DL») catorze artistas signatários da carta endereçada ao Conselho de Administração do Montepio Geral, na qual, "cientes

de que a viabilização de actos destes abre precedentes inadmissíveis, exigem que as suas obras sejam retiradas desta exposição".

O Montepio Geral defende-se com uma insólita "selecção prévia". No entanto, ainda na mesma carta, percebe-se que "a desistência de um número elevado de partici-

mou Robalo Martins, em lugar do (por nós incontactável) responsável pela área de design do Montepio, Niels Fischer, a quem foi atribuída a execução da encomenda.

Em 16 de Janeiro, aquela instituição endereçou aos (não se sabe quantos) artistas propostos uma carta convite em que, além de considerar

favor, não se acanhe: sirvasse, à vontade, de sensações novas. Que podem saber a doce ou ter o travo do ab-sinto".

E, sem se conseguir conter, o autor do texto do catálogo lança o convite ao público: "E, agora, veja, critique e divirta-se com as obras de Alda Nobre, Ana Marchand, Ana Vidigal, António Marques, António Matos, Carlos Augusto Ribeiro da Conceição, Carlos Nogueira, Catarina Baleiras, Catarina Castel-Branco, Gonçalo Ruivo, Helena Pinto, Isabel Sabino, Ivo Manuel, Jaime Lebre, João Queiróz, Jorge Varanda, José António Cardoso, José Loureiro, Luísa Correia Pereira, Manuel Botelho, Manuel Gantes, Manuel San Payo, Manuel Vilarinho, Marta Wengoróvius, Nicolau Tudela, Pedro Casqueiro, Pires Vieira, Rui Chafes, Rui Paes, Rui Sanchez, Ruth Rosengarten, Sérgio Taborda, Sofia Areal e Xana".

Mas afinal o que é isto? Convidam-se os artistas a emprestarem obras para "divertir" o público "acanhado"? Com que impunidade se pode escrever que as obras em exposição "são património do tempo" e que "o design respeitou, na configuração da exposição, a individualidade do artista e o seu trabalho, convidando os visitantes a circular"? Afirma-se, ainda no catálogo, que se trata de uma exposição "caracterizada pela vivacidade das liberdades de expressão conquistadas" e censura-se uma obra de João Queiróz "pela aplicação de um critério de gosto", como denuncia a carta dos artistas solidários?

Quanto à cedência de uma reprodução da obra censurada, João Queiróz disse ao «DL» que "a falta de enquadramento do meu quadro poderá levar a uma interpretação, por parte do público, que está fora da minha intenção".

É meu dever proteger a obra e o sentido original que ela deve ter e não o sentido fortuito dado pelas circunstâncias".

Jorge Fallorca



pantes" é que seleccionou a organização. O que é vergonhosamente diferente.

Revelando incompetência ou má vontade em reconhecer nos seus quadros capacidade para organizar a exposição, resolveu "encomendá-la à Fundação Luso-Americana", como nos afir-

ma que "a exiguidade do período disponível para conseguir espaços adequados à exposição" obrigava a organização "a circunscrever a sua realização apenas às cidades de Lisboa e Porto", afirmava que seriam "elaborados catálogos da exposição e dos artistas, com o currículo e foto individual dos expositores". Sublinhados nossos.

Os catálogos ficaram-se por um e mau, como já se disse. Quanto às fotos individuais dos artistas, estão expostas numa vitrina do Palácio Foz.

Desculpando-se com os habituais compromissos com os seus galeristas, a proximidade de exposições ou, simplesmente, a recusa, só muito em cima da data prevista para a inauguração (que afinal foi a 5 de Abril), Niels Fischer conseguiu a adesão de 34 artistas.

Atirados para o texto festivamente intitulado «É para ver!...», deixa dúvidas a quem se refere, quando escreve "por

Crítica de teatro

Mímica no ACARTE

NEZ EN MOINS por Hartmut Ehrenfeld e Michael Aufenfehn (RFA). O GRITO DO CORPO, por Benito Gutmacher (Argentina).

Mímica no ACARTE/Sala polivalente do CAM-18-04-1990.

Com estes dois jovens alemães que as máscaras disfarçavam, máscaras caricaturais tão expressivas na sua imobilidade, este pequeno mas agradável festival acar-tiano provavelmente o seu ponto mais alto.

Entre Karl Valentin e o Circo Alfredo, da Checoslováquia, este duo ergueu um enorme espectáculo mímico que participa do teatro e do circo, um espectáculo marcado por um humor, uma graça, uma imaginação, mas também por um rigor, uma preparação técnica, que explicam o facto de não haver falhas que não podiam deixar de ser perigosas.

Como alpinistas, com os seus mapas, como turistas, com as suas malas, os dois artistas começam por andar pelas estruturas do tecto da sala de onde descem por uma corda, para depois abrirem caminho entre o público. Um alto e um baixo - é esse o contraste que define as relações das várias personagens (como o Bucha e o Estica): o baixo é o tímido, o fraco, o doente, o imitativo, o dirigido, a rapariga. No entanto, e como sempre acontece nestes casos, o fraco é o forte, o tímido vence; por exemplo: quando ele começa a fazer os mesmos gestos do outro, transforma esses gestos em movimentos de rock; outro exemplo: quando o «médico» bate com um martelo na perna do «doente» a perna não se mexe, move-se quando é o doente que lhe bate com um dedo. Se o jogo entre os dois intérpretes e entre eles e o público é sempre de uma grande comicidade, é no jogo com os objectos que esse cómico é de uma quase inesgotável imaginação. Veja-se o jogo com a escada e outros objectos, veja-se o jogo com o edredão. Não é vulgar a mímica, o teatro, atingir esta mestria dos corpos e das coisas.

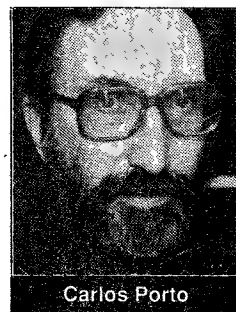
Dois números finais, aliás dois extras, permitiram alargar os registos utilizados pelos dois artistas: um, o baixo, a dirigir as palmas do público como se este fosse uma orquestra, ambos a revelar capacidades musicais que tinham permanecido ocultas. Um trabalho excepcional o destes artistas da RFA.

Benito Gutmacher

Quando o artista argentino encheu a boca de tinta e se colocou sobre um plinto como Cristo na cruz, ultrapassou a sua própria capacidade de fazer kitsch, de que já tinha dado razoáveis provas. Dificilmente poderia haver um espectáculo tão contrastante com o anterior (vi-os no mesmo dia), como se quisesse demonstrar as amplas gamas da mímica. A concepção de mímica de Benito Gutmacher é bastante diferente, com o artista a utilizar todos os recursos do seu corpo, coberto com um pequeno «slip», sem máscara, a não ser numa pequena cena, sem caracterização, incluindo o uso da voz, não apenas através do som mas da própria palavra. Aliás, no primeiro número do seu espectáculo, o artista utiliza os vários instrumentos do seu corpo ao mesmo tempo que faz uma descrição e estabelece um juízo irónico sobre o seu próprio trabalho. Este segue, como seria de calcular, uma linha repetitiva e provocatória que não chega a ir muito longe, marcada por um cabotismo também discreto.

Apesar das evidentes carências de concepção, o espectáculo não é totalmente inaceitável, revelando por vezes o intérprete não só capacidades de invenção cénica, de intervenção, como capacidades físicas consideráveis. Um número como

aquele em que sobe uma escada e faz um discurso em que utiliza apenas a palavra povo em várias línguas, é prova, infelizmente rara, dessas capacidades, mesmo que passe por esse e por outros números de carácter mais político uma sombra de demagogia. Nem sempre é fácil distinguir neste trabalho a zona séria e a zona paródica (como acontece quando utiliza um excerto da Carmina Burana), mas é quando atinge mais fortemente a zona paródica que o espectáculo se justifica.



Carlos Porto

GRAVURA AMADORA

II BIENAL DE GRAVURA'90

CONCURSO DE CARTAZ

Regulamento

1. Podem concorrer, individual ou colectivamente organizados, com um ou mais originais, todos os cidadãos portugueses, excepto os elementos do júri.
2. O original, ou originais, a apresentar serão em cartolina, com o formato 50 cm x 70 cm e nele(s) deverá constar:
 - logotipo da Bienal;
 - Câmara Municipal da Amadora;
 - II Bienal de Gravura/90.
3. Os originais concorrentes serão entregues no DEC (6º andar do edifício municipal) até dia 27 de Abril (às 12.30 h.).
4. Cada original será assinado, no verso, por um pseudónimo e, juntamente, entregue numa carta lacrada tendo por fora o pseudónimo e dentro o nome próprio completo, morada e número de telefone.
5. O prémio a atribuir será único e no valor de 100 000\$00.
 - 5.1. O júri reserva-se o direito de atribuir menções honrosas, sem valor pecuniário.
6. Com a atribuição do prémio, consideram-se pagos todos os direitos de propriedade, ficando o trabalho vencedor património municipal, podendo a C. M. A. dar-lhe a utilização adequada (cartazes, autocolantes, desdobráveis, cartões, etc.).

Consulte o Regulamento na C. M. A. Departamento de Educação e Cultura



CÂMARA MUNICIPAL DA AMADORA

No Cinema Stadium

«Intervalo» estreia hoje em Algés

Agora no Cinema Stadium de Algés (Sport Algés e Dafundo), o «Intervalo - Grupo de Teatro» estreia, na sexta-feira dia 20, a sua 9ª produção, «Os Três Chapéus Altos» de Miguel Mihura, numa versão livre de Ar-

mando Caldas e Fernando Tavares Marques.

Esta comédia tem música de Carlos Alberto Moniz, letras das canções de Fernando Tavares Marques, cenografia de João Francisco Rodrigues e interpretação de Daniel

Varela, Fernando Tavares Marques, Filipe Almeida, Filipe Bregante, Helder Anacleto, Odete Neto, Susana Cancela e Teresa Neves.

O espectáculo repete-se todas as sextas-feiras e sábados, no mesmo espaço, até 19

de Maio, e conta com o apoio da Câmara Municipal de Oeiras. Recorde-se que esta peça foi representada pela primeira vez em Portugal, há 28 anos, pelo Teatro Moderno de Lisboa, numa encenação de Fernando Gusmão.

DESPORTO

Setúbal-Belenenses vai recomeçar

O Conselho de Disciplina da FPF ordenou o recomeço do jogo mas o clube sadino vai contestar a decisão

O Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol, reunida em Tróia, ordenou que sejam jogados apenas 14 minutos finais do interrompido encontro Setúbal - Belenenses, dos quartos de final da Taça de Portugal.

O jogo entre sadinos e «azuis» do Restelo, foi interrompido quando o Belenenses venceu por 2-0 e faltavam 14 minutos para o final, na sequência de uma falha no sistema de iluminação do Estádio do Bonfim.

«O Conselho de Disciplina chegou à conclusão que não houve culpa da vitória de Setúbal e que o caso era similar ao do jogo Maia - Gil Vicente» — disse Chumbita Nunes, membro daquele órgão federativo, o qual recordou que, quando teve de julgar o caso do Maia - Gil Vicente, o Conselho de Disciplina debateu-se com a falta de uma regra aplicável à situação, pelo que acabou por «estabelecer uma norma».

Este membro do Conselho de Disciplina referiu que «ca be agora à direcção da FPF marcar uma data» para serem jogados os minutos em falta, mas lembrou não saber qual vai ser a reacção dos clubes em causa e que «a decisão é passível de recurso».

Setúbal vai recorrer

O Vitória de Setúbal vai recorrer da decisão do Conselho de Disciplina da FPF de mandar repetir os 14 minutos finais do jogo.

Em declarações à Rádio Azul, de Setúbal, o chefe do departamento de futebol de clube, Rui Salas, disse que «muito embora o presidente da direcção do Vitória tenha emitido opiniões de que não pretende recorrer, a direcção é composta por 13 elementos e que vai recorrer». «Embora possa haver problemas a nível directivo, vamos recorrer se o presidente Fernando Oliveira não quiser, o problema é dele, mas penso que deve aceitar a decisão do colectivo» — declarou ainda Rui Salas.

Outras decisões do «CD»
O Conselho de Disciplina

decidiu igualmente punir o Caldas com a derrota por 3-0 nos seus jogos frente ao Mangualde e ao Marialvas, por utilização irregular do jogador Vala, que também esteve na origem do afastamento do seu clube da Taça de Portugal, após recurso do Sporting de Braga.

Segundo Chumbita Nunes, o Caldas sofreu também uma multa de 20 contos e Vala foi suspenso por 60 dias, por ter sido utilizado irregularmente quando se encontrava castigado, «uma vez que o efeito suspensivo do recurso só é aplicável aos clubes e não aos jogadores».

O «central» brasileiro Jorginho, do Chaves, foi suspenso por quatro jogos pelo Conselho de Disciplina da Federação Portuguesa de Futebol.

Além de Jorginho, oito futebolistas foram suspensos por duas partidas, enquanto outros seis terão de cumprir um jogo de castigo.

Kipulo e Quim (ambos do Tirsense), Venâncio e Oceano (ambos do Sporting), Bozinovski (Beira-Mar), Caetano (Estrela da Amadora), Casaca (Boavista) e Miguel (Feirense) foram os jogadores suspensos por dois encontros.

Com um jogo de suspensão foram punidos os seguintes futebolistas: César, Bio e Abreu (todos do Tirsense), Marlon (Sporting), Rebelo (Penafiel), Isafas (Boavista).

Além de ter cinco jogadores, castigados, o Tirsense foi igualmente multado em 10 mil escudos e os seus dirigentes António Leitão e José Maia foram punidos com 20 e 10 dias de suspensão, respectivamente.

O Conselho de Disciplina da FPF decidiu ainda aplicar duas multas ao Sporting, que perfazem um total de 33 mil escudos.

Alterações e TV

Amanhã realizam-se os encontros Vitória de Setúbal - Beira Mar; e Belenenses - Na-

cional (ambos a partir das 16 horas); e Chaves - Guimarães (21 e 30, com transmissão directa pela RTP-2). Das divisões secundárias jogam amanhã: Bragança - Infesta; Salgueiros - Benfica de Castelo Branco; Espinho - Peniche; Mangualde - União de Leiria; Elvas - Sintrense; Silves - Torreense; e Samora Correia - Seixal (este encontro terá lugar em Évora). Lixa - Sanjoanense; Estrela de Portalegre - Tomar; e Quimigal - Vasco da Gama são os jogos da 3.ª Divisão marcados também para amanhã.

O encontro União - Porto disputar-se no Domingo (20 horas) sendo, igualmente transmitido pela RTP-2.

AFL tem novos dirigentes

Em sessão presidida por Moisés Ayash (presidente da assembleia geral) realizou-se ontem o acto de posse de cinco elementos para recomposição dos órgãos sociais da Associação de Futebol de Lisboa. Os novos dirigentes são: Mendes Palitos (presidente da direcção), Vasco Maia (vice-presidente), Fernando Costa (secretária da assembleia geral), Nicolau Pinto Duarte (vogal do Conselho de Disciplina) e Manuel Albino Grilo (vogal do Conselho Fiscal).

Benfica sem brasileiros

Enquanto o sportinguista Silas já se encontra no Brasil,

os benfiquistas Ricardo, Al-dair e Valdo partem esta noite para o seu país, para se integrarem no plano de preparação da selecção canarinha com vista à fase final do Mundial. Paulo Silas já não deverá regressar, mas os benfiquistas deverão estar em Lisboa no dia 10 de Maio para retomarem o contacto com os seus actuais companheiros para a «operação Viena» do dia 23.

Penafiel: «chicotada»

Joaquim Teixeira é o novo treinador do Penafiel, rendendo José Augusto. Recorde-se que Carlos Alinho foi o técnico que iniciou a liderança do futebol penafielense sendo depois substituído pelo «magriço» do Barreiro.

O juiz da final

O austríaco Helmut Kohl será o árbitro que dirigirá a final da Taça dos Campeões Europeus a disputar dia 23 de Maio, em Viena, entre o Benfica e o AC Milão.

Helmut Kohl, 47 anos de idade e natural de Salzburgo, é actualmente o terceiro árbitro austríaco a apitar uma final da Taça dos Campeões.

Como curiosidade, refira-se que nunca o Benfica teve um árbitro austríaco nas oito finais europeias até agora disputadas, sete da Taça dos Campeões Europeus e uma da Taça UEFA.

Agenda futebolística

1.ª Divisão

Chaves - Guimarães (0-1, na 1.ª volta); Setúbal - Beira Mar (0-0); Belenenses - Nacional (0-3); Estrela da Amadora - Penafiel (0-1); União da Madeira - Porto (0-1); Boavista - Portimonense (2-0); Tirsense - Sporting (0-1); Feirense - Benfica (1-3); e Braga - Marítimo (1-1).

2.ª Divisão

Zona Norte: Bragança - Infesta; Joane - Gil Vicente; Freamunde - Aves; Rio Ave - Marco; Maia - Trofense; Vianense - Leixões; Vizela - Varzim; Fafe - Paços de Ferreira; e Felgueiras - Famalicão.

Zona Centro: Águeda - Guarda; Académica - Académico de Viseu; Mirense - União de Lamas; Caldas - Oliveira do Bairro; Salgueiros - Benfica de Castelo Branco; Sporting da Covilhã - Oliveirense; Espinho - Peniche; Mangualde - União de Leiria; e Marialvas - Lousanense.

Zona Sul: «O Elvas» - Sintrense; Olivais e Moscavide - Portalegre; Estoril - Juventude; Silves - Torreense; Olhanense - Lusitano de Vila Real; Louletano - Farense; Lusitano de Évora - Alverca; Samora Correia - Seixal; e Barreirense - Atlético.

3.ª Divisão

Série A: Celoricense - Amares; Maria da Fonte - Prado; Ribeirão - Vieira; Ponte da Barca - Valpaços; Lanheses - Macedo de Cavaleiros; Mirandela - Vila Pouca; Caminha - Valdevez; Santa Maria - Delães; e Moreirense - Esposende.

Série B: Régua - Rio Tinto; Lixa - Sanjoanense; Amarante - Vila Real; Cinfães - Santa Marta; Sandinense - Ermesinde; Leça - Valadares; Paredes - Pavense; Pedrouços - Lousada; e Valonguense - Lusitano de Lourosa.

Série C: Estarreja - Santacombadense; Tabuense - Argus; Anadia - Valonguense; Mealhada - Oliveira do Hospital; Gouveia - Ovarense; Valecambrense - Seia; Alba - Luso; Oliveirinha - União de Coimbra; e Mortágua - Sabugal.

Série D: União de Santarém - Castelo de Vide; Torres Novas - Alcobaça; Mirandense - Naval; Marrazes - Sertanense; Ferrel - Bombarralense; Marinhense - Alfeizerense; Alcains - Fátima; Nazarenos - Alcanenense; e Estrela de Portalegre - União de Tomar.

Série E: Loures - Lusitânia dos Açores; Cartaxo - Oriental; Odivelas - Borbense; Futebol Benfica - União de Almeirim; Vilafranquense - Campomaiorense; Sacavenense - Fronteirense; Fanhões - Santa Clara; Portosantense - Câmara de Lobos; e Praiense - Cacém.

Série F: Pescadores - Beja; Quimigal - Vasco da Gama; Estrela de Vendas Novas - Trafaria; Amora - Alcanilense; Imortal - Quarteirense; Esperança de Lagos - Sesimbra; Leões de Távira - Montijo; União de Santiago do Cacém - União de Montemor; e Moura - Palmelense.

Gralhas poisam no Benfica-Marselha

Ontem, na crónica intitulada «Mãozinha divina deu-nos a sua bênção», poisou um bando de gralhas em muito desvirtuando a real expressão do texto. Ora veja-se: onde aparece «gralhadas» é lógico que estava gargalhadas, onde se leu «Troitoir» murava «Trottoir», no sítio onde surgiu «Furação» tinha sido colocada a palavra furacão. E aconteceu mais: «desanparassem» por desamparassem, «obra bem» em vez de ora bem, «todra a gente» em lugar de toda a gente. Foi, realmente, um braço diabólico a perturbar a análise do belo triunfo benfiquista perante o Marselha. As desculpas aos nossos leitores.

N. de S.

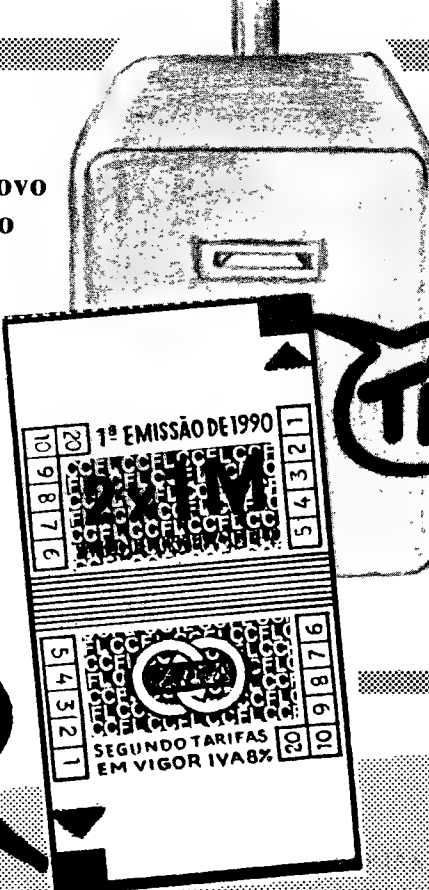
A Carris tem à sua disposição a partir de 22 de Abril um novo bilhete pré-comprado de DUPLA OBLITERAÇÃO.

- Destaca-se facilmente pelo picotado
- Mais viagens com menor volume de bilhetes
- Menor risco de utilização incorrecta.

COMPANHIA CARRIS DE FERRO DE LISBOA

Novo Bilhete da CARRIS

22 ABRIL
informe-se já



DESPORTO

Basquetebol

A selecção portuguesa de juniores femininos em basquetebol participa, de 25 a 27 do corrente, na fase de qualificação para o campeonato da Europa da categoria, em Bari, na Itália.

A equipa portuguesa disputa com a França, Holanda e Itália, dois lugares entre os 12 finalistas do Europeu, a decorrer de 21 a 28 de Julho na cidade espanhola de Leon.

Portugal estreia-se frente à Itália, no dia 25, de frente a França na segunda jornada, a 26, e joga com a Holanda, na terceira, a 27 de Abril.

As 10 atletas para a fase de qualificação sairão do lote formado por Carla Silva, Ana Catarina (Anadia), Berta Condinho (Escola Secundária Amadora), Vera Jardim, Mafalda Fanheiro, Elisabete Luís (CIF), Fátima Soares (União Micaelense), Sandra Reinhold (Amigos do Básquete), Teresa Pinto (S. Joanense), Sílvia Sampaio (Académico), Mónica Duarte (Quinta Amparo), Sandra Cova (Sporting Olhanense), Iris Daniela (Clube Desportivo da Póvoa), e Claudumina Cação (Ginásio Figueirense).

«Recado» de Pedrosa a Rosa na Maratona de Boston

«Goza a corrida, não te mates»

Do nosso correspondente em Washington

Rosa Mota não tem ainda prevista qualquer participação em provas nacionais ou internacionais, revelou a recordista olímpica ao «DL», horas antes de deixar a cidade de Boston, onde se tornou vencedora feminina daquela que é considerada uma das mais prestigiadas provas desportivas dos Estados Unidos e que lhe valeu um prémio de 50 mil dólares em dinheiro e um automóvel descapotável (um «Maszda Miata»).

Apesar da importância de que a corrida se reveste, os vencedores da Maratona de Boston tiveram, ainda assim, alguma dificuldade em conquistar primeiras páginas dos media norte-americanos, assobrados com o evoluir concussivo da situação na Lituânia e na África do Sul. Mas, mesmo assim, Rosa Mota e o italiano Bordin lograram captar a atenção dos audiovisuais, bem como da generalidade da imprensa de expansão nacional. O «USA Today» foi, porém, o único jornal a dar destaque de primeira. Oportunidade rara mesmo para os nacionais conquistou-a a atleta portuguesa, com uma foto a cores, na «orelha» es-

querda e título vibrante a condizer: «Os olímpicos cilindram em Boston». Já nas interiores, nova foto de Rosa Mota, no momento em que cortava a meta, e ainda um curto artigo intitulado «Mota ganha a prova e a luta com a Federação», no qual se explica que, «devido a problemas com a Federação Portuguesa», Rosa não se inscreveu na Maratona de Boston até à segunda-feira anterior à realização da prova, pormenorizando-se o facto de ter sido celebrado um acordo entre a fundista, o treinador José Pedrosa e a FPA.

Europeus bons com o ouro

Mas o «New York Times» não se esqueceu dos heróis de Boston. A abrir o seu caderno desportivo, repleto de resultados dos jogos de «baseball» do dia anterior, podia ler-se em título: «Na Maratona de Boston, Bordin apanha Ikangaa e Mota foi a primeira mulher a ganhar pela terceira vez». E já em subtítulo da mesma peça, a acompanhar uma foto a duas colunas: «Mota liderou do princípio ao fim». Rosa Mota gostou da prova, assevera o jornal nova-iorquino, precisando: «especialmente depois que o seu treinador lhe assegurou



Rosa Mota: sempre atenta e veneradora aos «recados» do seu treinador. E os êxitos vão-se sucedendo

durante a prova de que estava a vencer folgadoamente». E adianta o «New York Times», citando a atleta: «Ninguém está a correr contigo. Goza a corri-

da, não te mates. Foi o que fiz!» A imprensa da capital norte-americana assinalou também a vitória da portuguesa. O «Washington Post» fê-lo

com texto e fotos, mas de forma lacónica, sob um título que abria a sua página desportiva: «Bons como o ouro, uma vez mais, Bordin e Mota ganham Boston».

Mais detalhado, porventura mais entusiasmado foi o «Washington Times», que rasga um título a três colunas na capa do seu suplemento desportivo com os dizeres: «Europeus ganham folgadoamente em Boston». E a justificar a abertura, o jornalista observa: «Pela primeira vez nos 94 anos da história da maratona de Boston que campeões olímpicos vieram para vencer», citando, a propósito, os desaires anteriores de nomes tão célebres como os de Abebe Bikila, Frank Shorter e Mamo Wolde. Mas é ainda o «Washington Times» que assinala, numa outra passagem: «Mota, a favorita da comunidade portuguesa de Boston, correu isolada desde a partida e nunca foi seriamente ameaçada». A própria Rosa Mota admitiu em declarações àquele jornal a propósito da realização da prova da cidade que lhe serve de palco: «Não me sinto. Estranha aqui estou contente com o facto de Gelindo ter ficado em primeiro. Somos ambos europeus».

Filipe Vieira

COMEMORAÇÕES ABRIL 90

CICLISMO

V GRANDE PRÉMIO DE VILA FRANCA DE XIRA

Dia 21 — Sábado — 9 horas

1.ª Etapa — Vila Franca de Xira-Alverca

Dia 22 — Domingo — 9.30 horas

2.ª Etapa — Póvoa de St.ª Iria-Vila Franca de Xira

Às 15.30 horas (contra-relógio individual)

XADREZ

Dia 25 — 10.00 horas

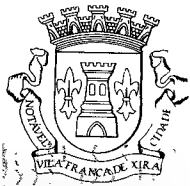
No Largo da Câmara em Vila Franca de Xira (manhã infantil) simultânea de xadrez

14.30 horas — Jardim Municipal

Partida de xadrez no tabuleiro gigante

Dia 25, às 16.00 horas — Desfile pelas ruas da cidade, acompanhado das fanfarras dos bombeiros, ranchos folclóricos e carros alegóricos.

17.00 horas — Concentração na Praça Afonso de Albuquerque, seguida de intervenções alusivas ao 25 de Abril



CÂMARA MUNICIPAL DE VILA FRANCA DE XIRA



CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

PRESIDÊNCIA

MARCHA DE MÃOS DADAS DO MONTIJO A ALCOCHETE DIA 22 DE ABRIL 10 HORAS

BARCO ESPECIAL PARA O MONTIJO

09.15 h. — Terreiro do Paço

COM O APOIO DO PELOURO DA JUVENTUDE
DA CÂMARA MUNICIPAL DE LISBOA

BILHETES (GRÁTIS)

NA CASA DA PAZ — R. Rodrigo da Fonseca, 56 - 2.º

Na USL/CGTP-IN — R. de S. Pedro de Alcântara, 63 - 2.º

E no Local de Embarque

DESPORTO

CICLISMO

Nove ciclistas portugueses vão participar na Volta a Espanha em bicicleta, de 24 de Abril a 15 de Maio, segundo a lista provisória de inscritos divulgada pela organização da prova.

Américo Silva compete pela «Clas Cajastur» de Espanha, enquanto os restantes oito ciclistas integram o plantel da equipa portuguesa da Sicasal.

Dirigida por Francisco José Moraes, a Sicasal, única equipa portuguesa entre as 22 que já se inscreveram na prova, conta com a participação de Joaquim Gomes, Manuel Abreu, Fernando Fernandes, Fernanda Mota, António Pinto, Jorge Silva, Serafim Vieira, Raul Vitorino e o brasileiro Cassio Freitas.

A 45.ª edição da «Vuelta», com partida de Benicasim, a 24 de Abril, e chegada a Madrid, a 15 de Maio, é disputada em 22 etapas, num total de 3680 quilómetros.

GOLFE

Os seis jogadores portugueses pré-seleccionados para o campeonato do mundo de golfe iniciaram um estágio de uma semana, orientado pelo treinador inglês Howard Bennet.

O estágio, a decorrer até dia 22 no Campo da Aroeira (Costa de Caparica) é coordenado pelo director técnico nacional, Carlos Abreu, e terá sessões de manhã e à tarde, com treino técnico e tático no campo, de responsabilidade de Howard Bennet, e treino físico orientado pelos profs. Jorge Oliveira e João Vilela.

Os seis jovens amadores em estágio são Filipe Salazar de Sousa (Estoril), António Sobrinho e António Castelo (Vilamoura), Pedro Sousa Machado e Alexandre Oliveira (Oporto) e Ricardo Oliveira (Lisbon).

O campeonato do mundo de golfe amador disputa-se em Outubro na Nova Zelândia, e dos planos de preparação da selecção nacional portuguesa faz parte a participação de alguns jogadores em torneios internacionais.

A história vai sendo contada

As mentiras do futebol romeno

Era o último jogo da temporada e a equipa de futebol de Scornicesti precisava de uma vitória por larga margem de golos para subir à Segunda Divisão romena.

Ninguém ficou surpreendido quando a equipa alcançou precisamente o resultado volumoso de que necessitava: é que Scornicesti era nem mais nem menos do que a terra natal do ditador Nicolae Ceausescu e por isso nada mais natural do que a equipa local ter derrotado o seu adversário por 18-0 nesse último jogo da época de 1977-78.

No ano seguinte, após uma carreira brilhante na Segunda Divisão, o Scornicesti estava à beira de passar para a Primeira Divisão e no jogo decisivo, contra o Metalul, registava-se um empate a poucos segundos do fim. Já depois do apito final, o Scornicesti ainda meteu a bola na baliza do adversário e o árbitro, sem hesitar, validou o gol e proclamou vencedora a equipa patrocinada pela família Ceausescu.

Mais tarde um dirigente desportivo, justificando o seu silêncio perante resultados claramente manipulados, explicou: «Não era uma questão de cobardia. Era realismo puro e simples, de que valia protestar? Na parede do meu gabinete estava o retrato de Ceausescu, não estava o meu».

Ceausescu governou a Roménia como um feudo privado durante mais de 20 anos até ser derrubado por uma insurreição popular e executado pelo Exército, que se passou para o lado da insurreição.

O ditador sempre se interessou muito pela actividade desportiva mas de uma forma peculiar: não se tratava de pôr o desporto ao serviço do povo romeno mas sim de o utilizar para prestígio pessoal e do seu regime. Quem se atravessasse

no seu caminho não tinha outro remédio senão perder... e cara alegre. Uma vez que o futebol é o desporto mais popular na Roménia tanto Ceausescu como os vários membros da sua família apropriaram-se de diversas equipas, tratando-as como propriedade sua. O «dono» do Scornicesti era um cunhado do ditador de nome Lica Barbulescu.

Jornalistas e dirigentes desportivos, falando agora sobre a era Ceausescu, contam histórias ao pé das quais qualquer caso de corrupção no Ocidente parece um conto de fadas.

A maior parte dos romenos, quando ia assistir a um desafio de futebol, já sabia antecipadamente qual a equipa vencedora. Aos jornais desportivos eram dadas instruções sobre qual o jornalista «mais indicado» para escrever o relato de determinado jogo em que a família Ceausescu estava interessada. Quanto aos árbitros não havia problemas: partia-se do princípio que eles tinham amor à pele e por isso não levantariam problemas.

Constantin Finarescu, um jornalista desportivo veterano, recorda que nem sequer era necessário subornar os jogadores. Eles sabiam que era perigoso marcar golos contra o Scornicesti ou qualquer outra das equipas patrocinadas pela família do ditador.

O problema surgia quando as duas equipas que se defrontavam «pertenciam» ambas as elementos do clã ou, pior ainda, à temida Polícia Secreta, Securitate.

O Steaua de Bucareste, que em 1986 ganhou a Taça dos Campeões Europeus, era a equipa controlada pelo filho de Ceausescu, Valentin, enquanto o seu mais directo rival, o Dinamo de Bucareste, era a equipa da Securitate.

O Steaua e o Dinamo defrontaram-se na final da Taça da Roménia em Junho de 1988 e chegaram aos minutos finais da partida empatados 1-1. Nessa altura o Steaua marcou um gol que foi anulado por fora-de-jogo e o tempo regulamentar terminou com o empate. Valentin Ceausescu, considerando que o gol de desempate fora indevidamente anulado, opôs-se a que a sua equipa jogasse o prolongamento e o árbitro viu-se obrigado a dar a vitória ao Dinamo por falta de comparecimento do adversário.

Mas a questão não ia ficar por aqui. A família Ceausescu convocou de imediato um plenário do comité central do partido e este decidiu que o filho de Ceausescu tinha razão, pelo que a taça foi entregue ao Steaua.

Após a queda do ditador o actual presidente do Steaua, Cristian Gatu, decidiu devolver essa taça à Federação Romena de Futebol, por entender que ela não fora ganha de forma desportiva.

Tanto o Steaua como o Dinamo, quando cobravam um jogador de outra equipa limitavam-se a requisitá-lo sem pagar pela transferência nem oferecer outro jogador em troca. Foi assim, dessa forma expedita, que o melhor jogador do Steaua, o meio-campista Gheorghe Hagi, foi retirado ao clube rival (Sportul) em 1987. «Tiraram-nos Hagi e não recebemos nada por ele. Há três anos que estamos em conflito com o Steaua por esse motivo», diz Mac Popescu, o presidente do Sportul. «Foi tudo perfeitamente ilegal. Protestámos, mas o Steaua, apoiado pela federação, nem sequer nos respondeu».

Rob Gloster
AP/Lusa/«DL»

B R E V E S

Jogos de Lisboa



Organizados pelo Pelouro do Desporto da Câmara Municipal de Lisboa, com o apoio e colaboração de todas as freguesias do concelho, prosseguem os IV Jogos Desportivos da Cidade que mobilizam cerca de dez mil jovens de idade compreendidas entre os 9 e os 16 anos. Os jogos compreendem torneios de oito modalidades (andebol, atletismo, basquetebol, futebol de salão, natação, voleibol, ténis de mesa e xadrez) e estão representadas centenas de colectividades.

Corrida da Liberdade

A 13.ª edição da Corrida da Liberdade em atletismo vai realizar-se no dia 25 de Abril, durante a manhã, nas principais artérias da Baixa lisboeta.

Trata-se de uma organização conjunta da Federação Portuguesa das Colectividades de Cultura e Recreio, da Associação 25 de Abril e do Pelouro de Desporto da Câmara Municipal de Lisboa, que terá a presença de muitas centenas de praticantes da corrida nos vários escalões etários e de ambos os sexos. O apoio técnico está a cargo da Federação Portuguesa de Atletismo e da Associação de Atletismo de Lisboa.

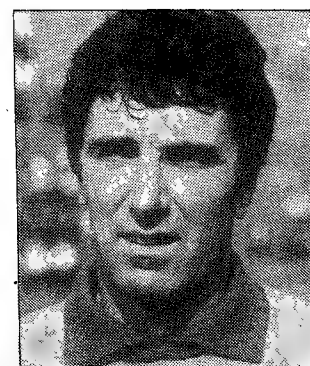
A corrida inicia-se às 9 horas para todos os escalões etários, que têm locais de partida diferentes, convergindo todos para a Avenida da Liberdade. Assim, os infantis femininos partem do Terreiro do Paço; os infantis masculinos do Parque Eduardo VII; os iniciados e juvenis femininos da Rua Sampaio Pina; os juniores, seniores e veteranos de ambos os sexos da rua fronteira ao Quartel da Pontinha; e os deficientes também partem da Pontinha.

As inscrições podem fazer-se na sede da Federação Portuguesa das Colectivistas de Cultura e Recreio, na Rua da Palma, 256-A, telefones 863643 e 861619. Haverá prémios em taças e medalhas para os melhores classificados de cada escalão, enquanto todos os participantes recebem uma camisola com inscrição alusiva à corrida e ao 25 de Abril.

Zoff zanga-se

Dino Zoff, actual treinador da Juventus, afirmou, recentemente, que se encontra desiludido com o presidente Gianni Agnelli, pela forma como foi anunciada a sua substituição na equipa de Rui Barros.

Agnelli anunciou na passada semana a saída de Zoff que será substituído por Luis Maiorelli que se encontra na liderança técnica do Bolonha.



assim vai o

totobola

Penalti: 11X X21 111 X211; O Algarve: 11X XX1 111 X221; Jornal da Beira: 11X 121 111 1X11; De Tudo Um Pouco/Comércio de Leixões: 11X 1X1 111 1X11; O Comércio de Leixões: 112 X11 111 12X1; Algarve Desporto: 112 2X1 XX1 12XX; Ronda Desportiva: XIX 211 1X1 X211; Correio de Coimbra: 11X XX1 111 X211; Correio do Vouga: 11X 1X1 111 1211; Defesa de Espinho: 11X XX1 111 1X2X; O Diário: 111 1X1 111 1X11; Diário de Lisboa: 111 XX1 111 X2X1; Diário de Viseu: 112 211 X1X X211; Grande Área/Rádio Nova Antena: 11X X21 111 1XX1; Folha do Domingo: 11X 211 111 12X2; Ecos de Cacia: 11X 1X1 11X 1221; Eu Sei Tudo: 112 221 11X 1211; Jornal de Felgueiras: 11X XX1 11X

12X1; Jornal de Gaia: 11X X21 11X X2X1; Gazeta das Caldas: 11X X11 111 1211; Jornal da Graça: 11X X21 XX1 1XX2; Rádio Totobola: 11X 121 111 X211; Linhas de Elvas: 111 111 111 1X1X1; Litoral: 111 2X1 111 X2X1; Maria da Fonte: 11X XX1 111 X211; No Estúdio e No Estádio: 11X 2X1 111 X211; Notícias de Chaves: 11X 21X 1XX 121X; Notícias de Felgueiras: 11X XX1 11X 12X1; Notícias de Gouveia: 11X X11 X11 X2X1; Notícias de Guimarães: 112 1X1 111 1212; Notícias de Viseu: 112 2X1 211 X211; Quadrante Norte: 11X 1X1 111 1211; Bom Dia/Rádio Comercial: 11X 222 X1X 1222; Resenha Desportiva: 111 X11 111 12XX; RR/Bola Branca: 111 1X1 111 XX11; Jornal de Santo Tirso: 112

111 111 XX22; A Voz do Domingo: 11X XX1 111 1211; Voz de Lamego: 11X 1X1 111 1211; Tarde Desportiva/Antena Um: 11X X2X 11X 1XXX; Livre e Directo/Antena Um: 112 XX1 X12 2X11; Um Caso Por Semana/Rádio Covilhã: 111 1X1 111 XXX1; Foi Notícia/Rádio Covilhã: 11X 2X1 11X 1X11; Desporto e Música/Rádio Covilhã: 11X 1XX X1X 1XXX; Cultura e Recreio/Rádio Covilhã: 112 X11 1X1 X21X; De Tudo Um Pouco: 11X 122 XX1 X2X1; A Voz dos Ridículos: 111 1X1 111 121X; Jornal de Amarante: 11X XX1 11X 1X11; Rádio Guarda: 111 XXX 11X 12X2; Jornal da Lixa: 11X XX1 X11 1X1X; O Mensageiro: 111 2X1 111 XX11; Reconquista:

PROGNÓSTICOS DOS ÓRGÃOS DE INFORMAÇÃO PARA O CONCURSO N.º 83/90 DE 25 DE ABRIL DE 1990

	RESUMO			BOLAS (º)		
	1	X	2	1	X	2
1. Porto - E. Amadora	65	1	0	11	1	1
2. Benfica - Tirsense	66	0	0	12	1	1
3. Beira Mar - Guimarães	17	39	10	3	7	2
4. Nacional - Setúbal	25	29	12	5	5	2
5. Penafiel - Belenenses	17	37	12	3	7	2
6. Portimon. - U. Madeira	55	7	4	10	1	1
7. Sporting - Boavista	52	13	1	9	2	1
8. Marítimo - Feirense	59	7	0	11	1	1
9. Braga - Chaves	47	18	1	8	3	1
10. Leixões - Maia	38	26	2	7	4	1
11. Oliveir. - Salgueiros	3	22	41	1	4	7
12. U. Leiria - Espinho	34	23	9	6	4	2
13. Torreense - Estoril	46	15	5	8	3	1

(a) Nos termos do Art.º 14º do Regulamento Geral dos Concursos, se houver necessidade de sortear o resultado dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades do presente mapa.

A «CHAVE» LÓGICA SERÁ:
11X XX1 111 1211

11X XX1 111 XX11; Semanário da Região Bairrada: 11X 11X 11X 1X11; Informação Desportiva/Rádio Altimidade: 11X XX1 111 12XX; Tempo e Resultados/Rádio Comercial: 11X X11 111 1211; Secção Desportiva/Rádio Comercial: 111 XX1 11X X2X1;

Tempo de Desporto/Rádio Comercial: 112 111 111 X2X1; RR/Desporto: 111 XX1 X1X 2211; Desporto/Rádio Guarda: 11X 122 111 X221; Contacto/Rádio Guarda: 111 1XX 111 122X; Encontro com a Manhã/Rádio Guarda: 11X 111 111 2XXX; Meia Tar-

de/Rádio Guarda: 111 12X 11X X111; Convidámos Para Lanchar/Rádio Guarda: 11X 1X2 111 1X2X; Alvo Suplemento: 111 X11 X1X 1211; Rádio Alvo: 111 XX1 XXX 1X11; Alvo: 11X 1X1 111 1X11; Alvo Desportivo: 11X 111 111 12XX.

DESPORTO

Belenenses em tempo de eleições

Três candidatos para o trono de Belém

Belenenses em tempo de eleições com três listas em presença para que os associados procedam à escolha do sucessor de Mário Rosa Freire, em eleição marcada para 12 de Maio. Rui Cruz (membro do actual executivo) apresenta-se como continuador da obra de Rosa Freire o mesmo se podendo afirmar relativamente ao major Ferreira de Matos. O primeiro porque integra a actual direcção e o segundo porque em declarações públicas afirmou de que no caso de Rosa Freire se recandidatar não avançaria. Em oposição surge o major Baptista da Silva, em lista que integra elementos críticos à gestão do actual presidente e que não deixará de contar com o apoio de Acácio Rosa, velha figura dos mais «notáveis» do clube da Cruz de Cristo. É bem conhecido o diferendo que vem existindo entre o «Senhor Belenenses», como justamente é credenciado o vigoroso, frontal, destemido Acácio Rosa, figura exponencial do desporto português, desde a sua dedicação ao clube da sua afeição e de que é associado há seis décadas e aos muito relevantes serviços que lhe vem prestando, de forma inquestionavelmente desinteressada, até à relevância nos diversos cargos que desempenhou nas modalidades de andebol, futebol e basquetebol. Acácio Rosa tem travado dura batalha com os actuais dirigentes, apenas porque pretende ser esclarecido sobre todos os actos de gestão do seu clube, nomeadamente a forma como tem vindo a ser aplicados os elevados lucros proporcionados pela exploração do bingo e, em boa verdade, nem Rosa Freire nem os demais dirigentes do clube deram até hoje respostas que Acácio Rosa, Mendes Pinto e outros mais dedicados associados do clube considerem aceitáveis ou esclarecedoras.

Idolatrado por muitos e certamente detestado por alguns, Acácio Rosa deverá merecer o respeito de todos os belenenses, porque nenhum outro se sacrificou tanto pelo clube como ele e poucos serão os que se lhe aproximaram em devoção, dedicação e empenhamento. Por tudo isso Acácio Rosa terá forte peso na decisão dos seus consócios a tomar no próximo dia 12 de Maio, quando escolherem o futuro presidente. Até lá, iremos assistir a animada campanha, e, naturalmente, que as dúvidas, que tanto têm preocupado grande fatia dos prosélitos da grande colectividade do Restelo, poderão vir a ser esclarecidas.

Rui Cruz apresenta Rui Carp na continuidade da presidência da assembleia geral, Mendes Palitos como presidente-substituto, Rui Ferreira Marques na liderança do conselho fiscal e Diamanti-



Rui Carp e Rosa Freire: a oposição esteve de atalaia

no Marques na vice-presidência da assembleia geral.

Ferreira Matos aposta em Fernando Serra e José Luís Esteves na assembleia geral, António Marques Júnior no conselho fiscal e Joaquim Cabrita Clemente como seu substituto.

Baptista da Silva joga forte em Manuel Bulhosa e Sequeira Nunes (dois históricos do clube) na assembleia geral, Mendes Pinto (um dos mais críticos a Rosa Freire) no segundo lugar da hierarquia do executivo e António Machado Rodrigues na presidência do conselho fiscal.

O major Baptista da Silva, que exerceu as funções de presidente da direcção de 1971 a 1975, prepara para os próximos dias, uma conferência de Imprensa destinada a anunciar a sua linha de acção e o nome dos seus apoiantes de «maior peso» na vida associativa, admitindo-se em círculos próximos de Rui Carp, que este, na qualidade de presidente da assembleia geral, irá tentar encontrar uma situação de consenso, não sendo previsível que os seguidores de Baptista da Silva aceitem esse tipo de proposta.

Quanto a Ferreira de Matos (possuidor da mesma patente

militar) anunciou aos jornalistas como pontos fulcrais do seu programa, o conhecimento dos principais desafios que se colocam ao clube, promete disponibilidade total para se dedicar à gestão do clube, assegura experiência bastante nos actos de gestão desportiva, garante ter-se rodeado de uma equipa bastante motivada e experiente e vinca a necessidade de dotar o clube com um projecto empresarial com introdução de novos objectivos. Ferreira de Matos anunciou o propósito de lançar uma forte campanha de sensibilização na zona ocidental para captar a juventude para o seio da colectividade, convidando os jovens, até aos 12 anos, a entrar para sócios com isenção do pagamento de quotas. Outra intenção do candidato: «Os nossos atletas serão acompanhados a par e passo por profissionais das diferentes áreas educativas e desportivas, tendo em vista a sua total integração numa nova mística que os motive a representar a gloriosa camisola da Cruz de Cristo, com a finalidade de um bom aproveitamento no futuro.»

A campanha eleitoral já começou e o Belenenses sairá dignificado.

A.H.

prémio
jovens
músicos

inscrições
até 15 de Maio



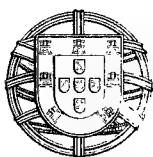
BANCO ESPÍRITO SANTO E COMERCIAL DE LISBOA

RANK XEROX
NORGRUPO

AGENDA

I Série N.º 92
Dia 20 de Abril

DIÁRIO DA REPÚBLICA



SUMÁRIO

Ministérios das Finanças
e da Educação

Portaria n.º 311/90:

Cria um lugar de assessor no quadro único de pessoal dos organismos e serviços centrais do Ministério da Educação.

Ministério dos Negócios
Estrangeiros

Avisos:

Torna público ter o Governo da República do Uruguai depositado, junto do Governo da República Federal da Alemanha, o instrumento de adesão à Convenção das Espécies Migratórias da Fauna Selvagem a 1 de Fevereiro de 1990.

Torna público que a Checoslováquia e a Itália aceitaram a emenda da Convenção de 1928, respeitante às exposições internacionais.

Torna público ter o Chile ratificado, com reservas, a Convenção de Viena sobre Responsabilidade Civil em Matéria de Danos Nucleares, de 21 de Maio de 1963, tendo procedido ao depósito do respectivo instrumento de ratificação em 23 de Novembro de 1989.

Torna público ter Portugal depositado, junto do Governo italiano, em 14 de Novembro de 1989, o instrumento de adesão à Convenção Relativa à Criação de Um Instituto Universitário Europeu, concluída em Florença, em 19 de Abril de 1972.

Ministério das Obras Públicas,
Transportes e Comunicações

Portaria n.º 312/90:

Lança em circulação, cumulativamente com as que estão em vigor, uma emissão de selos, com tarja fosforescente, comemorativa da «Europa CEPT 1990 - Edifícios de Correio».

Ministério do Emprego
e da Segurança Social

Decreto-Lei n.º 131/90:

Adequa as carreiras específicas do quadro de pessoal do Instituto do Emprego e Formação Profissional ao Decreto-Lei n.º 248/85, de 15 de Julho, e ao Decreto-Lei n.º 265/88, de 28 de Julho.

PESSOAS & FACTOS

Moda Kid Cool
no «Brunch» Meridien

No decorrer do «Brunch» dominical do Meridien Lisboa a Kid Cool apresentou, na «Brasserie des Amis», a sua nova colecção infantil Primavera/Verão 1990.

Seguindo a sua tradicional filosofia de cores frescas e roupas desportivas, os jovens manequins apresentaram, ao ritmo da 'lambada', as linhas «Americanas Stripes», «Habana», «México», «Fórmula I» e «Night Wear», conduzidas pelo urso Kid Cool, ao vivo, uma mascote presente em todos os modelos, quer em bordados quer em aplicações de borraça.

Os modelos para crianças dos três aos 12 anos agradou a todos, em ambiente de descontração, e puderam deliciar-se, em simultâneo, com o «Brunch», uma refeição conjugada de pequeno-almoço americano e almoço.

Chegaram as águas
de colónia «Bien-Être»

A prestigiosa marca de 'eaux de toilette' e desodorizantes «Bien Être», comercializada pela Sin coral, Lda, acaba de relançar no mercado as suas famosas águas de colónia.

Com dois aromas distintos - água de colónia natural e lavanda natural - é apresentada em dois tamanhos, de 250 ml e 500 ml.

Trata-se de um produto discretamente perfumado, generoso e de refresco que proporciona um grande bem-estar e pode ser usado por toda a família.

H O J E

CONTINENTE

Regiões do Norte e Centro: períodos de céu muito nublado. Vento noroeste moderado, soprando com rajadas fortes em especial no litoral oeste. Aguaceiros nas regiões do Norte e Beiras. Pequena descida da temperatura máxima.

Regiões do Sul: céu geralmente pouco nublado. Vento noroeste moderado, soprando com rajadas fortes em especial no litoral oeste. Pequena descida da temperatura máxima.

Estado do mar - costa ocidental: mar cavado a grosso. Ondulação noroeste de três metros.

Costa sul: mar de pequena vaga a cavado. Ondulação sudoeste de um metro.

AÇORES

Grupos Ocidental e Central: períodos de céu muito nublado. Vento leste moderado.

Grupo Oriental: períodos de céu muito nublado. Vento nordeste moderado, por vezes forte.

Estado do mar: mar cavado. Ondulação nordeste de dois metros.

MADEIRA

Períodos de céu muito nublado. Vento nordeste moderado a forte.

Estado do mar - costa norte: mar cavado. Ondulação norte de três a quatro metros.

Costa sul: mar de pequena vaga. Ondulação sueste de um a dois metros.

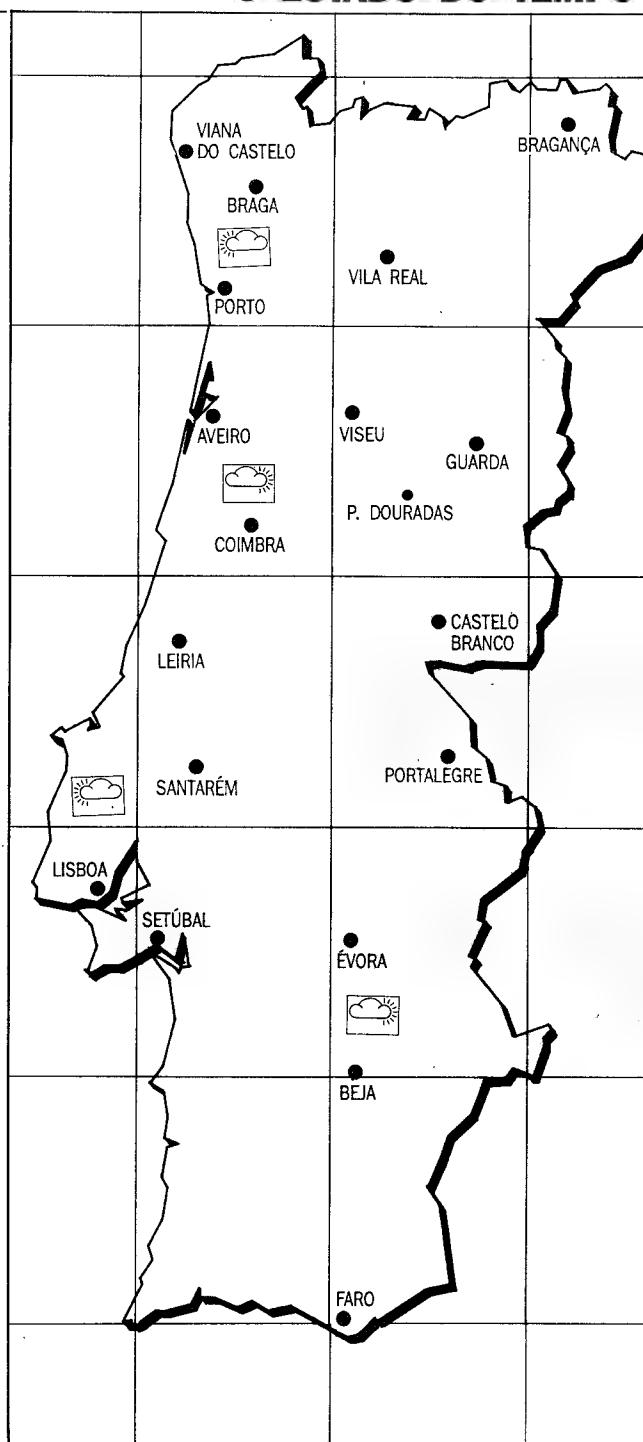
Funchal: períodos de céu muito nublado. Vento geralmente fraco.

Amanhã

Períodos de céu muito nublado. Vento moderado de noroeste, soprando com rajadas fortes no litoral oeste. Aguaceiros e condições favoráveis à ocorrência de trovoadas nas regiões do Norte e Centro.

* Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica

O ESTADO DO TEMPO



PORTUGAL

	Min.	T. 6 h Às 18 h	
Bragança.....	5	5	P. nub.
V. Castelo.....	9	10	Neblina
Vila Real.....	6	6	M. nub.
Porto.....	6	7	P. nub.
P. Douradas.....	-	-	-
Coimbra.....	8	8	P. nub.
C. Carveiro.....	13	13	P. nub.
C. Branco.....	7	7	P. nub.
Portalegre.....	6	6	Limpo
Lisboa.....	11	12	P. nub.
Évora.....	8	8	Limpo
Sines.....	-	-	-
Beja.....	8	8	Limpo
Faro.....	12	12	Limpo
Sagres.....	13	14	P. nub.
P. Delgada.....	12	13	M. nub.
Horta.....	13	13	Encoberto
Funchal.....	14	15	P. nub.

Tem. máx. prevista para hoje: Lisboa, 21; Porto, 17; Faro, 25; P. Delgada, 16; Funchal, 21.

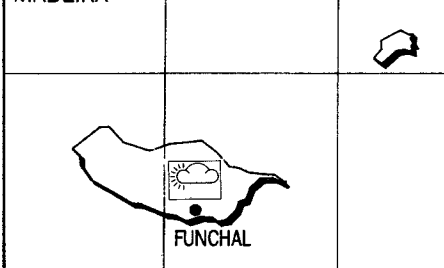
EUROPA

	Min.	T. 6 h Às 18 h	
Madrid.....	7	7	M. nub.
Londres.....	3	5	Chuva
Paris.....	-1	1	Nevoeiro
Bruxelas.....	3	4	M. nub.
Amsterdão.....	3	7	Neblina
Ginebra.....	5	6	Brama
Roma.....	5	6	M. nub.
Oslo.....	7	8	Chuva
Copenhaga.....	8	8	Neblina
Estocolmo.....	3	6	M. nub.
Berlim.....	9	10	Neblina
Viena.....	3	6	Neblina
Varsóvia.....	8	10	Limpo
Atenas.....	13	14	M. nub.
Moscovo.....	2	10	P. nub.

MUNDO

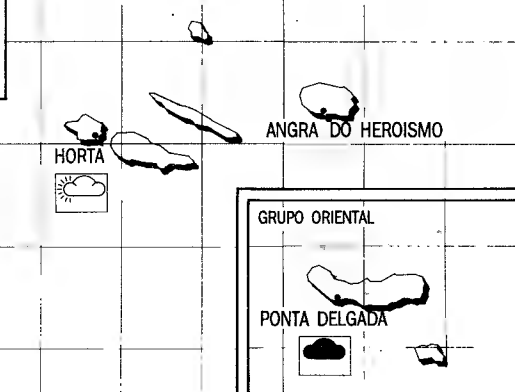
	Min.	Máx.	Às 13 h
Chicago.....	7	15	Aguaceiros
Houston.....	18	26	Aguaceiros
Los Angeles.....	12	15	Limpo
Montreal.....	6	12	Aguaceiros
Nova Iorque.....	7	18	Chuva
S. Francisco.....	11	16	M. nub.
Toronto.....	7	12	Aguaceiros
Vancouver.....	7	15	Aguaceiros
Washington.....	9	22	P. nub.
Hong Kong.....	17	23	Nevoeiro
Melbourne.....	12	17	Chuva
Pequim.....	8	11	Nevoeiro
Perth.....	16	26	P. nub.
Singapura.....	24	34	Aguaceiros
Sydney.....	15	19	Chuva
Tóquio.....	9	13	Chuva
Wellington.....	6	17	Aguaceiros

MADEIRA



AÇORES

GRUPO CENTRAL



	Céu limpo
	Céu pouco nublado
	Céu muito nublado
	Chuva
	Trovoadas
	Neve
	Vento
	Mar calmo
	Mar encrespado

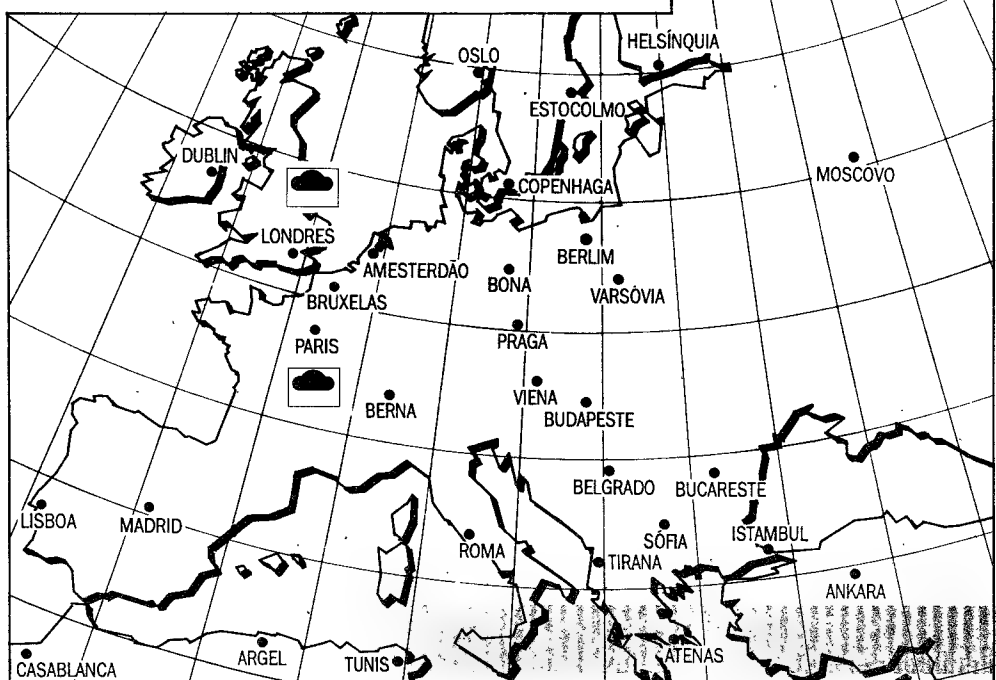
MARÉS

Hoje

PREIA-MAR	BAIXA-MAR
12.21 2,9m	05.39 1,3m
00.37 3,1m	18.03 1,3m

Amanhã

13.14 3,2m	06.37 1,0m
18.58 1,1m	



AGENDA

FARMÁCIAS

LISBOA

SERVIÇO

PERMANENTE

Alto São João: Oriente, Rua Lopes, 120, Tel. 8143381; **Areeiro:** Ideal, Av. Almirante Gago Coutinho, 49-A, Tel. 892803; **Baixa:** Unifa, Rua da Vitória, 21-23, Tel. 323793; **Boa Hora-Ajuda:** Boa Hora, Rua Quartéis, 25-27, Tel. 3637777; **Campo de Ourique:** Porfírio, Rua Francisco Metrass, 59-B, Tel. 663349; **Chile:** Bastos, Rua Morais Soares, 91-D, Tel. 8144350; **Conde Redondo:** Salus, Rua Luciano Cordeiro, 73, Tel. 542239; **Encarnação:** Ascenso, Praça do Norte, 11-A, Tel. 311216; **Fr. Popular - Av. República:** Alcântara, Av. da República, 74-A, Tel. 771379; **Lumiar:** São Tomé, Estrada do Desvio, Lote 12-C, Tel. 7590704; **São Domingos Benfica:** Sousa, Estrada de Benfica, 429-431, Tel. 780027; **São Sebastião - Frente à Igreja:** São Sebastião, Largo São Sebastião da Pedreira, 1-3, Tel. 548642; **Brandão - Amadora:** Correia, Urb. Alformel - Cel. G - Lote 137 - Lj. B (Poente), Tel. 990122; **Carnaxide:** H. Amaral, Praceta António Boto, 11-A, Tel. 4104556; **Moscavido:** Santa Bárbara, Rua Francisco M. Beato, 75-A, Tel. 2518918; **Odivelas:** Leitão, Rua Guilherme Gomes Fernandes, 62, Tel. 9320051; **Pontinha:** Cruz Correia, Estrada Santo Elói, 41-A, Tel. 992453.

REFORÇO

Alcântara: Nogueira, Rua Alcântara, 5 A-B, Tel. 3637563; **Alvalade - Av. Brasil:** Maribel, Av. Roma, 131-A, Tel.

776235; **Benfica - Bairro das Pedralvas:** Gouveia, Rua Augusto Costa (Costinha), Lt. 4 - Lj. Dt.ª, Tel. 707500; **Chelas - Col. Valsassina:** Santos Silva, Zona 2 - Chelas - Bloco III - Lt. 226 - Lj. 22, Tel. 851265; **Embaixada de Espanha:** Nacional, Rua do Salitre, 7, Tel. 546858; **Estrela - Infante Santo:** Alb, Rua Santana à Lapa, 156, Tel. 663562; **Frente Hospital do Desterro:** Magalhães, Av. Almirante Reis, 4 D-F, Tel. 549479; **Picheleira:** Marluiz, Calçada da Picheleira, 140 B-C, Rua Prof. Mira Fernandes, MAF, Tel. 880703; **Largo do Combro:** Modelar, Calçada Dr. António Sousa Macedo, 7, Tel. 608896; **Rego:** G. Silva, Rua Francisco Tomás da Costa, 3 A-C, Tel. 771873; **Almirante Gago Coutinho:** Estados Unidos, Av. Estados Unidos da América, 16-B, Tel. 885859; **São Vicente:** Rosa & Viegas, Rua São Vicente, 31-37, Tel. 864351; **Saldanha:** Carreira, Av. Duque d'Ávila, 32-C, Tel. 543495; **Buraca - Amadora:** Vaz Martins, Praceta Fernando Pessoa, Loja E - 36-B, Tel. 970660; **Olival Basto:** Nova, Rua Açores, 11-A, Tel. 9810305.

LINHA

DE CASCAIS

Algés: Branco, Av. Comb. G. Guerra, 29, Tel. 2104953. Permanente; **Linda-a-Velha:** Melo Almeida, R. D. Diogo

Couto, Lote 182, Tel. 4191697. Permanente; **Tires:** Guimaraes, L. Duartes, Lote A - r/c, Tel. 2441616. Até às 22 h; **Alcabideche:** Carvalho, B.ª Padre P. Correia, 4, Tel. 2690363. Até às 22 h; **Porto Salvo:** Ferreira Bastos, R. D. Firmino Rebelo, Tel. 2421015. Até às 22 h; **Caxias:** Nova, R. Bernardim Ribeiro, 1-A, Tel. 2432829; **S. Dom. Rana:** Godinho Silveira, R. A. Albuquerque, Lote B - Lj. 2, Tel. 2470361. Até às 22 h; **Malveira da Serra:** Luz, Estrada Nacional, Tel. 2850635. Até às 22 h; **Paço de Arcos:** Godinho, Av. Patrão Lopes, 4, Tel. 2432039. Até às 22 h; **Oeiras:** Sacoar. Permanente; **Parede:** Macau, R. J. Elias Garcia, 42, Tel. 247785. Permanente; **Sassoeiros:** Amaral Semblano, Quinta das Encostas, Tel. 2461312. Até às 22 h; **Birre:** Imani, Lote 7-B - Hera, Tel. 2852121; **Madorna:** Madeira, Rua A, Tel. 2476326. Até às 22 h; **Amoreira:** Abrantes, Viv.ª Maria Carlos Anjos, Tel. 2682313. Até às 22 h; **Estoril:** Marques Santos, R. Ferreira J.A., 15, Tel. 260116. Até às 22 h; **Cascais:** Marginal, Av. Marginal, Tel. 280078. Permanente.

LINHA

DE SINTRA

Amadora: Romeiro, Urb. Casal S. Brás, Lote 116, Tel. 4949050. Permanente; **S. Jorge:** R. Pedro del Negro, 5 - Re-

boleira, Tel. 4938703. Até às 22 h; **Damaia:** D. João V, Av. Gurgel Amaral, 2-A, Tel. 970461. Até às 22 h; **Queluz:** Pinto Leal, R. Ferreira de Castro, 61 - Massamá, Tel. 4378402. Permanente; **Albergaria:** L. Prof. Dr. José Mineiro, 42 - Q. Baixo, Tel. 4356487. Até às 22 h; **Cacém:** Central, R. Elias Garcia, 55, Tel. 9240034. Permanente; **Algueirão:** Vítor Manuel, Est. Algueirão, 123, Tel. 9217814. Até às 22 h; **Mercês:** Claro Russo, R. Abade Faria, 2-A, Tel. 9215275. Até às 22 h; **Rio de Mouro:** Riomouro, Av. Óscar Monteiro Torres, 6, Tel. 9260194. Até às 22 h; **Sintra:** Simões, R. Heliodoro Salgado, 26, Tel. 9230832. Permanente; **Colares:** Abreja, Tel. 9290088; **Loures:** Saraiva, Av. República, 86, Tel. 9830027. Até às 22 h.

OUTRA

BANDA

Almada: Nuno Álvares, Av. D. Nuno Álvares Pereira, 39, Tel. 2750504. Permanente; **Cova da Piedade:** Atlântico, Av. Rainha D. Leonor, 45-A, Tel. 2764466. Permanente; **Monte de Caparica:** Nova, Q. Trab. Rurais, 82, Tel. 2954436. Até às 19 h; **Costa de Caparica:** Higiénica, Av. República, 23, Tel. 2900020. Até às 19 h; **Feijó:** Tovar Chaves, R. Dr. Ant.º Elvas, 104-D, Tel. 2296119. Até às 22 h; **Lavradio:** J. Consolado, Av. Joaq. Fernandes, 17-C, Tel. 2043126. Até às 19 h; **Sesimbra:** Leão, Av. Liberdade, 13, Tel. 2233471. Até às 19 h; **Barreiro:** Higiénica, R. D. Manuel I, 178, Tel. 2073023. Permanente; **Baixa da Banheira:** Cardoso, R. Liberdade, 59, Tel. 2041044.

HÁ 20 ANOS



Os actores teatrais querem férias pagas

A Direcção do Sindicato Nacional dos Artistas Teatrais, numa exposição discordante de certos aspectos do parecer da Câmara Corporativa referente à proposta de Lei sobre a actividade teatral, propõe que as companhias subsidiadas passem a trabalhar durante doze meses e que os actores de Teatro, a exemplo do que acontece em quase todas as actividades, tenham férias pagas pelas empresas de que são contratados.

Os invasores de Cuba procuram refugiar-se na Sierra Maestra

As forças cubanas estão a perseguir, nas montanhas da região oriental de Cuba, um grupo financeiro fortemente armado de exilados anticomunistas, que, na madrugada de sexta-feira, desembarcou naquela ilha. Fidel de Castro anunciou (...) que os invasores vieram dos Estados Unidos, precisamente na véspera do nono aniversário da invasão da Baía dos Porcos, feita por exilados cubanos com o auxílio da CIA, a qual foi derrotada.

Barbra Streisand considerada «estrela da década»

A actriz Barbra Streisand foi considerada a «Estrela da Década» na 24.ª distribuição dos Prémios Tony, em Nova York. Foram entregues prémios a Laureen Bacall, considerada a melhor actriz em peças musicais, e um prémio especial ao actor e dramaturgo inglês «sir» Noel Coward, pela sua grande contribuição para o teatro de língua inglesa.

EFEMÉRIDES

1889

• Nasce Adolfo Hitler.

1911

• É promulgada, pela República Portuguesa, a lei de separação da Igreja do Estado.

1945

• Tropas soviéticas entram em Berlim, no decurso da Segunda Guerra Mundial.

1970

• O presidente norte-americano, Richard Nixon, anuncia a retirada do Vietname de um contingente militar dos EUA composto por cerca de 150 mil homens.

1972

• Astronautas da nave espacial norte-americana «Apollo-16» descem na Lua.

1983

• Uma fonte da Resistência Nacional de Moçambique confirma o assassinio do secretário-geral da organização, Orlando Cristina.

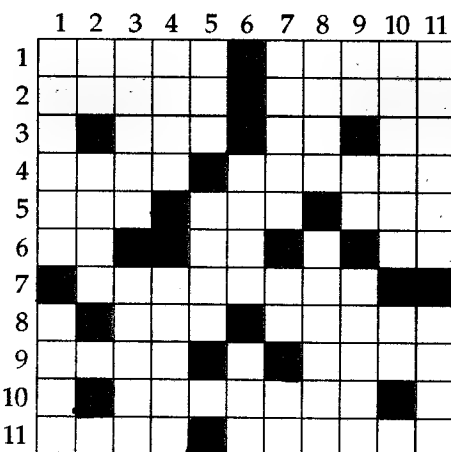
1988

• Ao cabo de 16 dias de sequestro - um tempo recorde na história dos desvios de aviões - os piratas do ar libertam os 31 reféns que se encontravam a bordo do avião do Kuwait, estacionado no aeroporto de Argel, e seguem para destino desconhecido.

1989

• Centenas de estudantes chineses manifestam, na Praça Tiananmen, em Pequim, o seu pesar pela morte de Hu Yaobang, ex-secretário-geral do Partido Comunista, e pedindo uma democratização do regime.

PALAVRAS CRUZADAS



PROBLEMA N.º 17903

HORIZONTAIS:

- 1 - Folha de videira. Pronome indefinido.
- 2 - Tratas por tu. Equipar.
- 3 - Enguia. Nota musical. Batráquio.
- 4 - Capim (Bras.). Vadio.
- 5 - Rema para trás. Uma das Espóradas. Suspiros.
- 6 - Pertences. Brisa. Duas vogais desiguais.
- 7 - Ostriculor.
- 8 - Época. Macacos americanos.
- 9 - Freguesia do concelho e distrito de Portalegre. Tempo do verbo ser.
- 10 - Alojjar em tendas.
- 11 - Móvel sobre o qual se come. Arrasa.

VERTICIAIS:

- 1 - Sofre. Aquele que.
- 2 - Átomo. Alegria.
- 3 - A polícia (pop.). Tempo do verbo ser.
- 4 - Invulgar. Esboço (fig.).
- 5 - Guarnição de asas. Rosto.
- 6 - Habite. Gosta muito de.
- 7 - Saco de couro ou pano, fechado geralmente com cadeado (pl.). Seguiu. Post scriptum.
- 8 - Rio da Rússia. Furiosas.
- 9 - Prefixo de negação. Basta! Apellido.
- 10 - Sova. Sufixo que designa estado.
- 11 - Rezasse. Nome de mulher.

HORIZONTAIS:

- 1 - Região da Jugoslávia à beira do Adriático. Duzentos em romano.
- 2 - Escravizara.
- 3 - Reis.
- 4 - Ancoraremos.
- 5 - Sadias. Oculto.
- 6 - Crómio (s.q.). Caruma. Segundo.
- 7 - Vão. Brisa. Pasidófmio (s.q.).
- 8 - Enfeita. Sarau.
- 9 - Ilha do Pequeno Belt. Maior.
- 10 - Pêlo longo, áspero ou sedoso, que se desenvolve ao longo do pescoço e na cauda de alguns animais. Aroma.
- 11 - Preposição e artigo (pl.). Miriare. Sadias.

PROBLEMA N.º 16713

VERTICIAIS:

- 1 - Cidade da Ásia Menor, capital da Síria. Escavada.
- 2 - Antes de Cristo. Frugal. Letra grega.
- 3 - Homens cruéis. Verbais.
- 4 - Abreviatura da palavra inglesa mister (senhor). Palavra chinesa que significa sul e que entra na composição de muitos nomes geográficos.
- 5 - Atmosfera. Testemunharam.
- 6 - Cerume. Sufixo que designa abundância.
- 7 - Prefixo de negação. Ramadas.
- 8 - Engataremos.
- 9 - Doença que dificulta a respiração. Ave semelhante à pomba.
- 10 - Crómio (s.q.). Sumptuosos.
- 11 - Rodela de cortiça que forma o bojo da roca de fiar.

SOLUÇÃO

DO PROBLEMA N.º 17 902

HORIZONTAIS: 1 - DEVER. Baía. 2 - Arara. 3 - Fria. E. Ri. 4 - Nas. Olá. Aer. 5 - ER. Si. Parca. 6 - Aios. Avio. 7 - Ba. Broa. 8 - Alisaras. Pu. 9 - Gas. Sim. 10 - Am. Croas. Ai. 11 - Raera. HONRA. VERTICIAIS: 1 - Dafne. PAGAR. 2 - Errara. Lama. 3 - Vais. Ibis. 4 - Er. Soas. Cr. 5 - Ra. Ois. Rã. 6 - EL. BRIO. 7 - Ba. Apar. Ah! 8 - Air. Avós. Só. 9 - Iriaria. 10 - La. Eco. Piar. 11 - Asara. Sumia.

SOLUÇÃO

DO PROBLEMA N.º 16 712

HORIZONTAIS: 1 - Be. Modas. CC. 2 - Arai. Imitar. 3 - Dais. Namoro. 4 - Amacia. La. 5 - Re. Milão. 6 - Oral. Acarta. 7 - Zama. Rarear. 8 - Crês. 9 - Atue. Ais. Mu. 10 - Solas. Com. 11 - Sós. És. Era. VERTICIAIS: 1 - Badajoz. As. 2 - Eram. Rastos. 3 - Aiaaram. Ulo. 4 - Miscelâneas. 6 - Dinamarca. 7 - Ama. Içarias. 8 - Simulares. 9 - To. Ares. Ce. 10 - Carlota. Mor. 11 - Croa. Arruma.

PROVÉRBIO:
DEVER, É HONRA;
PAGAR É BRIO.

CARTAZ

CINEMAS

LISBOA

ALFA 1

Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496
A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
 Filme de Uli Edel
 M/18 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

ALFA 2

MISS DAISY
 M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 3

ALWAYS - SEMPRE
 M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 4

OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
 M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 19.15, 21.45 e 00.15

ALFA 5

NASCIDO A 4 DE JULHO
 M/16 anos - Às 13.30, 16.15, 19.00, 21.45 e 00.30

ALFA CLUBE

Av. Almirante Gago Coutinho - T. 806496
UM AMOR INEVITÁVEL
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 1

Shopping Center de Lisboa - T. 691275
A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
 M/18 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.30, e 24.00

AMOREIRAS 2

MISS DAISY
 M/12 anos - Às 13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 3

UM AMOR INEVITÁVEL
 M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 5

QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
 M/12 anos - Às 13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 6

ALWAYS - SEMPRE
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 7

OS DEUSES DEVEM ESTAR LOUCOS II
 M/6 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 8

OS FABULOSOS IRMÃOS BAKER
 M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15

AMOREIRAS 9

A GUERRA DAS ROSAS
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

AMOREIRAS 10

CLUBE DOS POETAS MORTOS
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00

APOLO 70

Av. Júlio Dinis, 10-A - T. 763319
CLUBE DOS POETAS MORTOS
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

BERNA

Av. Marquês de Tomar, 10 - T. 776098
A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
 M/18 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.30

CAPITÓLIO

Parque Mayer
AS GAROTAS DA GARAGEM
 Hard-core - 1.º escalão (porno)
 M/18 anos - Às 15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00

CINE CAMÕES

R. do Loreto, 15 - T. 324194
O JUSTICEIRO DE NOVA YORK
 Filme de Michael Winner
 M/12 anos - Às 14.15, 16.30 e 21.30

CINE 222

Av. Praia da Vitória, 37 - T. 533253



O MEU PÉ ESQUERDO

Em exibição Quarteto Sala 1

Qualidade

Maiores 12 anos

CINE PORTELA

ESTÚDIO ANUSHA

T. 9434762
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
 M/6 anos - Às 15.30 e 21.30

ESTÚDIO SHEZA

A GUERRA DAS DROGAS
 M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

CINEBOLSO

R. Actor Taborda, 27 - T. 573407
SUPER GIRLS EM 3-D
 Hard-core - 1.º escalão (porno)
 M/18 anos - Às 12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30

CINEMATECA

PORTUGUESA

R. Barata Salgueiro, 39 - T. 546085
KING LEAR
 De Peter Brook, às 18.30
RAN - OS SENHORES DA GUERRA
 De Akira Kurosawa, às 21.30

CITY CINE

R. Tomás Ribeiro, 34 - T. 549999
CAMPO DE SONHOS
 M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CONDES

Av. da Liberdade, 2 - T. 322523
DEMÓNIO DE SAÍAS
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO

Al. D. Afonso Henriques, 35 - T. 3525133
CLUBE DOS POETAS MORTOS
 M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

ESTÚDIO ACS

Av. da Igreja, 17-F - T. 8487255
CAMPO DE SONHOS
 M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

FONTE NOVA 1

Est. de Benfica 503 - T. 7145088
AMIGOS E DETECTIVES
 M/6 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

FONTE NOVA 2

BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
 M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 18.45 e 21.15

FONTE NOVA 3

A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
 M/18 anos - Às 14.45, 16.30, 18.45 e 21.15

FORUM PICOAS

Av. Fontes Pereira de Melo - T. 541037

AUDITÓRIO 1

O FILÓSOFO
 Filme de Rudolf Thome
 M/16 anos - Às 14.00, 16.00, 18.00, 20.00 e 22.00

AUDITÓRIO 2

O COZINHEIRO, O LADRÃO, SUA MULHER E O AMANTE DELA
 Filme de Peter Greenaway
 M/18 anos - Às 19.15 e 22.00

IMPERIO

Al. D. Afonso Henriques
 T. 3525133

A ORDEM DA ÁGUIA

Filme de Thomas Baldwin
 M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING GEMINI

R. Sousa Lopes - T. 8480808
LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA
 M/16 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.30

KING TRIPLEX 1

R. Bulhão Pato, 1-C - T. 8480808
CAMPO DE SONHOS
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

KING TRIPLEX 2

BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
 M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

KING TRIPLEX 3

TEMPO DE GLÓRIA
 M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30 e 21.45

LAS VEGAS 1

Pingo Doce - Alcântara - T. 3631162
BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
 M/12 anos - Às 15.15, 18.30 e 21.30

LAS VEGAS 2

DEMÓNIO DE SAÍAS
 M/12 anos - Às 15.30, 18.45 e 21.45

LONDRES

Av. de Roma, 7-A - T. 801313
A GUERRA DAS ROSAS
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 1

R. Martens Ferrão - T. 538743
A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
 M/18 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

MUNDIAL 2

ALWAYS - SEMPRE
 M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

MUNDIAL 3

UM AMOR INEVITÁVEL
 M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.15 e 21.45

NIMAS

Av. 5 de Outubro, 42-B - T. 574362
LUA-DE-MEL ATRIBULADA
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

ODEON

R. dos Condes, 4 - T. 326283
A HONRA DO CAMPEÃO

M/16 anos - Às 14.30, 16.45, 19.00 e 21.30

CYBORG

Sábado às 24.00

OLIMPIA

Rua dos Condes, 13 - T. 325309

RATA BORRALHEIRA

Filme porno
 M/18 anos
 Sessões contínuas a partir das 14.00

PLAZA 1

Centro Com. Alvalade
CINEMA PARAÍSO
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 18.45 e 21.30 e 23.45

PLAZA 2

DEMÓNIO DE SAÍAS
 M/12 anos - Às 14.15, 16.45, 19.00, 21.45 e 24.00

POLITEAMA

R. Portas de St.ª Antã
 - T. 326305
DRAGÕES PARA SEMPRE
 Filme de Sam Hung
 M/12 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

QUARTETO 1

R. Flores de Lima, 16 - T. 771378
O MEU PÉ ESQUERDO
 Filme de Jim Sheridan
 M/12 anos - Às 14.15, 16.15, 18.15, 20.00, 22.00 e 24.00

QUARTETO 2

CLUBE DOS POETAS MORTOS
 M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 3

TEMPO DE GLÓRIA
 M/12 anos - Às 14.30, 17.00, 19.30, 21.45 e 24.00

QUARTETO 4

O COZINHEIRO, O LADRÃO, A SUA MULHER E O AMANTE DELA
 M/18 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00, 21.45 e 24.00

SÃO JORGE 1

Av. da Liberdade, 175 - T. 579144
ALWAYS - SEMPRE
 M/12 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.15

SÃO JORGE 2

NASCIDO A 4 DE JULHO
 M/16 anos - Às 13.30, 16.15, 19.00 e 21.45

SÃO JORGE 3

MISS DAISY

M/12 anos - Às 14.30, 16.45, 19.15 e 21.30

7.ª ARTE

Av. da República - T. 730715
AMIGOS E DETECTIVES
 M/6 anos - Às 14.45, 17.00, 19.00 e 21.45

STAR

Av. Guerra Junqueiro, 14-C - T. 804210
A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
 M/18 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

TERMINAL

Estação do Rossio - T. 371573
AMIGOS E DETECTIVES
 M/6 anos - Às 13.00, 15.00, 17.00, 19.00 e 21.30
RAMBO III
 Sábado às 23.45

TURIM

Est. de Benfica, 723 - A - T. 706666
CLUBE DOS POETAS MORTOS
 M/12 anos - Às 15.00, 17.30 e 21.30

XENON

Av. da Liberdade, 9 - T. 3468446
BLAZE - UM AMOR PROIBIDO
 M/12 anos - Às 14.15, 16.30, 19.00 e 21.30
A FÚRIA DO DINHEIRO
 Hoje e amanhã às 23.30

ALMADA

ACADEMIA

ALMADENSE

Telef. 2752127
BLAZE - AMOR PROIBIDO
 M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

COSTA

DE CAPARICA

CAPARICA OCEANO

Sala 1
ALWAYS - SEMPRE
 M/12 anos - Às 15.45 e 21.30

Sala 2
TEMPO DE GLÓRIA
 M/12 anos - Às 16.15 e 21.45

O PESCADOR

Telef. 2905350
LUA DE MEL ATRIBULADA
 M/16 anos - Às 15.30 e 21.45
ARMA MORTÍFERA
 Sábado às 24.00

CASCAIS

CARCAVELOS

ATLÂNTIDA CINE

Telef. 2465653
TEMPO DE GLÓRIA
 M/12 anos - Às 15.30 e 21.30

CASCAIS

MIRAMAR

Telef. 2841744

Sala 1
DEMÓNIO DE SAÍAS
 M/12 anos - Às 15.15 e 21.15

Sala 2
VALMONT
 M/16 anos - Às 15.15 e 21.30

OXFORD

Av. 25 de Abril - T. 2865027
AMIGOS E DETECTIVES
 M/6 anos - Às 16.00 e 21.30

NOVA OEIRAS

CINE PALMEIRAS

Telef. 2479144

Sala 1
NEGÓCIO DE FAMÍLIA
 M/12 anos - Às 15.15 e 21.30

Sala 2
DEMÓNIO DE SAÍAS
 M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

COMUNA - TEATRO DE PESQUISA 2.º ANO
 PRAÇA DE ESPANHA — RESERVAS TEL. 726 08 18
 NO ESPAÇO DO CAFE-TEATRO * UM NOVO ÊXITO *
FESTIVAL DA OTITE!
 SABADOS AS 24h * APOIO SAMSUNG

CARTAZ

OBRAS

ALTO DA BARRA

Av. das Descobertas - T. 4439759

Sala 1
QUERIDA EU ENCOLHI OS MIÚDOS
 M/6 anos - Às 15.15 e 21.45

Sala 2
QUE FIZ EU PARA MERECEER ISTO?
 Filme de Pedro Almodóvar
 M/12 anos - Às 15.30 e 21.45

SINTRA

AMADORA

BABILÓNIA

Centro Comercial Babilónia - T. 4934871

A ÚLTIMA SAÍDA PARA BROOKLYN
 M/18 anos - Às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30

CACÉM

ESTÚDIO FLORES

Telef. 9247570

NASCIDO A 4 DE JULHO
 M/16 anos - Às 15.00 e 21.30

QUELUZ

KING D. PEDRO III

Telef. 4364845

Sala 1
LAMBADA - A DANÇA PROIBIDA
 M/12 anos - Às 15.00, 18.00 e 21.15

Sala 2
BRIGADA ASSASSINA
 M/12 anos - Às 15.15, 18.15 e 21.30

Sala 3
AMIGOS E DETECTIVES
 M/6 anos - Às 15.30, 18.30 e 21.45

TEATRO LISBOA

ABC

Parque Mayer
 De 3ª a Sáb. às 21.30.
 Dom às 16.00
**WHAT HAPPENED TO
 MADALENA IGLÉSIAS**
 De Filipe La Féria

A BARRACA (Cinearte)

Largo de Santos, 2 - T. 665360
 De 6ª a Dom. - Às 21.30
CALAMITY JANE
 De Hélder Costa

CHAPITÓ

R. da Costa do Castelo, 7 -
 T. 878225
 5ª, 6ª e Sáb. às 21.30 horas
KLASSIKUS KABARET
 De Fernando Gomes

CINE-TEATRO DA ENCARNACÃO

T. 8510203
 De 4ª a 6ª às 21.30.
 Hoje às 21.30 e Sáb. às 15.00
O MONTE
 Pelo grupo de teatro amador
 «O Culto da Máscara»

COMUNA

Praça de Espanha - T. 7260818

CAFÉ TEATRO

FESTIVAL DA OTITE
 De Carlos Paulo
 Em cena aos Sábados às 24 horas.

IBÉRICO

R. de Xabregas, 54 - T. 8582531
 De 3ª a Sáb às 21.30.
 Dom. Feriados. às 17.00
O FIM
 De António Patrício



Zita Duarte na peça «Quero Ser Rei Esta Noite»,
 em cena no Teatro Municipal de Cascais

MARIA MATOS

Av. Frei Miguel Contreiras, nº 52
 T. 897017
 3ª a 5ª, às 21.30, 6ª e Sáb às 20.30 e 22.45.
 Dom. às 15.00 e 18.00
SEVERA
 De Júlio Dantas. Encenação de Nicolau Breyner

MARIA VITÓRIA

Parque Mayer - T. 3461740

De 3ª a Dom. às 20.30 e 22.45.
 Domingos e Feriados, também às 16.00
VITÓRIA! VITÓRIA!
 De Henrique Santana, Francisco Nicholson,
 Augusto Fraga, Nuno Nazareth
 Fernandes e Fernando Ribeiro.

PRIMEIRO ACTO

R. Eduardo Pedrosa, 16-A - Algés
 T. 2115033
 De 3ª a Sáb. às 21.30.

Sáb. e Dom. às 17.00
AS PULGAS
 De Cunha Leiradella,
 pela Comp. Persona.

MUNICIPAL MIRITA CASIMIRO

Av. Fausto Figueiredo
 - Monte Estoril - T. 2670320
 De 3ª a Sáb. às 21.30, Dom. às 17.00
QUERO SER REI ESTA NOITE
 De Peter Shaffer

MUNICIPAL S. LUIZ

R. António Mª Cardoso
 - T. 327172
 Hoje às 21.30, Sáb. às 21.30 e 16.00 e Domingo às 16.00
QUADRANTE
 Com Paulo Autran

TRINDADE

R. Nova da Trindade - T. 320000
 De 5ª a Sáb. às 21.45
 Dom. às 16.00
AUTO DA ÍNDIA - VIAGEM A CALECUTE
 De Gil Vicente, pelo Teatro de Todos os Tempos - Comp. Vicentina

VARIEDADES

Parque Mayer - T. 320000
 De 3ª a Domingo às 21.30.
 Domingos e Feriados também às 16.00
OS MENINOS À RODA DA MAMÃ
 Versão livre de Henrique Santana

OUTRAS

LOCALIDADES

ESTORIL

CASINO ESTORIL

T. 2684521
 De 4ª a 6ª às 21.30
 Sáb. às 18.00 e 21.30.
 Dom. às 17.00
SOMENTE ENTRE NÓS
 De Reginaldo Faria

ODIVELAS

TEATRO

DA MALAPOSTA

T. 9873299
 Hoje às 21.30

A FLORESTA

De Alexander Ostrowsky

PORTO

TEATRO SÁ

DA BANDEIRA

T. 2003595
 5ª às 21.30,
 6ª e Sáb. às 20.30 e 22.45.
 Domingos e Feriados às 16.00 e 20.30
AI CAVAQUINHO
 De Eduardo Damas

EXPOSIÇÕES

INAUGURAM

ISABEL MONIZ - Naturezas mortas
Módulo - Calçada dos Mestres, 34
 (Inaugura hoje, às 22 horas)
JOÃO SANTIAGO - Pintura e desenho
Casino Estoril (Inaugura hoje, às 22 horas. Diariamente entre as 15 e as 24 horas. Até 7 de Maio)
MANUEL BAPTISTA - Pintura 1963/90
SNBA - Rua Barata Salgueiro, 36
 (Inaugura hoje, às 22 horas)
MARIA GABRIEL - Desenhos recentes
Galeria Arcada - Estoril (Inaugura hoje, às 22 horas. 11/13 e 14/19 horas, excepto terças-feiras. Até 14 de Maio)
PATRICK PICCARELLE - Trabalhos recentes
Galeria Moira - Rua Nova da Piedade, 33 (Inaugura dia 24, às 22 horas)

LISBOA

150º ANIVERSÁRIO DO MONTEPIO GERAL - Exposição que ficará assinalada pelo carácter censório que levou à exclusão de um trabalho de João Queiroz e a solidariedade dos que retiraram as suas obras. Convidados os artistas que a organização considerou jovens e representativos da dinâmica da arte portuguesa contemporânea, o resultado revela-se caótico. Sem pôr em dúvida a representatividade, parece discutível a juventude. Se alguma existe, então será na organização, montagem e sobretudo no catálogo, que não soube cuidar minimamente, e onde privilegia alguns artistas, com mais do que uma reprodução, em detrimento de outros, ausentes. Para já não falar no infeliz espaço do Palácio Foz, mesmo que o argumento seja a acessibilidade de um público mais vasto. Ora esse público, dificilmente conciliará os horários dos transportes públicos com os horários e os três lanços de escada do Palácio.
Palácio Foz (Diariamente, entre as 11 e as 19 horas. Até dia 29)

JE ESTUN AUTRE - Segunda parte da exposição internacional de autorretratos. Andy Warhol, Christian Boltanski, Gilberto Zorio, Joseph Kosuth, Marcel Brothaers, Michelangelo Pistoletto e Tony Cragg tornam a fotografia parte integrante de objectos onde já não faz sentido discutir, ou limitar, o que é a escultura. Aliás, tem sido esta galeria quem mais tem contribuído para a confrontação e discussão do que é escultura, hoje. Exposição acompanhada de um catálogo onde, a par da qualidade de algumas reproduções, se reúnem textos de Chaké Matossian, John Yau (crítico da Art Forum) e Pedro Frade, sobre a temática e o sentido da autorrepresentação.
Galeria Cómicos/Luís Serpa - Rua Tenente Raúl Cascais, 1 (15 às 20 horas, excepto domingos)

PEP AGUT - Graça Fonseca parece privilegiar o intercâmbio com as galerias espanholas. Depois de Eugénio Cano (por troca com Paulo Feliciano?), a galeria revela agora este catálogo residente em Colónia. Além da instalação *Amigos Para Sempre*, onde diferentes tipos de cadeiras uniformizadas pelo estofado dialogam com a pele mudada (entretanto emoldurada na parede), Pep propõe uma reflexão sobre a desmultiplicação do espaço/suporte. Mondrian revisitado.
Galeria Graça Fonseca - Rua da Emenda, 26 (15/20 horas, excepto domingos e segundas-feiras)

ALMADA

30 ANOS DE ENSINO DE GRAVURA NA ESBAL - 29 alunos testemunham a qualidade do ensino dessa disciplina ministrado pelos professores Gil Teixeira Lopes e Matilde Marçal, aqui homenageados. A simulação do que é uma oficina de gravura (xilografia, calcografia, águas-fortes e serigrafia) desmistificam e aproximam o público dos trabalhos presentes.
Galeria Municipal de Arte (15 às 22 horas, excepto segundas-feiras)

ESTORIL
JOH - "Magnificências", esculturas
Galeria Arcada (11/13 e 14/19 horas, excepto terças-feiras. Até 23 de Abril)
 J.F.

TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS

ORQUESTRA

Concurso para admissão de
 instrumentistas de:

violino

concertino

concertino assistente

solista A

solista B

tutti

viola

solista B

fagote

solista A

trombone

(com trombone baixo)

solista B

Os candidatos devem efectuar a sua inscrição na
 Secretaria da Orquestra, onde os respectivos programas
 e demais condições estão patentes até 25/5/90.
 As provas realizar-se-ão entre 5 e 8 de Junho.

O CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO

SALÃO NOBRE
 do
**TEATRO NACIONAL
 DE SÃO CARLOS**

perspectivas da Música de Câmara

Concertos Instrumentais

ABRIL
 dia 21 às 12,30 h

CONTEMPORARTE

KATERINE RAWDEN (flauta)
 IRENE LINO (violoncelo)
 OLGA PRATS (piano)

obras de:
 BOHUSLAV MARTINÚ
 (no centenário do seu nascimento)

Apoio da Fundação de Mecenato Cultural do TNSC

SNOOPY POR SCHULZ



CARTAZ / TELEVISÃO

HOJE RTP-1

- 16.40 - CLÍNICA GERAL
- 17.30 - JUNTOS E AO VIVO
1º Programa
- 18.30 - RUA SÉSAMO
120º programa.
- 19.00 - JOGO DE CARTAS
- 19.30 - TELEJORNAL
- 20.00 - BOLSA DIA A DIA
- 20.07 - O TEMPO
- 20.10 - BOLETIM AGRÁRIO
- 20.15 - VALE TUDO
- 21.15 - MISSÃO IMPOSSÍVEL
- 22.10 - O ROSTO DA NOTÍCIA
- 23.15 - CHEFE, MAS POUCO...
- 37º episódio: Tony e Angela ficam satisfeitos ao receberem dois convites para sair no Dia dos Namorados. A sua alegria é, no entanto, sol de pouca dura, pois descobrem que foi Jonathan o seu autor.
- 23.45 - 24 HORAS
- 00.15 - UM DIA...
Com Raul Solnado
- 00.20 - REMATE
- 00.30 - CARTAS DE HUMOR
- 00.35 - PELA NOITE DENTRO
«A Última Reportagem»: Malcolm Anderson cansa-se da sua actividade de repórter criminal, que exerceu durante oito anos no «Miami Journal», e resolve partir com a namorada para uma cidade do interior,



«Bucha e Estica», no 2º canal às 20.20



No 1º canal às 21.15, mais um episódio da série «Missão Impossível»

onde lhe ofereceram o cargo de chefe de redacção de um periódico local. Mas, no seu último dia de trabalho em Miami, Malcolm faz a cobertura do brutal assassinio de uma jovem adolescente e vê-se inesperadamente diante da reportagem da sua vida. Um filme de Philip Borsos, com Kurt Russell, Mariel Hemingway, Richard Jordan, Richard Masur, Joe Pantoliano, Richard Bradford, Andy Garcia e Rose Portillo.
Duração: 100 minutos.

RTP-2

- 16.50 - 3, 2, 1 CONTACT
Último episódio
- 17.20 - AS GRANDES VIAGENS DE COMBOIO
- 18.20 - MAGAZINE MUSICAL

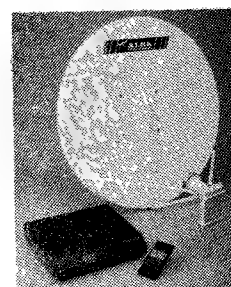
- 18.45 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA
87º episódio
- 19.25 - ESPAÇO INFANTIL
Hoje preenchido com as aventuras e desventuras de «Bia, a Pequena Feiticeira» e com mais uma história de Paulus, o Duende.
- 19.55 - AS CIDADES E AS TERRAS
- 20.20 - BUCHA E ESTICA
- 20.40 - VIA RÁPIDA
- 21.00 - JORNAL DAS NOVE
- 21.30 - DONA BEIJA
- 22.55 - ROTAÇÕES
- 24.00 - HAJA MÚSICA
Hoje estreia-se uma nova rubrica dedicada à moda, que incluirá entrevistas a diversos estilistas portugueses, que apresentam algumas das suas criações. «Amor Proibido» é o filme que está em foco, precisamente no dia da sua estreia

nas salas de Cinema. A película é protagonizada por Raul Newman e realizada por Ron Shelton. Quanto à música, o espaço será preenchido com a apresentação do novo LP dos Peste & Sida.

ALBA

ANTENAS PARABÓLICAS
ACESSÍVEIS A TODOS

INFORME-SE NA
AUDIMAX
TEL. 410 62 75
ALGÉS



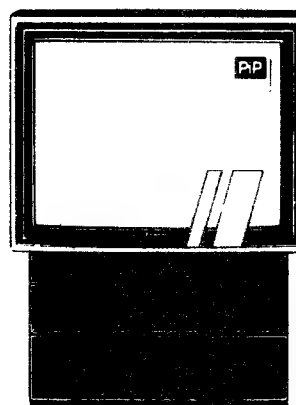
AMANHÃ RTP-1

- 09.02 - TV RURAL
- 09.25 - MEU QUERIDO SÁBADO
- 12.30 - GRANDES TORMENTOS
- 13.00 - NOTÍCIAS
- 13.10 - A SAGA DA CANÇÃO FRANCESA
- 14.05 - PARLAMENTO
- 14.40 - CRIME, DISSE ELA
- 15.25 - SESSÃO DA TARDE
«Boeing, Boeing»
- 17.10 - VIVAMÚSICA
- 18.00 - RICARDINA E MARTA
Último episódio
- 19.10 - SETE FOLHAS
- 19.45 - TOTOLOTO
- 20.00 - JORNAL DE SÁBADO
- 21.15 - O TEMPO
- 21.20 - BOLETIM DAS PESCAS
- 21.25 - CENÁRIOS PERDIDOS
- 22.30 - CONCERTO DE HOMENAGEM A NELSON MANDELA
- 24.00 - CINEMA DA MEIA-NOITE
«Nas Teias da Mafía»

RTP-2

- 09.02 - UNIVERSIDADE ABERTA
- 10.10 - NOVOS HORIZONTES
- 10.30 - MÚSICA N'AMÉRICA
- 11.25 - CAMINHOS
- 11.55 - UM LAR PARA OS ANIMAIS
- 12.40 - TAUROMAQUIA
- 13.10 - CINE-SÁBADO
- 15.00 - ESTÁDIO/1ª EDIÇÃO
- 19.00 - PRIMEIRO JORNAL
- 19.10 - ARCA DE NOÉ
Sessão experimental (Concurso)
- 19.50 - CONTOS POPULARES EUROPEUS
- 21.25 - ESTÁDIO/2ª EDIÇÃO
Inclui: Futebol - Chaves/Guimarães
- 23.30 - O MEU PÉ DE LARANJA LIMA

BLAUPUNKT Seleccionou para si...



BLAUPUNKT
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença

Móveis OLIVEIRA & LEAL, LDA (Casa Fundada em 1945)

Mobiliário em todos os estilos-estantes, móveis soltos — jogos de mapas veludo e pele, arcas — colchões molas e espuma (por medida) — somniers (por medida). Móveis - sala e quarto (por medida). Mobiliário em pinho — móveis de cozinha.

Não compre sem nos consultar.
Entregas em qualquer ponto do país.

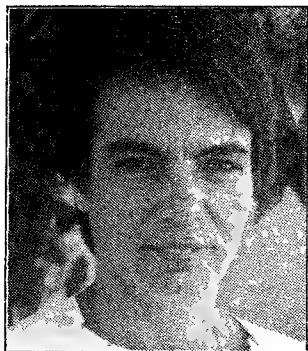
Rua da Rosa (Bairro Alto) 73-81-158-160
Telef. 32 18 72 (200 ² exposição)



«A renúncia de António Pinto Leite é mais importante do que o novo ministro disto ou o novo secretário-geral daquilo»

Paulo Portas, «O Independente», 20.04.90

A PERGUNTA DO DIA



Zita Seabra
ex-militante do PCP

José Luís Judas apresentou ontem o seu documento alternativo às teses da direcção do PCP. Como comenta este facto?

«Não conheço o documento mas penso que deve ser extremamente interessante e, em muitos aspectos, ao debate que os comunistas estão a travar. Trata-se, contudo, de um documento pessoal e não colectivo. Eu, pessoalmente, considero que o PCP está esgotado e que a sua renovação é impossível. Considero que a vida não é ali e que a luta política passa por outros lados, portanto não o faria. No entanto, acho muito interessante que outros o façam, embora considere que ser crítico não é um estado em que se possa estar muito tempo, é um ponto de passagem.»

Segunda-feira no

Diário de Lisboa

Árbitros e arbitragens em Portugal

O civismo na Educação - por Guilherme d'Oliveira Martins

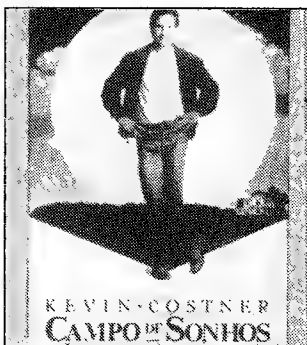
Produção e função dos anticomunistas primários - por Alfredo Margarido

A crónica de Artur Portela

O D L S U G E R E

a Humberto Coelho

Veja CAMPO DE SONHOS, um filme de Phil Alden Robinson, protagonizado por Kevin Costner. Trata-se da história de um homem que, contra tudo e todos, consegue juntar alguns dos maiores jogadores de baseball de todos os tempos e formar uma grande equipa. Agora que anda tão empenhado na constituição de um *team* para o Campeonato do Mundo de Veteranos, pode ser que a película lhe dê pistas para a concretização deste sonho.



a Pedro Canavarro

Consulte o ASTRÓLOGO CURANDEIRO ARAFAM. Segundo as notícias que têm vindo a público, o dirigente renovador parece não andar em maré de sorte, com a demissão do seu colega Ivo de Pinho a ameaça de outros afastamentos. Talvez esteja a ser vítima de mau-olhado e quem melhor do que um perito nas artes do Oculto para lhe restituir a boa estrela?

ASTRÓLOGO CURANDEIRO «ARAFAM»

Trabalha com magia afro asiática macumba uban da. Faço talismã. Soluciono todos os problemas preo cupantes tais como Aproximação de amor, sorte nos negócios, difíceis, felicidade nos estudos, afastamento dos maus vícios e das más ideias humanas como invejas, etc., etc.

a Leonor Beleza

Não perca o filme DEMÓNIO DE SAIAS. Após a recepção apoteótica que teve no Congresso do PSD, apesar das «mal-dades» que lhe fizeram nos últimos tempos, a antiga ministra da Saúde bem se pode considerar vingada dos seus inimigos. Com certeza que se vai divertir com esta história de uma mulher que, não obstante todas as contrariedades, também se consegue vingar de quem a prejudicou.



aos adeptos do Benfica

Dirijam-se já à agência de viagens mais próxima e façam a vossa marcação para irem a VIENA, ver o seu clube na final da Taça dos Campeões Europeus. Depois de retumbante vitória de quarta-feira, com certeza que a massa associativa do «Glorioso» não vai agora abandonar a formação benfiquista. E, para calar a boca daqueles que dizem que os entusiastas do futebol são incultos, aproveitem para assistir a um espectáculo de ópera na capital da música.

A M A R G E M

O primo da Comissão

Manuel Pauliac de Menezes Alves, o eterno candidato à Presidência da República, lá anunciou mais uma vez as suas pretensões a Belém.

Este advogado, que em 1981 desistiu em favor de Ramalho Eanes, e em 1986 acabou apoiando Mário Soares foi, este ano, o primeiro a assumir o seu lugar na corrida presidencial.

Como de costume, Menezes Alves começou com garra, não se cansando de enviar para as Redacções cartas destinadas a esclarecer as suas posições perante os mais diversos assuntos. Rectifico: não é pro-

priamente ele que envia as cartas, mas sim a Comissão Nacional de Apoio à sua candidatura. Ou será que não?

Esta dúvida foi levantada por uma das mais recentes missivas, relativa ao acesso de Portugal aos centros de decisão internacionais. Senão vejamos. O texto começa por se referir aos fracassos da nossa diplomacia apontando, como uma razão entre outras, as baixas remunerações de que auferem os diplomatas portugueses.

E é aqui que surge a grande dúvida sobre a autoria da carta, pois a dado passo lê-

se o seguinte: «Dizia-me um primo meu, embaixador,...».

Numa carta assinada pela Comissão Nacional de Apoio de Menezes Alves à Presidência da República, de onde surge este primo? Como é possível que todas as pessoas da Comissão tenham um primo em comum? E nesse caso não diriam «o nosso primo», em vez de «um primo meu»? Ou será que a Comissão Nacional de Apoio de Menezes Alves à Presidência da República é constituída pelo próprio Menezes Alves?

Dina Soares



meteorologia

Signo e fermento

Serei o último a falar, nos jornais, de Greta Garbo? Já se sabe: nunca ninguém é o primeiro nem o último. Mas o que é falar, neste caso? Rever, através de palavras, as imagens imperfeitas das recosidas pantufas do cinema do bairro chamado infância; de novo estabelecer e minimamente fixar o que a bruma da memória tinha encoberto; traduzir o sentimento adolescente para hoje, aliás capaz de ser colado à nossa pele interior apesar de todas as incidências da vida.

Dia da sua morte, a pequena derrapagem: como se desaparecesse alguém secretamente próximo, íntimo, talvez mais do que soubemos. Pois, não a conheci tão bem, fascinado até pelo seu nome meio inventado, de duas vezes cinco letras. Nunca ousei ser um *voyeur* nem da sua existência, nem do seu corpo presente, apenas o admirador que vê nela o *pattern*, o modelo indefinido, o arquétipo, o mito, dizem. Os mitos são mortais tal como as civilizações?

Mudo agora para aquele aposento do acaso, junto à fronteira, o espaço dela. Ela, que para os outros se chamava *Rainha Cristina*: escoou-se o tempo da última noite de amor com o seu amor — e já está só, errada, toca os objectos testemunhos mudos, afagos, roça as paredes com todo o seu ser, um gato condenado a afastar-se do seu poiso que afinal não era eterno nem duradouro.

A invenção magnífica, a imaginação livre transformada em estranha arte de cinema; e a invenção da invenção, Greta Garbo: o que o homem inventou de mais nobre para si. A sombra clara.

Inseparáveis.

Jorge Listopad

PS: Li algures um diálogo perscrutador a uma voz: G.G. era ou não grande actriz? Erro. Não era actriz. Era Greta Garbo.

LOTARIA NACIONAL

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL

1.º PRÉMIO

35 738

70 000 Contos

2.º PRÉMIO

49 240

12 000 Contos

3.º PRÉMIO

69 427

3 000 Contos

Outro Prémio Grande da Lotaria Nacional

Vendido hoje

aos Balcões da

CASA DA SORTE

LISBOA • BRAGA • PORTO • AVEIRO • VISEU • COIMBRA • SETÚBAL • FARO



CADA CONTO 1 PONTO!

COMPRA NA CASA VIOLA

E GANHE VÍDEOS, AUTOMÓVEIS, ETC.

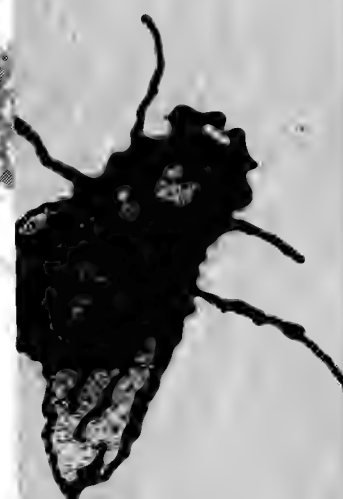
CASA VIOLA — A sorte que «Toca»

LISBOA • BRAGA • ESTORIL • VISEU • PORTIMÃO • SETÚBAL

Correio: R. Assunção, 67 - 1000 LISBOA

SUPLEMENTO DAS SEXTAS-FEIRAS
DO DIÁRIO DE LISBOA
20 DE ABRIL DE 1990,
FAZ PARTE INTEGRANTE DO JORNAL
NÃO SE PODE VENDER
EM SEPARADO

A MOSCA



O DUCHE ESCOCÊS

Do cepticismo para o aplauso sem reservas: numa de rock da pesada, nesta Sexta-Feira Santa, os Xutos & Pontapés, em Bourges, cidade francesa, foram a glória nacional do dia a resgatar-nos do calvário.

SÁBADO, 14

Depois da Sexta-Feira Santa, eis-nos no Sábado da Aleluia e, mesmo se Conacry exige um dinheirão para libertar os pescadores portugueses, o resto é uma alegria. O «Le Monde» fala de Jorge Silva Melo em grande, agora na versão filmada dos «Sonetos» de Shakespeare; em França, na televisão, começa uma retrospectiva do cinema português com Manoel de Oliveira a abrir, por cá há magia na Amadora, folclore na Avenida, humor negro do bom («O Quarto era de Cordas») nos filmes da RTP, uma exposição de José Antunes no Padrão dos Descobrimentos e, como se isto não bastasse, ainda dois anónimos dividem no totoloto um bolão de 78 mil contos.

Como não há bela sem senão, no Algarve, houve barraca: um suposto quadro de Amadeo não teve quem lhe pegasse em leilão, que «O Independente» anteontem garantia que era falso, agora venham para cá dizer que o País não lê jornais.

DOMINGO, 15

Um domingo de Páscoa transformado num domingo de morte, nem dá para acreditar, é literalmente para esquecer. Sartre foi-se há dez anos, hoje morreu a Garbo, mais Anne Philipe, escritora e viúva de Gérard Philipe, isto foi lá por fora, que por cá morreu Soares dos Reis, antigo guarda-redes do FC do Porto, mais nove, só de uma vez num acidente de viação e ainda mais um à navalhada

num crime no Campo Pequeno.

Salvou-se, por assim dizer, o haver sol e, já agora, nos Açores, o início das Festas do Espírito Santo que, entre o sagrado e o profano, assinalam com alegria o renascer da Primavera.

SEGUNDA, 16

Depois de um domingo de morte, são rosas, senhor são rosas, nesta segunda-feira, com Rosa Mota a fazer o tri na maratona de Boston, isto esta semana, a alternância de alegrias e tristezas parece um duche escocês.

Outra alegria: acabou o «Casino Royal» (que bom), os fãs para não ficarem tristes têm amanhã um prolongamento com «O Querido Lilás» a passar na RTP, José Sousa Monteiro, no «Olhar do Mochô», é que diz bem, é um filme sopeiral, que as empregadas domésticas nos perdoem, a ele e a mim também.

Com coisas tão boas que passa a RTP, claro, mal lhe sobra o tempo para dar o concerto do Mandela em directo, hoje, de Londres. Em vez disso, deu-o às pinquinhas e, e-vi-ven-te-men-te, falhou o discurso principal, de Mandela está de ver.

Da RTP para Mário Soares (presente na estreia do espectáculo Paulo Autran, esta noite no S. Luiz) e para coisas um bocadinho mais sérias, ou seja a denúncia feita pela Associação dos Arquitectos de que a lei do Governo sobre planos directores municipais, a passar no Parlamento (está visto que passa, claro...) arrisca-se a fazer de Portugal uma espécie de Torremolinos.

TERÇA, 17

Outro dia de coisas sérias. Tem início o Colóquio «DL» sobre o 25 de Abril revisitado pelos media internacionais, o «JL» publica uma excepcional entrevista

com António José Saraiva e Oscar Lopes, o «DL» faz o mesmo com Mário Soares, oficializa-se a Europália que, pela promoção cultural, para o ano há-de levar Portugal a Bruxelas, e no «DL» ainda (hoje, açambarcamos quase tudo...) há uma sondagem sobre esquerda/direita, não é volver, como na trapa, é perceber que as pessoas, OK, sim senhor, mas para esse peditório já deram, agora gostam é de saber primeiro quem é que, caso a caso, as defende.

QUARTA, 18

Vivó Benfica! que ganhou ao Marseille; vivó, já agora, o Manel de Oliveira, que vai a Cannes outra vez; vivó Dia Internacional dos Monumentos, que hoje foi tudo de graça (por acaso, para ver o Benfica foi pagantibus e não foi pouco); vivó Beatriz Costa que publicou outro livro; e vivó o resto, que o resto é música e foi mesmo, no Hot, no Acarte e em casa dos meus vizinhos de cima, que fizeram uma festa de arromba quando foi do golo do Vata...

QUINTA, 19

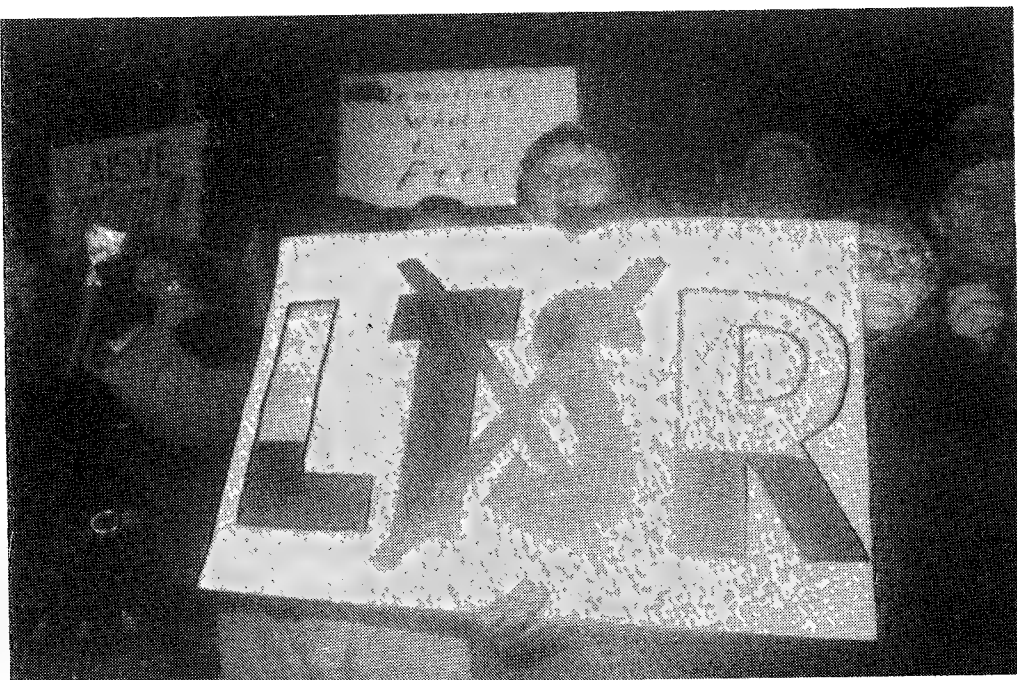
Depois da bola, ontem, hoje é só cultura: António Reis lança «Portugal Contemporâneo», no Forum Picoas termina o colóquio «DL» sobre o 25 de Abril revisitado, Natália Correia fala na Associação dos Advogados, no CNC começa um ciclo de conferências sobre Matemática e Cultura, no IPLL diz-se de Eça e «Os Maias», na Livraria Barata, de «As Personagens», de Ana Teresa Pereira; no Casino (oh, não...) há outra vez Fernando Pereira e, para terminar isto em beleza, os Madredeus actuam no Fonte Nova, para ouvir a Teresa Salgueiro, até um centro comercial faz as vezes do S. Carlos...

Rodrigues da Silva

A génese das relações internacionais baseia-se no relacionamento entre Estados soberanos. Esta afirmação, seca e de síntese, caracteriza o axioma de base da corrente tradicional e realista da ciência interdisciplinar das relações internacionais. Paralelamente ao relacionamento entre Estados, assiste-se hoje em dia ao desenvolvimento de um outro nível de empenhamento no sistema internacional. O que no passado se poderia considerar como subversão ou interferência nos assuntos internos de um Estado, hoje acabou por encontrar um espaço «legal» na arena internacional. Referimo-nos ao empenhamento directo de Estados terceiros no solucionamento de crises internas.

Assistimos esta semana a um braço de ferro distante entre a União Soviética e os Estados Unidos sobre a questão da Lituânia. O desfecho da questão está longe de ter encontrado uma solução. No entanto, e para já, ficou assente que os Estados Unidos conquistaram o «direito» de criticar a evolução institucional e ideológica na URSS sem que estes se insurjam contra o imperialismo yankee. Ao apoiar as reivindicações lituanas, os Estados Unidos estão de facto a ultrapassar o nível tradicional do relacionamento entre as duas superpotências. Ao «furar» a diplomacia soviética, criou-se uma nova

RELACIONAMENTOS



relação entre os dois Estados que, até agora, gozavam da reputação de serem os únicos a serem de facto independentes.

O apoio a focos de resistência no Estado «inimigo» tem sido no passado uma constante da política externa de todas as potências, revelando que as relações de força constituem um factor

importante na vida internacional. Se a União Soviética aceita hoje orientar a sua política interna tendo em conta o apoio norte-americano a uma república seccionista, um outro Estado, que até agora se tinha caracterizado pelo seu isolacionismo e negação violenta da pressão internacional, também está lentamente a mudar. A África do Sul

está realmente diferente. O discurso proferido por Nelson Mandela esta semana, em Wembley, não deixa dúvidas quanto à impotência da África do Sul em se deixar alvejar por um foco de resistência interna, sem no entanto reservar ao líder negro uma suite com piscina na prisão em Paarl. O Estado sul-africano aceita hoje em dia que um país terceiro venere um opositor seu, sem que este facto implique na deterioração das relações diplomáticas entre os dois Estados.

Um outro Estado, que por razões de ordem geográfica, de grandeza e de postura ideológica nunca deixou de ser alvo das mais macabras intervenções externas, aceitou recentemente absorver e institucionalizar o resultado de largos anos de resistência armada ao Estado. Na Nicarágua, esta semana, os vários actores políticos debateram-se com as dificuldades de traduzir em termos legais uma relação de força instrumentalizada do exterior. O desarmamento, difícil e demorado, implica um novo relacionamento da Nicarágua com o exterior, resultado de uma reformulação do Estado.

Superpotência, potência regional ou Estado comum, ninguém escapa à nova transparência das relações internacionais não ortodoxas, aliás subversivas, aliás imperialistas.

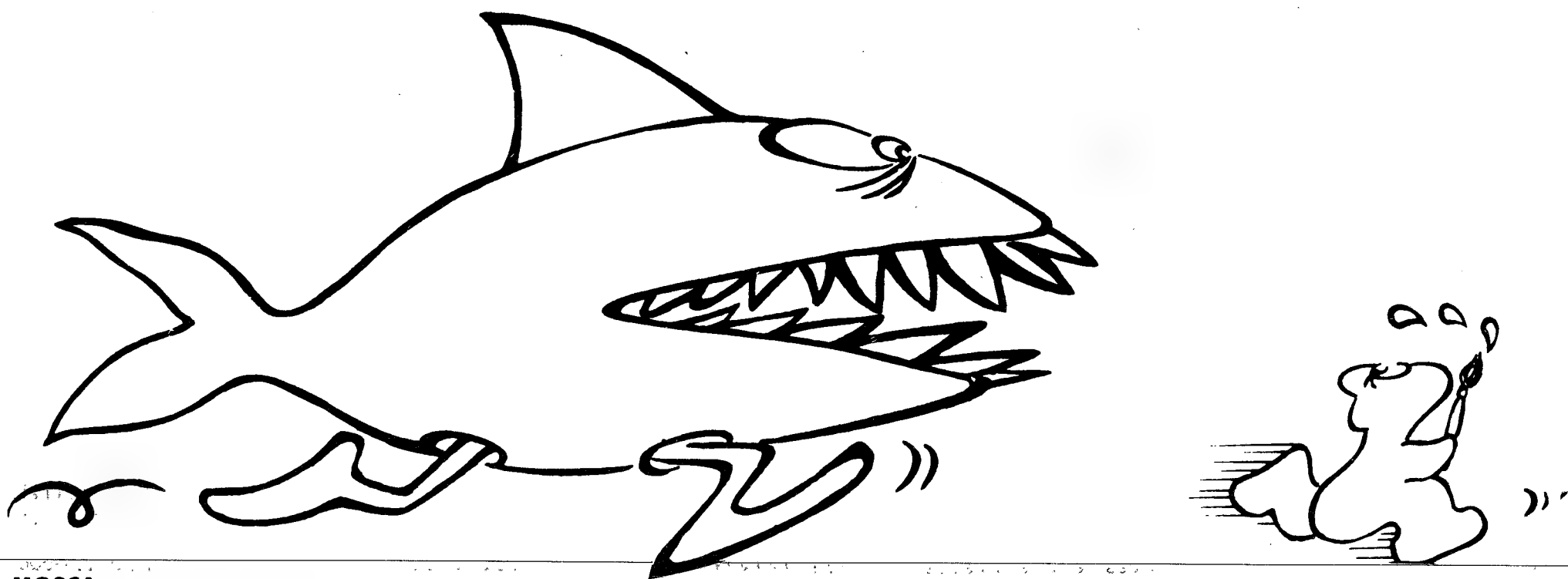
Nuno Azevedo

AS PASTELARIAS SÃO O DIABO!

Na minha última redacção deixou o meu Pai numa leitaria a beber «gin tonic» com uma fúfia lá da repartição porque fui ver se era verdade que ele tinha uma «amiga» (antigamente dizia-se «amante» mas depois veio o progresso e mudou a palavra) para dizer a verdade até essa hora não tinha sabido nada sim porque ir a uma pastelaria beber um copo não quer dizer nada há muita gente que vai e a prova é que há cada vez mais pastelarias e filiais de bancos embora nas filiais de bancos não se coma pasteis de qualquer forma hoje dizer o que vi nesse dia terrível em que eu percebi que o «senhor doutor» em certos coisas é como os outros homens e que as mulheres tem de se defender seja como for deles eu cá por mim já resolvi que quando casar o meu marido não poe os pés numa pastelaria sem mim mas adiante senão fico para aqui a fazer considerações e nunca mais me calo sem dizer nada e ainda acabam por me convidar para ser deputado como eu disse na minha última redacção ao fim de meia hora o «senhor doutor» saiu com a marafona e eu fui atrás deles para ver onde é que eles iam só queria que os vissem a andar na rua do Ouro! sim é queria que os vissem! os dois iam muito lambidos muito lengosos muito acucarados muito sorridentes muito de bráço dado como se fossem dois gatos em Janeiro dele parando de quando em quando a olhar para trás não fosse o diabo tece-las e vir alguém da Graça na rua e ela a ver-se nos reflexos das montras para ter a certeza de que não se tinha despenteado e de que não tinha as meias tortas e eu a esconder-me atrás dos carros e das pessoas para o senhor

doutor não me ver senão no dia seguinte ele voltava a tratar-me como quando eu era pequena e havia lá em casa uma cena de bumba no toutiço que era uma limpeza vai foram assim até ao Rossio ele parecia um gala barrigudo e ela parecia aquela deputada ou lá o que era italiana chamada já não sei que andava sempre a mostrar as bolas de Berlim que Deus lhe tinha posto uma de cada lado do peito como se as outras mulheres não tivessem bolas de Berlim iguais as minhas são tão saudáveis que até uso um «sous tiens» cor de rosa para as segurar (uso um mas tenho dois que é para ter um à mão quando o outro está a lavar pensando bem acho que a expressão «ter um à mão» não é a mais indicada porque essa peça de vestuário não serve para segurar as mãos) enfim só posso dizer da tal fúfia que nunca vi coisa mais lengosa em dias da minha vida e que se eu tivesse uma irmã assim dava-se à minha tia Eulália que tem o quarto cheio de estatuetas azuis claras e cor de rosa parecidas com ela vai quando chegaram-me um susto que não lhes digo nada porque tive medo que se metessem num taxi e que eu não tivesse pilim para ir atrás deles não é que o meu Pai não me dá dinheiro não senhor mas não me dá tanto quanto eu preciso porque anda a poupar pilim para quando for ministro comprar um andar como o de um senhor chamado Cadilhe que também poupou muito pilim quando não era ministro para comprar um andar quando fosse e comprou mesmo por causa da dignidade da sua função que toda a gente sabe que é muito importante ora como eu dizendo eles caminharam para bicha dos taxis en-

quanto eu tremia mas quando chegaram lá os taxis tinham desaparecido e tiveram de entrar para um autocarro o que foi bestial porque eu entrei às escondidas atrás deles e pus-me atrás de uma senhora cheia de embrulhos para eles não me verem fomos de pé todo o caminho mas fomos entretidos o «senhor doutor» quando chegámos aos Restauradores deve ter tido dúvidas sobre a figura e deve ter começado a pensar que lhe faltava uma parte do corpo porque fingindo que estava a apoiá-la começou a verificar com a mão se ela estava inteira e se não lhe faltava uma parte qualquer começou por trás a ver se ela tinha o traseiro em ordem e quando verificou que sim passou para as pernas tudo muito discreto para ninguém perceber que ele estava a inspeccioná-la para ter a certeza de que ela não se tinha esquecido de uma parte qualquer na pastelaria o que pode muito bem acontecer a qualquer pessoa felizmente ela estava inteira e tudo estava em ordem mas fiquei contente de ver que tenho um Pai tão cuidadoso e tão delicado que não se esquece destas delicadezas mesmo num autocarro depois de ter bebido um «gin tonic» o que não se pode dizer de todos os pais a minha Mãe por exemplo era capás de não se ter lembrado de fazer esta inspecção tão cuidadosa o que prova como ele foi fadado para ser ministro sim porque um homem tão cuidadoso merece mesmo ser ministro e o resto são cantigas infelizmente tenho de ficar por aqui nesta redacção por que já não tenho papel e tenho papel e tenho de ir à capelista comprar mais para a semana conto o resto adeus até para a semana



Canal DA Crítica

A M O S C A

MÁRIO CASTRIM

O CRÍTICO

Estava acordado
cruzou uma estrela.
Se tivesse dormido
não podia vê-la.

Estava acordado
passou um avião
Se tivesse dormido
seria em vão.

Estava acordado
começou a chover.
Se tivesse dormido.
não podia ser.

Estava acordado
acenei ao silêncio.
Se tivesse dormido
não tinha lenço.

Estava acordado
de terra e céu.
Se tivesse dormido
quem era eu?

TÊNIS

Na partida de ténis
a câmara esqueceu o passing-shot
a meio do set
para registar a entrada de Eusébio
na tribuna de honra.

E eu a pensar... Em quê?
Que nisto de príncipes e reis
era somente a BBC
em Wembley, Wimbledon, a parar
e a fazer vénias no passeio.

Mas o nosso é melhor, assim o creio.

Deixem a Quíne, como é norma,
passar à reforma
deixar de jogar
e hão-de ver a BBC perder a posta
e assobiar...

Vai uma aposta?...

EM FAMÍLIA

Um jornalista entrevista
o seu colega jornalista
e este virá a entrevistar o jornalista
que lhe fez agora a entrevista.
Assim, de entrevista em entrevista
de joanista a jornalista
Telejornal não perde a crista
porque, de jornalista a jornalista,
fica a entrevista, sim, mais entre vista
e há mais, no jornal, pista

PEDRAS PORTUGUESAS EXPORTADAS

Tive uma pedra redonda
tão da beirinha do mar
que toda aprendeu na onda
o jeito de se enrolar.

Tive uma pedra de lava
a distância a arrefecer
se ao ouvido a encostava
ouvindo a Terra a bater.

Tive uma pedra perfume
de regresso à velha casa
ao chocar ferda luma
de raio, de astros ou de asa.

Tive uma pedra de mó, tão
ao ritmo do coração
que se fechava no sótão
a mudar o vento em pão.

Tive uma pedra diamante.
A Graça que nela passa!
Beija vidro e o vidro adiante
abre, como quem abraça.

PARALISIA TELEJORNAL

Portugal, pátria de heróis,
em estado crítico
anda agora aos caracóis
é um país paralisado.

Que estranho mal
o corta de lado a lado?
No Telejornal
está sempre sentado!

Com muita paciência
o Moniz cose-o
de conferência em conferência
de simpósio em simpósio.

Com o ar infeliz
dos meninos colegiais
tira macacos do nariz
e fala das opções estruturais.

Afonso Henriques, acho
que deves pedir licença a Cristo
e vem cá abaixo
ver isto.

Traz o teu montante raro
está claro.

NOTÍCIA

O avião levava
cem passageiros.
Vejo-o pelo telejornal
na encosta da montanha.

«Salvei-me por milagre» diz
o único sobrevivente.

Claro. Se Deus não existisse
como é que ao menos um de nós
ia salvar-se?

EPIGRAMA

Disse à Dina o director:
— **Menina, presta atenção.
Leva um bom comentador.
Talvez a girafa...**

— **Não, esse não** — torna a ladina.
— **por que não, Dina exigente?**
— **Porque esse** (responde a Dina)
esse é muito eloquente.

ALÉM DOS ASTROS

Ninguém saberá
como é nas estrelas
eu, que volto delas
nem me lembro já.

O mais que suponho
é tudo esquecê-las
tê-las por estrelas
que se têm no sonho

esquecido ou já
quase de inventado
depois que, acordado,
se viajou por lá.

Por céus de lonjura
por tremer em vão
por qualquer razão
inda mal segura.

Inda se no esboço
de quem se recorda
houvesse uma corda
houvesse um balouço

ou se ainda fosse
pra servir de carga
qualquer coisa amarga
qualquer coisa doce...

Como é nas estrelas
ninguém saberá.
Eu que andei por lá
que em lá me deixei
antes de esquecê-las
se inventei estrelas?

Tudo o mais não sei.

INFLA(MA)ÇÃO

Quando a inflação desce
é a primeira notícia do Telejornal.
Quando sobe?
Então vai para o 24 horas.
À meia-noite e 14 minutos, a inflação
subiu em Fevereiro.
Fui eu talvez o único a saber
porque eu não durmo em serviço
e por isso aqui estou a dizer-te
que em Fevereiro a inflação subiu.

Eu e tu: pelo menos
somos dois a saber.

ADOLFO

Século XX conta-nos como ele foi eleito
democraticamente
e como ele dizia «o meu sonho é banir
o marxismo do solo alemão; lutarei
pela unificação da nação alemã;
caminharei para Leste
com a compreensão da Inglaterra
e da França...»

Seu nome era Adolfo.

Mas que importam os nomes?
Andando, os pés vão fazendo o caminho.

AGUSTINA EM «ELOGIO DA LEITURA»

Arte? Sei lá se é da arte.
Fácilmo é somar.
Sei só que fico a olhar-te
como se olhasse o mar.

Talvez Camilo, não?
Fernão Lopes? Não só.
Talvez, talvez o verão
talvez o inverno. Ou

ò Alentejo, Alentejo,
ò seara sem pecado
talvez aquele beijo
longe, longe, especado.

Arte? Doença é definir.
Há o longe, as cicatrizes.
E eu ficar a ouvir
sem saber o que dizes

mas sabendo que vês
medium de algum Além
ervas? Bruxas? Talvez.

A sua bênção, mãe.

MANDELA

De abismo em abismo foste
construindo as pétalas
as palavras respiradas no silêncio
ocupadas as mãos no tricô do futuro.

Nós morremos. E tu ressuscitaste-nos e
regressaste ao Soweto dos nossos braços
os homens precisam de um homem
de quando em quando, para terem orgulho.

Hoje é a grande oportunidade deste verso
se transformar em flor.

AI QUE BOM

Ai que bom, ai que bom,
as notícias do dia.
O socialismo está a acabar
na Polónia, na Hungria,
Checoslováquia, RDA.

Ai que bom, ai que bom,
socialismo já não há.

Os PCs mudam de nome.
Irão para a clandestinidade?
Procurarão outra vez sob as forcas
a sua identidade?

Ai que bom, ai que bom,
a economia de mercado
vender a pele, o suor,
pelo melhor bocado.
Ai que bom, ai que bom,
mãezinha,
e as tuas lágrimas?

Cristo crucificado
no pão nosso de cada dia
voltará à Checoslováquia
RDA, Hungria?

Ai que bom, ai que bom
as notícias do dia.

GUARDA-COSTAS

Pik Botha chega
para a reunião
Fala à Comunicação
Social

Dez são os seus guarda-costas.
Dez negros.
Umás torres. Óculos escuros.
Duros. Atentos. Dez
negros.

Tranquilo, Botha fala
à Comunicação Social.
Entretanto, as estrelas
choram
no céu.

PUBLICIDADE

Com este bronzeador nem
precisa de sol.

Se não tem férias
se trabalha nas férias
se nas férias fica em casa
não se preocupe.
Este bronzeador
virá em seu auxílio.

Oh, em que sítio do Algarve
estiveste?
(perguntarão s amigas que
por acaso
também usam o bronzeador).

DOCUMENTÁRIO

As praias das ilhas Seychelles
são de longe, de longe
da nossa alma. São as prais
das ilhas Seychelles.

Tartarugas carregam
antigas visões. Rastejam
indecifráveis, grávidas
as tartarugas
das ilhas Seychelles.

Os indígenas das ilhas Seychelles
sorriem. Dedicam-se
ao artesanato. Oferecem
colares, feitiços.
Silenciosos os indígenas
das ilhas Seychelles.

São boas as ilhas Seychelles
para uma lua de mel.
nada temam. Há redes
contra os mosquitos
nos hotéis das ilhas Sechelles.

FINAL

Agora a televisão
desce os taipais com humor.
É, nos tempos que ora vão,
ideia que faxavor!

Muda-se o provérbio ali
desfeito em riso e suor:
por fim, na TV, quem ri
é aquele que ri pior...

Sabe bem á noite o amor
que sorri, feliz. Só que o
amor das cartas de humor
cheira muito a ventríloquo.

Vejo a «carta» e lembro, em suma,
as histórias bem dispostas
do homem que ri com uma
faca espetada nas costas...

COM CINCO PEDRAS NA MÃO

Devo, então, ter chegado a Lisboa. Pimpão, lá está o aeroporto da Portela.

Tão diferente daquele aonde chegava a Maureen O'Hara no **Lisboa** do Ray Milland — para grande decepção do Vasco Sequeira que havia de descobrir entre as bagagens da ruiva «star» a mala dos seios, e eram seios postiços... Tão diferente.

Dir-se-ia agora a casa de banho da Bo Derek. Ou da Farah Fawcett, algures no Nevada.

Igual, previsível, o motorista de táxi. Aborrecido por não apanhar estrangeiros dos antigos com Palace no Estoril (ele como eu tem saudades de Maureen O'Hara e do tempo em que os aviões eram aviões e não apenas metro aéreo) e me levar só ali até ao Marquês...

Casa da minha infância, mas longe as cantilenas das criadas estendendo a roupa ao som do Tide, o doce cheiro das bolas de Berlim que velhas muito velhas vendiam dentro de malas e que as mães nos proibiam de comprar por causa da higiene.

Lisboa.
E os amigos, claro.

Os melhores do Mundo, lembrou-me um dia o Quim — estávamos num bar em Montreal e lá fora nevava.

O telefone, a campainha.

O bife com ovo e as canecas da Portuguesa.

Estou, portanto, em Lisboa. Manhã seguinte e compro os jornais. E cai-me a vista na legenda de uma fotografia de um artigo do Sérgio C. Andrade, o melhor dos minhotos. E dizia, mais coisa menos coisa:

Eunice Muñoz, que faz a unanimidade de Portugal.

Mau.

E eu?

Eu não conto?

Ou já de manhã e diante da bica me expulsam da comunidade a que, esperançoso, regresso?

Eu para quem tudo aquilo que Eunice representa — essa impúdica (convencional) sensibilidade exposta que vai de Florbela Espanca a António Lobo Antunes passando pelo **Cântico Negro** do Villaret me faz pele de galinha — das antigas, de capoeira. Será que todo o Portugal sofre deste mesmo eczema? Pensam todos — que pesadelo! — como eu?

Ou estas boas-vindas que espero são a tão simples maneira de me dizerem **tu cá és dos nossos?**

Acabo a bica, deito o jornal fora (t'arrenego!), ataco o telefone.

Então, novidades?

E não é que durante as três horas dos muitos telefonemas toda a gente me fala de jornais?

Como se o único assunto de conversa

desta cidade tão bonita fosse não a vida mas a sua imagem?

Como se em vez de os jornais falarem da cidade, fosse (é) a cidade quem fala dos jornais. Cidade pequena, a vida dos jornais da terra dá-lhe talvez importância, lugar no Mundo.

Ou não será que a alteração da realidade destes anos de tecnologias várias inverteram a vida?

O jornalista é mais forte do que o seu assunto, a reportagem mais importante do que o caso, os jornais chamam-se **Público** e ainda se hão-de chamar **O Leitor**, a notícia de óbito é mais verdadeira do que a morte.

Eis então: que representação pode existir, que arte, se é já a própria vida quem por meios vários se elide da sua própria representação?

Quem responde a isso? Um único: Godard.

Como vou fazer um filme e amanhã, por isso mesmo, ligarei o computador, esta questão é-me vital. Ou, como ainda há pouco se dizia, **profissional**.

Mas o melhor é ir à vida, ou seja ao supermercado.

E no caminho, um enorme cartaz devidamente **sponsorizado** anuncia uma peça de teatro, espectáculo onde tenho amigo mais que sólido e alguns conhecidos simpáticos. E vem-me o estômago à boca.

A peça é uma pecita de Nigel Williams que conheceu alguma fama por ter sido um espectáculo de circunstância na Schaubühne. Chama-se **Class Enemy**.

O anúncio, na pérfida inocência da sua lusa tradução, indica bem a nova ideologia: **Inimigos**.

De classe ficou no tinteiro.

Não deve convir nestes tempos de desesperado cavaquismo. Da mesma maneira que há uns anos se acrescentava classe a tudo — e tínhamos que chupar **Credores** de classe, quando não era de classe a sífilis de **Os Espectros** e claro o lenço de Desdémona. Agora o melhor é fugir com o rabo à seringa, omitir. Eventualmente editar para uso das universidades o **Manifesto do Partido** (sem dizer comunista) de Karl Marx iniciando o texto sem protelários, é claro.

Qualquer coisa como: **De todo o Mundo uni-vos**.

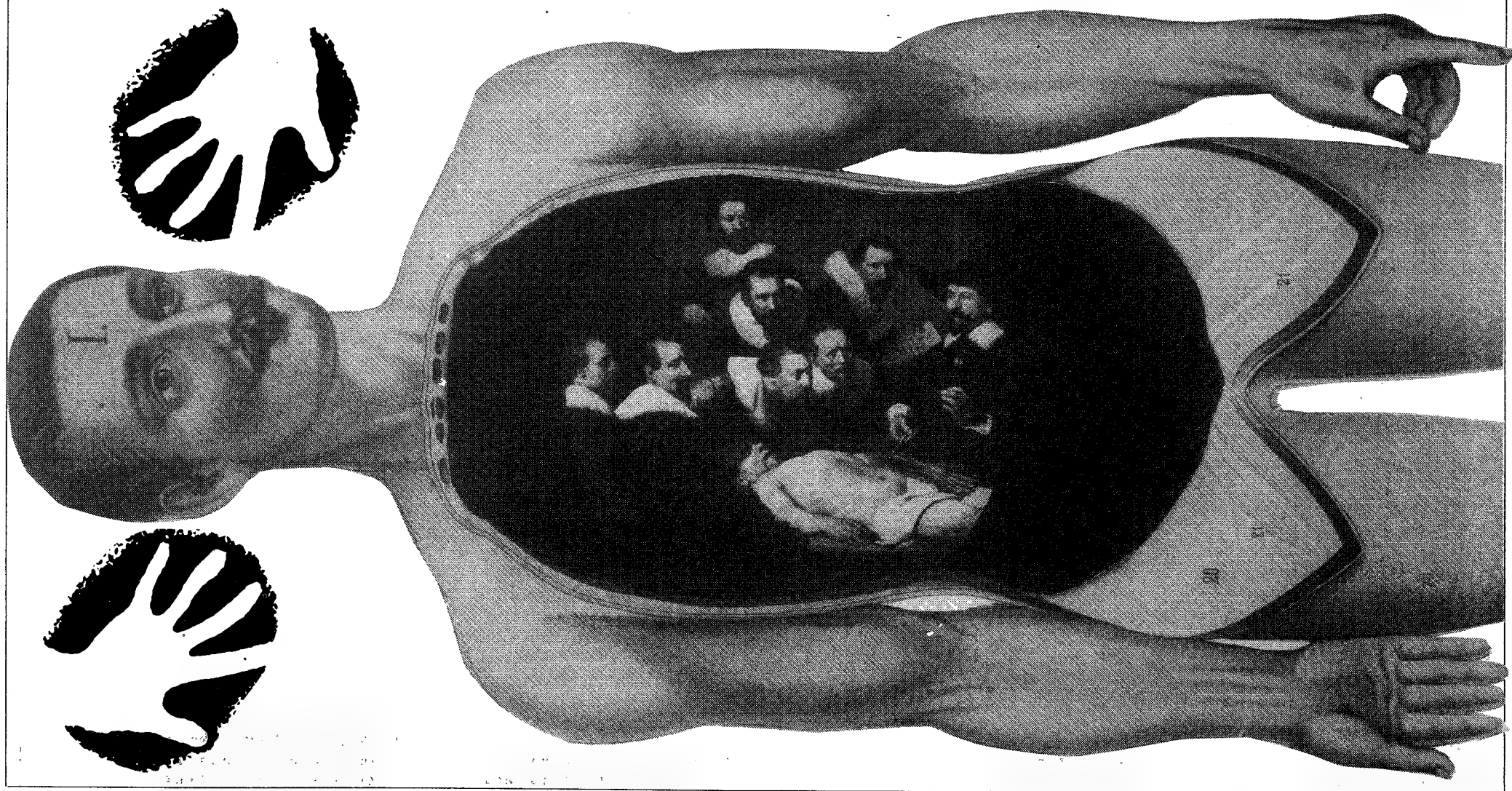
E dá-me um tal desgosto!

Ao volante, na estrada que foi de Sintra, e é o triste caminho (de classe, meus pobres amigos) até ao **Continente**.

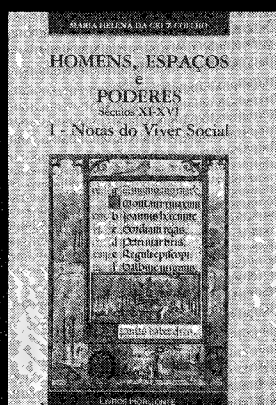
Saudades, ao que se chega!, do verbo fustigante e um tudo-nada carrascão de Guerra Junqueiro!

Ah, eis-me de regresso à Pátria. Pátria da cobardia?

Jorge Silva Melo



As épocas medievais continuam a apaixonar-nos. Desta vez e neste 1.º de 2 volumes, Maria Helena da Cruz Coelho percorre o centro e norte do país: Coimbra, Seia, Nóbrega, Guimarães, Caminha; para nos contar o trabalho das mulheres, a comida e a bebida, as revoltas, os combates à pobreza, os testamentos, as acções régias.



edição
LIVROS HORIZONTE
distribuição
DIGLIVRO/MOVLIVRO

A HERESIA POLÍTICA DE ESPINOSA



A filosofia de Espinosa não foi elaborada na solidão do filosofar metafísico, como algumas interpretações defendem.

O "Filósofo maldito" viveu envolvido na intervenção política, apostado no combate ao regime feudal.

Mas, ao mesmo tempo, a sua filosofia não vestia a burguesia ascendente.

F. Cabral Pinto
conta-nos
"A Heresia
Política
de Espinosa"

edição
LIVROS HORIZONTE
distribuição
DIGLIVRO/MOVLIVRO

Texto de
Chakê Matossian



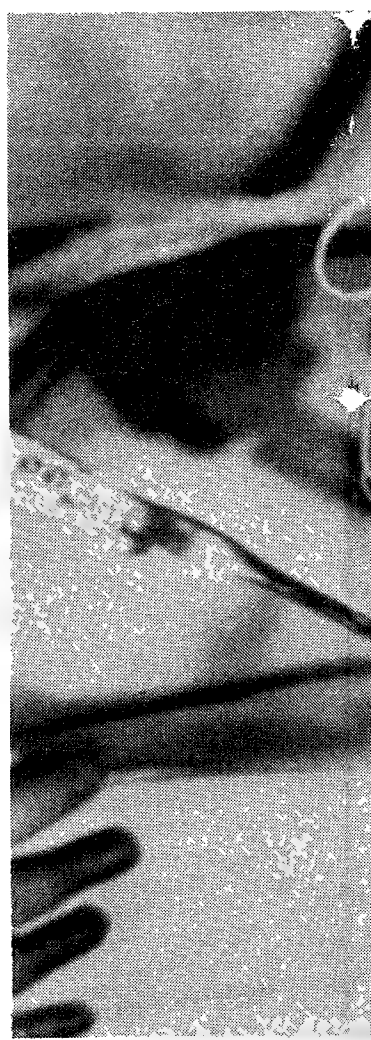
A MOSCA MODERNA

Ao intitular um dos capítulos da **Histoire de l'Oeil**. As patas da Mosca, Bataille não só insiste na relação entre a sexualidade, o objecto e a morte como se refere também, de um certo modo, à própria escrita, ao seu texto. As patas de mosca correspondem a um tipo de escrita, pequena e compacta, feia, quase ilegível. No seu famoso Dicionário, Antoine Furetière, em 1690, nota: «On appelle une mauvai-

se écriture, et dont le caractère est petit et affamé, des pieds de mouches» [1]. Antes de chegar ao uso metafórico da palavra «mosca», Furetière define o insecto, dando uma descrição pormenorizada que indica, por um lado, a relação do animal com a sujidade: as moscas «formam-se nas latrinas» e que, por outro lado, evoca o diabo. Furetière retrata a mosca, apresenta uma ampliação do

rostro, dando, na escrita o equivalente da visão efectuada através do instrumento então em voga, o microscópio. Este insecto que começa por ser um verme (daí a sua proximidade com a morte), desenvolve depois um corpo autenticamente satânico. A cabeça trai já o carácter sanguinário do animal, com os seus dois olhos de «cor purpúrea». Além do olhar vampírico, a mosca evidencia «dois cornos», «asas membra-

nosas» e «seis pernas peludas» cujas extremidades se encontram arma-



Textos de
Duda Guennes

TRAVESTISMO OU O DESTINO AR

«Anatomia é o destino», dizia Freud. O *travesti* é a esfinge que expõe o enigma da diferença sexual. A Natureza determina que os seres humanos sejam divididos em homens e mulheres, facto que se torna uma referência fundamental, um atributo essencial, que de maneira implacável sela a identidade de cada um, separando e atraindo as pessoas em dois grupos de maneira radical.

Freud praticamente esgotou o assunto nos livros «Complexo de Édipo» e «Complexo de Castração», de forma eminentemente normativa, simbólica e estruturante.

Ser homem ou mulher não é uma simples e mera definição biológica e natural, como se poderia conceber ao falar de um animal macho ou fêmea. A sexualização no ser humano é um longo e tortuoso processo sujeito a inúmeros percalços, com muitas possibilidades de entaves, retardamentos, desvios e, sobretudo, não aceitação.

Há pessoas que não se sujeitam a este fatalismo da Natureza e partem

para se afirmarem na identidade do sexo oposto ou numa indecifrável dubiedade. A História registou o nome de alguns destes «travestidos», que por seus feitos valorosos, ficaram para a posteridade, como é o caso de:

Charles Geneviève Timothée (1726-1810). Tinha menos de 1 metro e 60 de altura, era imberbe e rechonchudo nas partes. Exactamente por essas características femininas, Luís XV de França fez dele, que era militar e diplomata, um espião, primeiro na Rússia depois na Inglaterra. Funções que exerceu «vestido de mulher» e fazendo-se passar por tal. Fez o maior sucesso em Londres a sua postura ambígua. Homem ou mulher? perguntavam todos.

Apesar dos gestos e trejeitos feminis, ele/a jamais foi visto em companhia feminina ou masculina. Em pouco tempo, Londres inteira estava alvoroçada, apostavam forte na identificação do seu verdadeiro sexo. Em 1774 as apostas nos «bookmakers» superavam a casa das 120 mil libras esterlinas. A maio-

ria das apostas era que d'Eon era mesmo mulher.

Embora vestido de mulher e com todos os adereços femininos, d'Eon era considerado o melhor esgrimista de França, facto que impedia uma verificação «in loco», dos mais afoitos, para constatar a qual dos dois sexos pertencia aquela misteriosa personagem.

As notícias da grande popularidade conquistada na corte londrina, fez com que o rei de França, temendo que ela/e revelasse segredos de Estado, chamou-a/o de volta e ordenou-lhe usar fatos femininos até à sua (dela/e) morte.

Enquanto isso, em Inglaterra, o caso chegou aos tribunais através de dois apostadores. Um chamado Jacques, que havia apostado uma «grana preta» que d'Eon era mulher, queria receber o seu dinheiro e foi ao tribunal acompanhado de um médico, doutor Louis de Goux, que atestou sob juramento: «Vi os seios de d'Eon e tive a prova manual que ela é do sexo feminino.» O juiz o/a declarou legalmente

mulher, mas mesmo assim d'Eon negou-se a ser oficialmente examinado.

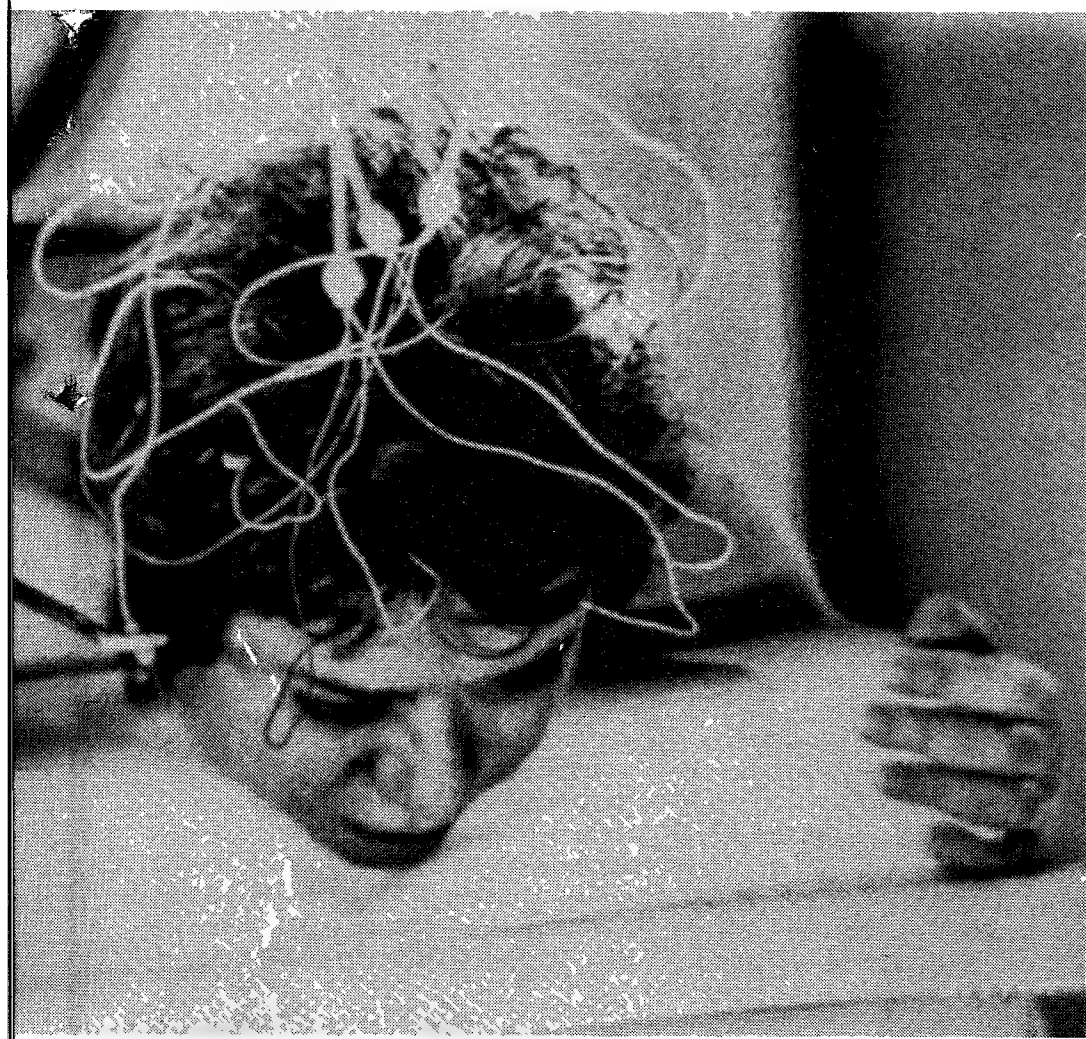
Quando d'Eon morreu, em 1810, o cirurgião que o examinou escreveu no seu laudo: «Nádegas singularmente redondas, seios grandes, braços, pernas e dedos de mulher e um pênis de 15 centímetros em posição de descanço.»

Até hoje ninguém sabe se d'Eon usou alguma vez esses 15 centímetros. Mistérios...

O NOME DELA É BALTAZAR

Maria Úrsula de Abreu Lancaster, que no dia 1 de Setembro de 1700, disfarçada de homem e com o nome de Baltazar de Abreu e Oliveira, assentou praça como soldado, em Lisboa. Natural do Rio de Janeiro, filha de João Abreu e Oliveira, tinha então 18 anos de idade.

«Parece-me que um desespero de um amor contrariado a levou a fugir da casa paterna buscando uma nova diversão nas aventuras da guerra», escreveu o barão do Rio Branco, no livro «Efemérides Brasileiras».



das por «unhas ou pinças entre as quais se vêem pêlos», aliás todo o corpo

é «peludo» cinzento escuro, quase preto. Entre as armas da mosca,

destaca-se ainda uma tromba para atrair a humidade vegetal e um

«agulhão para chupar o sangue dos animais».

Ao situar, na **Histoire de l'Oeil**, a cena sexual mais violenta, porque directamente ligada à taurromaquia, nas latrinas cheias de moscas, Bataille reencontra o retrato ampliado da mosca parecido com o do touro. A uma escala diferente, os rostos do touro e da mosca são quase idênticos, tendo a mosca a vantagem de possuir também um traço do matador, o agulhão. A escrita, para Bataille, relaciona-se com o abjecto (escreveu um texto chamado WC), com a morte e a sexualidade, ou seja as forças primitivas mais violentas que até ultrapassam as necessidades da fome e da sede. Com efeito, Bataille afirma o primado da dejectação e da «expulsão de elementos violentamente heterogêneos» num texto intitulado **O espírito moderno e o jogo das transposições** [2] ilustrado com duas foto-

grafias, um mostrando, em «gros plan», moscas coladas numa fita e a outra a capela mortuária «decorada com ossos dos Capuchos aí enterrados», na Igreja de Santa Maria da Conceição em Roma. Essas imagens não detêm, para Bataille, qualquer força e revelam-se, antes, como prova da hipocrisia moderna (à qual não se pode escapar), como falta de coragem. O terror causado pela morte e pela putrefacção, como também pelas formas que remetem para elas (insectos, ossos) não é encarado de modo selvagem mas antes de modo «moderno» ou seja fraco, ou ainda «retórico» e até decorativo. Perdeu-se a visão. Do mesmo modo que já não nos é possível enfrentar uma «imagem grandiosa de uma decomposição», também se perdeu as imagens obsessivas em prol das obras de arte. Ao olhar farmacêutico que representa a cegueira da visão moderna, Ba-

taille opõe a verdadeira visão, necessariamente inscrita no espaço da transgressão. E é essa visão que funciona como modelo para a visão da obra de arte, para o olhar do amador de arte: «desafio qualquer amador de pintura para gostar de uma tela tanto como um feiticeiro gosta de um sapato» [3]. E se o espírito moderno escondeu, através dos desvios retóricos e decorativos, a cena do que não pode ser visto sob pena de sufocar, no entanto parece que é ainda, apesar de tudo, este resíduo selvagem que leva o homem a escrever e pintar. No fundo, há sempre uma mosca no quadro. No fundo, a escrita surge sempre como «patas de mosca»...

1. FURETIÈRE, Antoine, Dictionnaire Universel, La Haye, 1690, t. II. Artigo «mosca».
2. BATAILLE, Georges; Oeuvres Complètes, Gallimard, t. I.
3. Ibid., pág. 273.

OS ARTIFICIAL

Na Índia, Baltazar distinguiu-se entre os mais intrépidos soldados, principalmente na tomada da Fortaleza de Ambona (1705) e na conquista das ilhas de Penelém e Corjuen (1706). Depois, comandou um baluarte da fortaleza de Tschaul.

Obtendo baixa a 12 de Maio de 1714, casou-se com um valente português, Arrais de Melo, e mereceu de D. João V uma pensão e usufruto do Paço de Panguim. Faleceu em Goa, cercada do respeito geral.

DIADORIM

O romance de João Guimarães Rosa, «Grande Sertão: Veredas», vocês conhecem. Foi exibido na RTP, com Bruna Lombardi no papel de Diadorim/Reinaldo, jagunço dos mais valentes, que entrou no cangaço para vingar a morte do pai.

Esta, aliás, é uma velhíssima lenda de origem chinesa, a estória de uma mulher, chama-se Mulan, que se veste de guerreiro para executar a mesmíssima vingança.

«Grande Sertão» reconta facto semelhante, que chegou até o autor mineiro como folclore sertanejo, levado pelos portugueses, o que revela a longa migração de uma estória arcaica (trazida da Ásia para a Península Ibérica pelos árabes) e daqui levada para o outro lado do Atlântico.

Nos combates entre os jagunços dos coronéis rivais, Diadorim aproxima-se de Riobaldo ao lado de quem segue viagem, vivendo uma estranha afeição, «...de amor mesmo amor, mal encoberto em amizade».

Diadorim/Reinaldo, «nasceu para dever de guerrear e nunca ter medo, e mais para muito amar, sem gozo de amor»...

A DONZELA QUE FOI À GUERRA

No cancionero ibérico há a estória da Donzela que foi à guerra, com suas múltiplas versões, uma delas deu até filme: «Silvestre», de João César Monteiro. Theophilo Braga, no seu «Romanço Geral Português»

(2.ª edição, Lisboa — 1906), compilou 14 variantes distintas, classificando-as na rubrica Ciclo Scandinavo-Germânico. O sociólogo brasileiro, Florestan Fernandes, recolheu outras tantas em «Trocinhas do Bom Retiro».

Trata-se da estória de um velho que apenas com filhas (as versões falam em duas, três e sete), lamenta não ter nenhum filho varão para combater na guerra entre França e Aragão. A mais velha (ou a mais jovem, depende da versão) propõe-se então a se fazer passar por rapaz e ir à luta.

Tal como em «Grande Sertão», um jovem camarada da donzela se enamora, embora, «sofra» as dúvidas quanto ao sexo do guerreiro (O Sintoma, que fala a psicanálise): «Os olhos do conde d'Arcos são de mulher, de homem não.»

Sete anos depois, a filha retorna à casa paterna levando a tiracolo um futuro genro, e diz:

«Sete anos andei na guerra
E fiz de filho varão;
Ninguém me conheceu nunca

A não ser o meu capitão.

Conheceu-me pelos olhos

Que por outra coisa não.»

JOANA D'ARC

A Donzela de Orleans, Joana d'Arc, também vestida de homem, teve grande participação nas lutas entre França e Inglaterra, comandando tropas gaulesas com valor e entusiasmo. Condenada pelo Parlamento de Bordéus e pela Universidade de Paris, foi queimada viva e em público, acusada, entre outras coisas, de feiticeira. Estávamos no ano de 1431. Hoje, Joana d'Arc, além de heroína nacional fran-

cesa é santa de altar, canonizada em 1920.

Há também uma outra Joana, também muito controversa. A Papisa Joana. Mas essa é assunto para uma outra crónica.



Maria José Belo Marques

A ILHA DE CABO VERDE



homem. Construída entre precipícios, a sua largura não permite que viaturas vindas em sentido contrário se cruzem com o autocarro. E continua a ser tudo verde...

Por uma estrada de terra batida, junto ao mar, chega-se à Vila das Pombas, no Paúl. Ai, ninguém fica insensível à harmonia existente entre os elementos, o mar com as palmeiras próximas e as montanhas. Paradisiacol

A sua gente é simples, e faz da *mora-beza* (bem receber) prática de vida. Vive da agricultura, da pesca e do fabrico de grogue. Os turistas são poucos, só os

mais ousados que trocam os hotéis de luxo do Sal pela descoberta da variedade paisagística das ilhas.

Cada nova ilha do arquipélago que se conhece rouba-nos, para si, um pouco de nós próprios. E Santo Antão, particularmente. Mais que não seja porque é a ilha verde de Cabo Verde.

**O «DL» agradece
aos Transportes Aéreos
de Cabo Verde (TACV)
o apoio concedido
a esta reportagem**



Embora se possa chegar à ilha caboverdiana de Santo Antão de avião optamos pela viagem de barco. Embarcamos no Mindelo, em São Vicente. A travessia tem a duração aproximada de uma hora, e é feita por águas ligeiramente agitadas. Um tempo que pode ser facilmente dedicado à contemplação. Volta não volta, do mar e sobre ele saltam peixes-voadores de reflexos vermelhos e dourados. Estava calor, e a ligeira brisa provocada pela deslocação do barco sabia-nos bem. De repente, como num passe de magia, ela surge-nos imponente e verde. Surpreendentemente deslumbrante!

Do seu interior um emaranhado de montes, serras e montanhas dá-nos as boas-vindas. Ao mesmo tempo que nos sentimos insignificantes perante a grandiosidade do seu relevo - que chega a atingir 2800 metros de altitude- ficamos aparvalhados com os *degradés* e matizes do verde da vegetação. Tão diferente da desértica ilha branca da Boavista e da aridez vulcânica hipnótica de São Vicente. Dirigimo-nos do Porto Novo para a Ribeira Grande por uma estrada, a única, feita sem a ajuda de máquinas, com pedras colocadas uma a uma pelo



casa do leão

S. VICENTE



PRAIA

SÍMBOLO DA FORÇA

REPÚBLICA DE CABO VERDE

ADEGA

S.A.R.L.

S. VICENTE/PRAIA

REPÚBLICA DE CABO VERDE

DROGARIA DO LEÃO

Nunes Leão e Companhia Limitada



S. VICENTE

REPÚBLICA DE CABO VERDE

Texto de Manuel Cintra

Tem uma maneira elegante e entusiasmada de estar. Talvez o seu trabalho relacionado com a voz tenha contribuído para esta maneira de falar: cantante, alegre, e um tudo-nada aristocrática. Como se falar fosse uma arte permanente, um dom da Natureza que é preciso respeitar. Luís Madureira fala entusiasmadamente de si e dos outros. E sem ter elogios a ninguém vai mostrando admiração e carinho por todos os que contaram na sua vida e, de algum modo o foram ajudando a encontrar o caminho. Tem um olhar vivo, maroto; como se não quizesse perder pitada de tantas coisas que o rodeiam e interessam. Além de actor e cantor, Luís Madureira tornou-se um dos poucos especialistas que temos no campo do trabalho de voz, e debruçou-se especificamente na voz dos actores. Fala depressa, preocupado, entusiasmada. Depois virá a perguntar a si próprio se falou muito, ou de mais. Mas no fundo é tudo um problema de entrega, e de intensidade nessa entrega.

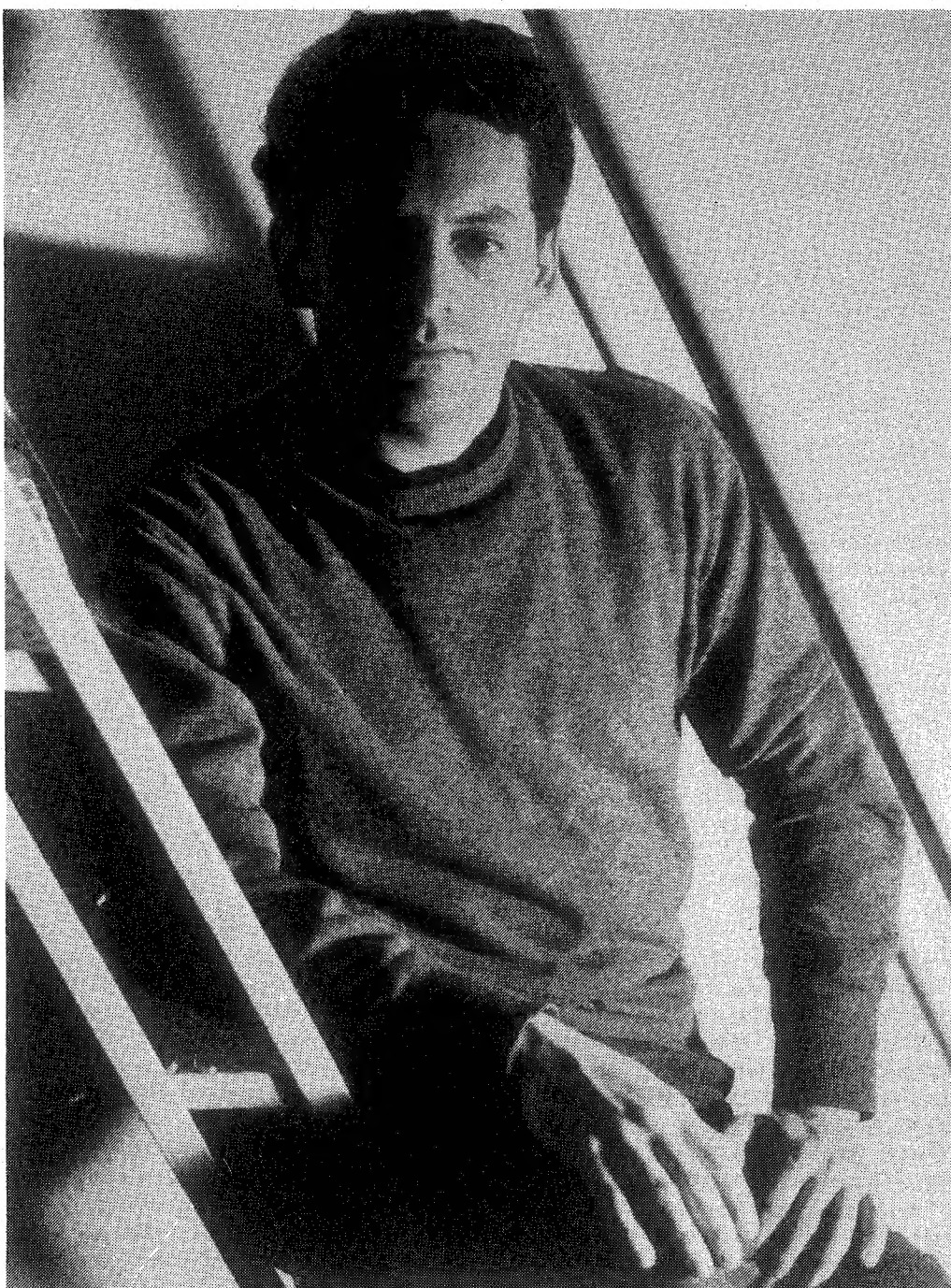
Ao lembrar-se da sua infância, e já que estamos a falar de teatro, Luís lembra-se das brincadeiras que fazia com uma prima sua, organizando espectáculos caseiros. Era uma casa grande, em Tomar, cidade onde a família, sobretudo a do pai, vivia há várias gerações. Ele e essa prima decidiram recuperar uma sala grande abandonada, onde um tio habilidoso instalou um pano de cena, dividindo-a ao meio. Aí passaram a montar os seus pequenos espectáculos, começando pelo «Capuchinho Vermelho», e inventando outros, para toda a família. Tudo como se fosse a sério: bilhetes incluídos.

Havia já uma tradição de fazer espectáculos em família. Desde muito pequeno, Luís Madureira pode ver a mãe e a tia tocar piano e cantar, por exemplo, e tudo isto lhe trouxe muito cedo a noção do que é mostrar aos outros o que se faz, o que nunca desapareceu até hoje. Também estudou piano, a partir dos seis anos, e cantava com a mãe no coro da igreja.

Espectáculos, em Tomar, havia poucos para ver. No entanto, ia muito com os irmãos e primos ao cinema, de cujo dono o pai era amigo, e a cuja actividade o avô já tinha estado ligado. Os filmes é que em geral não eram muito bons.

A partir de certa altura, porém, quando a sua irmã mais velha veio viver e estudar em Lisboa, Luís passou a ter o hábito de ir passar com ela fins-de-semana e isso veio a ter muita importância. Pela mão desta irmã que era também madrinha, passou a ir ver museus, exposições e espectáculos, desta vez de melhor qualidade. Esta convivência contou muito para si. Por exemplo nas primeiras noções políticas. A irmã e o cunhado estando ligados a movimentos de esquerda, foram-lhe explicando coisas com isso relacionadas, já muito cedo. E se hoje em dia é uma pessoa com opções políticas de esquerda, acha que isso se deve em parte à abertura que teve tão cedo a estes problemas. Era ainda miúdo, mas foi tendo noções sociais e de justiça, por exemplo.

Mais tarde, no liceu, ainda em Tomar, houve um encontro importante: veio a ser aluno de Nestor de Sousa, que tinha sido actor no TEUC, onde tinha trabalhado com Paulo Quintela. Foi através das iniciativas deste professor, a nível do liceu, que Luís acha que se deu um verdadeiro despertar para as coisas do teatro. Havia no liceu um núcleo de actividades culturais no qual Luís trabalhava, e no seio do qual Nestor de Sousa



RETRATOS NO TEATRO LUÍS MADUREIRA

organizou um grupo de teatro, ao qual veio a pertencer. Lembra-se de que montaram «Arpagão», de Molière, e «A Sapateira Prodigiosa», de Lorca, e que os espectáculos, nos quais participou, tiveram imenso sucesso. Outro acontecimento importante foi a vinda, a Tomar, através desse grupo, de um grupo de poesia da Universidade Clássica de Lisboa, ao qual pertenciam, entre outros, Luís Miguel Cintra e Luís Lima Barreto. Luís Madureira ficou fascinado por aquela maneira diferente de dizer, que lhe fez compreender a que ponto havia várias vias, vários caminhos possíveis a nível do espectáculo.

Viria, no fim do liceu, para Lisboa, onde se inscreveu simultaneamente em Medicina e no Conservatório. Luís nunca tinha parado de estudar e de se interessar por Música. Veio a abandonar a Medicina no 2.º ano, e a decidir-se definitivamente pela Música. No Conservatório, Luís começou pelo violino, tentando também mais tarde um pouco de oboé, mas no coro, dirigido por Fernando El-doro, foi aconselhado a dedicar-se mais à voz, e foi assim que veio a tirar o curso de canto, primeiro com Armanda Correia e depois sobretudo com Joana Silva. Foi durante o Conservatório que teve contacto com Constança Capdeville, com quem tinha aulas de composição, e este

encontro veio a ser importantíssimo. Luís participou nas primeiras tentativas de Constança Capdeville de fazer concertos, ainda a nível do Conservatório, de um modo diferente, contrariando toda a tradição.

Luís Madureira, que trabalhava no Coro Gulbenkian (onde esteve 6 anos) e que conhecia o concerto tradicional, ficou fascinado com esta nova maneira de criar. Daí surgiram as suas participações nos primeiros espectáculos de Constança Capdeville sobre Erik Satie, em conjunto com pessoas como Helena Vieira, Helena Afonso e António Wagner, aos quais se seguiram até hoje muitos outros, vindo a ser um dos membros fundadores do Grupo de Teatro Musical CollecViva, ao qual hoje pertence, e que Constança Capdeville dirige.

Ainda no Conservatório, e à medida que o seu curso de canto se aproximava do fim, Luís Madureira tomou consciência de que era colega de pessoas que tinham um óptimo material vocal e para quem, à partida, havia facilidades para cantar que não eram as suas. Tinha receio que para além de um certo nível a sua voz visse a falhar. Foi preciso por isso construí-la e educá-la pormenorizadamente. Sentiu necessidade de ser acompanhado por um professor estrangeiro que o ajudasse a desenvolver es-

sas potencialidades. Veio a saber da existência, em Londres, do professor de voz, Peter Harrison, que veio a ser o seu grande mestre e com quem ainda hoje, sempre que possível, tenta trabalhar. Foi ele que o ajudou a compreender a que ponto todos temos voz e que nessa voz há zonas e partes musculares atrofiadas que podem e devem ser libertadas. Veio a estudar cerca de dois anos com este professor em Londres, no segundo dos quais conseguiu uma bolsa da Secretaria de Estado da Cultura para o fazer. Entretanto, antes de partir para Londres, e no fim do curso do Conservatório, tinha participado no espectáculo de Ricardo Pais «Saudades», um espectáculo multimédia em que se juntaram artistas de vários campos como Jasmim, Helena Afonso, Glicínia Quartim, Nuno Vieira de Almeida, etc.

Mais tarde, na sua carreira, além dos muitos espectáculos com Constança Capdeville que, partindo da música, se foram cada vez mais fundindo no teatro, Luís Madureira participou repetidamente com Ricardo Pais em espectáculos em que, de um modo complementar, ao teatro se vão associando ingredientes musicais. Assim, participou, por exemplo, em «Teatro de Enormidades Apenas Críveis à Luz Eléctrica», baseado em textos de Aquilino Ribeiro e apresentado primeiro em Viseu e mais tarde em Lisboa. E mais recentemente, no Teatro Nacional, em «Fausto, Fernando, Fragmentos», de Fernando Pessoa, espectáculo igualmente dirigido por Ricardo Pais. Em teatro, colaborou igualmente com Carlos Quevedo e Graça Lobo em «Em Carne Cor-de-Rosa Encarnada», de Miguel Esteves Cardoso, logo após o seu regresso de Londres, e mais recentemente nas peças de Feydeau apresentadas no Instituto Franco-Português.

Paralelamente, Luís Madureira foi desenvolvendo a sua actividade como professor de voz, aplicando sempre os ensinamentos adquiridos com Peter Harrison. Assim, é responsável pela cadeira de Educação Vocal no Instituto Gregoriano, e mais recentemente é professor na Escola Superior de Música do Conservatório de Lisboa. Por outro lado, foi-se especializando em colaborar no trabalho de voz de actores, nomeadamente no Teatro Nacional onde após ter sido convidado a fazer esse trabalho com os actores de «Anatol», foi solicitado pelos próprios actores a fazer esse trabalho com continuidade, que retomará quando o Teatro Nacional reabrir. Interessante este trabalho com os actores. Segundo explica, eles têm a voz naturalmente colocada em determinado registo, não habituados à mesma amplitude que os cantores, mas é possível fazê-los tomar conhecimento com outros registos, potencialidades adormecidas que têm e que devidamente trabalhadas tornam a sua voz muito mais maleável e capaz de novas experiências.

Com todas estas actividades, Luís Madureira parece não se dar por satisfeito. Sente-se que adora trabalhar, e explica que quando tem um trabalho em mão as angústias só lhe vêm fora dos ensaios, pois enquanto trabalha abstrai-se e esquece tudo o mais. Das coisas que ainda não fez, gostava de participar numa opereta, coisa que não se faz em Portugal, e também de cantar em ópera, para o que ainda não surgiu oportunidade.

Fica uma sensação de plenitude. Luís Madureira não parece totalmente satisfeito com nada, mas parece totalmente empenhado em tudo. E fica no ar um timbre de voz rebitezo e cantante, a lembrar que a vida brilha para quem a conseguir realmente agarrar...



Carlos Porto

1990 ANO TCHEKHOV

A estreia da peça de Ostrovski, **A Floresta** (finalmente!), veio chamar a atenção para as raízes da obra de Tchekhov em especial do seu teatro. Trata-se de um tema pouco estudado entre nós como é natural dado o nosso desconhecimento da literatura russa. Não podemos esquecer, no entanto, a influência exercida sobre o autor de **A Gaivota** por simbolistas russos, mas ainda dos primeiros simbolistas europeus do Ocidente — ele próprio em 1895 aconselhou Suvorine a pôr em cena Maeterlinck —, como é certo também que ele próprio se ocupava na mesma época de Hauptmann e Sudermann, de acordo com Ettore Lo Gatto. E também sem esquecermos que o livro mais anotado da biblioteca de Tchekhov era o dos «Pensamentos» de Marco Aurélio. E sem esquecer, sobretudo, o que há de estrita e extremamente pessoal na sua obra e no seu estilo.

Isto a propósito de **A Floresta** de Alexandre Ostrovski, espectáculo do CDIAG em cena no Teatro da Malaposta (Oliva Basto), a não



Tchekhov em castelhano: *O Jardim das Cerejeiras*, encenação de José Luís Alonso. Teatro Maria Guerrero (1960)

OSTROVSKI, AS RAÍZES

perder por nada deste mundo. É que parece evidente que algumas das raízes tchekhovianas mergulham no húmus ostrovskiano, o que esta peça sublinha. Como escreveu Manuel João Gomes em «O Público» (6-04-90): Um conhecedor mediano do teatro russo sabe, na ponta da língua, que Ostrovski influenciou decididamente Tchekhov, 37 anos mais novo — quem sabe um pouco mais não ignora que Ostrovski é um dramaturgo cuja importância só pela de Tchekhov se pode medir. E mais adiante: Voltando ao princípio, o espectador esclarecido não poderá deixar de concluir que nas falas destes actores ambulantes está a raiz de uma peça como *O Canto do Cisne* de Tchekhov. Lá está o mesmo desencanto, a mesma obsessão do teatro de Shakespeare e a mesma atracção pelo perigo, pela misé-

ria, pela morte.

No que refere ao comentário que publicámos neste jornal, pedimos licença para citar: ...**Amantes que somos de Tchekhov (e ele bem merece o nosso amor), há muito devíamos ter percebido que para cabalmente o entender era preciso conhecer uma das suas fontes: Ostrovski, precisamente. (...) Duas ou três referências bastam para ligarmos a peça de Tchekhov: a proprietária Andreevna e o comerciante Lopakhine de *O Jardim das Cerejeiras* f170 directamente de duas personagens de *A Floresta* (Raísa Gurmiskaia e Ivan Vosmibatov); a cena do revólver de *O Tio Vânia* lembra necessariamente uma cena de *A Floresta*; as referências a Shakespeare passam de um autor para outro mesmo que sejam resultados de um fundo teatral comum.**

O que se transcreveu parece comprovar a relação de Tchekhov com Ostrovski, e daí o interesse para esta secção da estreia do Teatro Malaposta. Coincidente com ela, o lançamento do n.º 4 da «Malaposta» órgão do CDIAG que inclui referências amplas a Tchekhov nos textos sobre o espectáculo e ainda o primeiro «dossier» dedicado ao autor de **As Três Irmãs**, que promete estender a todos os números da revista a editar em 1990, ano Tchekhov por indicação da UNESCO, como se refere na abertura do «dossier». Anuncia-se um debate com a participação dos encenadores portugueses com trabalhos sobre obras de Tchekhov. Regozijamo-nos pelo facto do nosso exemplo começar a ser seguido pois, como se sabe, a «Mosca» do «DL», nestas duas páginas de teatro, tem vindo a publicar em todos os números de 1990 um dossier sobre Tchekhov que se

prolongará até ao fim do ano.

A «Malaposta» n.º 4 inclui neste primeiro «dossier» dois textos inéditos: *Obrigado, «Tio» Anton*, de Carlos Paniagua Feteira, conhecido encenador de teatro amador, que assina um bonito depoimento sobre a importância e a influência que as pequenas peças de Tchekhov tiveram no teatro de amadores nas décadas de 50 e 60. Aliás, Carlos Paniagua revela alguns elementos teatrogáficos que virão a interessar a este «dossier». O outro artigo inédito é o do actor Costa Ferreira com o título Tchekhov: a arte em movimento em que legitimamente evoca a sua **prática teatral tchekhoviana**. Lembremos que são muito fundas as relações de Costa Ferreira com o autor russo, que já aqui referimos mas a que voltaremos a propósito da sua encenação de **As Três Irmãs**, relações que têm a ver não apenas com o seu trabalho de actor e de encenador como também com o seu labor de professor do Conservatório Nacional em que Tchekhov foi um dos autores com que mais assiduamente trabalhou.

Este primeiro «dossier» Tchekhov da «Malaposta» publica ainda o prefácio que Manuel Deniz-Jacinto escreveu para a edição do volume «6 Peças em 1 Acto», da Divulgação (evocações!), e dois textos transcritos da revista Silex, n.º dedicado a Tchekhov: O meu Tchekhov dos anos 70, do conhecido realizador Nikita Mikhalkov, e Tchekhov e o Naturalismo de Michel Cadot.

Na secção da revista dedicada a Ostrovski, o nosso amigo António Rita dos Santos publica um artigo intitulado *O Teatro Russo em Portugal* — Tentativa de abordagem que é importante por ser a primeira vez, supomos, que se trata este tema na nossa imprensa. Texto escrito há muitos meses e que não tem a pretensão de esgotar o assunto, padece por isso de algumas lacunas que importa corrigir. Têm a ver com as últimas estreias de obras de Tchekhov, **O Jardim das Cerejeiras**, encenação de João Lourenço no Teatro Aberto (1987); **O Jardim das Cerejeiras**, encenação de Rogério de Carvalho, no TEAR (1989); **O Tio Vânia**, encenação de Fernando Umaña com a Seiva Troupe (1987); **As Três Irmãs**, encenação de Rui Mendes com o Teatro da Cornucópia (1988); o espectáculo de Mário Viegas, **Deus os Fez... Deus os Juntou** (1988). No entanto, o lapso mais grave do texto, de que o autor está consciente, é o que se refere à estreia de Tchekhov em Portugal. Valerá a pena insistir que essa estreia não coincidiu com a estreia de **Os Meleficios do Tabaco** na interpretação de João Villaret, apresentada no Estúdio Salitre em 17 de Julho de 1947. Tanto quanto se sabe neste momento, essa estreia teve lugar a **15 de Junho de 1936** com a peça em um acto **Um Pedido de Casamento**, encenação de Francisco Ribeiro (Ribeirinho).

TABELA

★ Noite louca a 17 de Maio na Comuna: duas estreias duas — e que estreias! De um lado: **O Estrangeiro na Casa** de Richard Démarcy, adaptada aos nossos costumes; na outra sala, **Um Elétrico Chamado Desejo** de Tennessee Williams. Ah! O dilema da opção!
★ Sexto Festival do Jovem Teatro com data marcada: 18 a 21 de Outubro. No Porto, claro.

★ A indispensável Bienal Universitária de Coimbra em riscos de não haver. A última palavra pertence à Câmara.
★ A 26 de Abril estreia no Estrela Hall

do novo espectáculo dos Lisbon Players com a peça de Pinter **The Birthday Party**. Encenação de David Prescott.
★ Lá para Maio a estreia na Casa da Comédia de um espectáculo para os mais novos: **A Menina do Mar**, texto de Sophia de Mello Breyner, adaptação e encenação de Filipe Crawford.
★ O Centro Dramático Bernardo Santarém, de Santarém, prepara o seu espectáculo inaugural, com o título **António... Santarém**, sobre textos de Bernardo Santarém.
★ No Porto, o projecto da união dos grupos Os Comediantes e o TEAR.



FADOS NO ATALAIA

Jante ou ceie connosco até às 2 horas da manhã ao som do fado com **ESMERALDA AMOEDO** e **AUGUSTO RAMOS** e os artistas convidados **MACIEL** e **BERTA FERNANDA** acompanhados por **LUÍS GONÇALVES** e **QUIM DE OLIVEIRA**.

EXPERIMENTE O NOSSO SERVIÇO ESPECIAL DE ALMOÇOS (DE 2.ª A 6.ª FEIRA)
APRECIE AS NOSSAS ESPECIALIDADES: BACALHAU À ATALAIA, FONDUE À BOURGUIGNONE, ARROZ DE MARISCO.

ENCERRAMOS AO DOMINGO • RUA DA ATALAIA, 35-37 (AO BAIRRO ALTO) • TELEFONE 32 01 21
1200 LISBOA

SEMANADA

A semana de todas as estreias, a próxima. Antes dela, porém, lembremos que está a decorrer na Ilha Terceira, uma série de actos de homenagem ao dramaturgo açoriano Norberto Ávila, o mais internacional dos nossos autores dramáticos. Hoje, lançamento de uma nova peça, **Megalona Princesa de Nápoles**, edição da Secretaria Regional de Educação e Cultura; amanhã, sábado, estreia mundial de **Viagem a Damasco**, encenação de Ruy de Matos com o grupo Alpendre. No Salão Nobre da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo, uma exposição documental.

Neste fim-de-semana, na sala polivalente do CAM, últimos espectáculos do festival Mímica no ACARTE, com **Nez em moins** pelo duo alemão Ehrenfeld/Aufenfehn, e **O Grito do Corpo** pelo argentino Benito Gutmacher.

O grande acontecimento desta primavera teatral fala inglês e assina Shakespeare e Kenneth Branagh. A Renaissance Theatre Company está no Porto, no Carlos Alberto, com as duas peças desta digressão: **Sonhos de uma Noite de Verão** e **Rei Lear**, nos dias 20, 21 e 22 de Abril, ou seja, este fim-de-

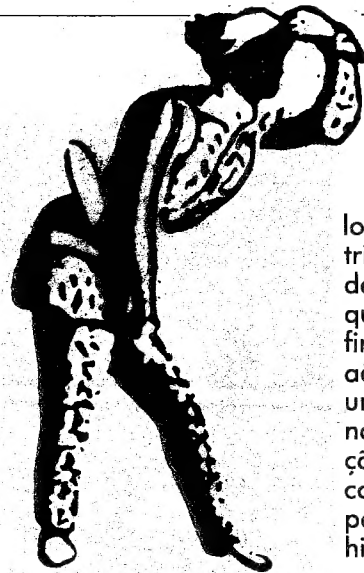
semana; a 27 e 28 está em Coimbra, no Gil Vicente: de 3 a 6 de Maio é a vez de Lisboa, no São Luiz. Indispensável e fundamental! Já que estamos a «falar» inglês lembremos de novo o espectáculo dos Lisbon Players, no Estrela Hall, com a peça de Harold Pinter **The Birthday Party**. Estreia a 26 de Abril.

E aí temos, para a semana, no Teatro Aberto, **Na Solidão dos Campos de Algodão** de Bernard Marie Koltès, encenação de João Lourenço com o Novo Grupo (João Perry/Mário Viegas); na Casa da Comédia, uma surpresa: a peça **Teatro, Doce Teatro** do dramaturgo soviético Edward Radzinski, encenação de Fernando Heitor; no Clube Estefânia, o novo espectáculo da Pró-Tea, estreia na encenação de José Vallenstein: **Inimigos** de Nigel Williams.

Em cena: no Teatro Municipal Mirita Casimiro, no Estoril, a peça de Peter Shaffer, **Quero Ser Rei Esta Noite**, encenação de Carlos Avilez e de Zita Duarte.

Outro acontecimento é evidentemente a passagem para o Parque de **What Happened to Madalena Iglésias?** o famoso espectáculo do Filipe La Féria agora no A.B.C. Ainda no Parque,

FALAS



Só que política teatral, na verdadeira acepção do termo, não existe, pelo menos no sentido em que, através dela, se compreenda a detecção dos sintomas e a proposta de uma terapêutica. Nos últimos quinze anos, temos funcionado, a nível estatal, como se não houvesse nenhuma crise do teatro em Portugal.

O problema não é só do dinheiro, pelo menos da quantidade de dinheiro distribuída. É fundamentalmente na forma de o **investir** que reside o núcleo da questão. Ora, investir exige a prévia definição de objectivos e a formulação dos adequados planos estratégicos. Fora de uma visão global da actividade teatral, no nosso país e na Europa, a manutenção da política de subsídios, tal como é correntemente praticada, é um gesto pacificador a que não faltam laivos de hipocrisia: não há teatro sem público e é sobre a relação entre o palco e as pessoas que se deve centrar a reflexão de quem queira «dar uma volta nisto tudo».

António Mega Ferreira

Expresso/Revista — 31-03-1990

Os Meninos à Roda da Mamã e Vitória! Vitória, no Maria Vitória. No Maria Matos: **Severa** de Júlio Dantas; no Casino do Estoril, **Somente Entre Nós** de Reginaldo Faria; no Capitô, **Klássikus Kabaré** de Fernando Gomes; na Comuna; **Festival da Oti-te**, aos sábados à meia-noite; no Primeiro Acto (Algés), **As Pulgas** de Cu-

nha de Leiradella; no Cinearte, **Calamity Jane**, um grande trabalho de Maria do Céu Guerra.

Finalmente, em Olival Basto, Teatro da Malaposta, o novo espectáculo do CDIAG, a admirável peça de Ostroyski **A Floresta**, encenação de José Peixoto.

ENSAIO

O Centro Cultural de Évora existia, já não existe. O Teatro da Rainha existia, já não existe. O Centro Dramático de Évora não existia, agora existe. Existe no mesmo lugar onde existia o Centro Cultural de Évora; um dos seus directores foi também fundador e director do Centro Cultural de Évora. Tudo acaba bem, quando acaba bem. E o Teatro da Rainha. Os seus elementos, alguns dos quais tinham saído do Centro Cultural de Évora, reforçam agora o Centro Dramático de Évora. Parece complicado mas é simples: questão de estilo.

Para a sua inauguração, melhor, para a sua estreia o Centro Dramático de Évora que vamos passar a conhecer por CDE prepara o seu primeiro espectáculo. Texto em ensaios: **A Ilusão Cómica** Corneille, um texto de 1636 que fala disso mesmo, de cómicos e de ilusões, de enredos e de máscaras. O CDE diz

isso de outra maneira:

O mago Corneille atraído pela cidade Património Mundial promete mostrar pu-

blicamente os seus encantamentos no início do mês de Maio. Sem truques ou magia negra este

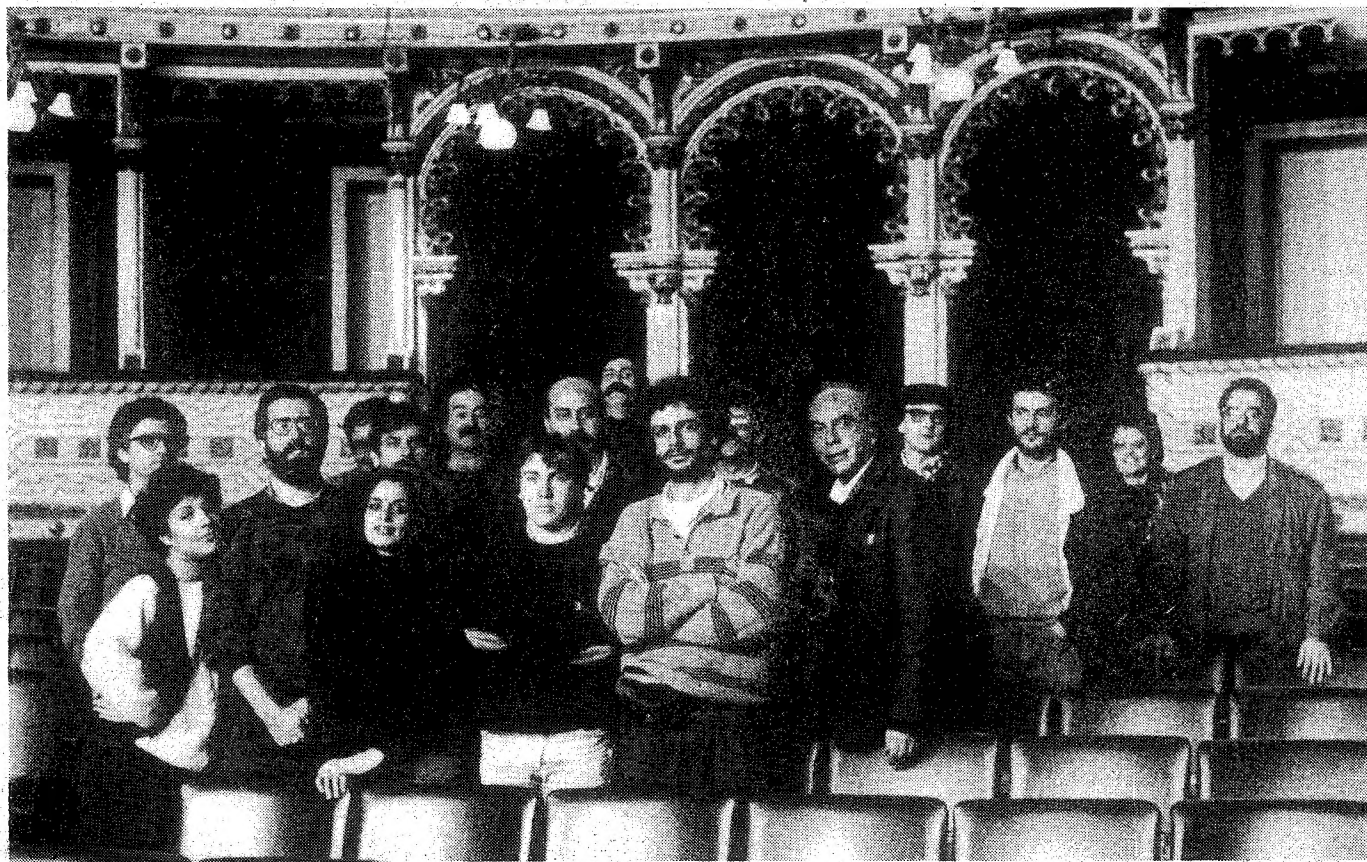
demiurgo propõe-se com os actores da Companhia do Centro Dramático de Évora provar que a

vida é uma ilusão tão ambígua como próprio Teatro. Na sua gruta, onde espectros falantes fa-

zem viagens no tempo, ninguém pode entrar; os seus segredos permanecem incógnitos desde o dealbar dos tempos. No entanto, o vazio promete que quem assistir às suas demonstrações terá a oportunidade única de realizar uma lavagem da alma.

A Ilusão Cómica foi apresentada pelo CENAC.º Teatro de Braga, numa encenação de Mário Barradas, em 1984. E faz parte do elenco de peças a apresentar pelo Teatro da Cornucópia.

Ficha do espectáculo: **Tradução:** Regina Abromovici; **encenação:** Fernando Mora Ramos; **cenografia/figurinos:** José Carlos Faria; **música:** Carlos Alberto Augusto. Intérpretes: Isabel Bilou, João Sérgio, Jorge Baião, José Alegria, Mário Barradas, Rosário Gonzaga, Rui Nuno, Victor Santos e Victor Zambujo.



STAND

PEÇAS ORIGINAIS

OFICINAS

Fórmula 4

Concessionário Fiat

CREDITO FIAT

Sistema Usado Seguro

FIAT

Estrada Serra da Mira, Lotes 124 - 126

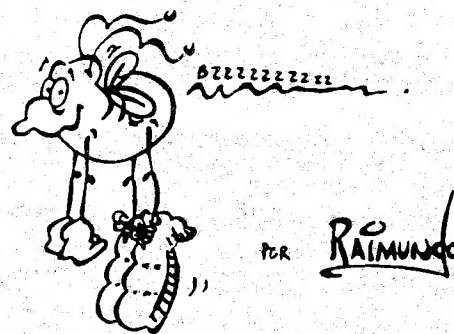
Casal de S. Brás — 2700 AMADORA

Telefax 492 13 73

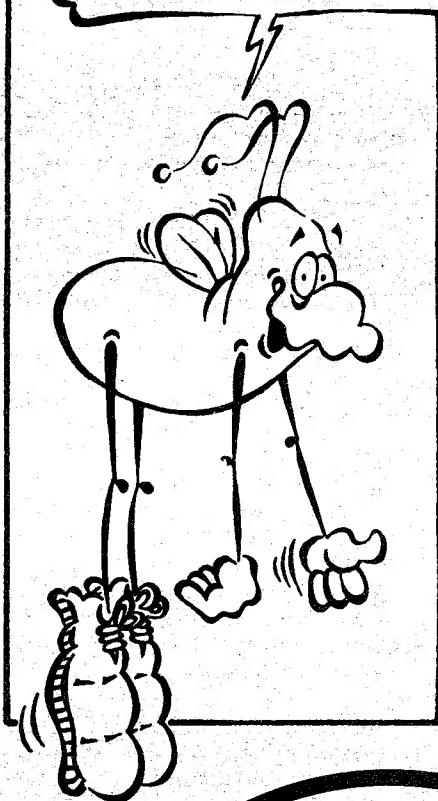
Telefs.: 493 27 24 - 492 03 48 - 492 29 49

FIAT

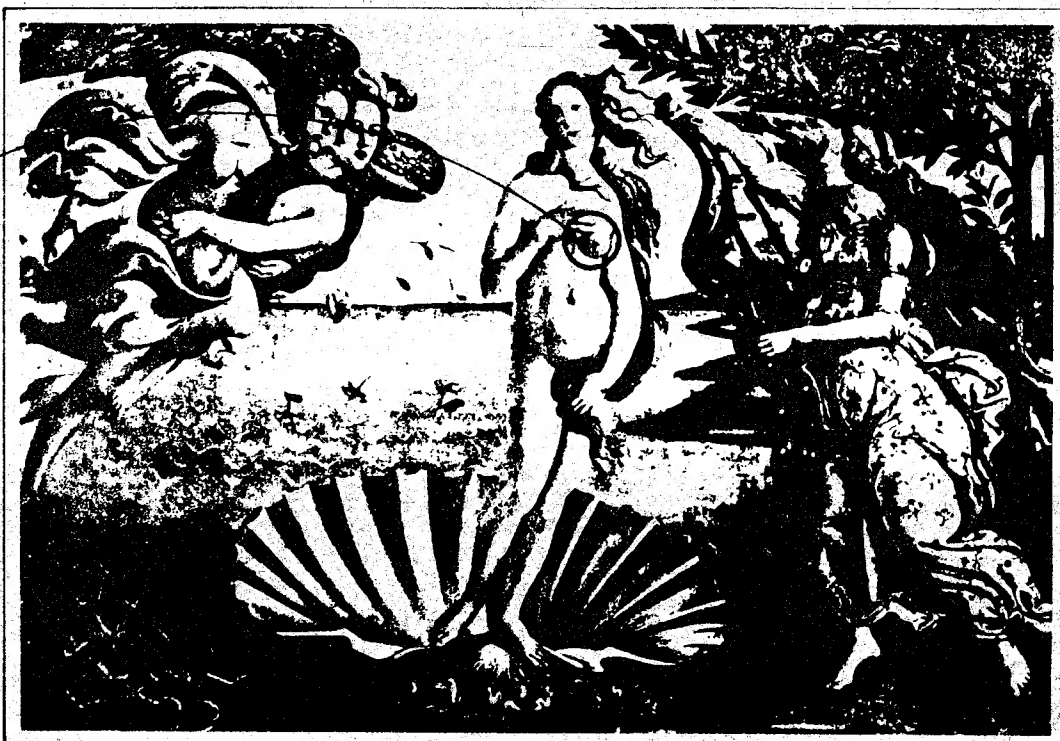
A MOSCA



AS MOSCAS SÃO UMAS
PEGANHENTAS. VEJAM
LÁ QUE JÁ NO TEMPO
DO DA VINCI ...



... E DO
BOTTICELLI



... E DO
MANET...

